

REVISTA

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO

PERNAMBUCANO

Fundado em 28 de Janeiro de 1862

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Drs. Pereira da Costa, Alfredo de Carvalho e Arthur Muniz

Os heroicos feitos dos antigos,
Tende vivos e impressos na memoria,
Alli vereis esforço nos perigos,
Alli ordem na paz digna de gloria.

Prinapopéa.—Bento Teixeira Pinto

TOMO XI



RECIFE

Empreza do «Jornal do Recife», rua 15 de Novembro n. 47

1904

MESA ADMINISTRATIVA DO INSTITUTO

Anno social de 1904 a 1905

PRESIDENTE HONORARIO

Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire.

PRESIDENTE

Dr. João Baptista Regueira Costa.

1º VICE-PRESIDENTE

Desembargador Antonio Pedro da Silva Marques.

2º VICE-PRESIDENTE

Desembargador Francisco Luiz Correia de Andrade.

3º VICE-PRESIDENTE

Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

1º SECRETARIO

Dr. Alfredo Ferreira de Carvalho.

2º SECRETARIO

Dr. Aprigio Carlos de Amorim Garcia.

SUPPLENTES DO 2º SECRETARIO

Major Augusto Cesar da Cunha.

Dr. Victalino Cordeiro Lins.

ORADORES

Dr. Carlos Ferreira Porto Carreiro.

Dr. Manoel Arthur Muniz.

THESOUREIRO

João Walfredo de Medeiros.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Dr. Bianor de Medeiros.

Fernando Barroca.

J. P. da Rocha Pereira.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA REVISTA

Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

Dr. Alfredo Ferreira de Carvalho.

Dr. Manoel Arthur Muniz.

REVISTA

DO

Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano

VOL. XI

Dezembro de 1903

N. 60

Os Patriotas de 1817



São varias e discordes as opiniões dos escriptores que tem tratado da revolução de Pernambuco em 1817. Muniz Tavares, não obstante ficar ainda aquem do juiz de que a revolução precisa para poder ser bem comprehendida e julgada — juiz desinteressado, desprevenido, que saiba, e queira cumprir o preceito de Tacito—, é assim mesmo dentre todos o que se mostra mais perto da verdade. Ha razão para isso. Elle testemunhou ocularmente grande parte dos acontecimentos, foi um dos implicados na revolução, padeceu por ella, pagou ao despotismo o seu imposto de liberdade no porão do *Carrasco*, e nos antros immundos da cadeia da Bahia.

Ainda assim, a certos respeitoes, ou porque aprecia o movimento revolucionario de um ponto de vista que a moderna sciencia historica já considera abaixo do estalão da critica, ou porque nas suas apreciações não pôde ficar inteiramente superior á influencia dos sentimentos pessoaes, dá motivo a rectificações, e os capitulos, que ora publico, do livro III de minha obra inedita —*Os Patriotas de 1817*—, servirão de prova.

Armitage (*Historia do Brazil*) pouco diz a tal respeito,

mas nesse pouco mostra-se mais favoravel que hostil á revolução. O mesmo não se pôde dizer de Varnhagen (*Historia do Brazil*) e do Conselheiro Pereira da Silva (*Historia da Fundação do Imperio Brasileiro*). Estes escriptores encontram flagícios e crimes onde vejo grandes affectos, meritorias intenções e irreparaveis sacrificios. O que não tem para ella menospreço não a examina com o juizo, o discernimento sereno de que seria capaz cada um delles, si o quizesse, por sua intelligencia e luzes. E mal andaria a causa da verdade, si as historias que elles compuzeram não tivessem podido menos que a fé publica, fundada nas tradições, ou antes na intuição, que é a primeira luz dos juizos populares. De feito, a revolução de 1817, mau grado os odios e invectivas infundadas, é de ha muito considerada pelo paiz como a raiz da montanha que cresceu entre Portugal e Brazil, e os separou definitivamente. « A revolução de 1817 era a revolução do Ypiranga, era o grito da Independencia » (Cons. A. Pereira Pinto, *Memoria sobre a Confederação do Equador*, impressa na Revista do Instituto Historico de 1866, tomo 2º, pag. 43).

Varnhagen não occulta o seu desabrimento, a sua impaciencia, e difficilmente retém a sua bilis perante a constancia do espirito publico em affirmar a legitimidade e grandeza da revolução de 1817. Um escriptor que desse valor á reputação de sizudo e grave substituiria por outras estas palavras daquelle iracundo historiador : « Sabemos que está de moda adular os annaes dessa revolução, etc. »

Riscaria, por descabidas e impertinentes, estas outras, em que com ostentação pouco commum se patenteiam parcialidade e odio : « E' um assumpto para o nosso animo tão pouco sympathico, que, si nos fôra permittido passar sobre elle um veu, o deixariamos fôra do quadro que nos propuzemos traçar. » Parece que, escrevendo sobre o alludido assumpto, não foi outro o seu intento sinão o de dar opposta direcção ao conceito geral. Parece que não foi penna brasileira a que lavrou sentença tão iniqua. Nem é preciso mais para que deva ser tido por suspeito.

Mas porque tamanhas iras contra o movimento que preparou o espirito brasileiro para a separação que veio a realizar-se cinco annos depois? Vituperar a revolução de 1817 é vitu-

perar a legitima e pura fonte das nossas liberdades politicas. Os motivos que influiram no movimento de 1822 não tiveram fundamentos mais vastos e sãos. Predominaram neste interesses, ambições e despeitos que a critica independente e desapaixonada não póde ter por estremes e plausiveis. O que nelle houve mais puro —a idéa da separação— tinha vindo da revolução de..... 1817, fôra ella que a deixara nos espiritos, e, talvez, nos corações. Nesta revolução as ambições foram quasi nenhuma, o amor da patria foi quasi tudo. Houve erros, provenientes na sua maioria da inexperiencia; da céga confiança nos Homens e nos principios sem o estudo prévio do meio onde estes deviam mover-se; do enthusiasmo; do proprio patriotismo despondorado; não houve crimes injustificaveis; não houve perversidades nem vilezas. Houve alguns sacrificios bellissimos da parte dos patriotas; da parte do governo real, dos seus auxiliares, e dos executores das suas vontades, houve ao principio dureza e ferocidade entranhavel, e por ultimo uma benevolencia tardia, que mais se parecia com uma ponta de remorso que com a manifestação de um sentimento de humanidade que nunca teve cabida em corações tão crús. Baixou o perdão, depois de quatro annos de perseguições e padecimentos, para os que não tinham culpa, e do assassinato official dos que se haviam mostrado mais adiantados nas virtudes civicas. Santa hypocrisia da realza antiga. Antes da revolução de 1817, mais de uma tentativa se havia feito para realizar a independencia do Brazil. Em Pernambuco cuidara-se nisso ainda antes da *guerra dos mascates* (Commend. A. J. de Mello, *Biografias*, tomo 1º, pag. 192 e seguintes). Mas, nem a guerra dos mascates nem a revolução de S. Paulo em 1642, por occasião da qual se offereceu um throno a Amador Bueno da Ribeira, nem a tão falada conjuração de Minas, que, para bem dizer, não teve sinão um vulto —Tiradentes, (1) saíram tão completas como a revolução de Pernambuco em 1817, não obstante a extemporaneidade da sua explosão. A republica organisou-se menos mal; teve uma regular existencia durante mais de dois mezes, ainda no meio das

(1) A leitura da obra do Sr. J. Norberto de Souza e Silva, intitulada *Historia da Conjuração Mineira* gerou em meu espirito esta convicção: por mais que intentem amesquinhar o Tiradentes, é elle o primeiro e o mais importante personagem desse drama.

maiores inquietações e dificuldades; expediu actos que por si sós resgatem os erros e fraquezas dos patriotas; emfim, existiu como um governo livre, independente, e digno do seu tempo. Si os fundadores do Imperio, em vez deste, quizessem fundar em 1822 uma republica, não tinham mais que se inspirar naquella gloriosa revolução onde o patriotismo e o sentimento de fraternidade lançaram as bases do mais intemerato liberalismo. « A revolução de Pernambuco em 1817, bem que pouco durasse, fará sempre época nos annaes do Brazil: tempo virá talvez em que o dia 6 de Março, no qual ella foi effectuada, será para todos um dia de festa nacional » (Muniz Tavares, *Historia da Revolução*, pag. 2).

O Sr. Conselheiro Pereira da Silva, que, ao começar a parte destinada á revolução, promete « um accurado exame », afigura-se-me, pelo que escreveu, ter anteposto á investigação e aos escrupulos, que testificam a imparcialidade em outros pontos da sua obra, certos sentimentos e prevenções pessoaes que muitos espiritos illustrados ainda nutrem a respeito de qualqudr movimento revolucionario, como si não fôra certo que ha revoluções verdadeiramente meritorias, que, como a de... 1817, a historia deve registrar com louvor. Não obstante dizer que não vae com os que consideram heróes os revolucionarios pernambucanos, nem com os que consideram miseraveis e anarchisadores do povo, filia-se manifestamente entre os que pensam deste modo, e tem para os martyres do sentimento brasileiro as mais acres censuras. Eis a synthese do seu julgado pelas suas proprias palavras: « Foram entes ordinarios, mediocres e despreziveis muitos. Loucos outros, e raros os que tinha intelligencia cultivada e valiosos talentos. Nenhum genio figurou entre elles, que tenha direito a incitar enthusiasmo. Mas acharam-se compromettidos tambem caracteres honrados e honestos que não devem passar desaperecebidos » (*Historia da Fundação Imperio*, tomo 4º, pag. 138).

Nada mais injusto que as duas primeiras partes desta sentença. Nenhum homem desacreditado ou perdido no conceito publico teve posição conspicua na revolução de 1817. Nenhum defraudou, ou quiz defraudar a fazenda nacional. Varnhagen parece fazer uma insinuação offensiva da probidade dos patriotas nestas palavras: « A installação do governo pro-

visorio se effectuou na casa do erario, em cujos cofres—diga-mol-o desde já—encontrou a revolução 600:000\$000 » Deixou porém em silencio a circumstancia, que Muniz Tavares (*Obr. cit.* pag. 333) faz bem clara, de terem voltado inviolados ao poder da autoridade competente esses mesmos cofres que a revolução fugitiva conduzira comsigo, e *escrupulosamente respeitára*. Nenhum dos que fizeram parte do governo provisorio mentiu ás suas convicções por baixo interesse. Nenhum infamou o seu nome por sordida conveniencia. Não se aponta um só, ao menos, verdadeiramente desprezível.

Domingos Theotónio, que o Sr. Pereira da Silva diz ser «despido de precedentes honrosos» (*Hist. da Fund. do Imp.*, tomo 4º pag. 164), e a quem chama «demagogo atrabilario, violento, ignorante e pervertido» (*Obra* e tomo cit. pag. 191), era justamente o contrario do que diz este historiador. Não sei onde foi S. Exc. achar esta opinião tão remota da verdade geralmente conhecida em Pernambuco. Domingos Theotónio tinha tão boa reputação entre os seus companheiros de armas que, quando se tratou do commando das tropas encarregadas de sitiá a fortaleza do Brum onde se refugiara o governador Montenegro «lhe cederam elles as honras da primazia» (Muniz Tavares, *Obra cit.* pag. 41). Referindo-se ao *ultimatum*, que Domingos Theotónio endereçou a Rodrigo Lobo, e no qual se encontram as ameaças de «serem passados á espada todos os presos tanto officiaes generaes no serviço de S. M. Fidelissima, como os mais prisioneiros por opiniões realistas; de serem o Recife, Santo Antonio e Boa Vista arrazados e incendiados; de serem mortos todos os europeus de nascimento» escreve aquelle historiador: «A maneira de pensar do signatario desse ultimatum, seu bom character, a doçura do seu temperamento oppunha-se absolutamente á realisação das sanguinarias ameaças alli enunciadas» (Muniz Tavares, *Obra cit.* pag. 311). E a melhor prova de terem sido feitas essas ameaças no presuposto unicamente de amedrontar o general portuguez, e resolvel-o a aceitar a capitulação, está no facto de se auzentar Domingos Theotónio com as tropas para a Soledade, sem «tocar em um cabello daquelles a quem havia ameaçado» (Muniz Tavares, *Obra cit.* pag. 313). Domingos Theotónio, que sómente nas ancias da revolução, quando o governo estava quasi inteira-

mente desamparado, por terem sido uns presos e haverem outros desanimado, accitára o grave cargo de Dictador, não quíz conspurcar com scenas de sangue e morte o seu nome immaculado. Estas ultimas palavras não são postas aqui por demais. Elle era um brasileiro distincto. « Recommendava-se, 1.^a porque descendia de illustre familia; 2.^a, porque tinha raras virtudes politicas e religiosas; 3.^a, porque era militar muito instruido; 4.^a, porque havia feito grandes serviços ao Estado; 5.^a, porque tinha desejos ardentissimos de ver melhorada a sorte de sua patria » (*Martyres Pernambucanos*, pag. 218). Estas linhas vem de origem insuspeita. Escreveu-as o padre Joaquim Dias Martins, que a si mesmo se chama « luso-pernambucanos », e tem por si a longa autoridade de quarenta annos de observação.

Não valerão mais estes dois testemunhos pessoases — o do padre Martins e o de Muniz Tavares — que o do Sr. Pereira da Silva, aliás muito respeitavel? Aquelles escriptores conheceram Domingos Theotónio, viveram e trataram com elle; a affirmativa é valiosa, e deve ser preferida á do Sr. Conselheiro Pereira da Silva, que sómente conheceu talvez o dictador da republica de 1817 pelo que leu no parcialissimo Varnhagen. Demais, é crível, é verosimil que um *demagogo atrabilario, violento, ignorante e pervertido* fosse chamado por homens do porte dos que elegeram o governo provisorio, entre os quaes se apontavam os Cavalcantis e outros cidadãos notaveis da provincia de Pernambuco, a fazer parte do mesmo governo com homens de bem, geralmente estimados e respeitados, pelas suas lettras e virtudes como o padre João Ribeiro Pessôa, « instruido, desinteressado e bem intencionado »? (Tollenare, *Not. Dominic.*). Razão tinha Domingos Theotónio para dizer do alto da força: « Meus patricios, a morte não me atterra, aterra-me a incerteza do juizo da posteridade » (Muniz Tavares, *Obra cit.* pag. 360).

A verdade é que das primeiras dignidades ecclesiasticas, dos primeiros advogados, dos primeiros militares, dos primeiros agricultores, dos primeiros negociantes de Pernambuco saíram os cabeças da revolução. Que homens haviam por então melhores que elles na provincia? Não tinham todos intelligencia cultivada e valiosos talentos. Não havia entre elles nenhum genio. Eram raras as luzes por aquelle tempo entre nós, e os genios ainda são raros no Brazil, e fóra do Brazil. Nem foi por

falta de genios, mas por outras causas que opportunamente examinarei, que a revolução não sortiu effeito, porque sem genios muitas revoluções tem sido felizes.

O que mais se procurava então não eram as luzes, era o patriotismo — luz suprema e infusa que de um homem de meião instrução, Washington, fez com outros dotes naturaes um genio da humanidade. Os que formaram o governo provisorio estavam no primeiro plano da sociedade pernambucana. Nenhum delles era comparavel a Gladstone ou a Thiers, mas, excepto um ou outro, podiam os demais figurar sem desdouro nos modernos governos do Brazil, aos quaes não tem subido sómente os Paranás e os Olindas. José Luiz de Mendonça, encarregado dos negocios da justiça, «era um dos maiores litteratos daquella época, principalmente em objectos forenses» (*Mart. Pern.* pag. 281). Domingos José Martins, que tinha a seu cargo os negocios do commercio, e foi a alma da revolução (1), gastara grande parte da sua fortuna, que era avultada, em preparar a mesma revolução (*Mart. Pern.* pag. 257). Era instruido. Viajara pela Europa onde frequentara a bôa sociedade. Estivera a mór parte do tempo em Lisboa e Londres, antes de se fixar em Pernambuco. Mostrou serenidade e energia

(1) O Sr. Conselheiro Pereira da Silva, seguindo Varnhagen, diz que Domingos José Martins era natural da Bahia. Não é esta a verdade. Era natural do Espirito Santo (*Marty. Pernamb.* pag. 257).

Quando comecei a escrever esta chronica, enderecei uma carta ao advogado e jornalista Dr. Pessanha Póvos, residente na cidade da Victoria, capital da provincia do Espirito Santo (aquelle Dr. exerce agora o logar de Inspector Geral da Instrução Publica da mesma provincia), pedindo-lhe quaesquer esclarecimentos sobre Domingos José Martins. Do referido collega e amigo recebi duas valiosas informações que do coração lhe agradeço. Uma, que lhe foi prestada por um amigo já velho, muito noticiosa e importante, não está assignada; a outra merece toda a fé; foi escripta e firmada pelo Rvm. Joaquim de Santa Magdalena Duarte, que tem sido naquella provincia vigario da Vara, arcepreste, e deputado provincial, e vem a ser ainda parente de Martins, segundo o proprio sacerdote declara, e em carta me diz o Dr. Pessanha Póvos.

Eis a importante informação:

« Ilm. Amigo e Sr. Alferes Aguirra. — Pede-me V. S. noções sobre o nosso patricio Domingos Martins, que teve a desventura de morrer em Pernambuco na revolta em que se metten em favor da li-

no momento em que, livre da prisão, chamou os seus compatriotas ás armas (*Tollenare, Not. Dominic.*) O padre João Ribeiro Pessôa, professor e bibliothecario, incumbido do ecclesiastico, era homem de muita litteratura e invejaveis dotes intellectuaes e moraes. Grande parte das suas luzes elle a devia ás relações com o Dr. Manoel de Arruda Camara, sabio naturalista e o bispo Azeredo Coutinho, luminar da igreja brasileira (*Mart. Pern.* pag. 314). Emfim, o coronel de milicias Manoel Correia de Araujo, governador da agricultura, era «da mais grada e opulenta nobreza; distinctissimo por suas virtudes, querido geralmente pela lealdade dos seus tratos, zelo, vigilancia e educação de sua família, caridade e affabilidade com os pobres e com todos, cidadão perfeito, caro ao mesmo despotismo e seus mandatarios» (*Mart. Pern.* pag. 46). Referindo-se ao governo provisório, escreve Muniz Tavares (*Hist. da Revol.* pag. 53): «Por ventura aquella escolha, havendo recaído sobre pessoas de distincto merecimento, agradou em geral, e o humilde titulo de provisório, que o governo adoptou indicando renovação formal em tempo opportuno, fez perdoar a sua origem.»

A revolução de 1817 «foi favorecida por homens eminentes da Côrte e da Bahia, mereceu a adhesão de Antonio Carlos,

berdade do nosso Brazil, querendo eleva-lo a um novo Estado, independente de Portugal, a que como triste colonia estava sujeito. Era eu menino quando isto se deu, e por isso pouco, ou nada poderei saber. Dizia-me porém meu pae, o capitão José Duarte Carneiro, que o pae de Domingos Martins casou-se nesta cidade, então villa da Victoria, com uma prima sua, donde procederam o mesmo Martins, e mais duas meninas; que o pae de Domingos (que não sei o nome, porém que julgo chamar-se como o filho —Domingos Martins) retirou-se daqui, onde vivia de negocio, para a Bahia, onde, mettendo no convento das Freiras, chamado da Soledade, as duas meninas, deixou Domingos negociar. Neste emprego Domingos navegava, ou commerciava para Pernambuco, onde casou-se em uma casa rica, donde lhe proveio a infelicidade de perder a vida ainda bem moço. Tambem não sei a casa em que casou-se, nem o nome da moça com quem casou, e nem dos paes da moça (*). Penso porém que o pae de Domingos era portuguez,

(*) Domingos José Martins casou-se com uma filha do rico negociante portuguez Bento José da Costa, estabelecido no Recife (*Martyr. Pernamb.* pag. 51). Na relação dos réos de culpa incompleta está comprehendida «a mulher de Domingos José Martins» sem declaração do nome. (*Revist. do Instit. Hist.* de 1867, tomo 1.º pag. 97).



Domingos José Martins

(Um retrato a eles existente na Galeria do Instituto Archeologico Pernambucano)

dos Cay deantos e de outros cidadãos importantes de Pernambuco, levantados em Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará. Conselheiro Pereira Pinto, *Memoria sobre a Conjuração de 1817*, pag. 43. Quasi todo o clero destas províncias tomou parte n'elle, o que importa dizer que ella teve o seu voto a classe mais instrua e considerada. Onde, pois, os despohejais, onde os loucos a que allude o Sr. Conselheiro Pereira da Silva?

Mas quando não lhe fosse difficil apontar estes, restaria perguntar-lhe que revoluções ainda se deram em que se encontrassem todas as condições de pareza, grandeza e sabedoria que S. Exa. quizer talvez achar colligidas, segundo insinua, na de 1817 para que merecesse as honras da sua tolerancia? Que revoluções já se realizaram onde não se apontassem exaltados, ambiciosos, ignorantes até traidores? Na gloriosa revolução das colonias americanas o mesmo Washington não esteve a um passo de ser entregue aos inglezes por homens da sua guarda? (Guizot, introdução á *História de Washington* por Cornelis de Witt, pag. 18).

Não tem mais razão o Sr. Pereira da Silva quando, seguindo Varnhagen, considera inopinado o movimento de 1817.

o era a mi confuso pela alcunha — Bombem — que passou também ao filho. Conta ter uma figura bem feita, atraidora e bonita. Domingos deixou aqui parentes que ainda existem, como eu, que conto 71 annos, e outros mais novos — na Bahia deve também ter parentes, pois que além da ex. guarda, existia alli um primo meu, o meu, de nome Luiz Duarte Carneiro, que foi commandante de uma fortaleza e deixou filhos, como me consta. Era filho legítimo de meu tio, o tenente coronel Francisco Luiz Duarte Carneiro, e morreu no posto de tenente coronel governador da dita fortaleza. É o que lhe posso informar ficando a seu respeito o seu bilhete de 18 de corrente. Victoria, 20 de Fevereiro de 1879. O Padre *Joaquim de S. Maria Maphia Duarte*. »

A segunda informação diz assim :

« Victoria, 20 de Fevereiro de 1879. Referido por um amigo já velho — *Bombem* — nas palavras de Victoria, capitão do Espírito Santo, da cidade da Victoria, provincia do Espírito Santo. Foi parte de uma da companhia de linha da 20ª brigada de 1ª e 2ª capitães — foi de tirar na ella de Independência — então chamava-se Chelencia — as suas caberens. Neste destacamento nasceu o Domingos

S. Exc. não teria caído neste desengano, si, antes de escrever a sua história, houvesse versado os importantes manuscritos relativos ao processo dos patriotas, e existentes no Archivo Público, donde se extrairam as principaes peças que já se encontram publicadas na Revista do Instituto Historico. Mas o que admira é que sustentem o Sr. Pereira da Silva e Varnhagen tão falsa opinião, quando Armitage, que escreveu antes d'elles, encontra as raizes daquelle movimento em certa associação formada no Recife em 1811 (*Historia do Brazil*, pag. 12). E porém de notar que a revolução vem de data muito mais anterior. Um acontecimento inopinado precipitou-a, antecipou o seu rompimento, mas não a gerou. Ella tivera uma longa e lenta gestação. O Grande Oriente do Rio de Janeiro, tomando a dianteira da revolução de 1822, e aclamando D. Pedro I *Defensor Perpetuo e Imperador*, e não *Rei do Brazil*, não fez sinão imitar as lojas maçonicas de Pernambuco, onde desde 1801 a maioria desses homens, para cuja memoria o Sr. Pereira da Silva tem sentenças tão acerbas, como si não bastassem as de morte que muitos d'elles padeceram, se reunia periodicamente, e, sem outra paixão que o amor da patria, tratava, com perigo de vida, dos meios de fundar e transmittir-nos o precioso

Martins, filho legitimo de Bombem e de uma moça da Bahia, sua mulher. Bombem deu baixa e residiu na dita villa da Victoria, e vivia de negocio que não lhe correu bem. Retirou-se daqui para a Bahia, levando consigo seu filho Domingos Martins: este, depois que poz se homem, viajou á Inglaterra. Casou em Pernambuco com uma senhora da familia dos Dourados, cujo casamento teve logar proximo á revolução **, por elle e outros urdida, e que nella morreu baleado ou fuzilado. Não consta ter deixado filhos. O mais a respeito de Domingos Martins, que tambem lhe chamavam *Bombem*, como chamavam ao pae, existe provavelmente na historia de Pernambuco. »

(**). Realisou-se o casamento dias depois de declarada a revolução (*Martyr. Pernamb.* pag. 51 e 262).

Varnhagen, que soube tanto do que se passara no Recife por occasião da revolução quanto podia saber do que se passara na China, arrastado sempre pelo séstro de deturpar os actos mais innocentes e intimos dos patriotas, affirma que Domingos dos Martins se valen da sua posição para conseguir o alludido casamento. Grande crime, si isto se deu — valer-se da posição para conseguir um casamento vantajoso! Si isto é crime pratica-se d'elle todos os dias impunemente em nossa actual sociedade de genios e vestaes.

legado a que devemos a nossa emancipação politica. Nem o Sr. Pereira da Silva, nem Varnhagem dizem uma palavra sobre esses benemeritos ajuntamentos secretos, molas principaes do movimento donde saiu, não maduro, mas no todo concebido, o pensamento da separação. As sociedades secretas que prepararam a inteliz conspiração do purissimo Gomes Freire, e posteriormente a revolução de 1820 em Portugal, entraram nesse trabalho de 1812 em diante (Barros e Cunha, *Hist. da Liberdade em Portugal*, tomo 1.º pag. 281). As que prepararam a revolução que prematuramente fez explosão em Pernambuco occupava-se com este grave empenho desde os começos do seculo. Foi tão importante o seu papel na formação da nossa nacionalidade politica, tão relevantes os seus serviços, que não fazer menção delles fôra commetter injustiça.

Do padre Luiz Gonçalves dos Santos, autor portuguez, ao que parece, não fallamos. Difficilmente se acredita que em 1825 um homem de alguma cultura litteraria, no uso das suas faculdades, ainda escrevesse sobre a revolução de 1817 palavras que denunciavam toda a estreiteza do antigo horizonte politico, como estas: «.....Estes insensatos havendo forjado nas trevas esta fatal conspiração, cujo veneno beberam sem duvida nos pestíferos catholicismos da impiedade, e da anarchia (que infelizmente chamam livros de luzes), a fizeram arrebentar no dia 6 de Março com uma explosão tão violenta que assombrou todo o Brazil, e encheu de espanto a Europa inteira!» (*Memorias para servir á historia do Brazil*, tomo 2.º, pag. 117).

Em presença destas e outras muitas injustiças aggravadas pelo desprezo, prevenção ou má vontade, e feitas por escriptores que, sendo brasileiros, deveram ter em outra conta movimento tão meritorio e tão nacional como foi o de 1817, assentei de estudar as causas, o andamento e o fim desta mesma revolução sem outro interesse sinão o de salvar de iniqua memoria nomes que o patriotismo elevou á altura da patria, e o mais feroz sacrificio consagrou no patibulo ou nas masmorras, como era de costume naquelles tempos quasi barbaros.

Os capitulos que escolhi para offerecer aos leitores da *Revista* occupam-se com a sessão do governo provisorio, celebrada em 8 de Março de 1817, dois dias depois do do rompimento. Na indicada sessão o membro do governo José Luiz de

Mendonça propoz que « muito convinha á segurança da causa arvorar de novo a bandeira real, e que, remettendo-se para o Rio de Janeiro o governador Caetano Pinto, se remettesse conjuntamente ao rei um submisso memorial expondo os justos motivos que haviam forçado os pernambucanos a ultrapassar os limites da obediência, e rogando-lhe o allivio de alguns dos duros impostos que affligiam a provincia, e melhores leis que reprimissem a arbitrariedade do poder dos capitães generaes » (Muniz Tavares, *Obr. cit.*, pag. 59). Este facto, e o de ter o governo provisório decretado a abolição das *excellencias, senhorias e mercês*, censurado pelo proprio Muniz Tavares, tem merecido a varios historiadores graves exprobações. Entretanto eu encontro natural justificação para um e outro. A mudança apparente de Mendonça tinha uma razão occulta. Elle promettera ao governador Montenegro que conseguiria o restabelecimento do antigo regimen. Tudo me leva a crer que, si não fôra esta promessa, aquelle governador não annuiria á capitulação, antes resistiria. Montenegro cuidava, ou fizeram-o suppor, que a revolução se tramara mais em odio á sua pessoa que á fôrma do governo; e, pois, era de espirito elevado, e de coração generoso, consentiu em sacrificar-se, contanto que se não derramasse sangue, e não corressem risco, ou antes não ficassem perdidas, as instituições existentes. Além disso, Mendonça, posto que fervoroso amigo da liberdade, não julgava ainda chegada a occasião de estabelecê-la; não confiava naquellas bases; seu olhar extenso e agudo lobrigava, atravez dos mares cruzados da formação do novo regimen politico, todas as syrtes que o ameaçavam. Em certo dia, depois de conferenciár com varios capitães-môres do interior que se haviam iniciado na maçonaria, dissera elle: « Maldita liberdade, morra eu de repente, si em quarenta annos esta gente souber comprehender esta palavra. » (*Martyr. Pernamb.*, pag. 282). Propondo a volta ao antigo regimen, elle não julgava praticar com isso uma traição, mas prestar serviço á liberdade, que não tinha por segura. Aquella idéa que não encontro dilucidada em nenhum dos historiadores, esboça-me para a deixar bem clara e explicita nos indicado capitulos.

Quanto á extincção das *excellencias e senhorias*, que muitos não pôdem perdoar ao governo provisório, parece-me tam-

bem deixar manifestos a todas as luzes os fundamentos e, até ao fim do processo, que justifique o procedimento do governo em decretar aquella extincção.

Todas as animas opôzões sujeito a melhor critica. O meu voto, deslo, com o unico fim, escrevendo esta chronica, é conciliar a verdade e a justiça, e o imperio da justiça. Não voto odio a ninguém, ainda que, pela dureza da phrase, de vez em quando possa parecer que voto. Meu espirito é inextinguível ao rancor, a inveja, ao despeito, ao pensamento de destruir o que deve subsistir, e a outras paixões ruins. Patriotismo, sim, tendo mim a, e folgo de tel-o, o que não quer dizer que me deixo cegar por elle, ainda quando concorra, disputando-lhe a parte da victoria, a justiça que exerce em mim um poder irresistível. Desempenhem-me os leitores fazer aqui referencias a mim, quando deixo de tratar de assumpto mais alto.

Esta noção do justo, que até certo ponto é a noção do honroso, deve ter, e de feito tem a preminencia sobre todos os dotes e interesses no animo do homem de bem.

UMA SESSÃO DO GOVERNO PROVISÓRIO

VI

Na effluvia da liberdade que cada um dos patriotas tinha estampada em sua imaginação, viam elles uma sombra que se parecia com uma ameaça ou um perigo imminente — a estada do capitão general, posto que preso, e sem forças para commetter qualquer desordem. Os lances da fortuna, as contradicções dos acontecimentos, resultados repentinos que mudam a face dos mais riscaes e stellares, em cenho de jubega e parvoas. Não eram as condicções actuaes do proprio general exemplo vivo da instabilidade das causas humanas? Aquelle brilhante painel da gloria, de um dia, e para outro era desfigurado por uma circumstancia improvavel: o pris ceiro, por occulte conspiração, ou inesperado favor do desconhecido, podia recobrar a perda de autoridade, tornarse novamente senhor do espirito das

tropas, restaurar com o auxilio dellas o governo que os patriotas com o auxilio dellas tinham derruido. Estes sobresaltos da previsão acompanham de perto todas as conquistas da força.

O governo provisório providenciou afim de que com a maior brevidade possível se realizasse a partida do ex-governador para o Rio de Janeiro. No dia 8 de Março estava já apparellhada a embarcação que o devia levar a seu destino. Era uma sumaca pertencente a Joaquim Martins Ribeiro, que, sem temer o perigo a que se expunha, accitara aquella grave incumbencia. Dois jovens patriotas, ainda menos incutidosos que elle do perigo, offereceram-se para acompanhar Montenegro como delegados do governo republicano. Sômente a auidacia ou a inconsciencia da mocidade, junta ao enthusiasmo filho do sentimento democratico, e do triumpho que este alcançara em Pernambuco, correriam a um fim que a ninguem podia ser duvidoso. Nada porém entibiou o animo e temeridade dos jovens patriotas.

A partida era esperada por todos com mostras de impaciencia; pelos membros do governo provisório, á excepção de José Luiz de Mendonça, era esperada com impaciencia dobrada. Este, á medida que corria o tempo, sentia augmentar-se a sua tristeza, sentia avultar cada vez mais a sombra que trazia no espirito desde o momento em que foram assignados os artigos da capitulação. Mendonça não era mau sujeito, antes era muito distincto por varias prendas e qualidades pessoais. Mas, além de não considerar aquella occasião opportuna para estabelecer a republica em Pernambuco, fôra elle parte para que, por promessas que circumstancias posteriores frustraram inteiramente, não resistisse o ex-governador á insurreição. Indeciso, preocupado, elle não tivera animo para declarar aos cabeças do movimento que conseguira a capitulação em troca da promessa de voltarem as cousas ao que era dantes. Aquelles cabeças attribuiam a fácil victoria de Mendonça ás suas argucias de advogado, nas quaes era grande; não fôra porém sômente a sua rhetorica, muito subtil aliás, que entrara allí; entrara tambem um compromisso pessoal. A sua nomeação para membro do governo veio em certo modo diminuir as difficuldades. O que mais o affligia era a idéa de faltar á palavra a Montenegro. A perfidia não estava em seu animo. Resolveu-se

o dar n'arrendo p'sso. A reflexão que expedeu na sessão do dia 8 podem resumir-se nas seguintes :

O governo republicano é o unico digno dos homens no estado social. Filho do direito que cada um tem de se dirigir por si mesmo, elle representa o direito, que tem a totalidade, ou ao menos, a maioria da nação, de governar a própria nação. Esta igualdade, que assenta no sentimento christão e na philosophia politica mais esclarecida, é tão accessivel á razão que, scitantes podem oppor-se á republica os que, por má fé ou maldade, fingem desconhecer a sua primazia, dizendo ver perigos onde não ha sino vantagens, ou os que não tem a menor noção do que seja a instituição a que se chama governo.

Tendo por incontestaveis estas verdades, devo declarar e antuo que, em certas circumstancias a republica pôde ser a morte da liberdade, não obstante a sua origem divina. Naquellas sociedades onde só ha uma raça de homens, e o grau de instrução de uns regula pouco mais ou menos pelo dos outros, a republica deve ser preferida a qualquer forma de governo.

Fazendo applicação destes principios ao nosso Pernambuco, ou antes ao Brazil, eu tenho pezar de reconhecer que somos um povo a que faltam ainda as essenciaes condições para o estabelecimento do governo republicano: porquanto, além de termos em nosso seio de todas as raças, sem excluir a mais aviltada pela escravidão, o governo que até ante-hontem tivemos foi o absoluto.

Tudo pois o que existe não só na ordem politica, mas na social, está claramente indicando que do estabelecimento da republica entre nós, sem fallarmos no modo violento por que substituímos o governo real, não podemos esperar bens, sino males.

Já tive occasião de revelar a minha verdadeira fé politica, quando se tratou das bases da capitulação. Quero a liberdade, quero a republica. Mas entendo que para termos aquella hoje, não é necessario que estabeleçamos esta. Antes de uma completa fusão das nossas raças, que faça desaparecer qualquer idéa ou preconceito de primazia; antes do desaparecimento da escravidão; antes do melhoramento das fortunas particulares, ainda tão desiguaes entre nós; antes de estarem generalizadas a instrução, as profissoes e as industrias que são

as bases da independência individual, não devemos pensar em fundar uma independência social tão ampla como a que exige a forma republicana.

Entre a república e o absolutismo, ha uma forma de governo mais branda que o ultimo, e mais exigente que a primeira. Quero referir-me ao governo constitucional, na qual se fazem menção dos direitos do rei, e dos direitos do povo; onde os reis tem obrigações, e não sóm ute direitos; onde ha meios de refreiar as paixões e os caprichos reaes sem perturbações publicas, mas unicamente em nome da constituição; onde os povos podem ser felizes, porque os reis não podem ser oppressores.

« Tenho reflectido maduramente no grave ponto da nossa forma politica. As minhas reflexões, talvez por curteza da minha intelligencia, geraram-me no espirito esta convicção — que, para não ser de todo perdida a nossa preciosa revolução, devemos seguir caminho algum tanto differente. Serei franco e leal na revelação dos meus sentimentos.

« Foi Cactano Pinto a causa do desgosto, cuja explosão inopinada deu em resultado a presente ordem de cousas. Foi elle que planejou levar as lagrimas e o luto ao seio das nossas familias; foi elle que, por suas ultimas maldades e violencias, nos forçou a pegar nas armas contra o governo de el-rei.

« Ora, porque o delegado, ou o representante de um governo converte em força compressora a força, que só lhe foi confiada para segurança do sociego, da propriedade e da vida dos particulares, não se segue logicamente que, na reacção contra o que abusou dessa força, alcancem os que reagem aquelle que no abuso não teve a menor parte.

« Entendo por isso, e sujeito o meu parecer á deliberação do governo provisório, que, remettendo esse governador para a corte, devemos remetter a el-rei um submisso memorial em que:

« 1.^a Sejam expostos os motivos que compelliram os pernambucanos a ultrapassar os limites da obediencia;

« 2.^a Se solicite a revogação dos impostos mais duros que estamos soffrendo;

« 3.^a Se peça uma constituição em que venha convenientemente regulado e limitado o poder dos capitães generaes, affin

de que não possam estes abusar, ou, no caso de abuso, encontrem nas leis a devida repressão.»

Por derradeiro disse Mendonça que lhe parecia em todo o caso conveniente protestar-se por emquanto fidelidade ao monarcha: autorizando estas últimas conclusões com a reflexão de não poder a república, sem exército e armamento, fazer-se respeitar, nem terem os que eram por ella meios de sustentalla contra os que eram contra ella.

VII

Este notavel discurso, sem deixar de ser o programma de uma politica habil, sensata, e liberal, não podia, contudo, ser bem acceito por sua moderação, á maioria do governo, no qual predominava ainda a exaltação das paixões da rua não de todo assentadas. Além disso, essa maioria, menos por convicção, que por ténacidade, era republicana. Sua confiança na democracia não tinha solução de continuidade. O padre Ribeiro Pessoa, Domingos Theotônio, e Domingos José Martins, em relação á república, não eram sómente partidarios, eram principalmente cultores fervorosos. Para elles a república era uma religião, que merecia por altar a patria.

A prodigiosa fundação da república nos Estados Unidos, elles a explicavam ligando ao principio um cunho de revelação, que achava fundamento no caracter sacerdotal do primeiro daquelles tres patriotas e no espirito pouco illustrado, mas crente dos ultimos. Ao parecer delles onde Mendonça via perigos, estava o maior seguro para a ordem e estabilidade da nação recente. Entendiam que quanto mais um povo odeia o despotismo mais deve estimar a liberdade. Tinham por erronea a opinião dos que entendem que o servilismo politico inhabilita o povo sobre quem se exerceita, para o gozo immediato da liberdade. Acreditavam que, por profundo que seja o servilismo, nunca terá forças para obliterar de toda a consciencia da dignidade humana, a noção da justa reueção para recobrar os perdidos fóros da especie racional e livre por essencia. Fundados nestas crengas, em que, a nosso parecer, ha profundas verdades politicas, achavam o povo pernambucano tanto mais proprio para o exercicio da democracia, quanto, segundo dizia

seu longo e glorioso passado, ainda nas épocas de maior absolutismo, elle dera manifestos testemunhos de ter sempre presente na consciencia o pensamento de romper as correntes que lhe haviam posto, e entrar na franca pratica dos seus direitos.

Passada a primeira impressão de pasmo, o padre Ribeiro, usando da palavra, disse em resposta a Mendonça :

Que os pernambucanos sempre haviam dado provas de ter, com o sentimento da liberdade, o maior discernimento na escolha dos meios de fazer a aquisição da mesma liberdade, a maior energia em defendel-a.

Que a continuada luta em que, desde os primeiros tempos, andaram os filhos de Pernambuco com seus tyrannos, para re-haver as parcelas desse bem que pelos mesmos tyrannos lhes eram tomadas, e defender o restante delle, quando novos assaltos os ameaçavam de perdê-lo, os tinha feito de tal modo identificar-se com o sentimento da liberdade, e comprehendê-lo tão perfeitamente, que contra a logica era temer que no exercicio della ultrapassassem os naturaes e legitimos limites.

Que a prova incontrastavel do bom senso pernambucano estava manifesta a todas as vistas naquelle momento. O despotismo fôra derribado sem commoção excessiva. Derramára-se o sangue, que as circumstancias exigiram como absolutamente necessario para preenchimento da condição essencial da fundação de todo governo revolucionario. Nenhum grande bem se estabelecia definitivamente entre os novos sem o sacrificio de algumas vidas. O christianismo, não obstante entrar nos altos e profundos planos de Deus, não se fundára sem sangue : o do martyr por excellencia, e o de innumeraveis martyres depois. O agente principal do despotismo portuguez allí se achava despojado do seu poder, e por isso sem meio de se fazer temer nem respeitar : entretanto ninguem lhe dirigia offensas, nem insultos, antes muitos commovidos faziam profundas reflexões sobre as vicissitudes da vida humana, e deduziam desse facto prolixas lições acerca dos governos, o que significava a capacidade moral e politica dos pernambucanos para co-existirem com o governo livre.

Que, quando todas as circumstancias, todos os successos ultimos só podiam dar os mais completos e gloriosos testem-

tuões de que os pernambucanos, no momento em que se libertavam da tutela da tyrannia, mostravam que, de feito, já não eram pupillos, mas pessoas moças, perfeitamente idoneas para dirigir suas neçes, era singular e sorprendente que um membro do governo fosse o primeiro que propuzesse a volta a essa tutela aviltante e inútil.

Que impunemente se não jogava com os graves e serios interesses de um povo adulto, perfeitamente senhor de sua razão, e liberdade, conscio dos seus destinos, e deliberado a preencher-os conforme os factos estavam indicando.

Então, que perigo, perigo imminente havia, não em firmar-se a republica entre patriotas para quem a fôrma logica da democracia não podia deixar de ser a suprema aspiração na sociedade, mas em ousar propor, depois de satisfeita brillantemente essa aspiração, segundo era patente, a substituição della por outra fôrma em que a liberdade publica e as liberdades privadas appareciam revestidas de um véu de fallaz e illusorio equilibrio, atravez do qual se deixava ver como força unica, absorvente de todas as outras, a velha realoza, já condemnada pelos povos civilizados, e pelos proprios pernambucanos.

Como si ao éco destas palavras, para que tivessem mais força e autoridade, se devesse ajuntar o exemplo visivel do quanto ellas eram judiciosas, e traduziam a verdade, fez-se ouvir na sala, onde o governo celebrava esta tempestuosa sessão, o ruído de passos precipitados.

Servia de casa do governo a parte do antigo collegio dos padres da Companhia, actualmente occupada pela thezouraria provincial, e directoria geral da instrucção publica.

Sendo secretas as sessões do conselho, só alli se achavam os cinco patriotas, que compunham o provisorio. Mas nas salas contiguas muitos cidadãos distinctos e immensidade de povo, uns levados da natural curiosidade que offerecia aquelle ajuntamento da liberdade, depositario da confiança publica, ao qual se sentiam presos por natural e irresistivel sympathia, outros attraídos pela curiosidade de saberem as resoluções, que tomasse, as quaes, por secretas que fossem, sempre transmittiam ao seio da patria uma voz, um éco, occupavam as proximidades durante os trabalhos do governo. O que então se dava não cessou nunca. O povo tem a paixão das crises.

Quanto mais arriscado e grave é o momento, mais elle se aproxima do ponto ameaçado, mais affronta a dureza, ou a audácia do perigo.

Naquelle momento, assim pelas ruas proximas á casa do governo, como pelos corredores e salas do edificio os visitantes mostravam-se em maior numero que nos outros dias, o que tinha natural explicação. Acabava de ser celebrado na matriz de Santo Antonio um pomposo *Te-Deum* em acção de graças pela regeneração da patria. A essa festa solenne tinham comparecido a fina flôr dos habitantes do Recife, Olinda e arredores. O acto religioso correspondera ao prazer, que transluzia no semblante de todos, até dos proprios portuguezes, a quem a primeira proclamação do provisorio restituira a tranquillidade, e que já não tinham para este governo, que tão altamente proclamara a mais cordial fraternidade, sinão gratidão.

O vigario da freguezia de Santo Antonio, padre Luiz José de Albuquerque Lins, pernambucano de exaltado liberalismo, fôra o autor desta festa, a qual não tivera que invejar em apparato, riqueza e concorrência ás mais pompas da cathedral. Para mais contribuir para seu lustre fôra incumbido do panegyrico o padre Miguelinho. Sua eloquencia branda e cheia de sentimentalidade arrancara lagrimas a todos os ouvintes, sem exclusão dos membros do governo, que se achavam todos presentes. Foi por essa occasião que o padre Ribeiro Pessoa recusou entrar na igreja debaixo do pallio, declarando que só ao Deus sacramentado eram devidas taes honras, procedimento que teve a mais franca adhesão e imitação dos outros membros do governo, e que tão agradável impressao produziu em toda a população allí reunida. Iguaes festividades se realizaram nas demais parochias da capital.

Voltemos á sala do conselho.

VIII

Os passos, cujo rumor se fizera ouvir, eram do coronel Pedroso, que penetrara naquella logar, reservado ao governo, com o proposito de castigar Mendonça pelas palavras que momentos antes proferira.

Dentre todos os patriotas que occuparam o primeiro plano

na revolução de 1817, foi Pedroso o de temperamento mais irritavel, o de animo mais resolute. Intrepido por extremo, era demasiado pobre desse espirito de prudencia, que é o como freio das paixões, e constitue uma grande prenda, sinão parte da essencia racional que caracteriza o homem.

O genio pernambucano sempre se revelou impetuoso: e ainda hoje, sea em largo das continuadas provações, por que o tem feito passar uma politica que parece ter por empenho particular quebrar a digna altivez desse genio, uma vez por outra se mostra na altura das suas illustres tradições.

Em 1817 elle estava dignamente representado em Domingos Theotonio, Miguelinho, Pessôa, e tantos outros que arrostaram com o despotismo. Em Pedroso, que aliás tantos e tão relevantes serviços prestou á liberdade em geral, e á república em particular, o astro pernambucano apresentava, por entre inescurecivel brilho, algumas manchas.

Apenas Mendonça finalizou seu discurso, Domingos José Martins, a quem faltavam armas espirituaes para rebater o collega, e que com profundo assembro e magna ouvira, encaminhou-se a uma das salas contiguas, onde costumava estar Pedroso. E continuando-o ali, pinta com as mais tristes cores o que na sessão secreta acabava de passar-se.

Martins rão tivera tempo de reflectir. A commoção impelliu-o para fóra da sala do conselho, como si resta já nao existisse mais que a sepultura da república. A grande popularidade, que cercava Mendonça, advogado dos pobres, de todos querido e acatado; o prestigio que naquelles ultimos dias ganhára no espirito dos republicanos, pelo relevantissimo serviço que prestára ao nascente governo, conseguindo por meio de suas argucias e altos recursos a capitulação, que puzera termo á revolução do modo mais conveniente e honroso para ella, prestigio que o elevara á altura de um como oraculo da nova sociedade politica em formação, armara-o com força respeitavel para fazer com que fossem accitas suas idéas, e fizera Martins recejar que a república se achava ameaçada de golpe mortal, ouvindo as considerações daquelle membro do governo.

Pedroso, que via na república sua filha querida, sem mais demora corre a sala do governo, e ali penetrando arrebatadamente, atira-se sobre Mendonça com a espada apunhada para

atravessal-o. A palavra — traidor! — que proferiu como sentença de morte contra Mendonça, os outros membros do governo levantam-se, interpoem-se entre o aggressor e o aggreddido, e conseguem que a aggressão não tenha resultado. Mas a consternação invadiu o espirito dos patriotas sinceros, a quem chegou a noticia deste triste acontecimento. Julgando todos que era digno de censura o procedimento de Pedroso, não podiam escusar de censura o de Mendonça, no qual alguns mais suspeitosos já queriam descobrir o executor de uma machinação contra a liberdade. Nos momentos, como aquelle, em que os governos, ainda não de todo fundados, podem ser destruidos facilmente, é mais arriscado incorrer em suspeita do que declarar-se em aberta hostilidade. Só as instituições que tem profundas raizes nos espiritos podem esperar pelos conselhos da prudencia, e confiar-se do exame miudo e paciente, antes de tomar directa e formal defeza.

O receio dos que julgavam possível qualquer plano de restauração do antigo regimen tinha o seu particular fundamento na circumstancia de estar ainda no Recife o capitão general Cactano Pinto. No espirito desses Mendonça começou a descer da altura a que subira pelos anteriores serviços. Era ainda bem fresca na memoria a proposta que elle fizera na casa do erario, na noite do dia 6, propôsta que, si não era a mesma que fez depois, em tudo lhe era identica. O respeito á velha realza achava-se em ambas; e por mais que alguns se esforcassem por fazer crer — e deste numero era o proprio Mendonça — que os odios pernambucanos tinham por principal objecto o ex-governador, a verdade não era outra sinão que para a realza, e só para a realza, convergiam esses odios.

Em vão Mendonça desdiz-se, em vão desenvolve todos os fundamentos que tinha para pensar que era summamente arriscado separar-se Pernambuco tão violentamente da corte do Rio de Janeiro; em vão protesta a mais sincera lealdade e dedicação ao governo de que fazia parte, e á causa da democracia para a qual tivera sempre as suas mais caras affeições. Do espirito de um a suspeita passou ao de todos os membros do governo. Nenhum delles revelava os seus receios, mas todos se entreolhavam inquietos e temerosos.

Martins, de todos os que se achavam presentes o mais au-

dez em lembrar providencias heroicas, indicou então varias ideias que naquelle mesma sessao se converteram em decretos. A reacção pela moderação, trouxe a reacção pelos meios extremos. Si não fôra o discurso de Mendonça, o governo provisório não teria talvez tomado resoluções que, sem destoarem da verdadeira democracia, trouxeram por então descontentamento a alguns republicanos importantes; e de outros mereceram decidida reprobção.

« Amigos — disse Martins — logo que a ordem se restabelecer e os espiritos já algum tanto serenados voltou a capacidade para deliberar — depois do que acbta de passar-se nesta sala, e que a esta hora já está correndo de boca em boca pelas ruas da villa — julgo de grande necessidade que o governo decrete medidas que, por sua largueza, sirvam para restabelecer a confiança publica, ora abalada. É muito grave a nossa posição, e ella exige que não procedamos de outro modo. Lá fôra todos tem os olhos em nós. Mal estaremos, mal estará a causa da pátria, si aquella confiança nos faltar, e si as vistas do publico, em vez de nos abençoarem, despedirem contra as nossas cabeças os raios da sua maldição e da sua vingança.

Proponho que de hoje até amanhã, o ex-governador Montenegro saia pela barra fôra. Assim que o vir sair, o povo ficará tranqullo, e não mais duvidará da nossa sinceridade.

Proponho que sejam proscriptas as ordens militares. Merecs da realeza, que acbamos de abater, essas distincções não devem mais apparecer no peito dos esforçados membros do exército pernambucano, que tão gallardamente foram os primeiros que derribaram essa arvore carcomida e pôdre. Opportunamente o governo tratará de regular as distincções civis. Fique porém desde já estatuido que só os talentos e as virtudes civis constituem na sociedade o verdadeiro merecimento, e habilitam para os mais altos postos da republica.

Proponho que, concurrentemente, sejam abolidas as insignias reaes. Seria de feito digno de estranhar-se que, depois de estabelecida a forma democratica para o governo da nação, não fossem substituídas logo essas insignias, restos do absolutismo tãido dentre nós, por outras que caracterizassem as nossas tropas. Como porém ainda não se resolveu, nem se po-

derá resolver tão depressa, quanto for convenientemente, sobre o uniforme e insígnias do exército republicano, sejam as da realeza desde já abolidas, em satisfação á justa expectativa pública.

« Proponho que sejam reguladas as civilidades pessoais, tendo-se por base a substituição do tratamento de *marcell* e *senhor*ia pelo de *cês*, ainda nos papéis publicos que os cidadãos, ou as autoridades subalternas, hajam de dirigir aos mais altos magistrados da republica. Todos os homens sendo iguaes perante a natureza, não ha razão para que o não sejam perante a sociedade. O povo morre pela igualdade, senhores; estabeleçamos pois a igualdade de modo explicito e amplo. Dahi só nos podem provir vantagens, e não males. Da igualdade não se gera a anarchia, do despotismo, do privilegio, da desigualdade social é que nasce esta terrivel calamidade.

« Proponho que sejam abolidos os impostos creados pelo alvará de 20 de Outubro de 1812 sobre lojas, boticas e canôas, bem como o subsidio mililar de 160 réis em arroba de café verde. Todos nós sabemos quanto estes impostos são antipathicos ao povo. Esta circumstancia é mais que bastante para que façamos sem demora, além de que figure entre as primeiras leis que devem constituir o nosso código republicano, uma que extinga estes dois inimigos da riqueza particular, sem a qual não ha riqueza publica. »

A reacção em favor da monarchia não podia ter mais positiva e larga resposta do que estas providencias. Não é outro o resultado das reacções. Naquelle dia foi Montenegro intimado para embarcar na manhã seguinte.

Mendonça, portanto, pretendendo moderar a carreira em que a revolução entrara desde as suas primeiras victorias, não fez mais que imprimir-lhe novo impulso, e accelerar a sua marcha.

Algumas destas propostas foram nessa mesma sessão convertidas em actos do governo. O restante ficou espagado para o dia seguinte, em que o governo devia ficar em sessão permanente.

Martins saíu da sala coberto de gloria.

Mendonça saíu cabisbaixo e temeroso, levando a tristeza e o desalento na alma.



José Luiz de Mendonça

Retrato a óleo existente na Galeria do Instituto Arqueológico

IX

Estudemos por alto alguns destes actos, e seja o primeiro o que regulou as civilidades pessoais, visto que de todos o do governo provisório e porventura o que tem merecido aos escriptores infensos aos patriotas as mais rudes exprobações. (1)

Este decreto era dobradamente político, 1.º, porque abatia o orgulho portuguez, herança da metropole, o qual na colonia se desenvolvera e fillhara raizes sem conta como as plantas daninhas, e ao mesmo tempo nivelava os fidalgos pernambucos aos que não se tinham dado ao trabalho de cuidar de títulos nobiliarchicos, e por isso passavam por plebeus; 2.º, porque lisonjeava o povo, que a republica, por bem de sua consolidação e conservação, devia ter de seu lado, e sem o qual estes dois fins não seriam conseguidos.

Tratando deste ponto, Muniz Tavares (*Historia da Revol.* pag. 67) escreve:

« O tratamento de nós não foi a lembrança mais feliz do novo governo: a igualdade em presença da lei é a base da prosperidade de um estado; em presença das pessoas é o germen da anarchia, e dissolução social. O povo fixa nas exterioridades particular attenção: os francezes, na effervescencia da sua re-

1 De uma carta escripta a certo sujeito desta corte, em 15 de Junho de 1817 por João Lopes Cardoso Machado, e impressa na importante obra do Sr. Dr. Mello Moraes, intitulada *o Brazil-Reino e o Brazil-Imperio*, pag. 174, traslado a parte seguinte, que pinta ao vivo o espirito portuguez naquelles tempos:

« Os cabras mulatos e crioulos andavam tão atrevidos que diziam eramos todos iguaes, e não haviam de casar senão com brancas das melhores. Dominges Jos. Martins andava de braço dado com elles, armado de breannantes, pistolas e espada nua. Tinha-me por em regatão o chete de Adequeto Rodrigo Jose, porque tem levado na grade da cadeia 300, 400, 500 açóites mulatos, torros e crioulos, ate aquelles a quem o provisório fez officiaes. Andam muito murchos agora, ja tiram o chapéo nos brancos, e nas ruas apertadas passam para o meio para deixar passar os brancos. Ja não se persuadem que hão de casar com senhoras brancas.

« Meu compadre, si Vm. cá estivesse era maltratado e preso. Vm. não os supportava. Si chegasse a Vm. um cabra, com o chapéo na cabeça, a bater lhe no hombro, e dizer lhe — Adeus, patriota: como estas? dá-me tabaco, ora tome do meu — como fez um captivo do

volução ainda mal avaliadores dos prejuízos humanos, adoptaram o tratamento de *tú*; não tardaram porém a suprimi-lo, sem deixarem de ser livres. Os governantes de Pernambuco, qual-quer que fosse o seu patriotismo, não superariam o do immortal Washington; e entretanto a historia nos certifica que elle não quiz abrir uma carta, que lhe dirigiram, por não conter na subscripta o titulo de *Excellencia* que lhe competia. »

Não me parece logico o illustre escriptor neste, como em varios outros pontos, em que nem sempre se mostra do lado da doutrina liberal mais geralmente seguida.

O que o governo patriota decretou não foi sinão a igualdade perante a lei, sendo certo que não é o tratamento o que indica, em realidade, mais ou menos direito ou consideração pessoal. Nem os *tratamentos* são preceitos de moral universal que viessem do berço com o primeiro homem, nem era a primeira vez, ainda pondo de parte o facto apontado em relação á França, que por um decreto se alterava uma fôrma social.

Demais, a igualdade das pessoas afigura-se-me mais natural que a igualdade perante a lei. Os homens são iguaes, não porque a lei o determina, mas porque a natureza humana não soffre os privilegios e as desigualdades, que, segundo o testifica a historia social e juridica, são mais consagrações de leis, —

Bradarodes ao ouvidor Affonso: porém já se regalou com 500 açoites na cadêia. »

Esta carta está eivada de espirito de parcialidade, e é tanto mais injusto o seu autor quanto depois de estabelecido o governo provisório foi constante empenho deste acabar com as prevenções e os odios entre brasileiros e portuguezes. Na proclamação que dirigiu aos habitantes de Pernambuco, dizia o governo: « Já não ha distincção entre brasileiros e europeus, todos se conhecem irmãos, descendentes da mesma origem, habitantes do mesmo paiz. A patria é nossa mãe commum, vós sois seus filhos, sois descendentes dos valerosos lusos, sois portuguezes, sois americanos, sois brasileiros, sois pernambucanos. » No *Preciso* pozeram-se estas palavras: « proclamando, enfim, por um bando os sentimentos do governo e do povo, e não haver mais daqui por diante differença entre nos de brasileiros e europeus. » No panegyrico pronunciado por Miguelinho na matriz de Santo Antonio, andou tão eloquentemente tratado o sentimento da fraternidade que « o auditorio escreve Muniz Tavares, ficou penetrado da unção evangelica com que aquelle sabio ecclesiastico orou, brasileiros e portuguezes não podiam conter as lagrimmas, juraram todos mutua concordia. »

odiosas e immoraes, é certo, mas nem por isso menos obrigatórias— do que da propria natureza.

Si o povo fixa nas exterioridades particular attenção, a razão deste erro é porque a impostura, o embuste, a hypocrisia, o interesse inconfessavel, apadriñados pela lei, tem mudado esta mentira em verdade social, fazendo erer que sem taes distincções, que em nada alteram a substancia do direito, da autoridade e da ordem bem entendida, estes grandes baluartes da estabilidade dos estados, e da felicidad dos povos são insustentaveis. Contra esta mentira reagiu o governo provisorio, o qual deveu a sua queda, não á amarchia daquelles que no tratamento havia nivelado, mas ao despotismo dos que para qualquer ordem de autoridade tinha uma distincção odiosa, e em cada condição social assentavam um titulo de benemerencia, ou uma marca de aviltamento.

O exemplo de Washington não póde dar a menor autoridade ao illustre escriptor. Não ha paridade entre as condições em que estava este eximio cidadão americano e as do governo provisorio quando decretou a abolição das *senhorias e mercês*; mas no caso de se querer achar ahí paridade, as palavras de Washington, longe de autorizarem o principio que o escriptor pernambucano sustenta, francamente o reprovam. Seja o leitor o juiz.

Depois de declarada pelas colonias americanas a sua independencia, chegára a Sandy-Hook o almirante inglez lord Howe, portador de instruções pacificas. Declarou, por uma proclamação ao povo americano, que não vinha á America como destruidor, mas como mediador; e para ajuntar o facto ás palavras, mandou a Washington, general dos exereitos americanos, nomeado pelo congresso revolucionario, um parlamentar com uma carta, cujo subscripto era assim concebido: « Ao Sr. Jorge Washington, cavalleiro. — Vendo a carta o coronel Reed, responde que com semelhante nome não se conhecia ninguém no exercito. A intenção de lord Howe era manifesta. Enviado a uma colonia da Inglaterra, que se achava em guerra, não quiz, sendo, como era, general da metropole, dar a Washington um titulo que este devia á insurreição. Tambem Washington, que considerava, não sem razão, tão legal o seu titulo, como poderia ser o de lord Howe, recusou a carta, que era di-

rigida a um simples particular. Dando conta desta occorrença ao congresso, escreveu Washington estas palavras: « Nunca sacrificarei a uma *vã cliqueta* o que fôr essencial; mas, por meu paiz, e pela minha posição, julguei dever dar valor a uma prova de consideração que *me seria indifferente*, si a honra da patria não se achasse empenhada nisso. » (John Frederick Schroeder, *Life and Times of Washington*, tomo 1°, pag. 447; Laboulaye, *Hist. des Etats Unis*, tomo 2°, pag. 333).

Quanto á proscripção das distincções honorificas, o governo provisório não fez sinão o que d'elle se devia esperar a semelhante respeito. Estas distincções, que todos nós sabemos hoje quanto valem, em uma monarchia são indispensaveis, mas em uma republica, em que sómente os verdadeiros principios — aquelles que derivam do respeito, da dignidade e da igualdade humana — são chamados a servir de fundamento ao governo, deviam desaparecer.

A proscripção das insignias não foi sinão a legitimação de um facto, que se passára dois dias antes por occasião de voltarem ao campo do erario as tropas depois da capitulação de Montenegro. Foram os officiaes que deram o exemplo, tanto que se publicou junto da igreja do Pilar, onde se achavam paradas, a dita capitulação. Das barretinas arrancaram as armas reaes, e as arrojaram ao chão com desprezo. Não houve para isso combinação, mas pura espontaneidade. Com as distincções honorificas procederam do mesmo modo. E este exemplo foi, sem discrepância, seguido pelo exercito, que, assim praticando, queria testemunhar que estava de harmonia com os chefes, bem assim que, antes de qualquer decreto ou acto official, já de suas consciencias e de seus corações era banida a idéa do despotismo.

Estes actos, que tambem mereceram censura do historiadór pernambucano (pag. 49), atigura-se-me tão naturaes de um povo que pela primeira vez se desprendia de um regimen de compressão e violencia, que, longe de os estranhar, descubro a sua justificação em mais de um sentimento pernambucano, em mais de um principio commum a todo povo. Demais, era coisa sabida que taes distincções e insignias haviam de ser de força abolidas pelo novo governo, visto que se não compadeciam com a republica. Não houve, pois, da parte da tropa sinão

a antecipação de uma resolução que o governo agora confirmava por decreto.

Mais exaltado fôra em seus desabafos e vinganças o povo de Nova-York, por occasião de ter conhecimento da declaração da independência americana, que Washington mandara publicar em ordem do dia. Derribaram uma estatua do rei Jorge, que existia em Broadway, cortaram-lhe a cabeça, e como era de chumbo, converteram-a em balas para sustentar na guerra a independência (Laboulaye, *Obr. cit.*, pag. 331).

Pois bem: a capitulação de Montenegro equivalia á declaração da independência pernambucana. Portanto não houve no sobredito procedimento das tropas censuravel vandalismo, sinão a demonstração de regozijo pela aquisição da liberdade de lá muito desejada, e da adhesão á fôrma de governo que todos esperavam assegurasse os direitos do povo.

FRANKLIN TAVORA.



As Etymologias Indigenas

DE

Elias Herckman



No substancioso prefacio da sua inestimavel memoria — *O Tupi na Geographia Nacional* — escreveu o illustrado e prestimoso Sr. Dr. Theodoro Sampaio: « Não ha quem desconheça a predominancia do *tupi* nas nossas denominações geographicas. As nossas montanhas, os nossos rios, as cidades como os simples povoados trazem geralmente nomes barbaros que o gentio, dominador outr'ora, lhes applicou, que os conquistadores respeitaram e que hoje são de todos preferidos, pois, não raro, se trocam, se substituem nomes portuguezes de antigas localidades, por outros de procedencia indigena, ás vezes lembrados ou compostos na occasião, ás vezes restaurados pelos amadores de coisas velhas e tradicionaes.

« Mas essas denominações geographicas, explicaveis e naturalissimas numa época em que o *tupi* era a *lingua geral*, ou a mais fallada no paiz, são agora para as modernas gerações verdadeiros enigmas que as alterações quotidianas ou as inevitaveis corruptellas vão tornando indecifráveis.

« Portanto, preservar-lhes a graphia verdadeira, e a verdadeira pronuncia, fixar-lhes o significado, interpretado atra-

vez do véo obscuro dos metaplasmas, vale tanto como resguardar um monumento historico.

« Sim, porque se a geographia pôde passar intangivel por um nome fossilizado ou cruelmente adulterado pelo correr dos annos, com a Historia já não succederá o mesmo sem damno sensivel para a perfeita comprehensão dos successos com que ella evoca as eras passadas. »

Meditando nestas judiciosas considerações, deliberamos caviar ao sabio investigador o n. 31 desta *Revista*, em que se contem a curiosa *Descrição Geral da Capitania da Parahyba* feita, em 1639, pelo hollandez Elias Herekman.

E em boa hora o fizemos, conforme demonstra a seguinte carta que o benemerito scientista e elegante escriptor teve a nimia gentileza de nos endereçar :

S. Paulo, 1 de Março de 1904.

Amº. e collega Dr. Alfredo de Carvalho.

Saudações cordiaes. — Depois da minha carta, accusando o recebimento do volume da *Revista* que o amigo me remetteu, recebi com demora de poucos dias a sua carta de 22 de Janeiro explicando-me o motivo da remessa.

Lê a *Descrição Geral da Capitania da Parahyba*, de Elias Herekman, de 1639, e, como a desconhecia, despertou-me vivo interesse já pelas noticias geographicas copiosas que encerra, já pelas interpretações de nomes tupis, em tão bom numero, que se pôde considerar o escriptor hollandez como um dos precursores nos estudos deste genero.

Certo, muitas das suas interpretações são erroneas, muitos nomes indigenas estão mal graphados, mas ainda assim o subsidio que o autor da *Descrição Geral* nos traz não é pequeno nem destituido de valor.

É muito para notar, como algures já o escrevi, a alteração tão rapida das denominações tupis numa epoca em que a lingua dos aborigenes ainda era tão commum e geralmente fallada no paiz. Essa alteração não se deve levar á conta do coeficiente pessoal do autor, não; é um phenomeno glottologico manifesto, fazendo-se sentir onde quer que o europeu, portuguez

ou hollandez, predominou. É facto que se verifica nos livros e publicações daquelles tempos.

Mas, achei tão interessante o trabalho de Elias Herckman que resolvi annotá-lo, corrigindo algumas interpretações erroneas, como passo a fazer :

PITIGUARES. — Aqui a graphia de Herckman é como a de Gabriel Soares no *Relacio do Brasil* de 1587 e como a de Frei Raphael de Jesus no *Catechismo Lusitano*. Assim sendo, *Pitiguar* ou *Potiguar* deriva-se de *Poti-guara* que quer dizer *o fumo do*, ou o *pitador*. Neste caso, os indios da Parahyba, assim denominados, seriam muito amigos do fumo ou tabaco, e por isso ficaram appellidados os *jumadores*. Mas, Frei Vicente do Salvador, na sua *Historia do Brasil*, escreveu Potyguares, em 1626, e como muitos outros depois o fizeram, e assim o vocabulo tem outra origem : *Poti-guara* que significa : comedor de camarão ou papa-camarão. Occorre observar que o chefe mais proeminente dessa tribu, se chamava *Poty* que se traduziu por *camarão*.

PARAHYBA. — A interpretação de Herckman, traduzindo esse nome por *mar-encampado* ou *agua-mã*, é erronea. Neste caso, o indio diria *Pará-mã* ou *Ypanema*. Parahyba é o mesmo que *Para-tyba* e se traduz : *rio com* ou *inaproveitavel* por motivo de difficuldades oriundas do proprio leito. Costumavam os selvagens denominar *paratyba* ou *paratyba* os trechos do rio encachoeirados, inacessiveis á navegação. O *Tutí*, em S. Paulo, tambem conhecido por *Anhemby*, tem um trecho encachoeirado que os indios chamaram *Paratyba*.

GARGAÚ. — A traducção de Herckman, como *rio do peixe-boi*, é verdadeira, não assim a procedencia; pois que peixe-boi não se diz em tupi — *garra*, mas *guaraquá*. O nome teria sido primitivamente *guaraquá-á* que por corrupção se fez *gargaú*. Mas, assim sendo, admite mais de uma traducção, porque *guaraquá-á* tanto pôde ser : *o peixe-boi com*, como pôde ser : *rio do peixe-boi*, visto que o som final *á* pôde ser o verbo *comer*, como pôde ser corrupção de *y*, que significa *rio, agua*.

INOBI. — O autor da *Descrição* traduziu este nome como *canoa pontada* ou *cortante*, sem dar a razão disto. Mas, em verdade se engana, porque *Inobi* é o mesmo que *y-nobi* que se traduz : *rio verde* ou *rio azul*, o mesmo que *Itoby* — *y-tobi*,

onde a letra *t* é uma simples signal euphónico como o *n* de *Inobi*.

TIBERY — Herekman traduziu mal, dizendo que significa — *rio do pecc. do sodomítico*, como se o nome tupi derivasse de *Tibiré-y*, porque de facto *Tibiró* se traduz — o que tem o trazeiro roto, o individuo infame que se presta a servir de mulher. Na verdade, porém, *Tibery* ou *Tibiry*, como o escreveu Frei Vicente do Salvador na sua *Historia do Brazil* (1626), procede de *Tibi-r-y* que significa: *o rio da sepultura*, ou então de *Tibir-y* que se traduz: *rio do sepultado, rio do enterrado ou do finado*.

ITAPOA aliás *Itapoã* que procede de *Itá-poã* significando, na verdade, *pedra levantada ou erguida* e só, por figura, *pedra pontuda* como o traduziu Herekman, a pag. 256.

MOMBAB ou *Mombaba* não quer dizer: *logar onde a guerra cessou* como o explica Herekman, á pag. 257 da *Descrição*, mas simplesmente: *conclusão, fim*. A verdade é, porém, que o nome está mal escripto. Deve ser, provavelmente, *Mombaba*, derivado do tupi *Mimbaba* ou *Mymbaba* que quer dizer *criação, cria*, applicado ao animal domestico, ao gado, o que é bem de ver, pois se applicava o nome referido a um rio em que existiam varzeas com muitos curraes ou fazendas de criar (pag. 257).

GRAMAMA e tambem *Garamama* á pag. 258 é derivado de *guára-mãma* que significa: *cereja, curral, rodeio, manga*.

SUASUPPE aliás *Suassupe* não significa — *pé de parco* como diz Herekman á pag. 257, nos *realdos*, pois que se deriva de *suassu-pé* ou melhor, de *coó-ussú-pé*, que isso significa.

SUASUGAIA aliás *Suassúgia* não significa *rabo de parco*, como diz Herekman á pag. 257, mas *rabo de realdo*, pois que *Suassúgia* bem parece derivar-se de *coó-ussú-huguai* que isso significa. No tupi se diria *cabo de parco-Tayassú-huguai*.

NUASSUREE é corrupção de *Nhû-ussû-rê* que se traduz — *pelo campo grande* (pag. 257).

JOAKAKA tambem escripto por Herekman *Jockoka* á pag. 259, é derivado de *juá-coqui* que significa *roça de juá* ou *onde se faz colheita de juá*. A expliação do autor holandez é inadmissivel.

PINDAUNA é o mesmo *Pindá una*, anzol preto, como bem o traduziu Herckman, á pag. 259.

TAPEROBÍ? é corrupção de *Tapera-gby*, alterado pela má pronuncia do *y* grego em *Tapera-ubá* e significa a *terra das ruínas*, ou a *terra da tapera*. Não é accetivel a interpretação de Herckman á pag. 260.

POPOKA quer dizer *arrebentação* ou o estrondo que faz a agua arremettendo.

MIRERY admite duas interpretações: ou é corrupção de *mbirer-y* que quer dizer — *rio dos curros*, ou é alteração de *miri-r-y* que significa — *rio dos piris* ou *miris* ou *do junco*.

JACUIPE é alteração de *Jacu-y-pe* que se traduz: *no rio do jacú*.

TAPABARA pôde ser corrupção de *Tapé-apara* que significa — *caminho torto*.

MONGOAGOAPE deriva-se de *mô-guáguá-pe* que se traduz — *onde se faz beber*, no *bebedouro*. *Mô* quer dizer *fazer*. *Guáguá* é a agglutinação da palavra *guaba* contracta, e significa assim: *bebida-bebida* ou *bedida* em continuado, em frequencia. Litteralmente quer dizer: *onde se fez bebida em continuado, o bebedouro frequente*.

PIABAY é o mesmo que *Piaba-y*, rio ou agua das piabas.

COROA POCEMA?

PERIGISSE parece graphia errada de *Preguiça*.

IKOLEE provavelmente corrupção de *Icôrché* ou *y-côrché* agua que já houve, agua extincta, rio secco.

PIRIPIRITUBA corrupção de *Piri-piri-tyba*, juncal, junco abundante.

ANNINGA. — Parece voz africana, pois que, segundo von Martius, se encontra em Sofala o nome *Inninga* para uma planta do genero *Musa*.

JACAREMIRI. — Corrupção de *jacaré-mirim*, jacarésinho.

POTITUBA. — Se se compõe de *Poti-tyba* ou *Potimtyba* quer dizer: *camarão abundante*. Se, porém, se compõe de *Polityba* quer dizer: *cacramento abundante*, a *esterqueira*. Esta ultima interpretação é a mais provavel, porque o *i* de *Polityba* não é nazal.

TAMOATUMIRI deve ser *Tumoutá-mirim*, o tamoutá pequeno ou o camboatasinho.

ITAPOROROCA. — Corrupção de *Itá-pororoca*, pedra estrondante, ou o estrondo da pedra. Confunde-se com *Caápororoca* que se traduz: *paú que estala*.

POPURI é corrupção de *Popir-y* que significa *agua da margem* ou *lagôa chegada á costa*.

NANAU se é composto de *Nanã-u* se traduz: *onde se come ananás*. Se, porém, é corrupção de *Nanã-y*, se traduz: *rio dos ananazes*.

MANAU. — Corrupção de *Maná-y*, rio dos feixes ou molhos.

CTPAOBA. — Corrupção de *Cuba-ob* que quer dizer *a que ao longe se estende, a que distante se dilata*. E' o nome applicado a uma serraania que se vê ao longe. Pela descripção de Herekman parece referir-se á Borborema ou a algum dos seus contrafortes mais avançados para a costa.

MAMANGUAPÉ compõe-se de *mamã-guápe*. Como, porém, nos vocabulos compostos, alguns dos elementos componentes se contrahem, temos em verdade, *mamã-guápe* que se traduz ao pé da letra: *na bebida de reunir, onde se reúne para beber, no bebedouro*. O autor hollandez confunde *Mamangoape* com *Mangougoape*, apezar de que, em ultima analyse, os dous nomes venham a significar a mesma couza.

CAMARATUBA. — Corrupção de *Camará-tyba* que se traduz *camará abundante*.

TIBIRA CAUTIBA foi traduzido pelo autor hollandez como *a cajual da sodomia*, interpretação errônea, pois que *Tibira* significando, como significa — *o sepultado, o enterrado, o defuncto*, e *cautiba* — *acajú-tiba*, cajual, a traducção verdadeira é *cajual do defuncto*. A interpretação de Herekman seria admissivel se o nome tupi fosse *Tibiró Cautiba* que então se traduziria: *cajual do que tem o terceiro rôto, cajual do sodomita*. Barlaeus escreveu *Tibira-Cautiba* como Herekman. Mas Gabriel Soares no seu *Roteiro* escreveu *Acajutibiro* que se pôde identificar a *Acajutibira* e traduzir-se: *o cajú enterrado*. Ayres do Casal, na sua *Chorographia Brasílica*, escreveu *Acajutibiró*, que se equipara a *Acajú-tibiró* e se traduz: *o cajú do fundo rôto, ou o cajú estragado*, mas que ainda pôde ter outra

tradução, uma vez que *Acajuteliró* pôde-se derivar de *Acani-tyla-ró* ou *Acapú-tyla-ró* que significa: *o cajual desfeito, rôto, destruído*.

TAPITTINA pôde ser derivado de *Tapiti-tim* e traduzir-se *o focinho do coelho*; pôde proceder de *Tapiti-tinga* e significar: *o coelho branco*.

MARIPTANGA é corrupção de *Mirai-pitanga*, alterado depois em *mirai-pitanga* e ainda em *marai-pitanga*, significando *o pau vermelho, o pau brasil*.

IPITANGA é o mesmo que *y-pitanga*, agua vermelha ou rio vermelho.

ERIOENE é corrupção de *Eir-uena* que significa: *onde a abelha está, ou onde ha mel*. Para significar — *mel preto*, como o interpretou Herekman, seria escripto *Eir-una* ou *Ira-una*.

WASJU é corrupção de *Guayá*, que se traduz: *aquella que come ou que derora*. Nome de uma formiga vermelha.

Do collega e amº.

THEODORO SAMPAIO.



O PORTO DE PERNAMBUCO

E A

Cidade do Recife

NO

SEculo XVII (*)

♦ ♦ ♦

PREAMBULO

O estudo dos problemas relativos á conservação, ao melhoramento e ao desenvolvimento do porto do Recife, torna interessante senão indispensavel, o conhecimento das modificações que, nestes ultimos seculos, tem soffrido sob a acção das forças naturaes e em consequencia das obras realisadas por mão do homem. Penetrado da importancia deste estudo o Sr. V. Fournié, Director das Obras Publicas da Provincia de Pernambuco, me encarregou de compulsar os documentos relativos á antiga condição do porto, que podessem ser encontrados nas bibliothecas e archivos publicos e particulares da Hollanda. A minha missão me foi singularmente facilitada pela benevolên-

* Esta interessante memoria appareceu pela primeira vez, em francez, no *TIJDSCHRIJF VAN HET NEDERLANDSCH GENOOTSCHAP* *Revue de la Société Géographique* de Amsterdam, em 1881, attenta a importancia e a actualidade do assumpto e a extrema raridade do original resolvemos traduzil-a para estas paginas, acompanhada da respectiva planta do Recife.

A. de C.

intervenção da *Societate Neerlandeza de Geographia*, cujo Presidente, o Professor WETH, e um socio, o Sr. LELIÉ, Archivista do Governo em Haya, me propozeram esclarecimentos preciosos e uteis conselhos com a mais cordal sollicitude.

A Hollanda era, com effeito, o paiz a que cumpria recorrer neste genero de pesquisas, porquanto os holandezes occuparam a provincia de Pernambuco de 1630 a 1654, e, durante este espaço de tempo relativamente curto, lançaram os alicerces da actual cidade do Recife, transmittindo á posteridade, em numerosas e consideraveis publicações, todos os incidentes da sua permanencia no Brasil.

A planta annexa, na escala de 1:20000, representa, em preto e azul, o aspecto actual da cidade do Recife e seus arredores, e, em amarello e vermelho, a sua physionomia na primeira metade do seculo XVII.

Vou indicar as fontes em que hebi os dados que me auxiliaram no desenho da antiga configuração do porto e da cidade e transcrever alguns outros informes interessantes que não pude fazer figurar na planta. Antes, porém, me seja permittido, para melhor comprehensão das ultiores explicações, recordar algumas datas historicas.

DATAS

Nas proximidades de 1534, pouco tempo depois do descobrimento do Brasil, Duarte Coelho, a quem o rei de Portugal havia doado a provincia ou capitania de Pernambuco, veio installar-se nella com um certo numero de familias portuguezas e fundar Olinda, capital da provincia.

Em 1580 Portugal e as suas colonias passaram ao dominio hespanhol; nesta epoca Olinda já possuia 700 casas de moradia e numerosos edificios publicos; vinte engenhos de assucar funcionavam nos arredores.

Em 1621, ao expirar a tregua de doze annos concluida entre a Hespanha e a Hollanda, esta ultima confere á Companhia das Indias Occidentaes cartas patentes que, entre outros privilegios, lhe asseguram o direito exclusivo de, durante vinte

annos, traficar com o Brasil, levantar fortalezas, concluir tratados, etc.

A 8 de Maio de 1624, uma esquadra desta poderosa Companhia lança ferro diante da Bahia.

A 1.º de Fevereiro de 1630, as primeiras tropas holandesas desembarcaram na provincia de Pernambuco e se apoderam de sua capital Olinda; nesta epoca o Recife era apenas um povoado, com os armazens e algumas casas de moradia, situado na extremidade da lingua de terra chamada isthmo de Olinda, a uma legua proxivamente ao sul da capital.

A 24 de Novembro de 1631, Olinda é evacuada e em grande parte incendiada por causa da difficuldade encontrada em pô-la em estado de defesa. É deste momento que data o desenvolvimento da cidade do Recife.

A 23 de Janeiro de 1637, o conde Mauricio de Nassau desembarca no Recife na qualidade de Governador-Geral do Brasil-Holandez. Durante os 7 annos do seu governo a cidade do Recife se desenvolve; um novo bairro chamado *Mauritsstad* é construido na ilha de Antonio Vaz, no lugar onde hoje se eleva o bairro de Santo Antonio; executam-se trabalhos importantes. As artes e as sciencias são representadas pelo geographo e astrónomo Jorge Markgraf, o architecto Post, o capellão Francisco Plante, o medico Piso, etc.

A 6 de Maio de 1644, Mauricio de Nassau renuncia ao cargo de Governador e regressa para a sua patria. O poder dos holandeses no Brasil começa a declinar rapidamente deste este momento.

Em 1645 as principaes praças do Brasil-Holandez succumbem diante das armas dos colonos portuguezes insurgidos.

Desde 1646 o Recife achia-se estreitamente sitiado. Os holandeses só resta o mar para communicar com o exterior.

Esta situação dura até 20 de Dezembro de 1654, data da appareição da frota portugueza que, sob as ordens de Magalhães, vem bloquear a praça por mar.

A 26 de Janeiro de 1654, os holandeses encerrados no Recife, são forçados a capitular; no mesmo anno evacua toda a provincia.

DOCUMENTOS UTILISADOS

Postas estas premissas, eis a nomenclatura dos documentos gravados ou manuscritos que foram utilizados na redacção da planta representando o estado da cidade do Recife e do porto de Pernambuco na primeira metade do seculo XVII.

Carta da costa entre o rio Pau Amarello e os Afogados em 1630, gravada por Hessel Gerritsz, com algumas sondagens ao longo da costa ; é conservada na bibliotheca de Leyde.

Carta gravada da costa entre o rio Pau Amarello e os Afogados, da mesma epoca, dedicada a Henrique Louck por Nicolau João Piscator, e conservada na collecção da bibliotheca de Leyde. A planta da costa corresponde um panorama tomado do ancoradouro ; contém além disso uma pequena carta da capitania de Pernambuco. Uma copia truncada e sem o nome do autor deste documento foi inserida na obra allemã : « Neue Welt durch Johann Ludwig Gottfried — Frankfurt, 1655. »

Carta manuscrita hollandeza, n. 711 da collecção dos Archivos de Haya, levantada em Julho de 1631 pelo engenheiro Andreas Drewisch Bonge Saltensis ; dá com grande minuciosidade a disposição do porto, e parece ter servido de modelo ás outras cartas publicadas pela mesma epoca.

Carta gravada da bibliotheca de Leyde, representando o porto em 1630 e trazendo a menção — *Wilhelmus Hondius fecit — 1630* — ; não passa evidentemente duma copia de Andreas Drewisch.

Esboço manuscrito hollandez, n. 2165 dos Archivos de Haya, e assignado Johannes van Walbeeck ; figura a região situada entre Olinda, os Afogados e o Arraial, e foi levantada em 1632 segundo as informações de prisioneiros portuguezes ; contém uma legenda muito interessante tanto sob o ponto de vista das habitações nos arredores do Recife quanto ao do regimen dos cursos d'agua.

Carta manuscrita do porto do Recife em 1640, tirada dum volumoso e precioso atlas que se acha nos Archivos de Haya e tem por título — *Verzameling van Pas-karten dienende tot de vaert naar Oost en West Indien* —. As cartas deste atlas,

na maioria inacabadas, não trazem data nem o nome do autor, mas são desenhadas com o maximo esmero.

Carta manuscrita da zona comprehendida entre Olinda ao Norte, os Afogados ao Sul e os dous fortes do Arraial a Oeste, tirada do mesmo atlas dos Archivos de Haya. É baseada nos mesmos documentos da precedente, abrange, porém, uma maior extensão de terreno; da comparação com as cartas modernas resulta a sua exactidão. Sou levado a crer que ella resume os trabalhos topographicos dos holandezes nas cercanias do porto, opinião confirmada pela passagem do historiador Nieuhof (p. 190) onde diz que seria necessario levantar, na extensão de quasi uma legua, uma certa região situada immediatamente ao Sul dos Afogados e ainda inteiramente desconhecida dos holandezes. Ora isto se passava no mez de Janeiro de 1646, epoca na qual os holandezes começavam a ser estreitamente cercados por terra, e depois da qual não poderam mais cuidar em executar trabalhos topographicos fóra do Recife.

Cartas do porto, em 1630 e 1640, da conhecida obra latina *Cospori Barlaei rerum per octennium in Brasilia, Historia*. Estas cartas, que completam varias estampas magnificas representando o panorama do porto e diversas vistas da cidade, offerecem grande interesse. Entretanto são menos exactas do que as de A. de G. Brevis e do atlas de Haya. Assim a carta do porto de Haya indica as disposições do porto do Recife, do palacio da Boa Vista, etc., duma maneira mais conforme ao texto e ás vistas panoramicas de Barlaeus do que a planta correspondente da obra latina.

Planta detalhada do forte *Prins Willem*, nos Afogados, na obra italiana — *Storia delle guerre del regno del Brasil del P. F. G. G. de S. Teresa, carmelitano scalzo* — Roma, 1698 — O mesmo volume contém uma planta do porto do Recife em 1640, que menciona apenas para assignalar a sua evidente inexactidão, principalmente no que concerne a uma exeressencia do bairro do Recife que jámais pôde ter existido excepto na imaginação do desenhista.

Corte e planos manuscritos do forte Real, desenhados pelo architecto Christovão Alvares em Dezembro de 1629, e classificados sob os ns. 2161 e 2162 nos Archivos de Haya. Trata-se do forte que Mathias de Albuquerque tinha intenção

de construir no lugar mais tarde occupado pelo forte de Bruyn. Estes dous documentos fornecem informações precisas sobre a largura do istmo de Olinda e o regimen do rio Beberibe.

Outras cartas e plantas antigas me passaram pelas mãos, mas creio inutil mencioná-las: umas apresentavam apenas um interesse secundario do ponto de vista especial das minhas pesquisas, outras eram copias mal feitas, ou cartas traçadas de memoria ou segundo esboços insufficientes.

Na redução das cartas á escala uniforme de 1:10000, admitti para a braça rhenana de 12 pés um comprimento de 3^m,767 e para a braça geometrica de 10 pés um comprimento de 3^m,71. Quanto ao pé da *virga mathematica* de Barlaeus (*Werksechuh*, segundo a traducção allemã), o suppoz igual ao pé geometrico.

Da redução, a uma mesma escala, das plantas antigas e da sua comparação com as plantas modernas, resulta que, na maioria, estão longe de apresentar a projecção mathematica do paiz. As linhas principaes são reconhecíveis, é certo, mas acham-se frequentemente alteradas as suas coordenadas.

Como exemplo de inexactidão topographica assaz curiosa, citarei a curvatura pronunciada do Recife que fecha o porto,—curvatura que não deve existir, como se pôde convencer, na falta de outras provas, quem lançar a vista sobre o panorama desenhado por Post na historia de Barlaeus — e que entretanto se encontra mais ou menos accentuada em todas as cartas da epoca. E' de suppor que o levantamento do porto não foi feito, no seu conjuncto, senão uma só vez e que posteriormente limitaram-se a completar este primeiro trabalho com a indicação dos fortes, canaes, pontes, bairros novos, etc., successivamente construidos pelos conquistadores. Segundo a narrativa de Varnhagen (*Historia das lutas etc.* p. 44) estas cartas fundamentaes podem bem ter sido as levantadas pelos engenheiros van Buren e Dre-wisch.

Nestas condições houve por vezes grande embarço em transportar para a carta moderna as indicações dos antigos documentos e em encontrar pontos de concordancia certos em numero sufficiente. Suppri, tanto quanto possivel, a imperfeição dos desenhos pelo exame ocular do terreno.

Entre as obras antigas em que encontrei dados interessantes mencionarei :

Johannes de Laet. — Historie ofte iaerlijck Verhael van de verriehlungen der geootroyeerde West-Indische Compagnie. — Leyde, 1644.

Barlaeus. — Rerum per octennium in Brasilia..... Historia. — Amsterdam, 1647.

Johann Nieuhof. — Gedenkwaardige Zee — en Landtreize. Amsterdam, 1682.

Estas tres obras resumem mais ou menos a phase da occupação do paiz pelos holandezes. A primeira é uma chronica que começa com a chegada dos holandezes e termina em 1636, pouco tempo antes do desembarque do Conde Mauricio de Nassau ; Barlaeus narra minuciosamente a gestão do Conde até a sua partida em 1644 ; enfim Nieuhof refere os acontecimentos occorridos entre 1640 e 1649.

Quanto ás obras recentes, encontrei informações uteis nas duas seguintes :

Vanhagen. — Historia das lutas com os Holandezes no Brasil. — Vienna d'Austria, 1871.

Nitcheur. — Les Hollandais au Brésil. — La Haye, 1853. (1)

Examinemos agora successivamente o estado antigo do continente, das ilhas e dos cursos d'agua, cujo conjuncto forma o porto do Recife.

ISTIMO DE OLINDA E CIDADE DO RECIFE

A lingua de areia que se estende entre Olinda e a cidade do Recife tinha, na sua parte septentrional, quasi a mesma configuração que hoje, salvo entretanto a proximamente um kilometro ao sul de Olinda onde a sua largura era um pouco maior, devido ao delta que alli se formára sob a acção commum do

(1) Van Kampen, no seu *Maqazijn voor Wetenschappen, Kunsten en Letteren* (Amsterdam, 1829) falla duma planta do Recife publicada por H. Koster (p. 381). Não me foi possível encontrar esta planta, que data de 1800 a 1810 (p. 388) e que seria de interesse consultar sob o ponto de vista das modificações mais recentemente occorridas no porto.

Tacaruna e dum braço do Beberibe. Era frequentemente designada pelo nome de Recife de areia, em opposição ao Recife de pedra situado em face. Nieuhof (p. 15) avalia a sua largura média em cerca de 200 passos.

Podia ser percorrida em todo o tempo, qualquer que fosse o estado do mar.

No lugar em que hoje existe a Cruz do Patrão se elevava o reduto chamado de Madame de Bruyn, construído pelos holandezes. Allí a largura do istmo correspondia sensivelmente á sua largura actual.

Um pouco mais adiante encontrava-se a fortaleza de Bruyn começada pelos portuguezes (Laet, p. 193) e acabada pelos holandezes, e que ainda existe com o nome de fortaleza do Brum. Os desenhos do primitivo projecto desta fortificação conservados nos Archivos de Haya, indicam que neste ponto a largura do istmo era de 34^m,50 no momento da préa-mar, e que a baixa-mar descobria uma praia de 23 metros inclinada segundo um pendor de cerca 0^m,08 por metro.

A partir da fortaleza do Bruyn e em direcção ao sul, o istmo occupava uma superficie bem inferior á actual. Assim o forte de S. Jorge, construído pelos portuguezes no sítio onde se acha actualmente a igreja do Pilar, era banhado pelas aguas do Beberibe; e além, entre este forte e a entrada da cidade do Recife (actualmente largo dos Voluntarios da Patria (1), o istmo comprehendia apenas a estreita zona limitada pela rua dos Guararapes e a parte oriental da rua do Pharol.

A cidade do Recife, tal qual ella se desenvolveu pouco tempo depois do abandono e incendio de Olinda, terminava na igreja da Madre de Deus, e as defezas, estabelecidas logo á margem da praia, para protegê-la contra as surpresas do inimigo, estavam aquem das ruas da Restauração, de D. Maria Cesar, da praça do Apollo e da rua do Amorim. Vê-se como a cidade actual se expandio a custa do porto e do rio; ao sul apoderou-se dos bancos de areia que existiam no local da rua Tuyuti, da praça do forte do Mattos, da igreja da Madre de Deus, da Alfandega; a oeste ella invadio o leito do Beberibe em mais de 150^m.

(1) Hoje Praça Arthur Oscar.

Cumpra notar que *as ruas da antiga cidade correspondem exactamente ás actuaes ruas publicas*, o que permite dizer que a disposição deste bairro é ainda hoje a que era no século XVII.

ILHA DE ANTONIO VAZ

A ilha de Antonio Vaz, hoje incorporada á cidade do Recife sob os nomes de bairros de Santo Antonio e S. José, era 1630, occupada apenas pelo convento ainda existente de S. Francisco e algumas casas alinhadas na praia. Todo o resto era possessiva dum vasto pantano coberto pelas marés e do qual saíam algumas ilhotas. A mais importante destas ultimas estava comprehendida entre a fortaleza das Cinco Pontas, o convento do Carmo e o jardim das Princezas; era cortada em duas por uma cambôa que entrava do lado do Lyceu de Artes e Officios, passava pelo pateo de S. Pedro e penetrava até a igreja de Santa Rita, a pequena distancia da praia. Uma outra pequena ilha, de 1^o 10' de altura, apparecia ao sul da fortaleza das Cinco Pontas.

Quando os holandezes se apoderaram da ilha de Antonio Vaz, levantaram o forte Ernestus em volta do convento e o forte Frederik-Hendrick no local da actual fortaleza das Cinco Pontas; estabeleceram ainda alguns reductos do lado do continente e hornaveeques contra a cambôa de que acabo de fallar ao sul do forte Ernestus. Pouco tempo depois da chegada de Maurício de Nassau foram construidas numerosas habitações ao abrigo deste ultimo forte; em breve ellas se estenderam até o forte Frederik-Hendrick e constituiram uma cidade populosa e commercial chamada *Mauritsstad* ou *Maurícia* do nome do seu fundador. A parte mais antiga desta cidade tinha como centro a praça do mercado, hoje praça da Independencia; o seu desenvolvimento se fez em direcção ao sul e em pouco tempo ruas bem alinhadas cortaram os terrenos pantanosos, que separavam os fortes Ernestus e Frederik-Hendrick, cujos lotes eram vendidos aos interessados, por elevados preços, pela Companhia das Indias Occidentaes.

Além de assegurar á Mauritsstad condições normaes de existencia os holandezes, recordando o exemplo da mãe patria, sancionaram o sólo abrindo differentes canaes; o mais importante,

com cerca de 30 metros de largura na bocca, foi cavado entre o forte Frederick-Hendrick e a actual igreja do Rosario, seguindo um alinhamento recto passando pelo lado occidental das ruas Domingos Theotonio, da Assumpção, da Penha e do Livramento; communicava com o rio Capibaribe por um outro canal que se lhe entroncava atraz da igreja do Livramento e terminava proximo á extremidade actual da ponte da Boa Vista limite dos terrenos baixos da ilha de Antonio Vaz; enfim um terceiro canal, que desembocava no local do Arsenal de Guerra o ligava ao porto. Estes canaes, alem da vantagem de drenar a cidade, forneceram o aterro para elevar o sólo e eram provavelmente tambem destinados a servir de vias navegaveis no genero das que se encontram em tão grande abundancia em todos os portos hollandezes.

Uma trincheira, com fôssos e estacadas, fechava a cidade do lado do continente e seguia um alinhamento quebrado, partindo da fortaleza das Cinco Pontas, passando pela igreja do Terço, rua das Trincheiras, matriz de Santo Antonio e terminando no convento de S. Francisco ou forte Ernestus; os tres bastiões deste entrincheiramento estavam situados, o primeiro entre a igreja do Terço e a rua Visconde de Suassuna, no segundo na entrada do último becco do lado norte da mesma rua Visconde de Suassuna, e o terceiro ao lado da matriz de Santo Antonio.

As ruas antigas correspondem bem ás actuaes que têm por centro a praça da Independencia; mas, o mesmo não succede com as ruas situadas mais ao sul. A explicação desta apparente anomalia me parece facil. Com effeito, é quasi certo que as divisões da cidade desenhadas nas antigas plantas não representam construções realmente feitas, mas sómente os projectos de alinhamentos do architecto Post, projectos que, como tantos outros ainda nos nossos dias, foram modificados no decurso da execução. A direcção de algumas das velhas ruas ainda existentes, como as de S. José e do Nogueira, corrobora esta hypothese. Outrosim é sabido que os hollandezes, quando bloqueados pelos portuguezes, foram obrigados, pelas exigencias da sua defeza, a demolir elles proprios uma grande parte da cidade que haviam edificado. Não é, pois, de admirar que, ao

ser ulteriormente reconstruída a cidade, não se tinha observado em rigor a planta primitiva.

Fora do recinto da cidade e do lado do Norte, um pouco atrás do local do actual palácio da presidência, se elevava o palácio construído por Mauricio de Nassau e denominado *Vrijburgh*. Era um bello edificio com duas grandes torres, uma das quaes servia de pharol e era avistada de 5 a 6 milhas no mar (Nieuhof, p. 18); cercavam-no jardins e dependencias que se acham representadas em grande escala numa das estampas da obra de Barlaeus; considerações estrategicas determinaram a sua demolição por occasião do assedio da cidade em 1645 (Nieuhof, p. 139).

Os terrenos pantanosos que se estendiam ao lado do palácio de *Vrijburgh*, foram encorporados ao dominio do Governador e transformados em pomares por meio dum dique que passava approximadamente pelo meio da nova ponte de Santa Izabel.

Foi para ali que o Conde Mauricio de Nassau, conforme a narração do seu panegyrista Barlaeus (p. 144) transplantou 700 coqueiros que fizera trazer de tres ou quatro leguas de distancia; tinham já de 70 a 80 annos de idade e a altura dos seus troncos variava de 10 a 15 metros; este detalhe é tanto mais curioso quanto, desde o primeiro anno, o producto da venda dos côcos se elevou a nada menos de 8 reichsthalers por pé, tão habilmente fôra feita a transplantação.

Do lado Oeste de Mauritsstad, entre a actual Casa de Detenção e os edificios visinhos, achava-se o palácio da Boa Vista, propriedade de Mauricio de Nassau; dava-lhe accesso um pequeno dique que terminava nas fortificações da cidade perto do Pateo do Carmo.

Para o Sul, um dique de mais de dous kilometros de comprimento, com fôssco do lado do continente, ligava o forte *Fredrick-Hendrick* ao bairro de Afogados; a rua Imperial assenta sobre este aterro.

Atraz do forte *Fredrick-Hendrick* a praia se estendia muito mais longe do que hoje em direcção ao Recife de pedra. Para garantir o forte contra qualquer surpresa do inimigo, prolongaram-no até dentro da agua por meio de dous grandes horna-vecques e do reducto *Amelia* ou *Aemilia*.

RIO CAPIBARIBE

Do lado do continente os holandezes não operaram nenhuma modificação notável no que já existia antes da sua chegada. Ainda muito tempo após a invasão não ousavam se aventurar naquellas terras de alluvião, cobertas de pantanos e de matto, onde a cada passo o inimigo lhes arriava emboscadas e escapava facilmente á perseguição. Não é pois de admirar escasseiem documentos precisos sobre o valle do Capibaribe a pequena distancia acima da cidade.

É verdade que durante o curto periodo do governo de Mauricio de Nassau poderia ter sido feita a exploração topographica do paiz: mas, nesta epoca todos os esforços tendiam a levantar a industria assucareira ao seu antigo nível, a restabelecer o que havia existido e não a crear coisas novas; comprehendendo-se que nestas condições os trabalhos graphicos não apresentavam a mesma urgencia que no principio da conquista, quando era preciso cobrir o paiz de fortificações e torná-lo habitavel.

Pela carta do atlas de Haya vê-se que do Poço da Panella á Capunga o Capibaribe corria entre as mesmas margens que actualmente, a não ser proximo ao lugar chamado Taquary onde passava um pouco mais ao Sul. Na margem esquerda achava-se o forte do Arraial, construido pelos portuguezes depois de expulsos do Recife: estava situado sobre uma pequena eminencia que se encontra a Oeste seguindo a linha férrea entre as estações de Mangabeira e Casa Amarella: é o mesmo local que acaba de designar o Sr. Major Codeceira, membro do Instituto Archeologico Pernambucano, baseando-se em dados historicos e antigos documentos officiaes. Um outro Arraial, construido em 1646, e chamado Arraial Novo do Bom Jesus pelos portuguezes e Altena pelos holandezes, estava situado sobre a margem direita: a sua posição corresponde á da columna commemorativa elevada a alguns annos pelo Instituto Archeologico.

A partir da Capunga o antigo leito do Capibaribe differia notavelmente do actual. O rio em vez de passar no local da ponte da Magdalena, seguia a cambôa que atravessa a estrada da Passagem, contornava a ilha do Retiro e ali se bifurcava:

o braço do Norte passava diante do Hospital Portuguez, margeava o Hospital Pedro II, fazia um grande cotovello que se estendia até o Hospício, e se reunia ao Beberibe; o braço do Sul ou dos Afogados passava entre as ilhas do Maruim e de Anna Bezerra e no local da ponte actual dos Afogados recebia as aguas do riacho Gequiá e Tegipió, contornava a ilha do Nogueira, outr'ora Cheira Dinheiro, e desembocava no porto. Nos documentos antigos o nome de rio dos Afogados é dado ora a todo o braço sul do Capibaribe, ora sómente á parte deste braço acima dos riachos Gequiá e Tegipió, ora ao riacho Gequiá, ora ao braço norte do Capibaribe. Esta confusão se explica facilmente, porque todos estes cursos d'agua se communicam entre si e percorrem os mesmos terrenos pantanosos.

O braço septentrional do Capibaribe, de curso muito tortuoso, communicando com o rio Beberibe por duas grandes depressões, não era proprio á navegação: atravessava-se-o a váo muito facilmente e a passagem só se tornava penosa durante as marés de sizírias e nas grandes cheias (Laet, p. 139). Mauricio de Nassau lançou sobre elle uma ponte de madeira, construída no local da Casa de Detenção e terminando pouco mais ou menos em frente á rua da Ponte Velha, e deixando ao rio muito mais amplo escoadouro do que tem hoje.

Esta ponte achasse descripta em Barlaeus (p. 151). Foi terminada em sete semanas, tinha 319 metros de comprimento e repouzava sobre estacas de madeira de *biribá*, muito proximas umas das outras, pelo menos do lado Oeste, a julgar pela gravura de Barlaeus. Do lado da ilha de Antonio Vaz a ponte desembocava á direita do palacio fortificado da Boa Vista; do lado opposto terminava num dique, fundado talvez como a ponte sobre estacas, e quebrando-se em angulo quasi recto em direcção á rua da Ponte Velha.

Abaixo desta ponte o rio se dividia de novo em dous braços que contornavam uma pequena illota denominada —Maria Gonçalves— na carta de Piscator e —Schoenmakers bos— na de Drewish. Um destes pequenos braços se estendia até em frente do quartel do Hospício e o outro até o meio da ponte de Santa Izabel, parquanteo neste ultimo ponto a ilha de Antonio Vaz se prolongava na extensao duma centena de metros mais para o norte do que hoje.

Na confluência do Capibaribe e do Beberibe avançava uma lingua de terra, que ainda se vê diante da fundição do Starr, e sobre a qual foi construído o forte Waerdenburch. Este forte, que na préamar lieva cercado d'agua (Nieuhof, p. 119) tinha a principio quatro bastiões; mas, não offerecendo as fundações do bastião exterior sufficientes garantias de solidez, o forte foi reconstruído com tres bastiões somente, e mais tarde tiveram os holandezes que transformal-os em redutos mais elevados a fim de pôr a guarnição mais ao abrigo da humidade (Barlaeus, p. 135). Em vista da posição do forte Waerdenburch deve-se concluir que houve neste lugar um sensível estreitamento do rio; mas, se não deve esquecer que atrás do forte se estendia uma larga zona de terrenos pantanosos que, nas grandes marés e nas cheias, contribuiam para assegurar um escoadouro ás aguas do Capibaribe.

Entre o forte Waerdenburch e o porto propriamente dito o braço norte do Capibaribe tinha um leito muito mais largo do que o actual. Os detalhes concernentes á construcção da ponte lançada por Mauricio de Nassau entre o bairro do Recife e a ilha de Antonio Vaz, que se encontram em Barlaeus (p. 119) fornecem informações preciosas sobre o regimen do rio neste lugar. A ponte occupava o mesmo lugar que a actual ponte de 7 de Setembro, unicamente um dos peçõs era na entrada da rua 1.^a de Março, o que dava á ponte uma extensão muito maior do que a da actual. Ponceo mais ou menos no meio do rio havia um canal com 1^o,08 de profundidade na baixamar (*undecim pedes mathematici crui*). A amplitude da maré era de 2^o,60 (1). Antes de decidir qualquer cousa construiu-se um pilar de ensaio no rio. O resultado foi bom e a Companhia das Indias Occidentaes concedeu a construcção da ponte a um ar-

(1) A differença entre a préa-mar e a baixa-mar no lugar do porto do Recife não se acha consignada na *História* de Barlaeus editada em Amsterdam em 1647, mas figura na traducção allemã apparecida em Clèves no anno de 1659. É possível que o traductor tenha collido esta informacão nos documentos que serviram para a segunda edição latina publicada em Clèves em 1669. O algarismo de 2m,60 que apresento, foi calculado na hypothese muito versatil de que o traductor fallando do nível do préa-mar pretendia se servir da mesma unidade de medida, o pé geometrico, que empregou algumas linhas mais acima para indicar o nível da baixamar.

chão, mediante a quantia de 2 10000 florins. O architecto começou do lado da ilha de Antonio Vaz e construiu quinze pilares de alvenaria; mas, chegando proximo ao meio do rio, encontrou uma correnteza tao violenta e uma profundidade digna e consideravel que deseperou de poder acabar a ponte e abandonou a empreza. Mauricio chamou entao a si os trabalhos; renunciou ao systema de pilares de alvenaria e deliberou assentar o lastro da ponte sobre esteios de madeira. Para este fim mandou cortar estacas de 40 a 50 pés (14^m,84 a 18^m,55) e enterrou-as de 12 pés (4^m,45) no leito do rio, umas vertical outras obliquamente, conforme o figura o panorama de Mauritsstad que se encontra na obra de Barlaeus (1). Este processo deu bom resultado e em dous mezes a ponte ficou acabada. Segundo o traductor allemão o seu comprimento era de mais de 100 braças (371^m ou 377^m); mas, Barlaeus, ao menos na edição de Amsterdam, se limita a dizer que se estendia no comprimento dum numero consideravel de braças (*Multa decempedes circurrens*).

Dos dous braços do Capibaribe nenhum tinha profundidade sufficiente para permittir uma navegação regular; entretanto, na préamar as chulupas podiam subir o braço sul ou dos Afogados. Era por ali que os portuguezes costumavam expedir as caixas de assucar provenientes dos engenhos situados na planície da Varzea; os fardos eram transportados até a Barreta ou em carros que acompanhavam o braço dos Afogados ou em barcas que desciam o mesmo rio; chegados á Barreta eram baldados para chalanas que os transportavam aos armazens do Recife e de Olinda (Nieuhof, p. 16). Era por este mesmo braço que passavam as embarcações destinadas a acompanhar os holandezes quando tentavam qualquer empreza contra os portuguezes estabelecidos na planície da Varzea. A expedição dirigida contra o Arraial, em Agosto de 1633, dará uma idéa exacta do que era a navegação do Capibaribe naquella epoca (Laet, p. 345).

1) As dimensões em metros são calculadas na supposição de tratar-se de pés mathematicos. Si se admittir que o autor latino pretendia falar de pés rhénanos, deve-se avaliar o comprimento das estacas de 12m.70 a 15m.70 e a sua ficha em 3m.77.

Os holandeses, depois de haverem atravessado o Capibaribe nos Afogados, foram por terra até em frente do Arraial e se estabeleceram sob a margem direita do rio. Para facilitar a passagem e prover á sua subsistência, fizeram vir do Recife duas chalupas e o hyate *Ester*, o menor dos navios vindos da Europa, armado de 2 peças de bronze e 4 de ferro e guarnecido de 20 homens. Depois de haverem aliado e desmastreado este navio, que tinha apenas 15 *lasten* de capacidade (1), a pequena flotilha penetrou no braço do Capibaribe.

Mas as embarcações encalhavam com tanta frequência que era preciso aguardar a maré seguinte afim de proseguir o caminho. Chegou-se assim até a Jaqueira, a um tiro de mosquete do acampamento portuguez. O rio faz neste ponto um grande cotovello o que obriga as embarcações a passar junto á margem concava, a unica que offerece profundidade sufficiente. Mas, o inimigo que se havia entrincheirado nesta margem rompeu um tão violento fogo de mosquetaria sobre as embarcações que poz fóra de combate um grande numero de holandeses e forçou os demais a ganhar a margem opposta abandonando o hyate e as chalupas.

A 29 de Março de 1634, uma nova expedição foi dirigida contra o Arraial, mas que só teve como resultado o incendio do abarrancamento dos italianos, os holandeses valeram-se ainda do Capibaribe para transportar o seu material carregado em duas chalupas (Laet, p. 387).

Mas, si nas grandes marés embarcações ligeiras podiam penetrar no Capibaribe até uma certa altura, não é menos verdade que do lado dos Afogados o rio era vadeavel quasi que em todo o tempo. Assim, a 13 de Julho de 1634, quatro companhias holandesas passaram-se para a margem direita e ataca-

(1) Eis com relação á capacidade e ao calado dos navios holandeses a nota inscripta na pag. 179 da obra de Netscher:

« O *last* como medida de capacidade dos navios era o mesmo ainda em uzo na Hollanda e equivalente a duas toneladas. Para dar uma idéa exacta do exterior dos navios daquelle tempo bastará dizer que as dimensões dum navio de 200 *lasten* eram 125 pes rheanos de comprimento (37m,25), 29 pes de largura (9m,01), e de 11 1/2 pes (3m,61) até o fundo do porão (de Jonge, I, pag. 392, extractado dum documento official de 1630). O tombadilho destes navios era muito mais alta do que o resto do convez »

rancas trincheiras portuguezas; e p'is o cecidate e apozar duma v. ar. e carga dos portuguezes que acabavam de receber soccorros, e las lograram repassar o rio sem difficuldade (Laet, p. 245).

Mais tarde, a 18 de Fevereiro de 1633, numa nova expedição tentada contra as mesmas trincheiras, os holandezes atravessaram o rio não propriamente que o inimigo só veio a percebê-los depois de effectuada a passagem (Laet, p. 325).

Uma outra prova da pequena profundidade do rio neste lugar e da sua pouca importancia para sob o ponto de vista da navegação é o silencio mantido pelos autores holandezes sobre a ponte dos Afogados, estabelecida um pouco acima da ponte actual e defendida pelo forte Willem, os holandezes tinham levantado esta ultima fortificação com as maiores difficuldades, no meio dum terreno pantanoso, na margem direita). É certo que si esta ponte, representada em varias cartas, tivésse offerecido a menor difficuldade de execução, ou si tivésse existido qualquer navegação regular que a sua construcção teria forçosamente entravado, os chronistas não teriam deixado de referir o facto.

Abaixo da ponte *actual* do rio se achava do lado da ilha do Cheira Dinheiro, hoje Nogueira, da qual os holandezes tiveram de se apoderar em 1633, afim de garantir as suas communicações por mar com o forte dos Afogados que nesta occasião construíam (Laet, p. 326). Grandes corôas de areia se tinham formado do lado opposto.

Entre a ilha Cheira Dinheiro e o porto propriamente dito o rio corria por varios canaes inacessíveis aos navios na baixa-mar e descobria á direita do forte Fredrick Hendrik uma praia muito mais extensa do que a de hoje.

Um pouco ao Norte deste forte e quasi em frente do mercado actual se achavam os estaleiros para a reparação dos navios.

RIO BEBERIBE

O rio Beberibe desembocava, no seculo XVII como hoje, numa planície pantanosa, com muito fraco pendor e sem leito determinado. Plantas antigas e gravuras da época representam

este rio frequentado por navios de alto bordo na sua parte inferior. Mas, isto só se deve levar á conta da phantasia dos desenhistas interpretando com demasiada liberdade as narrativas dos viajantes ou dos compiladores. Basta, outrossim, percorrer os livros illustrados do tempo para se adquirir a convicção da grande inferioridade das gravuras sob o texto quanto á exactidão. Ha excepções como as estampas da obra de Barlaeus: mas, mesmo nellas se podem notar erros, si bem que as gravuras tenham sido executadas segundo desenhos feitos *in situ* por um artista consciencioso.

Assim no panorama que representa no primeiro plano o palacio da Boa Vista, a legenda nos diz que as alturas que se observam entre o palacio de Vrijburgh e o forte Ernestus são as de Olinda. Ora é impossivel que um expectador collocado do lado do palacio da Boa Vista, onde o suppoe o desenhista, pudesse perceber o que se fizesse de Olinda entre aquelles dois pontos: é do lado opposto de Vrijburgh que a antiga cidade deveria ter sido indicada (1). Evidentemente isto é apenas um detalhe que não poderá desacreditar os trabalhos topographicos e artisticos tao notaveis de Post. Contudo julguei conveniente assignalar o facto afim de por os archeologos desobreviaes e conclusões demasiado precipitadas. Mas voltemos ao Peberibe.

Os documentos abundam para demonstrar que na epoca de que nos occupamos este rio não tinha, na parte inferior do seu curso, senão muito pequena profundidade. Na chegada dos hollandezes, quando Olinda era ainda a capital da capitania de Pernambuco, as mercadorias trazidas pelos navios eram desembarcadas junto á povoação ou aldeia do Recife e transportadas em barcos e batelões — «in barken en lichters» — até o subúrbio de Olinda (Nienhof, p. 15).

A 10 de Agosto de 1630, os portuguezes entrincheirados sobre a margem direita do Beberibe atacaram um comboyo de provisões que se dirigia de Olinda para o Recife seguindo o istmo. A escolta do comboyo atravessou o rio durante duas horas escaramuçou com inimigo. Durante este tempo, devido

1) Esta vista do palacio da Boa Vista não concorda com a planta de Mauritsstad que se encontra na mesma obra, mas esta de accordo com a planta do atlas de Hayu.

a uma tempestade no mar, o rio encheu a ponto dos atiradores holandeses não poderem atravessá-lo senão com grandes dificuldades. « Alguns tiveram agna até o pescoço, outros correram risco de se afogar. (Laet, p. 199)

No dia 1 de Outubro do mesmo anno, os holandeses atravessaram o Beberibe do lado do forte de Bruyn para demolir as casas donde o inimigo inquietava os trabalhadores occupados na construcção do forte Ernestus. (Laet, p. 201)

Na noite de 1 de Março de 1634, os portuguezes vadearam o Beberibe em frente do forte de Bruyn, cuja sentinella deu alarma á guarnição holandeza. Nesta occasião o historiadôr Laet (p. 386), recorda que deste lado o rio estava cheio de bancos de areia que offereciam numerosas oportunidades de atravessá-lo na baixamar, asserção reproduzida quasi nos mesmos termos por Niculhof (p. 15) a proposito das paliçadas que defendiam o accesso do Recife.

Num outro capitulo (p. 239) Laet é ainda mais explicito: declara que na baixamar podia-se atravessar o Beberibe em frente ao Recife com agna pelos joelhos.

Maurício de Nassau, no seu testamento politico legado aos seus successores ao deixar o Brasil, insiste na necessidade de se manter em bom estado o porto do Recife. Não se deve esquecer, diz elle, que antes da construcção desta ponte nós corremos risco de perder a cidade, porque os botes que levavam socorros não podiam manobrar na baixamar e ficavam encalhados no meio do rio (Barlaeus, p. 297).

Entretanto as informações mais precisas são fornecidas pela planta já citada do forte Real começado pelos portuguezes no local do forte de Bruyn. Com effeito a legenda inscripta do lado do forte que olha para o rio é assim concebida: « Este riacho de baixamar fica secco quasi todo, salvo os canais que ficam com 3 (0",66) e 4 (0",88) até 6 (1",32) palmos d'agua. »

E' verdade que certas cartas dignas de inspirar confiança, como a de Hondius por exemplo, indicam pequenos navios navegando na embocadura do rio: eram, porém, hyates de pouca tonnage, que se viam de postos de observação durante a noite e que na baixamar ficavam provavelmente encalhados e cercados em meio dos bancos de areia. Laet (p. 385) relata em que occasião esta guarda nocturna foi estabelecida. No começo

de 1634, os holandeses, temendo uma surpresa no Recife, destruíram da sua frota os duas hyates *Kier e Oost-Kappel* e fizeram-nos fundear em frente do forte de Bruyn nas proximidades do lugar onde suppunham que o inimigo deveria atravessar o rio. Mas, como já tive occasião de dizer, o *Kier* tinha apenas 15 *lasten*; quanto ao *Oost-Kappel*, apesar de mais considerável a sua tonelagem não excedia a 30 *lasten*. Por este ultimo hyate que um audacioso portuguez abordou a nado e procurou incendiar na noite de 27 de Fevereiro de 1634.

Alguns annos mais tarde, por occasião do cerco do Recife pelos portuguezes, estabeleceram-se ainda estas guardas nocturnas (*brantwaghten*) no mesmo lugar. Nieuhof, que conta o facto (p. 143), não diz se eram chalupas ou hyates, mas refere que a primeira embarcação estava postada entre o forte Waerdenburch e o forte de Bruyn e a outra entre o primeiro destes fortes e os jardins de Maurício de Nassau na ilha de Antonio Vaz. Era pois sómente na embocadura do Beberibe que estacionavam embarcações exigindo uma certa altura d'agua. Em summa, pôde-se affirmar que o Beberibe só era accessivel a barcas e pequenas canoas que circulavam nos canais muito estreitos e sem duvida apenas na préamar.

CAMBÓAS ENTRE O CAPIBARIBE E O BEBERIBE

O braço norte do Capibaribe communicava com o Beberibe por duas depressões cujo nome generico em portuguez é *cambóa*.

A primeira, ainda hoje chamada Cambóa da Tacaruna, separava-se do Capibaribe em frente ao Hospital Portuguez, passava perto da estação do Manguinho e a oeste da ponte do Maduro, e desembocava no Beberibe no lugar do Hospital dos Lazaros.

A segunda, menos importante, que a precedente, seguia-se quasi parallelamente passando a Leste do lugar Chora Menino, pela estação do Príncipe, o Cemiterio Publico e a travessa de Santo Amaro.

Segundo a legenda do esboço de W. de Cock a Cambóa do

Tacurna, durante o verão, ficava seca na baixamar, e tinha cerca de 0,50 de água na préamar. Durante o inverno, ao contrário, não podia ser transposta perto da sua origem no Capibaribe senão a nado ou em canôa; mais acima, junto á ponte do Maduro, tinha-se água até o pescoço, e enfim do lado do Beberibe a água chegava á altura da cintura dum homem. Nesta mesma estagio as marés do Beberibe não se faziam mais sentir na ponte do Maduro.

Os pantanos de Olinda, outrora como hoje, eram alinhados pelo riacho de Agua Fria proximo á sua junção com os riachinhos Jacaré e Bartholomen. A legenda do esboço de Waldesek diz que este riacho ficava quasi seco no verão, mas que no inverno tinha uma profundidade de água de duas laças.

ENTRADA DO PORTO

A entrada do porto ou Poço estava situada um pouco ao norte do forte de Bruyn, no lugar que ainda hoje occupa; era muito desabrigado em mau tempo e segundo Laet (p. 191) tinha de 5^m,65 a 5^m,97 de profundidade.

Segundo Nieuhof (p. 15) a sua entrada achava-se a 500 passos ao norte do Recife calcareo e na préa-mar tinha 6^m,91 de água.

O porto interior estava comprehendido entre o bairro do Recife e o Recife de pedra, no local em que ainda hoje se encontra; o canal que permitia entrar-o era muito estreito, a julgar pelos dois bancos de areia que ali se haviam formado.

O porto ou o canal de entrada não tinha, segundo toda a probabilidade, um fundo superior a 1^m,50 ou 5^m,00. Os navios de guerra holandezes entraram nelle na epocha da tomada de Olinda; mas, estes navios em geral eram de pequeno calado (1). Quanto aos navios mercantes, estes eram obrigados a fundear no Poço até de esperar que a préa-mar lhes permittisse entrar. Com effeito Laet (p. 185) diz «é o lugar onde os navios vindos do largo ancoram primeiramente com o seu carregamento com-

1) Vide a nota já citada da obra de Netscher (p. 179)

pleto» (*Welk is de plaats daer de Schepen anten Sea luycomende, haer roovertst met haer volle ladinghe sellen*) e mais adiante (p. 191) que ali é «onde os grandes navios são obrigados a fundear» (*ten anker moeten kommen*).

O Recife de pedra que protege o porto apresentava em frente á embocadura do braço dos Afogados uma passagem antigamente chamada Barreta ou Estreito Francez (*l'Estreite port*) e que foi fechada ha alguns annos. Na extremidade do Recife se elevava o forte do Mar, hoje forte do Picão.

CHEIAS

Encontrei poucas informações sobre as cheias do Capibaribe e as inundações que são a sua consequencia habitual. Laet (p. 344) refere que, por occasião duma cheia sobrevenida após as grandes chuvas de Julho de 1633, as obras da ilha de Antonio Vaz correram grande risco de serem arrastadas e que o nivel das aguas foi tal que excedeu de cerca de 6 pés (1',88) o nivel mais elevado que os holandezes haviam até entao observado naquelle ponto.

Em 1641 teve lugar uma grande inundação de que Barlaeus (p. 227) nos traça o sombrio quadro. Todos os cursos dagua transbordaram, os diques foram rompidos, as plantações arrastadas pela corrente, o continente mudado em mar e os agricultores obrigados a se transformarem em marinheiros. O numero das victimas, tanto homens como animaes, foi consideravel, principalmente nas margens do Capibaribe. Os canaviaes foram inundados e devorados pelos insectos. Uma epidemia succedeu á inundação.

CONCLUSÃO

Si agora examinar-se o conjunto da carta, considerando-a apenas do ponto de vista do regimen dos cursos dagua e das marés, pôde-se facilmente resumir a situação dos lugares na primeira metade do seculo XVII.

O Beberibe, entre a povoação deste nome e Olinda, atravessava vastos pantanos. Entre Olinda e o Recife era necessi-

vela embarcacoes ligeiras, mas podia ser facilmente transposto a pé na baixa-mar. Proximo á sua embocadura o seu leito tinha uma largura muito maior do que hoje: o istmo alargou-se consideravelmente á sua custa.

O Capibaribe seguia a mesma direcção que nos nossos dias da Capunga para cima; mais abaixo se dividia em dois braços que se afastavam, a meio caminho, da direcção dos dois braços actuaes e que, proximo á sua embocadura, apresentavam largura muito superior: o bairro de S. José não passava dum canal pantano e aberto pelas marés, e a ponte do Recife excedia a actual ponte 7 de Setembro de quasi metade em extensão. Na préa-mar e tomando o braço dos Atogados podia-se subir o Capibaribe até o Monteiro e talvez um pouco mais além. Debaixo da ponte do Recife a amplitude da maré era de 2',60 e a profundidade da agua do canal, em baixa-mar, de 4',08.

O Capibaribe e o Beberibe communicavam entre si, no momento da préa-mar, por duas grandes depressões ou cambóas. A maré, já amortecida pelos pantanos que de alguma sorte prolongavam as margens dos dois rios, nelles perdia todo o seu ímpeto não podia enviar ao Capibaribe senão um exiguo volume d'agua; a communicação entre os cursos d'agua e o mar se fazia pela Barreta e pelo canal na extremidade do rochedo.

O porto occupava mais ou menos o mesmo local que hoje, com profundidade igual senão menor. O canal de entrada parece não ter tido mais de 4'',50 a 5'',00 de profundidade.

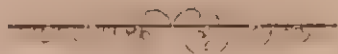
O Poço ou entrada do porto tinha de 5'',60 a 6'',00 e a passagem da entrada perto de 7'',00 de profundidade.

Em tempos mais modernos uma parte das margens do Capibaribe foi fixada, algumas cambóas foram interceptadas, certos pantanos supprimidos, e a pequena barreta foi fechada. Mas, em compensação, em lugar de procurar garantir á foz do Capibaribe a forma de funil que convem aos rios sujeitos a marés, estreitaram-na a Leste e Oeste do bairro de Santo Antonio: foi diminuir o volume d'agua a reservar durante a maré, reduzir os escoamentos de juncos e favorecer a formação dos bancos de areia.

Assim, pois, si dum lado facilitou-se a propagação mare no Capibaribe, impedindo-a de dispersar-se de

em caminho, por outro lado diminuiu-se o seu volume estreitando a passagem por onde entrava. Estas duas operações mantiveram um estado de equilibrio tal que se pode affirmar sem paradoxo que o porto de Pernambuco se achava ainda hoje no mesmo estado que ha duzentos annos.

E BÉRINGER.



NOBILIARCHIA PERNAMBUCANA

POR

A. J. V. Borges da Fonseca



(CONTINUAÇÃO DO N. 59)



TITULO XIV

DOS VIEIRAS DE MELLO

Esta familia é antiga nesta capitania e tem nella sua origem em Antonio Vieira de Mello, cavalheiro fidalgo, e natural de Catanhede, que passou a Pernambuco muito antes dos Hol-landezes.

Não podemos descobrir o anno em que passou e só achamos em Fr. Manoel Calado, e consta dos livros da Camara da cidade de Olinda, que elle era um dos Vereadores da Camara da dita cidade (então villa), no anno de 1630 em que os Hol-landezes se apoderaram desta capitania e foi Juiz Ordinario da mesma Camara.

Na guerra da Restauração de Pernambuco servio com grande reputação no posto de Capitão de Cavallos, e depois da guerra foi Sargento-mór da comarca, (o qual aqui chamam vul-garmente Sargento-mór do Estado) e foi senhor de uma pro-

priedade no erbo de Santo Agostinho, junto a Pirapama a qual ainda hoje chamam **Modixote de Antonio Vieira**.

Por um instrumento de genese, que tive em meu poder, passado pelo Dr. Manoel da Costa de Almeida, Conego Doutoral da Sêde Goarda, Deputado do Santo Officio, Lente de Canones da Universidade de Coimbra e no Bispado da dita Universidade, Provedor do Bispo Conde Dom Frei Alvaro de São Boa Ventura, consta que o dito Antonio Vieira era filho de Manoel Francisco e de D. Francisca Gonçalves, gente honrada e das principaes da villa de Catanhede.

Casou Antonio Vieira de Mello nesta capitania com D. Margarida Muniz, filha de Marcos Fernandes Bitancourt e de D. Paula Antunes Muniz, naturaes da Ilha da Madeira, e deste matrimonio nasceram :

Antonio Vieira de Mello, que tambem foi Sargento-mór da comarca, e Cavalheiro da Ordem de Christo; casou na Bahia com D. Anna de Campos, filha de Jacintho de Campos, e deste matrimonio não houve successão.

José Vieira de Mello, que foi Clerigo Presbytero e Vigario confirmado da parochial freguezia de São Miguel de Ipojuca.

Manoel de Mello, que falleceu na Bahia solteiro.

Dionizio Vieira de Mello, que continúa.

Bernardo Vieira de Mello.

D. Angela Vieira, que casou com o Dr. Antonio Pereira da Fonseca, que foi Ouvidor na Ilha Terceira e falleceram sem successão.

D. Paula Vieira de Mello, que casou com Gonçalo Novo de Lyra e da sua descendencia daremos noticia.

Dionizio Vieira de Mello, Cavalheiro fidalgo, foi Capitão de Infantaria paga e Cavalheiro da Ordem de S. Bento de Aviz. Casou com D. Maria Barbosa, filha de Antonio Teixeira Barbosa, natural de Porto Carreiro, Bispado do Porto e de D. Anna Mendes irmã do padre Francisco Dias Teixeira, neto por parte paterna de Gaspar Teixeira e de D. Anna Nogueira, pessoas nobres e limpas da dita freguezia de Porto Carreiro, como me constou por um instrumento que tive em meu poder, passado em 14 de Fevereiro de 1689, pelo Dr. Hilario da Rocha de Calheiros, Provisor e Vigario Geral do

Bispado do Porto, Fernando Correia de Lacerda, — deste matrimonio de Dionizio Vieira com D. Maria Barbosa, nasceram os filhos seguintes :

Antonio Vieira de Mello, Clerigo Presbytero.

Antonio Teixeira Barbosa que foi Cavalheiro fidalgo, professou na Ordem de Christo e Capitão-mór de Muribeca. Casou com D. Catharina Bezerra, filha de Domingos Gonçalves da Costa a quem chamaram o *dasagão*, Cavalheiro da Ordem de Christo, e de D. Adriana Camello e deste matrimonio não houve successão.

Francisco de Mello, que casou com D. Ursula Cavalcante filha de Mathens de Sá e de D. Maria Cavalcante, e deste matrimonio não houve successão.

Dionizio Vieira, que morreu menino.

D. Margarida Muniz de Mello, que casou com Mathias de Albuquerque Maranhão, proprietario do officio de Juiz de Orphãos e Escrivão da Comarca da cidade da Parahyba.

D. Maria de Mello, que continúa.

D. Maria de Mello, casou com Francisco de Nobalhos Yorrea, filho de Manoel Nobalhos Yorrea, hespanhol, que nesta Capitania foi senhor de alguns engenhos ; e deste matrimonio nasceram :

Manoel de Nobalhos Yorrea, que foi senhor do engenho de Sibiró e de outros, casou duas vezes : a primeira com D. Luiza de Mello, viuva de seu tio João de Nobalhos, e filha de Pedro Marinho Falcão e de D. Maria de Mello ; a segunda com sua tia D. Sebastiana de Mello, filha de Bernardo Vieira de Mello, Cavalheiro fidalgo e de D. Maria Camello, e de nenhum destes matrimonios houve successão.

D. Juliana de Nobalhos, que falleceu solteira com o habito de Nossa Senhora do Carmo.

D. Joannã de Nobalhos, que tambem falleceu solteira.

Bernardo Vieira de Mello, filho quinto de Antonio Vieira de Mello, Cavalheiro fidalgo e Sargento-mór da Comarca de Pernambuco e de D. Margarida Muniz, foi tambem Cavalheiro fidalgo e Capitão da Ordenança. Casou com Maria Camello, filha de Belchior Alves Camello natural de Ponte de Lima, familiar do Santo Officio, Capitão-mor e Alcaide-mór da villa do Rio de São Francisco, Instituidor do Morgado, o qual a que

chamam das Alagôas, e de D. Joannã Bezerra, filha de Antonio Bezerra, o Barriga da casa dos Morgados das Paredes, em Vianna, e de sua mulher D. Izabel Lopes natural da Madeira e deste matrimonio nasceram :

Bernardo Vieira de Mello, que continua.

Manoel de Mello Bezerra, casou duas vezes : a primeira com D. Cosma da Cunha, filha de Gonçalo Novo de Brito e de D. Cosma da Cunha ; a segunda vez com D. Maria de Almeida, viuva do Capitão Valentim Tavares de Lyra e filha de Pedro Correia Barbosa, irmão do Capitão-mór de Ipojuca João Correia Barbosa e de D. Izabel de Moura irmã de João G. S.

Antonio Vieira de Mello, que é familiar do Santo Officio, e vive solteiro no Arorobá neste anno de 1748.

Manoel de Mello, que morreu menino.

D. Maria Camello, que casou com Francisco de Barros Rego, e de sua descendencia se tratará adiante.

D. Angela Vieira.

D. Sebastiana de Mello, que casou com seu sobrinho Manoel de Nabalhos Yorrea, como acima vimos falleceu neste anno de 1748 no seu engenho de Sibiró de Ipojuca, sem successão.

Bernardo Vieira de Mello, Cavalheiro fidalgo, foi Capitão-mór da villa de Iguarassú, e na expedição da conquista dos Palmares de que foi encarregado pelo Governador Caetano de Mello de Castro, procedeu tao valerosamente, como ainda hoje se publica a fama e escreve Pitta na sua Historia da America Portuguesa, livro 8.º n. 35 pag. 479, e por este grande serviço foi Capitão-mór e Governador das Armas da Capitania do Rio Grande do Norte e no seu tempo se conseguiu subjugarem-se os rebeldes Indios Jandoixs que continuadamente opprimiam aquella Capitania e ultimamente foi Sargento-mór e Commandante do Terço de Infantaria que El-rei mandou crear nos Palmares. Foi senhor do engenho de Pindoba, na freguezia de Ipojuca, que sua tia D. Juliana Bezerra, irmã de sua mãe encapellou para elle e seus descendentes (1). Casou duas vezes : a

(1) O capitão-mór Agostinho Cezar de Andrada, foi quem rendeu a Bernardo Vieira de Mello, no governo do Rio Grande do Norte, e consta de muitos attestados das principaes pessoas da dita provincia e até de um que passou o dito digo, que o referido capitão-mór Agosti-

primeira com D. Maria de Barros, filha de André de Barros Rego, Cavalheiro da Ordem de Christo e senhor do engenho de São João da Matta e de D. Adriana de Almeida, e deste matrimonio não teve successão.

Casou segunda vez com D. Catharina Leitão, filha do Capitão Gonçalo Leitão Arnoso e de Maria Leitão. Neta por parte paterna de Pedro Leitão Arnoso, natural de Braga, Cavalheiro da Ordem de Christo, Familiar do Santo Officio e proprietario do Officio de Escriptão dos defuntos e ausentes da Bahia e de D. Izabel Lopes, filha de Pedro Lopes e de D. Maria Matheus, e por parte materna de Antonio Leitão Arnoso natural de Braga, e de D. Ursula Lopes, filha do dito Pedro Lopes; e deste matrimonio de Bernardo Vieira com D. Catharina Leitão, nasceram :

André Vieira de Mello, que continua.

Bernardo Vieira de Mello, que foi Cavalheiro fidalgo professor na Ordem de Christo, proprietario do Officio de Escriptão dos defuntos e ausentes da Bahia, casou com D. Maria Felippa de Albuquerque, filha de Reynaldo Fragoso de Albuquerque e de D. Anna da Silveira Miranda e deste matrimonio não houve successão.

Antonio Leitão Arnoso.

José Vieira, que morreu menino.

D. Maria, que morreu menina.

André Vieira de Mello, Cavalheiro fidalgo, servio a El-rei e foi Alferes da Companhia do Mestre de Campo do Terço do Recife; falleceu em Lisboa; pediu pelo culparem nos levantantes desta Capitania com seu pai.

Foi casado com D. Anna Thereza dos Reis, filha de Nicolau Coelho dos Reis, Sargento-mór da Comarca de Pernambuco, natural de Corde, e de D. Maria de Faria irmã do padre José de Farias, que foi da Companhia de Jesus e do padre Frei José de Santo Antonio, que foi Definidor na Religião de São Francisco, filhos de Mathias Ferreira e de D. Maria Soares de

nho Cezar de Andrada foi quem pacificou aquella Provincia e a livrou da devastadora guerra dos Indios. Vid Cartorio do Escriptão Coslho. Livro de Registro de servicos antigos V. Miz. em 1776 e 1777

Farias, e deste matrimonio de Andre Vieira com D. Anna Thereza dos Reis, nasceram :

D. Luiza Bernarda de Mello, que succedeu na capella do engenho do Pindoba. Casou com Gonçalo Francisco Xavier Cavaleante, seu primo e da sua descendencia diremos.

D. Catharina José de Mello, que casou com seu primo Nicolau Coelho de Albuquerque, irmão de seu cunhado, diremos.

Antonio Leitão Arnoso, filho terceiro do Capitão-mór Bernardo Vieira de Mello e de sua segunda mulher D. Catharina Leitão ; é Cavalheiro fidalgo e vive no presente anno de 1748. Casou com D. Maria Muniz de Mello, sua prima, filha do Sargento-mór Christovão Vieira de Mello e de D. Ursula Leitão.

Neta por parte paterna de Gonçalo Novo de Lyra e de D. Paula Vieira de Mello, e pela parte materna, do Capitão Gonçalo Leitão Arnoso e de D. Maria Leitão, de quem acima fallamos ; e deste matrimonio de Antonio Leitão Arnoso com D. Maria Muniz, tem nascido até o presente :

Bernardo Vieira de Mello.

Antonio Leitão Arnoso.

Manoel de Mello Bezerra.

Antonio Vieira Muniz de Mello.

Christovão Vieira Muniz de Mello.

D. Ursula Leitão de Mello.

D. Catharina Leitão de Mello.

D. Ignez Maria Muniz de Mello.

N. N. N. N. que morreram meninas.

D. Angela Vieira, filha de Bernardo Vieira de Mello e de D. Maria Camello, casou com Francisco de Sá Peixoto, filho de João Peixoto Viegas e de D. Joanna de Sá, de familia nobre da dita Capitania da Bahia, para onde foram viver e lá tiveram os filhos seguintes :

João Peixoto Viegas, Coronel da Ordenança, que casou no Arrayal do Mestre de Campo Mathias Cardoso, com D. Rita,..... filha de Januario Cardoso e neta do sobre dito Mestre de Campo, e deste matrimonio nao ha successo.

José de Sá Bezerra Peixoto, que tambem foi Coronel da Ordenança e falleceu solteiro.

D. Joanna..... Religiosa em um dos mosteiros da cidade da Bahia.

D. Maria..... que vive solteira na dita cidade.

DOS MOURAS

Esta família é antiga em Pernambuco e tem nelle sua origem em D. Felipe de Moura que, dizem, viera a governar esta Capitania muito antes dos Holandezes.

Era D. Felipe de Moura filho de D. Manoel de Moura irmão de Christovão de Moura, Marquez de Castello Rodrigo, Grande de Hespanha e Vice-rei de Portugal, e valido de D. Felipe o Prudente, então rei de Portugal.

Casou D. Felipe de Moura nesta Capitania de Pernambuco com D. Genebra de Albuquerque; ainda vivia no anno de 1611 como consta do livro dos casamentos da Sé de Olinda, 1612, 1613, 1614, 1616, 18—23; filha de Felipe Cavaleante, illustre fidalgo florentino, de quem daremos noticias no titulo do seu appellido, e de D. Catharina de Albuquerque, filha bastarda de Jeronymo de Albuquerque e de D. Maria Arcoverde, e deste matrimonio de D. Felipe de Moura com D. Genebra Albuquerque nasceram:

D. Francisco de Moura, que passou a servir a El-rei em Flandres e na India, onde occupou grandes postos, e depois vindo com o primeiro soccorro á restauração da Bahia a ficou governando desde o anno de 1624 até o de 1626, como referem Brito, Liv. 2.^o n. 171, Liv. 3.^o n. 233 e 279, Pitta, Liv. A ns. 42 e 52 e outros AA. que escreveram na guerra Brasilien, teve quatro commendas, e foi senhor da Ilhe Graciosa; falleceu solteiro.

D. Antonio de Moura, que foi Governador do Cabo Verde onde falleceu solteiro e sem successão.

D. Jeronymo de Moura, que passou a servir na India, onde falleceu sem successão.

D. Paulo de Moura, que falleceu religioso da Ordem de S. Francisco desta provincia do Brasil.

D. Joao de Moura, religioso da mesma Ordem e provincia.

D. Catharina de Moura, que continúa.

D. Izabel de Moura.

D. Mécia de Moura.

D. Catharina de Moura, casou com Lourenço de Souza e Moura, de cujo matrimonio nasceram :

Lourenço de Souza e Moura, que falleceu sem successo.

Manoel de Souza e Moura, que tambem falleceu sem successão.

D. Izabel de Moura, filha segunda de D. Felippe de Moura e de D. Genebra de Albuquerque, casou com Antonio Ribeiro de Lacerda, de quem fazem honradissima memoria Brito, Liv. 1.^a n. 356, Liv. 6.^a n. 379 e Liv. 8.^a n. 656 e os mais que escreveram da guerra Brasilica.

Era Antonio Ribeiro de Lacerda filho de Manoel Ribeiro de Lacerda, soldado brioso com quem se namorou e casou D. Maria Pereira Coutinho, mulher de mui superior qualidade, natural de Paucos, por cuja causa receios o Manoel Ribeiro de Lacerda, se retirou para o Brasil deixando a sua mulher peijada de Antonio Ribeiro de Lacerda e mandando depois buscar a sua mulher e filho e vindo com effeito o acharam fallecido e se casou D. Maria Pereira Coutinho com..... Dias da Fonecca, homem nobre natural da Villa do Conde, como logo veremos. Do matrimonio de Antonio Ribeiro de Lacerda com D. Izabel de Moura nasceram :

Manoel Ribeiro de Lacerda, que falleceu solteiro e sem successão.

D. Maria de Lacerda, que casou com seu tio Felippe Cavalcante e de sua descendencia diremos.

D. Mécia de Moura, filha terceira e ultima de Felippe de Moura e de D. Genebra de Albuquerque, casou com Cosme Dias da Fonecca, natural de Pernambuco e nelle senhor de muitos engenhos, e era filho de Pedro Dias da Fonecca natural da villa do Conde da familia dos Carneiros Gázios, uma das mais nobres daquella villa e de D. Maria Pereira Coutinho, viúva que ficara de Manoel Ribeiro de Lacerda, de quem acima fallamos e neto pela parte paterna de Antonio Dias da Fonecca e de D. Joanna de Góes filha de Pedro de Góes. Deste matrimonio de Cosme Dias da Fonecca com D. Mécia de Moura nasceram :

Pedro de Moura Pereira, que continua.

Felippe de Moura e Albuquerque que no anno de 1624, embarcou feito Capitão de Infantaria em companhia de seu tio D. Francisco de Moura no primeiro soccorro que foi á restauração da Bahia, onde ficou e se casou duas vezes, a primeira com D. Felippa Pessara, a segunda com D. Maria Pimentel, filha de Antonio da Silva Pimentel e de D. Joanna de Araujo, pessoas muy nobres, e de nenhum destes matrimonios houve successão.

Manoel de Moura Rolim.

Cosme Rolim de Moura, que passou a servir na India, onde falleceu sem successão.

Francisco de Moura Rolim, tambem passou a servir na India, onde falleceu sem successão.

Paulo de Moura, que falleceu religioso da Ordem de São Francisco nesta provincia do Brasil.

Antonio de Moura, que falleceu religioso na mesma Ordem e provincia, foi baptisado na igreja do Salvador a 12 de Junho de 1611.

D. Maria Pereira de Moura, que casou com Zenobio Accioly de Vasconcellos, fidalgo Cavalheiro da Casa Real, Alcaide-mór da villa de Olinda e mestre de Campo de Infantaria do 3.º pago da praça do Recife, e de sua descendencia diremos.

Pedro de Moura Pereira, que no anno de 1609 casou com sua prima D. Francisca Cavalcante, filha de Cosme da Silveira, primo de Cosme Dias da Fonceca, seu pai e de D. Margarida de Albuquerque Cavalcante, irmã de D. Genebra de Albuquerque, de quem acima fallamos, a qual D. Margarida de Albuquerque, depois viuva de João Gomes de Mello. Do matrimonio de Pedro de Moura, que falleceu no anno de 1677, com D. Francisca Cavalcante, nasceu unica.

D. Meia de Moura, nasceu no anno de 1651 e casou no de 1673, com seu primo Antonio de Moura, como veremos.

Manoel de Moura Rolim, filho terceiro de Cosme Dias da Fonceca e de D. Maria de Moura, nasceu no anno de 1616; foi feito Capitão de Infantaria em companhia de seu tio D. Francisco de Moura, no primeiro soccorro que foi á restauração da Bahia onde falleceu no anno de 1664.

Casou na dita cidade da Bahia, com D. Anna Maria da

Silva, irmã de sua cunhada D. Maria Pimentel, filhos de Antonio da Silva Pimentel e de D. Joana de Araujo, e deste matrimonio nasceram :

Antonio de Moura Rolim, que continua.

Cosme de Moura Rolim, que falleceu solteiro na Bahia.

Felippe de Moura de Albuquerque, que tambem falleceu na Bahia solteiro e sem successão.

D. Meia de Moura, que casou na Bahia com seu primo Manoel Garcia Pimentel senhor donatario da Capitania do Espirito Santo e falleceu sem successão.

Antonio de Moura Rolim, nasceu de 1658 e falleceu na Bahia, sua patria, casou no anno de 1673 com sua prima D. Meia de Moura filha de Pedro de Moura e de D. Francisca Cavalcante e deste matrimonio nasceu unicamente :

Manoel Garcia de Moura Rolim, nasceu no anno de 1677 e casou com D. Ursula Carneiro da Cunha, filha do senhor do engenho do Meio, na freguezia da Varzea e de D. Anna Carneiro de Mesquita, no anno de 1701 e até o presente de 1748 não ha deste matrimonio successão.

DA FAMILIA DOS SOUZAS

A familia dos Souzas da Jurissaca é antiga nesta Capitania onde tem illustrissima origem em D. Luiz de Souza, filho de D. Francisco de Souza, Alcaide-mór de Rija e Governador da Bahia e de D. Leonor de Menezes filha de D. Rodrigo de Castro o *Hambrioto* e Alcaide-mór e Commendador da Cea, e Capitão de Cavallos, da sua nobilissima ascendencia tratam largamente os Nobiliarios de Portugal, e Carvalho na sua *Corog. Port.* tom. 1.^o Pact. 3.^o Cap. 11, pag. 1249.

Não podemos descobrir com certeza o anno em que passou a Pernambuco D. Luiz de Souza, mas é verosimil seria pelos annos de 1591 até 1602, em que seu pai governou o Brasil e só temos certeza de que no de 1635 já era fallecido, segundo escreve Brito, Liv. 8.^o n. 657 pag. 345.

Casou nesta Capitania de Pernambuco com D. Catharina Barreto filha de João Paes Velho Barreto, instituidor do morgado de Nossa Senhora Madre de Deus do Cabo de Santo Agostinho e de D. Ignez Gardez, neta primeira pela parte paterna

de Antonio Velho Bernardo, Morgado de Balheira, na villa de Vianna e de D. Marianna Pereira da Silva, da Casa de Regaladas, e pela materna de Francisco Curvado de Andrade e de D. Maria Tivares Gardez; e deste matrimonio de D. Luiz de Souza com D. Catharina Barreto nasceram os filhos seguintes:

D. Pedro de Souza, que falleceu sem successão.

D. Francisco de Souza, que tambem falleceu sem successão.

D. João de Souza, qu continua.

D. Diogo de Souza, que passou a Portugal e lá foi Religioso da Ordem da Santissima Trindade.

D. Helena de Souza, que falleceu religiosa em Portugal.

D. Angela de Souza, que tambem falleceu religiosa em Portugal.

D. João de Souza, servio com muita honra na guerra da restauração desta Capitania, sua patria, e depois da guerra foi Mestre de Campo do Terço pago de Infantaria da Praça do Recife e Commendador das Commendas de Santo Eurico, de S. Fions, na Ordem de Christo. Casou com D. Ignez Barreto de Albuquerque, filha de Felippe Paes Barreto, senhor do Engenho de Garapú e de D. Brites de Albuquerque.

Neta por parte paterna de João Paes Velho Barreto, instituidor do Morgado de Nossa Senhora da Madre de Deus do Cabo de Santo Agostinho e de D. Ignez Gardez, e por parte materna de Antonio de Sá Maya e de D. Catharina de Mello e Albuquerque; e deste matrimonio de D. João de Souza com D. Ignez Barreto, que foram os instituidores e fundadores da Igreja de Nossa Senhora do Paraíso e hospital desta villa do Recife, nasceu unico:

D. Luiz de Souza, que falleceu menino.

DA FAMILIA DOS FURNAS, PROPRIETARIOS DOS OFFICIOS DE JUIZ DE ORPHÃOS E ESCRIVÃO DA CAMARA DA CIDADE DA PARAHYBA

O nome da familia dos Furnas é Antonio Fernandes Furnas, Cavalleiro da Ordem de S. Thimo, que veio a esta Capitania com o posto de Capitão-mór Governador das Armas da Capitania do Rio Grande . . .

Não podemos desdobrir com certeza o anno em que passou a Pernambuco Antonio Fernandes Furnas, nem de quem era filho e só sabemos que era natural da Ilha da Madeira, onde seu irmão primogenito, a quem ignoramos o nome, casou com D. Catharina de Aragão, mulher da primeira distincção daquelle Ilha, e tambem sabemos que seus irmãos Manoel Fernandes Correia e Francisco Fernandes Furna, que morreram em Lisboa foram Cavalheiros da Ordem de Christo, e que este ultimo fora tambem familiar do Santo Officio e delle procedeu a familia do Conego de Lisboa, Fernando de Almeida, seu neto.

Antonio Fernandes Furnas, casou nesta Capitania com D. Beatriz de Souza e Abreu, filha de Paulo de Souza proprietario de um officio de Tabellião da cidade de Olinda (então villa) pela sua mulher D. Catharina Luiz, naturaes do Porto, dos quaes tambem é filho Aleixo de Souza, o velho; e deste matrimonio houveram alguns filhos, que por não deixarem successão se fizeram esquecidos, e só conservamos a memoria do seguinte:

Luiz de Souza Furna, que continua.

Antonio Fernandes Furna.

Luiz de Souza Furna, viveu na Capitania da Parahyba, onde foi Coronel da Ordenança, proprietario dos officios de Juiz de Orphão e Escrivão da Comarca, possuio muitos bens e soube conciliar um respeito e veneração grandes e universal. Casou com D. Catharina Simão de Albuquerque Maranhão, fidalgo da Casa Real, e de D. Izabel da Camara.

Neta por parte paterna de Jeronymo de Albuquerque, fidalgo da Casa Real e restaurador do Maranhão e de D. Catharina Fery Goardez, e por parte materna de Pedro Gago da Camara e de D. Izabel de Oliveira, pessoas mui principaes do Rio de Janeiro, e deste matrimonio de Luiz de Souza Furna com D. Catharina Simão de Albuquerque, nasceram:

Mathias de Albuquerque Maranhão, que continua.

D. Brites de Albuquerque, que não teve estado.

Mathias de Albuquerque Maranhão, viveu no presente anno de 1748, na cidade da Parahyba, velho e louco; foi casado com D. Margarida Muniz de Mello, filha de Dionizio Vieira de Mello, Cavalheiro fidalgo e professo na Ordem de Christo, e Capitão de Infantaria, e de D. Maria Bealosa, dos quaes já fallamos; e por este casamento foi Mathias de Albu-

querque senhor do engenho de Tapyra, na freguezia de Ipojuca que para elle e seus descendentes encapellou o Padre Francisco Dias Teixeira, tio de sua mulher. Deste matrimonio de Mathias de Albuquerque Maranhão com D. Margarida Muniz de Mello, nasceram :

Antonio de Albuquerque Maranhão, que no presente anno de 1748 é Capitão do Regimento de Dragões desta Capitania e Commandante da freguezia de Ipojuca, Administrador da Capella do engenho de Tapyra. Casou com D. Joanna Vieira de Sá, filha de João Alves Vieira, Cavalheiro da Ordem de Christo e familiar do Santo Officio e de D. Margarida de Sá. E deste matrimonio não ha até o presente successão.

Francisco de Mello Muniz, Capitão de Auxiliares do Terço de João Marinho, que vive solteiro em Ipojuca.

D. Maria de Albuquerque, que vive solteira.

D. Luiza de Albuquerque, que vive solteira.

D. Izabel da Camara de Albuquerque, que vive solteira.

DOS MONTEIROS

Esta familia se tem conservado limpa e se acha hoje com bastante nobreza e luzimento. Teve principio em Domingos Monteiro de Oliveira, a quem acho assignando termo de irmão da Misericórdia de Olinda a 3 de Julho de 1577, e delle consta que era natural de Ancedo, bispado do Porto e filho de Agostinho de Oliveira e de sua mulher D. Maria Monteiro ; foi casado com D. Maria Dias Vidreira, natural do mesmo bispado do Porto, e della teve, entre outros filhos, de que não tenho noticia, os quatro seguintes :

D. Paula..... mulher do Capitão Antonio Fernandes Mattos, Cavalheiro da Ordem de Christo, bem conhecido pelos grossos cabedais que possuiu, pela fundação do Collegio dos Padres Jesuitas do Recife e Ordem Terceira de São Francisco da mesma villa e pela fortaleza edificada á sua custa, que ainda hoje conserva o seu appellido.

D. Marianna Monteiro, que continúa.

D. Maria Dias, mulher do Sargento-mór Alvato Pereira que não tenho noticia se teve successão.

D. Luiza..... adiante.

D. Marianna Monteiro, casou duas vezes ; a primeira com Manoel Gonçalves Bandeira, natural de Lisboa, e a segunda com Antonio Alves Lima com quem se achava casada a 6 de Novembro de 1716 (sendo sua terceira mulher) o que consta do termo de Irmão da Misericórdia, que assignou o dito Antonio Alves Lima, que era natural da villa de Barcellos e filho de Balthasar Gonçalves Lima e de sua mulher Maria Mendes Mendes Pereira, nasceram :

Do primeiro matrimonio :

D. Anna Bandeira, que continua ;

N..... Bandeira ;

D. Maria Bandeira, adeante ;

N..... Bandeira, da Congregação do Oratorio e depoisda Reforma ;

D. Maria Bandeira, adeante.

Do segundo matrimonio :

Miguel Alves Lima, adeante ;

D. Paula Monteiro de Lima, adeante.

D. Anna Bandeira, casou com Jeronymo Deniz e foram seus filhos :

José Deniz, presbytero da Congregação do Oratorio do Recife.

Fr. Alexandre..... Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Provincia da Reforma.

Fr. Jeronymo..... Religioso da mesma Ordem na Provincia da Observancia da Bahia.

D. Paula Deniz Bandeira, que continua.

D. Ignacia Deniz Bandeira, adeante.

D. Maria Deniz Bandeira, adeante.

D. Paula Deniz Bandeira, casou com Antonio de Torres Bezerra, familiar do Santo Officio e teve os filhos seguintes :

Antonio de Torres Bandeira, que continua.

Fr. Jeronymo de Santo Antonio, Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Provincia da Reforma e Prior do Convento do Recife.

Manoel de Torres Bandeira, adeante.

Fr. Felipe..... Religioso da dita Ordem na Provincia da Observança.

Fr. Felix, Religioso da mesma Ordem, na Província da Reforma.

S. R. adeante.

B. adeante.

B. solteira.

Antonio de Torres Bandeira, indo estudar a Coimbra casou em Lisboa com D. Angelica, com quem voltou para a patria onde servio com o officio de Almoxtarifé da Fazenda Real e por isso se ausentou para Lisboa onde vive. Teve os filhos seguintes:

Manoel de Torres Bandeira, casou com D. Angelica filha de Francisco Lopes de Barros, senhor do engenho de André em Goyanna.

B. casou com Francisco Lopes de Barros, irmão do Padre que tambem se chamou Francisco Lopes de Barros que morreu no engenho Novo de Goyanna, e filhos do dito Francisco Lopes de Barros, senhor do engenho Arodié.

B. casou em Goyanna no engenho do Jacaré com

D. Ignacia Deniz Bandeira, casou duas vezes: a primeira com João Correia Vieira familiar do Santo Officio; e a segunda com Manoel Alves Guimarães, que falleceu na Bahia. Ensaador da Casa da Moeda. Não sei se teve filhos deste segundo matrimonio, porem do primeiro nasceram:

Fr. Alexandre da Purificação, Monge Benedictino, Doutor em theologia pela sua Religião e Abbade da Parahyba.

João Correia Vieira, que vive no sertão de Quixeramobim da Capitania do Ceará.

D. Maria Deniz Bandeira, casou com Francisco Antunes de Araujo, familiar do Santo Officio e teve os filhos seguintes:

Fr. Francisco de Santo Agostinho, Religioso da Ordem de São Francisco.

Fr. Joao Baptista da Purificação, Monge Benedictino.

Fr. Vicente de Santa Engracia, Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Província da Reforma.

Sebastiao Antunes de Araujo, cavalleiro da Ordem de Christo, que foi casado com D. Luiza, viuva do Tenente de Mestre de Campo General Eugeneiro e Commandante de Artilharia Joao de Macedo Corte Real e filha de An-

tonio de Araujo Lopes, e de sua mulher Anna Maria, a qual D. Luiza por morte de Sebastião Antunes casou terceira vez.

José Antunes de Araujo que continúa.

D. Maria Deniz Bandeira, adeante.

D. Josepha Deniz Bandeira, adeante.

D. Anna Bandeira, foi segunda mulher do Jeronymo de Albuquerque Maranhão, fidalgo da Casa Real, filho do Mestre de Campo Affonso de Albuquerque Maranhão e de sua mulher D. Adrianna Vieira de Sá. (Vide titulo de Albuquerque.)

José Antunes de Araujo, que mora em Taquara, casou com sua sobrinha D. Josepha, filha do Coronel Domingos Fernandes de Souza, e de sua mulher D. Maria,

D. Maria Deniz Bandeira, casou com o Coronel Domingos Fernandes de Souza, familiar do Santo Officio, e tiveram quinze filhos os quaes tem hoje uma descendencia muito grande e notavel, procure-a quem tiver interesse de saber.

Francisco Fernandes de Souza, Clerigo Presbytero.

Domingos Fernandes de Souza, adeante.

N..... adeante.

Fr. Manoel da Ressurreição, Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Provincia da Reforma e Mestre na sua Religião.

Fr. Domingos, Religioso da mesma Ordem na Provincia da Ordenança.

Fr. José de Jesus Maria Souza, Religioso Franciscano.

D. Maria Deniz Bandeira, adeante.

D. Josepha Deniz Bandeira, que casou com seu tio o Capitão José Antunes de Araujo, como acima vimos.

Joaquim,

Domingos Fernandes de Souza, casou com D. Thereza da Silva Gama, filha do Capitão Antonio da Silva Gama e de sua mulher D. Anna da Silva Gôrjão, 3 filhos.

João Francisco de Souza, a quem mandaram em Parahyba depois que vim para o Ceará, casou com D. Josepha, a qual depois de viúva casou-se com Francisco de Macedo e teve dois filhos.

D. Anna Francisca Sr., casou com o Tenente-coronel

Manoel Alves de Carvalho de Alves Correia, filho.....
e nasceram dahi tres filhos.

D. Josepha Deniz Bandeira, casou com o Capitão Antonio Baudista Coelho, que foi Almoxarife, e deste matrimonio nasceu um só do mesmo nome.

D. Maria Bandeira, casou com Francisco Gonçalves da Silva natural de Vianna e deste matrimonio nasceram :

Fr. Manoel de Jesus Maria, Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Provincia da Reforma.

Fr. Francisco..... Religioso da mesma Ordem e Provincia, que foi Prior de Goyanna.

D. Anna Bandeira, que continua.

D. Maria José Bandeira, adeante.

D. Anna Bandeira, casou com Luiz da Costa Monteiro, familiar do Santo Officio e irmão do Capitão-mór João da Costa Monteiro em quem adeante se ha de fallar ; e deste matrimonio nasceram :

Francisco da Costa Monteiro, Clerigo Presbytero, Commissario do Santo Officio.

Domingos da Costa Monteiro, Cavalheiro da Ordem de Christo, formado pela Universidade de Coimbra e ao presente Deputado da Companhia Geral.

D. Maria Bandeira, que continua.

D. Thereza..... adeante.

D. Maria Bandeira, casou com Antonio Gomes..... familiar do Santo Officio.

D. Thereza..... casou com o Dr. José Ignacio da Cunha, Cavalheiro da Ordem de Christo, familiar do Santo Officio e Thesoureiro fiscal do Bispado de Pernambuco, filho do Capitão Luiz da Cunha e de sua mulher Joanna Gomes. E deste matrimonio nasceram :

D. Maria José Bandeira, casou com o Capitão-mór Domingos Ribeiro de Carvalho. E deste matrimonio nasceram : João Pires de Carvalho, Clerigo de Ordem sacras.

Miguel Alves Lima, filho de D. Marianna Monteiro n. 2, e do seu segundo marido o Tenente Antonio Alves Lima ; foi Sargento-mor das Ordenanças da cidade de Olinda e Escrivão da Camara Ecclesiastica, e tambem servio de Escrivão da Fazenda. Casou com D. Maria José do Desterro, viúva de An-

tonio Bezerra Cavalcante, o Mudo, e filha do Dr. Francisco Calheiros e de sua mulher D. Thereza da Silva Vieira. E deste matrimonio nasceram :

Fr. Francisco de Jesus Maria, Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Provincia da Observancia.

Fr. José Joaquim de Santa Anna, Religioso da mesma Ordem e Provincia.

Antonio José Alves Lima, Clerigo.

D. Paula Monteiro de Lima, que casou na Parahyba com seu primo o Coronel Francisco Pinto Correia senhor do engenho Enhubim.

D. Marianna Monteiro de Lima, que casou em Olinda com o Capitão de Ordenanças Antonio Dantas Correia, senhor do engenho Frugoso.

O Capitão Francisco Alves de Lima, que casou com D. Antonia Nogueira, que era filha do Mestre de Campo Gonzalo Pinto Calheiros e de sua mulher D. Joanna Tenorio.

D. Paula Monteiro de Lima, casou com João da Costa Monteiro, Cavalheiro da Ordem de Christo e Capitão da villa do Recife, e tiveram os filhos seguintes :

José da Costa Monteiro, Clerigo Presbytero.

Joaquim da Costa Monteiro, Clerigo Presbytero.

Antonio da Costa Monteiro, Clerigo Presbytero que foi da Congregação do Oratorio de Nossa Senhora Madre de Deus.

João da Costa Monteiro, que continua.

D. Marianna Monteiro, que casou com o Coronel Ignacio Machado Freire, filho do capitão Miguel Machado Freire e de sua mulher Joanna Gomes; e da sua successão se escreve na familia dos *quatro cunhados*.

D. Josepha Thereza da Costa, que casou com o Capitão Ignacio Rabello Leitão, filho de Ignacio Rabello da Rocha e de sua mulher D. Maria Leitão. (Vid. tit. Leitões Arnoz.)

D. Thereza Josepha da Costa, adeante.

D. Anna Victoria, que casou com Antonio José da Maia Collaço, filho de Francisco Xavier da Maia e de sua mulher D. Anna Thereza Mauricia de Brito Campello. (Vid. tit. de Campellos.)

João da Costa Monteiro, foi familiar do Santo Officio e

Coronel dos Reformados. Casou com D. Thereza Maria da Santissima Trindade, filha do Capitão Julião Raposo de Aguiar e de sua mulher D. Maria Correia (em tit. de *quatro canhaudos*).

E deste matrimonio nasceram

D. Thereza Josepha da Costa, casou com o Dezenbargador Antonio Ferreira Gil. E deste matrimonio nasceram:

D. Luiza..... casou com João Velho Gondim; e deste matrimonio nasceram:

José Velho Gondim, Clerigo Presbytero.

Fr. Francisco, Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Provincia da Observancia.

D. Manuella..... que continua.

D. Manuella casou com Belchior Fernandes e viveram.....

B..... que casou duas vezes, a primeira com o Sargento-mór Antonio da Cunha Ferreira, proprietario do Officio de Escrivão da Alfandega do Recife e foi sua segunda mulher; e a segunda vez casou com Antonio Velloso da Silveira, familiar do Santo Officio..... filho de Diogo da Silveira Velloso, que foi Tenente do Mestre de Campo General, Engenheiro e Commandante da..... e de sua mulher D. B.... Theodosio. Deste segundo matrimonio nem ha nem pode haver mais filhos, e do primeiro nasceu unico:

Miguel da Cunha Ferreira, que casou com D..... filha do Dezenbargador Antonio Ferreira Gil.

(Continúa.)



A Imprensa em Olinda

ESCORÇO BIBLIOGRAPHICO

Não obstante ser Olinda a mais antiga cidade pernambucana e por longos annos a capital da capitania e da provincia apóz, a imprensa tardou muito em assentar arraiaes, e ainda assim provisórios, nos seus domínios.

O Recife viu-a pela primeira vez, como diabolico e condemnavel artificio, apesar de só imprimir devotas orações, no mesquinho prélo mandado sequestrar pela Ordem Regia de 8 de Julho de 1706; em 1817, ao influxo das idéas liberrimas dos patriotas republicanos, conheceu-a como prodigioso instrumento de propaganda democratica, na *Officina Typographica da Republica de Pernambuco 2.ª vez restaurada*, de que sahiram o famoso *Preiso* de José Luiz de Mendonça e numerosas proclamações e manifestos; e, em 1821, rejubilou-se com possuil-a enfim definitivamente como arma efficacissima na luta pela liberdade.

Seguiu-se Goyanna, que fruiu-lhe as compromettedoras vantagens no fervor revolucionario precedente á Confederação do Equador, laborando ali, em principios de 1824, a *Typographia Particular do Gabinete Patriotico*, de que ainda nos resta uma proclamação datada de 10 de Fevereiro daquelle anno;

mas, só sete annos mais tarde devia a velha Olinda contar no seu ambito uma typographia activa e fecunda, si bem que de ephemera existencia.

Com effeito, só em meados de 1831, mais dum triennio apóz a installação do Curso Juridico, estabeleceram a firma—*Pichereau, Fereira & Comp.*, ali, á rua do Amparo n. 22, uma officina typographica que laborou por espaço de quasi dous annos, dando á luz varios livros, folhetos e periodicos, todos notaveis pelo seu aspecto artistico, belleza de composição, esmero de revisão e cabida da impressão e de dos hoje de extrema raridade.

O primeiro daquelles, impresso já em 1831, foi a obra de Raimon Sales, o famoso doutor de Salamanca, intitulada — *Licenças de Direito Publico Constitucional*, traduzida por D. G. L. D'Andrade (8. XXIV + 152 pp., 2 fls.).

O anno de 1832 foi muito mais fértil, sahindo durante elle da typographia de Olinda as seguintes publicações :

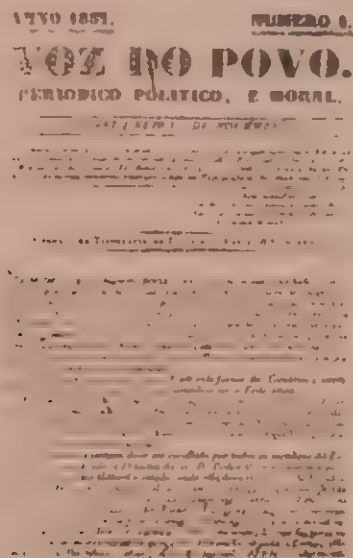
Elementos de Economia Politica, de Stuart Mill, traducção do francez confrontada com o original inglez pelo Dr. Pedro Autran da Matta e Albuquerque e os então academicos Alvaro Teixeira de Macedo e seu irmão Sergio Teixeira de Macedo ; o *Elogio da Leitura* por Erasmo, traducção do mesmo Dr. Pedro Autran ; as *Cartas de Escho á Natureza*, por Antonio Feliciano de Castilho, em nova edição offerceida á mocidade academica de Olinda e seguida de differentes peças relativas ao mesmo objecto [in 12, 168 pp.]; a *Tactica das Assembléas Legislativas*, obra extrahida dos manuscritos de Mr. Jeremias Bentham por Mr. Et. Doumont, de Genebra, traduzida do francez por ... e revista e depurada por ... (in 8, 247 pp.) ; uma traducção do *Microcosm* de Voltaire ; a traducção do inglez da novella de Anna Radcliffe intitulada *A Caverna da Morte* ; um compendio de *Grammatica Portugueza*, e um folheto contendo a *Defesa* de Nicolau Rodrigues dos Santos França Leite accusado do crime de abuso da liberdade de imprensa.

Entim, em 1833, antes de se transferir para o Recife (1), a imprensa olindense ainda deu á luz um *Codigo do Processo Criminal*, derradeiro livro que ali foi então impresso.

Foi menos copiosa em especies, conquanto mais numerosa em edições, a imprensa periodica, inaugurada, em Novembro

mente mercantil de propriedade da firma em cuja typographia se imprimia: dos raros numeros que podemos examinar nos parece provavel durasse até meados de 1832.

Ao tempo do apparecimento d' *O Mercurio* surgiu igualmente em Olinda, a 2 de Novembro de 1831, o primeiro numero dum outro jornal de menores dimensões e indole assaz diversa. Foi a *Voz do Povo*, periodico politico e moral, redigido pelo estudante pernambucano Henrique Felix de Dacia;



pugnava ardentemente pelo federalismo, então muito em voga, e tinha como programma os seguintes versos de Francisco Manoel:

«.....dizei coisas mais altas,
« Que discrida não pensa a impiedade,
« Mas, que da sãa virtude sejam dignas.»

Não se publicava a intervallos regulares, a sua assignatura era de 320 réis por mez e o formato in-4: até 12 de Outubro de 1832 sahiram 24 numeros e em 2 de Maio do anno seguinte reapareceu, com o n.º 25, tendo o titulo mudado para *Voz do Povo Pernambucano*, mas continuando a ser impresso na mesma typographia de *Prochero, Faria & Comp.*, já então

transportada para o Recife e localizada no predio n. 5 da rua das Cruzes. (1)

Mudança inversa fora, dois annos antes, operada com o *Olindense*, outro jornal politico e litterario de importancia

N. 98.
ANNO XI DA INDEPENDENCIA
SABADO 31 DE ABRIL
1857
OLINDENSE.
JORNAL POLITICO, E LITTERARIO

INTERIOR
PERNAMBUCO

Para que se tenha appareado nos juramentos a Província a descripção das armas, terminando as redacções que tiveram lugar nos dias 15 e 16 do corrente, com tudo nos juramentos de novo a referidos em situação ao que derivou os seguintes da somma

No dia 14 do corrente teve o Governo Lima denuncia de que os absolutistas pretendiam proclamar D. Pedro II, e o Ex.º Perante o Conselho de Estado e de accordo com o Sr. Comandante das Armas por em pratica tudo, que foi possível a fim de salvar a ordem, mandando se applicar o remédio por que a mal se havia tornado incurável, a despeza de todas as medidas preventivas, na noite de 14 para 15 do corrente, foi feita a tomada do forte, e sempre abominavel Francisco Jose Martins, e sustentado pelo Batalhão 53 e parte do 51 destacamento da Fortaleza de Brum, officiaes, e prisioneiros por para aquelle fim estado em

Señalado do Bairro do Recife se encontrava se dirigido a Fortaleza de Brum, cuja jornada com incrível facilidade lhe foi franqueada pelo entranhamento procedimento, na tal vez conveniencia de Comandante, e que quiz que lhe custasse a vida a luta dos nozes mais estimaveis Patriotas o Sr. Major Mello, que fellemente salta-se precipitando-se da muralha da Fortaleza

Na mesma occaſão foi acometido em um risco o Sr. Intendente, a quem pertencia a Providencia comar com tudo, o fim de persuadir (como em outras occasiões) a respeito de

ra o Brigue Barro Fungo que sempre em todo o tempo de durarem o lugar, que do fructo com o largo do latidude, respondendo com

Lugar na manhã do dia 16 preparando os batallhões da parte dos facciosos, que felle fortemente reagido pelo Batalhão 53 e alguns Cidadãos Comandados pelo Sr. Capitão Lameira, e bem porque de Artillaria sob o directo do Sr. Capitão Lameira, e a respeito do mesmo dia 17 rebeleião em Acção, a guerra do Olinda hum convito do Ex.º Sr. Comandante, e a respeito do mesmo dia 18 Antonio, na vultade de que posen a caudado e capte parte da Academia, mas na altura das Salinas appareo o Sr. Major S. Tyago, que se fez voltar desado que da parte do Governo houveram de ocupar a Fortaleza do Barro, e que foi promptamente escometido, e mandado a morte do Sr. Major e a morte do ponto com mais 30 Pracs e hum offical do Batalhão 51 aqui relacionados comarado logo a fazer logo salte a Fortaleza de Brum

As 11 horas chegado ao Bairro de S. Antonio, e a respeito do mesmo dia 19 Francisco Jacinto com 30 Pracs de 4 e 12 e 18 millos, Major Francisco Antonio das Salinas, e Comandante o Sr. Comandante do mesmo Bairro, e o Sr. foi por a respeito em Santo Amaro. A guerra de guerra Rio de Preto passou de fronte de Allença contra os facciosos, e mandado felle grandes em

Outra do dia 15 e toda a noite passou-se em hum fogo continuo de parte a parte: Os estragos que se fizeram no entranho, e mandado pelo felle de terra, e mar se desmancho da guerra que sustentado a Fortaleza de Brum, a qual se em

muito mais consideravel: começando, a 2 de Maio de 1851, a sair dos presos da *Tipographia Fidei*, de J. N. de Meilo, e situada no Recife á rua das Flores n. 18, passou, em Novem-

(1) Em 2 de Março de 1853 Pinheiro A. Paula fizeram a declaração legal de haverem mudado a sua tipographia do Olinda para a rua das Cruzes D. 5 Bairro do Santo Antonio Recife. *Acta do M. Municipal do Recife* Livro 1 dos termos de responsabilidade

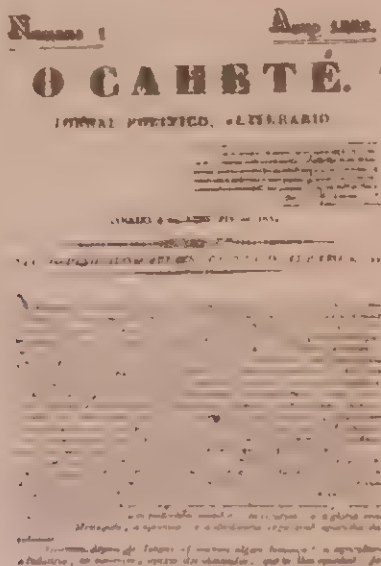
Da mesma natureza foi o *Congiador Pernambucano*, do academico paralybano Nicolau Rodrigues dos Santos Franca Leite, surgido a 26 de Novembro de 1831 e que durou até meados do anno seguinte. Este tomara de empréstimo a Voltaire o seu motto, transcrevendo no cabeçalho os seguintes versos :

« Descends du haut des cieux auguste verité,
« Repands sur mes écrits ta force et ta clarté :

« C'est a toi de montrer aux yeux des nations
« Les coupables effects de leurs divisions ;
« Dis comme la discorde a troublée nos provinces,
« Dis les malheur du peuple et les fautes des princes. »

Era semanal e custava 320 réis por mez.

Entim *O Caheté*, o ultimo periodico impresso entao em Olinda, foi uma folha de *casculinhos* ; dizia-se — jornal poli-



tico e litterario e proclamava valentemente as ideas de C. H. Lucas : « Acabou-se o tempo, em que a força fisica sustentava as

Impérios : hoje não são os humanos, são os princípios, os interesses os deuses, que conspiciam, e formam um poder, que não morre, nem se dá a reconhecer, nem debaixo do estufo. » Era redigido pelo estudante de preparatórios Joaquim Baptista e Mello, que só logrou publicar dois números : o primeiro a 4 de Janeiro, e o segundo e ultimo a 11 de Fevereiro de 1832, apesar de propôr-se a elevar o nível moral do povo brasileiro e a combater o estrangeirismo.

Contudo, a prolongada ausencia duma typographia em Olinda não obsteu circulassem ali, sessenta annos mais tarde, periodicos de interesse local ou dizendo-se ali editados, não obstante serem quasi todos impressos no Recife.

Assim, a 25 de Dezembro de 1890, dia do Natal e no auge da estação balnearia, foi ali distribuido o primeiro numero d' *A Vida*, subintitulado « revista semanal olindense » — e da redacção dos academicos Brito Inglez, Mello Rezende e Picango Diniz : era um jornalzinho pillerico e satyrico, que deu o seu ultimo numero (6.) a 8 de Fevereiro de 1891. Antes, porém, emulára com elle em facécias e deliquies *O Sino da S.*, tangido, a partir de 28 de Dezembro de 1890, por um outro grupo de espirituosos rapazes.

Feição mais sizuda e intuitos mais utilitarios, parece ter tido o hebdomadario intitulado *O Correio de Olinda*, apparecido, a 4 de Janeiro de 1891, para logo extinguir-se.

Pouco antes o Rym. Sr. Conego Marcelino Pacheco do Amaral, pretendendo dar á luz uma sua importante obra, fez vir do Rio de Janeiro uma typographia, que installou em Olinda e denominou de *Imprensa Economica*, e na qual, de 1888—90, foi impresso o seu *Compendio de Theologia Moral* (3 vols., in-4. I—552 ; II—588 e III—692 pp.) : ultimada a publicação do livro comprou a typographia o Dr. Antonio Pereira Simões ; então Evaristo Wanderley e Antonio Corrêa de Oliveira, proprietarios e redactores do periodico critico e noticioso — *O Artista Brasileiro*, que, desde 18 de Janeiro de 1891, começára a apparecer no Recife, e desde entao passou a ser impresso na antiga capital ; subsistio até Maio de 1892, quando a 12 lhe succedeu *O Município*, de gerencia do primeiro dos seus redactores ; este seminario perdurou até fins do anno seguinte, quando tambem surgiu, em Outubro de



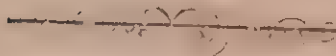
1893, o *Don Quixote*, jornalzinho crítico e noticioso, redigido por João C. Montarroyos e Antonio S. de Santa Clara.

Posteriormente os monges beneditinos adquiriram e man-tiveram, no seu Mosteiro de Olinda, a typographia d'*O Mu-nicipio*; entretanto, *O Estandarte Catholico*, publicação de propaganda religiosa por elles promovida e dirigida, devido á iniciativa do Rm. Abade Dom Geraldo van Ceulen, desde o seu apparecimento, em 1 de Novembro de 1899, até passar a surgir na capital da Bahia, foi sempre impresso no Recife, na typographia d'*A Provincia*.

O mesmo se edita com o excellente hebdomadario po-litico e noticioso *Gazeta Olindense*, proficientemente redigido pelos academicos Nyrro Dornellas Camara, Olivio Dornellas Camara e Luiz Candido Pontual de Oliveira, e os Srs. Antonio Luiz de Drummond Miranda e Maitheirinho Monclar Caval-canti de Albuquerque.

Sahia dos prelos da Livraria Beaulieu, de Lins Vieira & C., á rua 15 de Novembro, n. 46, Recife; no periodo de 20 de Junho a 24 de Outubro de 1903, tempo de sua existencia, publicou 19 numeros, fazendo uma tiragem média de 1,000 exemplares.

Alfredo de Carvalho





O ASSEDIO DO RECIFE

EM

1821

(Impressões duma senhora ingleza)

Um dos episodios mais brilhantes da historia de Pernambuco, tão opulenta em fastos gloriosos, é sem duvida o nobre e fecundo movimento revolucionario que, rebentando em Goyanna em fins de Agosto de 1821, determinou dous mezes apôz a retirada do Governador Luiz do Rego Barreto, a quem desde 1817 a corte do Rio de Janeiro confiara os destinos da então provincia.

Felippe Mena Callado da Fonseca, num opusculo hoje bastante escasso, pelo que brevemente será reeditado nestas paginas, historiou do lado dos insurgentes as curiosas peripecias daquelle drama politico-militar, cuja scena principal foi o assedio do Recife; Luiz do Rego, por sua vez, na *Memoria*

Justificativa que publicou em Lisboa no anno de 1822, relatou os successos de accordo com a defeza dos seus actos.

Ambos, porém, peccam pelo espirito de partidarismo violento que animava os seus autorés e, apesar de muito apreciaveis como depoimentos de testemunhas presenciacas, não podem deixar de, em muitos pontos, provocar suspeitas, attento o character official e a intima intervenção que, no desenrolar dos acontecimentos, tiveram o trefêgo secretario da *Junta de Goypatuna* e o desadorado proconsul portuguez. Por estes motivos crêmos ser de subido interesse a divulgação das impressões de pessoa inteiramente alheia as paixões politicas dos narradores acima mencionados: pessoa que, favoravel á causa dos independentes, manteve estreitas relações de amizade com o seu contendor, e tinha ainda a recommendal-a, como apta a penetrar no intimo dos acontecimentos, a perspicuidade propria do sexo feminino.

Justamente no momento critico do inicio das operações bellicas, quando fechado o sitio do Recife as vanguardas adversas travavam as primeiras escaramuças, aportou á cidade obsidionada a fragata ingleza *Doris*, do commando do capitão T. Graham. Vinha tambem a bordo a esposa do mesmo official Mrs. Maria Graham, senhora distinctissima sob todos os aspectos e igualmente muito apreciada como escriptora.

A fragata demorou-se no porto do Recife de 21 de Setembro a 14 de Outubro de 1821, e durante este espaço de tempo Mrs. Graham teve oportunidade de visitar demoradamente a cidade e os seus arredores, notar os habitos e costumes dos habitantes, frequentar o palacio do governador e o quartel general dos insurgentes, confabulando com igual urbanidade com os sitiados e os sitiantes, colhendo por toda a parte observações interessantes logo registradas no seu diario de viagem, no dizer de Oliveira Lima, escripto com aquella propriedade de expressão e sentimento de paizagem que os inglezes tanto possuem.

Deste seu *Journal of a voyage to Brazil*, impresso em Londres no anno de 1824, traduzimos as seguintes paginas relativas a Pernambuco, acompanhando-as das gravuras do original e de mais duas, pertinentes ao assumpto, extrahidas da obra do pintor allemão Mauricio Rugendas, intitulada *Moh-*

esche Reise in Brasilien e apparecida, em 1835, em Muehhausen.

E' sobretudo notavel a imparcialidade que preside a todas as suas apreciações dos homens e das cousas, a serena amenidade dos seus juizos e o vivo colorido com que descreve as maravilhas da nossa natureza.

Acompanhemol-a, pois, desde que, curiosa e inquieta, lobrigou numma borrascosa manhã, surgindo vagamente do mar agitado, as plagas pernambucanas, até quando, grata e saudosa, lles disse adeus por uma noute fêrica de plenilunio.

—

Sexta-feira, 21 de Setembro de 1821. — Enfin estamos á vista da costa do Brasil, que é aqui baixa e verdejante, cerca de dous grãos ao norte da ponta primeiramente descoberta por Vincente Pinzon em 1500 (1).

O tempo está muito tormentoso e o mar muito grosso; estamos ancorados a proximamente oito milhas de Olinda, a capital de Pernambuco, em quinze braças de fundo; conquanto tenhamos disparado mais de um tiro de peça pedindo um pratico, não ha signal da vinda de algum.

Sabado, 22 de Setembro. — A's nove horas da manhã o intendente da marinha deste lugar veio a bordo com o capitão do porto, e o navio foi por este pilotado ao ancoradouro, distante cerca de tres milhas da cidade e com oito braças de fundo. A amarração é inteiramente desabrigada e o mar continúa muito encapellado. Não admira nao tenham ouvido e respondido os tiros disparados a noute passada. Mr. Dancer, que foi enviado á terra com officios ao governador e ao consul inglez em exercicio, encontrou o lugar em estado de sitio, e regressou em companhia do coronel Patrouhe (2), ajudante de campo do gover-

(1) Cabral foi o primeiro a tomar posse do paiz, a quem chamam de - Terra da Santa Cruz -, para a coroa de Portugal. Amerigo Vespucci, em 1501, denominou-o Brasil, devido á madeira deste nome.

N. da A.

(2) Era o coronel João Antonio Patrone.

N. do T.

maior, o qual nos fez do presente estado de Pernambuco a descripção seguinte :

Além das manifestas tendências revolucionarias, que sabiamos de ha muito existirem no Brasil, havia tambem certa rivalidade entre portuguezes e brasileiros, que recentes acontecimentos avolumavam em não pequena escala. A 25 de Agosto, cerca de 600 homens da milicia e outras forças indigenas tomaram posse da villa de Goyanna, um dos principaes lugares da capitania, e, penetrando á força na casa da camara, alli declararam terminado o governo de Luiz do Rego. Procederam em seguida a eleição dum governo provisório para Goyanna, incumbido de agir enquanto a capital da provincia não estiver em condições de estabelecer uma junta constitucional; no intuito de precipitar este acontecimento elles têm reunido tropas de toda a qualidade, entre as quaes varias companhias de *Cacadores* que desertaram de Luiz do Rego; com estas forças, tal qual são, marcharam em direcção a Pernambuco e, a noite passada atacaram os dous pontos principaes: Olinda, ao norte — este em quatro lugares — e Afogados, ao sul. Foram, todavia, repellidos pelas tropas reaes commandadas pelo governador com perda de quatorze mortos e 35 prisioneiros, havendo entre os realistas dous mortos e sete feridos. Hoje pela manhã augmentou o panico dos habitantes da cidade devido a terem sido encontrados varios individuos armados occultos nas torres das igrejas, para onde haviam cobrizido diversos cabides d'armas. Luiz do Rego é um soldado e dedicado á cauza real; servio por muito tempo no exercito inglez em Portugal e na Hespanha, e, se não me engano, distinguio-se no cerco de S. Sebastião; é um homem assáz severo e, especialmente entre os soldados, mais temido do que querido. Grande parte do regimento de *Cacadores* abandonou-se para juntar-se aos patriotas e formou o corpo mais efficiente do ataque da noite passada. Os habitantes da cidade foram incorporados na milicia e estão toleravelmente armados e exercitados. A cidade está regularmente provida de farinha de mandioca, carne secca e peixe salgado; mas, os sitiantes impedem a entrada de quasi todos os frescos. Todas as lojas estão fechadas e os generos alimentícios são caros e escassos. A maior parte das pessoas que tem posses de valor, em baixelas e joias, fizeram-nos encerrar e depo-

sinar em casa dos negociantes inglezes. Grande numero de pessoas residentes nos arrabaldes deixaram, com mulheres e familias, os seus lares, refugiando-se junto aos inglezes. Estes que, na maioria, dormem pelo menos nos arredores, em casas de campo chamadas *casas*, deixarão-as e permanecerão todo o tempo em seus escriptorios no porto: tudo, enfim, é alarme e incerteza.

Domingo, 23 de Setembro. — A noite decorreu calma e tambem assim o dia: trocamos repetidas commutaveis com a terra: mas, nao me foi possivel desembarcar: certos excellentes laranjas e legumes toleraveis vindos da cidade, e muito nos divertimos observando os curiosos botesinhos, canoas, atamarans e jangadas que tem velado, vogado e remado em tanto de arvio. A jangada nao se parece com coisa alguma por mim vista anteriormente; são seis ou oito troncos de arvore ligdos entre si por duas vigas transversaes; e uma extremidade tem um banco elevado em que se assenta um homem para o governo, porquanto são apparellhadas duma especie de leme; por vezes as dimensões do banco permitem-lhe a entrar duas pessoas; outro banco está situado no pé do mastro, ha pouco em proporção á balsa, contém roupas e viveres, e no meio, ficando num dos troncos, o *capitão* ou *comandante* de velle triangular de algodão, completa a jangada, em que com um golpe de remo accende o silencio, e no mesmo tempo, com algumas vezes, transporta com segurança carregamentos de algodão e outras mercadorias a distancias de centenas de milhas.

Pelas tres notas da tarde acostou-se um grande cano de conduzindo dois officios patriotas que vinham verificar se nós eramos realmente inglezes; se, conforme a costuma, vinhamos a deter os registos ou enfim auxiliar a elles patriotas; trocamos são o momento, sobre a influencia de fortes sensações, e a vida de incertidões e diferenças de outro, por um suspiro muito mais vossa elles erão de perfeita mentalidade que professamos. Deixaram-nos, entretanto, em no tras de particular a cidade, e regressaram ao porto fazendo um amplo desvio na direção de evitar o cruzeiro do Recife que espreitava attento o apparecimento de quaesquer embarcações pertencentes aos patriotas.

Segunda-feira, 24 de Setembro. — Cedo pela manhã veio á bordo o coronel Patronhe sollicitando fôsse permittido ao paquete inglez fazer de vela para Lisboa conduzindo os officios do governo. Jubilei que as estrietas instrucções do nosso comandante não permittissem transmittir ao capitão do paquete semelhante ordem. Seria romper logo a neutralidade que professamos observar e, na minha opinião, auxiliar a peor causa. O coronel, advirtindo que a cidade estava em estado de sitio e que se não podia prever quando e em que lugar teria lugar o proximo ataque, recommendou-me a permanencia a bordo; mas, eu, que nunca vi uma cidade sitiada, me resolvi a ir á terra. Em consequencia Mr. Dance, sendo o unico official a bordo que falla tanto o portuguez como o francez, foi commissionado para acompanhar-me; levei tambem dous guarda-marinhas, Grey e Langford, e a intenção de visitar Madame do Rego.

O nome Pernambuco, que é o da capitania, é hoje geralmente applicado á capital que consiste de duas partes. Em primeiro lugar a cidade de Olinda, fundada pelos portuguezes de 1530 a 1540, e, como indica o seu nome, edificada num formoso sitio, onde collinas medianas mas abruptas, um bello rio e densos bosques se combinam para encanto do expectador; contudo a sua approximação por mar deve sempre ter sido difficil senão perigosa. Vem em segunda a cidade do Recife de Pernambuco levantada pelos holandezes, sob Mauricio de Nassau, e por elle cognominada cidade Mauricia.

É uma localidade singular, muito adequada ao commercio: assenta em varios bancos de areia, separados por diversas angras d'agua salgada e os estuarios de dous rios d'agua doce, ligados por tres pontes e divide-se em igual numero de bairros: Recife, acertadamente assim chamado, onde se acham as principaes fortificações, o arsenal e o grosso commercio; Santo Antonio, onde se eleva o palacio do governo e as duas principaes igrejas — uma para a população branca, outra para a negra (*sic*) —, e Boa Vista, onde os negociantes mais opulentos ou os habitantes mais ociosos vivem em meio dos seus jardins, e onde, conventos, igrejas e o palacio episcopal dão um ar de importancia á mui linda cidade circumvisinha.

Tudo isto sabia eu antes de desembarcar e me presunhia

assáz conhecedora de Pernambuco. Mas, nenhuma sciencia prévia pôde obstar o assombro com que se penetra neste porto tão extraordinario.

Do navio, ancorado tres milhas distante da cidade, viamos embarcações ancoradas alem do Recife, contra o qual as vagas se quebravam perpetuamente; mas, enquanto me não encontrei no seu ambito, dentro do Recife, não tive a menor idéa da natureza do fundeadoiro: a agitação das vagas precipitando-se sobre a praia nos teria parecido temerosa, não n'as houvésssem ellas para isto preparado e dilatado extraordinariamente a nossa travessia de tres milhas.

Nos abeiramos tão de perto da praia arenosa entre o Recife e Olinda que cheguei a suppor fôssemos ali desembarcar, quando, em face duma torre erecta sobre um escolho, que o mar batia com violencia, volvemos bruscamente e nos achamos ao abrigo dum maravilhoso quebra-mar natural: ouviamos a ressaca bramindo além, viamos as espumas revoltas, mas navegavamos calma e serenamente como numa repreza de moinho. Costa de coral a rocha de que é formado o Recife; mas, este se acha tão envolto e revistido de ostras e lepas que, na profundidade de muitos pés ou até onde penetram os nossos martellos, não percebi senão os residuos das suas conchas.

Dilata-se desde o norte da Parahyba até Olinda, quando se anega para de subito reapparecer no Recife, e dahi se expande até esbarrar de encontro á avançada ponta granitica do Cabo de Santo Agostinho, que o vara até o mar; mais além resurge e continúa interrupto, direcção ao sul.

A largura do ancoradouro interno, entre o Recife e o continente, varia de algumas braças a tres quartos de milha; junto ao Recife ha consideravel fundo permittindo alli fundearem embarcações de avultado porte. Ha uma barra na entrada do porto, na qual, das marés ordinarias, ha dezeseis pés d'agua, de sorte que embarcações mesmo de grande tonelagem podem alli fundear (1).

O brigue *Alacrity*, de S. Magestade, permaneceu por algum tempo dentro do Recife, e mais dous pés d'agua na barra

(1) Em 1816, sob o governador Montenegro o porto foi limpo e aprofundado, principalmente na barra.

teriam permitido á *Doris* transpor-a, conquanto, conforme o que vi, não houvesse espaço para fazel-a voltar quando quizesse sair. O Recife é de certo uma das maravilhas do mundo, e tem no maximo dezeseis pés de largura no topo. Desce para o mar mais rapidamente do que o quebra-mar de Plymouth e do lado de terra é perpendicular na profundidade de muitas braças.

Aqui e alli algumas poucas desigualdades no topo devem ter outrora, por occasião de grandes marés ou ventos rijos, agitado o porto; mas o Conde Mauricio remediou este defeito mandando entupir as fendas com grandes blocos de granito tornando assim a unida a superficie do Recife e seguro o porto em qualquer tempo.

O Conde pretendia construir armazens ao longo do Recife, mas, a sua retirada do governo o impedio de fazel-o. Um pequeno forte junto á entrada defende esta e será sempre efficiente tão estreita e subita é a passagem. Proximo a elle e justamente na extremidade do Recife eleva-se, quasi concluido um pharol; são estas duas as unicas construcções sobre esta extraordinaria linha de rochas.

Vogamos subindo o porto por entre navios de todas as nações, tendo dum lado a cidade e do outro o Recife, até chegarmos a uma das vastas angras sobre a qual os holandezes lançaram uma bella ponte de pedra, agora em ruina. Fomos vivamente impressionados pela belleza do scenario; os edificios são bastantes grandes e brancos, e a terra, baixa e arenosa salpicada de brilhantes tufos verdes de gramma e adornada de palmeiras.

Ha poucos annos atraz uma violenta cheia destruiu a maior parte do centro da ponte, contudo as arcadas ainda servem para supportar de cada lado ligeiras galerias de madeira, e as casas e arcos subsistem nas duas extremidades. Descembarcamos bem perto da ponte e fomos recebidos pelo coronel Patronhe que desculpa o governador de não ter vindo, por estar na sala do conselho (1).

1) O conselho ou junta do governo provisório consiste de dez membros dos quaes Luiz do Rego é o chefe, estavam elaborando um manifesto aos habitantes do Recife, assegurando-lhes protecção e segurança, exultando com as vantagens obtidas na noite anterior con-

O coronel nos conduziu ao palacio do governo, edificio de assaz bello aspecto, tendo uma praça em frente e uma torre, e penetramos no que evidentemente foi um esplendido vestibulo. Viam-se ainda em algumas partes do tecto e das paredes vestígios de dourados e de pinturas; mas presentemente está occupado por cavallos selhados e soldados armados promptos a montal-os ao primeiro signal, tudo em alerta; ha canhões postados em frente com mórões accesos ao lado e um ar de alvorogo e de importancia entre os soldados que excita uma sorte de curiosidade sympathica quanto ao seu provavel e immediato destino.

Galgando as escadas encontramos em cima quasi a mesma confusão, porquanto o governador residia até agora fóra da cidade (1), e acedia de mudar-se aqui para Santo Antonio, para o antigo Collegio dos Jesuitas, em parte para estar no centro dos negocios e em parte para pôr em segurança a sua familia em caso de accidente, porquanto as avançadas dos sitiantes estão muito proximas da sua residencia anterior. Achei Madame do Rego uma senhora agradável e assaz formosa; fallou correctamente o inglez, predicado este com a dignidade, explicou informando-me que sua mãe, a Viscondessa do Rio Secco, era irlandeza.

Nada pode exceder a gentileza e amenidade das suas maneiras e das duas filhas do general Rego, cujo trato e apparencia é de senhoras perfeitamente educadas, e uma das quaes é muito bonita. Depois de conversarmos algum tempo nos trouxeram refrescos, e logo apéz apresentou-se o proprio governador, um bello homem de aspecto militar. Parecia enfermo, soffrendo ainda das consequencias dos ferimentos recebidos alguns mezes antes quando, em companhia dum amigo, passava pela cidade. Verificou-se mais tarde

firmando a existencia de abundantes provisões dentro da cidade, e encerrando os em muros do reino das cortas, a defender a cidade contra os insurgentes que estão intinidamente taxados de inimigos do reino do paiz.

N. da A.

1. No palacio do Mariz, onde está actualmente o Collegio dos Salesianos.

N. do T.

haver sido o instigador do crime certo Ouvidor por elle removido pouco depois de assumir o governo. O assassino desfechou dous tiros; Luiz do Rego foi attingido no tronco por diversas balas e perdigotos, mas, o ferimento mais grave foi no braço esquerdo. O seu amigo esteve por algum tempo entre a vida e a morte; ambos, porém, estão hoje quasi restabelecidos. Na occasião do attentado o criminoso foi mais duma vez agarrado por pessoas presentes, mas sempre entre elle e os que o queriam prender mettiam um cesto de pa-deiro; elle lançou fóra as pistolas e fugiu.

Terminada a nossa visita, encetamos um passeio pela cidade; as ruas são em parte calçadas de seixos azulados da costa e em parte de granito vermelho e cinzento. As casas tem tres ou quatro andares, são construidas duma pedra esbranquiçada, todas caiadas de branco, e tem as portadas e as molduras das janellas de pedra parda; o pavimento terreo é occupado por lojas, habitações de escravos, ou cavallariças; o primeiro andar contem de ordinario escriptorios e armazens; acima acham-se as residencias dos proprietarios e no topo installam-se geralmente as cozinhas, livrando assim as partes inferiores do calor dos fogões.

Fiquei surprehendida de poder passear ao ar livre sem ser incommodada pelo calor, em região tão proxima do equador; mas a constante brisa maritima, que aqui começa a soprar diariamente ás dez horas, mantem uma temperatura que em todo o tempo permite fazer exercicio. A parte mais quente do dia é de oito a dez quando falha a brisa de terra.

Como devíamos transpor a ponte de pedra, de volta para para o bote, que tinha ordem de nos esperar na ponte do Recife, porquanto com a vasante da maré teria ficado em secco na angra onde desembarcamos, deixamol-a de parte e atravessamos Santo Antonio em direcção á Boa Vista. Ao chegarmos á ponte de madeira, longa de 350 passos, que a liga a Santo Antonio, achamos que havia sido cortada no centro, sendo apenas transitavel por duas pranchas facilmente retiraveis, caso os insurgentes se apoderassem da Boa Vista.

No genero nada consegue avantajarse em belleza a fresca paisagem verdejante, com o largo rio serpendo através, que se observa de ambas as extremidades da ponte, e as alvas con-

strucções do erario, dos conventos e das casas particulares, na maioria cercada de jardins.

A verdura é deliciosa a olhos inglezes, e não duvido que estes prados lustrosos e aguas mansas attrahissem particularmente os fundadores holandezes do Recife. Regressamos, conforme haviamos combinado, pela ponte de pedra, longa de 280 passos; em vão procuramos entrar em alguma loja: nem uma só estava aberta, achando-se os negociantes em serviço militar. Constituem a milicia e, como muitos são europeus e todos receiam ser saqueados caso os sitiantes tomassem a cidade de assalto, se mostram muito zelosos na sua actividade marcial.

Na extremidade de cada rua achamos um canhão de campanha e, nos encontros das pontes, dons tendo ao lado os mórões accesos, e em todas as guardas a sentinella nos chamou á falla.

No fim da ponte de pedra, no *ponto das tres pontes* (1) as guardas são mais numerosas e severas. Neste bairro estão depositadas as principaes riquezas da cidade, e é tambem a parte mais facilmente defensavel; está quasi que inteiramente cercada d'agua, as casas são altas, solidamente construidas e proximas umas das outras, por serem as ruas muito estreitas, e os dons fortes reductos nas extremidades da ponte podem dar tempo a demolil-a completamente, e assim tornar inacessivel esta parte da cidade, excepto pelo istmo de areia que a prende a Olinda e é guardado por dons fortes consideraveis.

Mal haviamos andado cincoenta passos no Recife quando fomos desgostados pelo primeiro espectáculo duma feira de escravos: era a primeira vez que, tanto eu como os rapazes, nos achavamos num paiz de escravos e por mais fortes e pungentes que fossem entre nós, na patria, os sentimentos quando em imaginação nos representavamos a escravidão, nada eram comparados a vista repulsiva dum mercado de escravos. Achava-se mal abastecido, devido ás circumstancias reinantes na cidade, que impunham á maioria dos donos de negros novos a precaução de conserval-os trancados nos depositos; entretanto, cerca de cincoenta jovens creaturas, raparigas e rapazes, com todas as

(1) Pequeno forte que defende a entrada do Recife.

apparencias de enfermidade e fôra conseqüentes de alimentação insufficiente e longa reclusão em angustias insalubres, estavam sentadas ou deitadas nas ruas entre os mais infelizes annuaes.

O espectáculo nos fez regressar para bôdo choros de afflicção e a resolução como ruidosa mas profunda de não considerar, nem grande nem pequeno demais, o que nos fôr possível emprender no sentido de abolir ou alliviar a escravidão.

Sexta-feira, 11 de Setembro. — Fui a terra afim de passar alguns dias com Miss Stewart, a unica senhora ingleza residente na cidade. Está agora morando na casa commercial de seu irmão, onde se acham o escriptorio e os armazens, porquanto a sua casa de campo estava alheave dos patriotas. Suspiro por um passeio ou cavalgata ás tentadoras collinas verdadeantes que circundam a cidade; mas, como isto não é possível tenho que me contentar com o que existe dentro das linhas de defeza.

Hoje voltando da Boa Vista encontramos uma familia de sertanejos, que ha alguns dias trouxe provisões á cidade, de regresso ao sertão ou região selvagem, do interior. Estes sertanejos sao uma casta de homens activos e vigorosos, na maioria agricultores; trazem para o littoral milho e cereaes, toucinho e doces, e algumas vezes tambem couros e sebo. O algodão é, entretanto, cultivado no sertão, sendo, porem duma colheita precaria, dependendo inteiramente da quantidade das chuvas na estação, e frequentemente não chove no sertão durante dous annos.

O grupo que encontramos era de aspecto muito pittoresco: os homens vestidos de couro cru e de calças curtas, os ligeiros gibões e calções estreitos lhes moldavam as formas tão perfeitamente como as vestimentas dos marmores de Egipto, conferiam-lhes de alguma sorte o mesmo aspecto; o pequeno chapéo redondo é da forma de petaso de Metennio; os suatos e polainas da maior parte sao excellentemente apropriados a preservar os pés e as pernas nas correrias atravez dos covados. A cor de todos era um bello pardo, afflicto-me que a mulher da comitiva trajasse vestido evidentemente de modelo francez, o que destoava da caracteristica uniformidade do grupo: ha na garupa do chefe, sobre um dos pequenos mas

ardegos cavallo do pauz : seguiam-nos varias bestas de carga conduzindo utensilios domesticos e outros objectos em que haviam cambiando as suas provisoes ; fazendas de lã e algodão, lousa ordinaria, e outros artigos manufacturados, com especialidade facas, é o que principalmente acecitam em troca, comquanto se notasse alguns moveis, com pretensões a elegancia, na bagagem da familia que encontramos ; atraz dos cavallo vinha um grupo de homens, alguns a pé, marcando passo com o trote das bestas, e outros montados carregando as crianças ; no conce distinguia-se, pelas suas calças de baeta verde, um individuo muito gordo e bonito, fumando ao passar.

A' tarde demos um passeio a cavallo ; fôsse devido a estar tantas semanas a bórdo sem montar ou á peculiar suavidade e frescura da tarde, apóz o suffocante dia tropical, não sei dizer ; nunca, porém, gozei tanto duma hora ao ar livre. Sahimos da cidade por entre graciosas casas de campo, chamadas *sítios*, até um dos postos avançados no Mondego, onde anteriormente residia o governador.

As frondes de tamarinceiras, e palmeiras sombreavam o caminho e mil arbustos graciosos adornavam os muros dos jardins. E' impossivel descrever a sensação de deliciosa frescura duma tarde semelhante, dando repouso e saúde apóz o dia ardente. Ficamos muito penalizados quando fôrça foi regressarmos para casa ; mas, o sol se tinha posto, não havia lha, e recevamos ser detidos pelas guardas dos diversos postos de deteza. De volta fomos demorados gritos de *Quem vem lá ?* ; mas as palavras *Anglos Ingleses* eram o nosso passaporte, de sorte que chegamos ao Recife a *Am Maria* era entoadá, bem apressada e desatinadamente, nas ruas, pelos negros e mulatos ; mas, tudo o que funde as almas num sentimento commun é digno de interesse. As portas das igrejas estavam abertas, os altares illuminados, e o proprio escravo sentia que apellava para o mesmo Deus, com o mesmo direito que o seu senhor. Foi uma tarde que jamaiz poderei esquecer.

Sabheido, 28 de Setembro. — Esta manha, antes do almoço, olhando da sacada da casa de Mr. Stewart, vi uma mulher branca, ou antes uma fúria, surrindo uma negrinha e troteando-

lhes cruelmente os braços enquanto a pobre creatura lançava gritos de angustia, até que os nossos cavalheiros interviêram.

Bom Deus ! porque permittis exista o trafico e a pratica da escravidão ? !

Proximo á casa em que estamos hospedados ha dous ou tres depositos de escravos, todos moços ; num vi, exposto á venda um menino de dous annos. Os viveres são actual-mente tão escassos que nem uma mígalha de alimento animal tempera o pirão de farinha de mandioca comida habitual dos escravos, e que deste mesmo raramente lhes dao o sufficiente o demonstram as faces encovadas e a ossatura saliente das crian-ças. Outrosim, o dinheiro igualmente subio tanto de preço que os compradorés são raros, e uma nova angustia augmenta a mi-seria do escravo : o vão desejo de encontrar um dono ! Deze-nas destes infelizes se agglomeram a cada esquina das ruas, na completa apathia do desespero, e se alguma criança busca delles se affastar, á procura de infantil diversão, um olhar de piedade é tudo o que desperta.

Andarão errados os patriotas ?

Elles puzeram armas nas mãos dos negros novos, tra-zendo vivida a lembrança dos patrios lares, do navio negreiro e das senzallas.

Fui hoje até o mercado, onde ha pouca coisa : carne de vacca pouca e cara, nada de carneiro, raros gallinaceos, e alguns leitões, repugnantes porquanto se cevam nas ruas aon-de são lançadas todas as immundicies, e das quaes, elles e os cães, são os unicos limpadores.

O assedio é tão apertado que mesmo os legumes das hortas particulares, a duas millas das avanguardas, não podem ser aproveitados pelos seus proprietarios. Não é possível obter leite ; o pão de farinha de trigo americana custa o duplo do que na Inglaterra, e os bôlos de mandioca cozidos em leite de côco, são de preço excessivo demais para permittir ás classes inferiores sufficiente nutrição.

Por uma carga de lenha pedem quantias extravagantes, e o carvão é escasso.

Negros dominam o mercado, poucos por conta propria, na maioria pela de seus donos. O vestuario dos negros livres é o mesmo dos brancos : calças e jaqueta de algodão branco e

um chapéo de palha, substituídos em dias de gala por ternos de paño preto, envolvem os corpos dos cavalheiros brancos e pretos.

As mulheres uzam, em casa, duma especie de camisola que deixa exposto o seio ; quando sahem a passeio uzam dum manto ou capa ; este manto é frequentemente dos mais brilhantes matizes, e os sapatos tambem, que são o symbolo da liberdade, têm todas as cores, menos a preta. Cadeias de ouro em volta do pescoço e dos braços, brincos de ouro e uma flôr fincada no penteado completam o adorno duma senhora pernambucana. Os negros novos, homens e mulheres, trazem apenas uma tanga na altura dos rins. Quando comprados é praxe dar-se-lhes, ás mulheres uma camisa e saia, e aos homens ao menos umas calças ; mas nem sempre assim succede.

Hontem tivemos occasião de observar com vantagem a variedade de chapéos uzados pelos habitantes portuguezes, numa sortida, pelas ruas, feita por uma especie de milicia **supplementar**, no intuito de determinar o fechamento de todas as lojas e a reclusão de todos os escravos, devido ao boato de que o inimigo estava atacando a cidade pelo lado meridional.

O official commandante estava realmente fardado e empunhava, com a direita uma espada núa e com a esquerda uma pistola engatilhada ; mas, a patrulha que o seguia o proprio Falstaff teria repugnancia em alistar ; regularmente armados, traziam chapéos e carapuças que trahiam flagrantemente as respectivas profissões dos seus donos ; fechava o sequito, livido de terror, coberto a a cabeça dum pequeno barrete preto em forma de tambór, envolto numa capa de encerado, um estafeto brandindo erguida uma enorme durindana. A milicia é mais disciplinada, sendo actualmente empregada em revesar no serviço as tropas reaes que diariamente desertam **para os patriotas**.

Comparecendo hoje á tarde em palacio, soubemos que cerca de cem indios eram esperados para reforço da cidade ; vestem os seus trajes aborigines e estão armados de fundas, arcos e flechas. Nos dizem que o seu credo politico consiste na obediencia implicita ao rei e aos padres. Aguardente é a peíta que os conduz a qualquer empreza, sendo um gole de cachaca e

um punhado de farinha o alimento que exigem quando vêm ao porto.

Ao entardecer, não havendo cavallos para alugar, tomamos alguns de emprestado aos nossos amigos inglezes e francezes, e nos dirigimos a Olinda pelo extenso istmo arenoso que a liga ao Recife, foi este mesmo istmo que Sir John Lancaster fortificou com uma estacada durante a sua estada no Recife, que saqueou. A praia é defendida por duas fortalezas sufficientemente poderosas considerada a sua situação; dum lado as vagas quebraram-se furiosamente contra as suas bases e do outro dilata-se um vasto estuario terminando alem em terrenos baixos, de sorte que não podem ser dominadas. A areia acha-se em parte coberta de arbustos, um dos quaes era bellissimo com folhas espessas e flores purpurinas em forma de campânia; alguns assemelhavam-se aos do Oriente, outros eram inteiramente novos para mim.

Surprehendi-me a extrema belleza de Olinda, ou antes dos seus restos, pois acha-se agora num triste estado de ruinas. Todos os habitantes mais abastados deixaram-na pelo Recife. Sendo as rendas do bispado agora reclamadas pela corôa e estando os conventos supprimidos na maioria, nem mais existe o facticio esplendor das pompas ecclesiasticas. O proprio seminario em que os rapazes recebiam alguma instrucção, comquanto imperfeita, está quasi em ruinas (1) e rara é a casa de qualquer tamanho ainda de pé.

Olinda assenta sobre algumas pequenas collinas, cujas fraldas em alguns pontos descem a pique, apresentando o mais abrupto e pittoresco scenario de rochas; acham-se cercadas de bosques escuros que parecem contemporaneos da propria terra: tufos de esbeltas palmeiras, aqui e ali a ampla fronde duma velha mangueira ou os galhos gigantescos da elevam-se acima das demais arvores, irrompendo do seio da floresta; no meio della os conventos, a cathedral, o palacio episcopal e as igrejas, duma architectura nobre senão elegante,

(1) Foi primitivamente o Collegio dos Jesuitas fundado sob a administração do admiravel Padre Nobrega e seu companheiro De Gram. Ali, aos dezeto annos de idade, o celebre Vieira leu rhetorica e compoz os commentarios sobre alguns dos classicos, inteiramente perdidos no decurso das guerras civis.



surtem em posições que um Claude ou um Poussin não poderiam ter mais bem escolhido; algumas erguem-se á borda das encostas empinadas, outras assentam em grammados que descem para a praia em suave pendor; a sua côr é cinzenta ou amarello pallido, com telhas avermelhadas, excepto aqui e ali alguma cupola adornada de azulejos. No momento em que attingimos o ponto mais elevado da cidade, olhando atravez do valle arborisado em volta do qual se agrupam as colinas, avistamos a fumaça de uma das guardas avançadas. Os soldados estavam de pé ou deitados em volta, com as armas enarilhadas; cobria-os a sombra das grandes arvores ao fundo, atravez de cujos troncos os raios esparsos do sol no occaso derramava uma mœia luz tal que o proprio Salvator Rosa a não desdenharia.

Os mesmos soldados, porém, circumscreveram o nosso passeio: pretendiamos regressar pela estrada do interior, mas, não nos permittiram segui-la, porquanto pelo menos parte della está em poder dos patriotas, pelo que fomos forçados a **voltar pelo mesmo caminho da vinda.**

No lugar em que a presente guarda está postada, e onde de facto é necessaria uma forte guarda, o rio de Beberibe lança-se no estuario que foi outr'ora o porto de Olinda. Um dique foi construido atravez delle, com portas d'agua que são occasionalmente abertas; sobre o dique ha uma bonita arcada aberta, onde os habitantes das vizinhanças costumavam, em tempos pacificos, passar a tarde comendo, bebendo e dançando.

Desta represa procede a melhor agua usada no Recife, para onde é diariamente transportada em canôas que atracam junto ao dique chamado Varadouro e são enchidas por vinte e tres torneiras collocadas de fórma a despejarem directamente nas canôas, sem mais trabalho. Vimos vinte e sete destas pequenas canôas carregadas vogarem rio abaixo em direcção á cidade. Um só remo, usado antes como leme do que como tal, guia a embarcação para o meio da corrente que a conduz ao seu destino.

O sol ~~encontrava-se~~ muito antes de alcançarmos o primeiro dos fortes de volta para a cidade. Os cães já haviam começado a sua abominavel tarefa; vi um arrastar o braço

dum negro de debaixo de algumas pollegadas de areia que o seu senhor fizêra lançar sobre os seus restos. E' nesta praia que a medida de insultos feitos aos pobres negros é cheia. Quando morre um negro os seus companheiros de captiveiro deitam-no sobre uma taboa, levam-no até a praia, onde abaixo do nível da préamar lançam-lhe um pouco de areia sobre o corpo; aos negros novos, porem, até esta prova de humanidade é negada: o cadaver é amarrado a uma vara, conduzido á noite e atirado na praia donde é bem possível que a ressaca o venha levar. Estas cousas nos fizeram chegar em casa tristes e abatidos, não obstante as scenas agradaveis que haviamos presenciado.

Domingo, 29 de Setembro. — A festa de S. Miguel fez sair as senhoras portuguezas, das quaes não viramos até agora uma só passar nas ruas. O seu vestuario predilecto parece ser preto, com sapatos brancos e fitas brancas ou de cores e flôres nos cabellos; com um manto de renda ou gaze preto ou branco. Vimos tambem pela primeira vez alguns padres; presumo que a ordem determinando-lhes que se conservem dentro dos muros dos seus conventos, foi consequencia de pertencerem ao numero dos fomentadores do espirito de independencia. A appropriação de parte tão consideravel dos rendimentos da igreja pela côrte de Lisboa é naturalmente impopular entre o clero do paiz; e não lhe é difficil convencer o povo, o que de facto é verdade, que a retirada de tantos cabedaes para soccorrer Lisboa, que actualmemente não pôde governal-o nem protegê-lo, é motivo para justas queixas. Dizem que a moral do clero é a mais depravada, o que provavelmente é verdade. Homens, como os do clero romano, seggregados por votos de todas as caridades activas da vida social, têm apenas como recurso contra os seus vícios e paixões a sciencia e a litteratura. Mas aquí os proprios nomes de sciencia e litteratura são desconhecidos.

O seminario e a bibliotheca de Olinda estão em ruínas. Não ha uma só livraria em Pernambuco, e a população das differentes freguezias sóbe a 70,000 almas! Um periodico toleravelmente bem escripto, do qual não me foi possível obter o primeiro numero, começou a apparecer em Março, sob o titulo de *Aurora Pernambucana*, com o motto de Camões:

*Depois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade
Esperança de porto e salvamento ;*

alludindo a chegada das noticias da revolução de Portugal, a 26 d'aquelle mez, e ao juramento do governador, magistrados, etc., de adherirem á constituição que as Cortes promulgassem. Sinto dizer que este unico jornal ha dois mezes que deixou de apparecer, tendo o redactor, ao que parece, sido nomeado secretario do governo, pelo que não dispoz mais de tempo para dedicar-se á imprensa (1).

Segunda-feira, 30 de Setembro. — A noite passada os patriotas atacaram as linhas de defeza de Olinda durante quatro horas, mas creio que não houve perdas de qualquer dos lados. Esta manhã chegou a fragata portugueza *Dom Pedro* com tropas da Bahia. O reforço de 350 homens, em parte europeus, em parte bahianos, enchou de entusiasmo todos os habitantes, inclusive o governador: de sorte que temos uma vez occasião de ver Pernambuco activo e alegre e movimentado. Homens e mulheres percorrem as ruas nos seus mais vistosos trajes, e os militares correm e galopam em todas as direcções, não pouco satisfeitos com ter quem os venha render nas suas constantes guardas e rondas.

Entre outras cousas que aprendi olhando notei que, enquanto os paes de família se entretinham nas ruas com os recém-chegados, as jovens pernambucanas se mostravam tão habéis no uso de signaes como as mulheres turcas, e que frequentemente um namoro é mantido por este processo e assentado um casamento sem que um dos noivos tenha ouvido a voz do outro. Entretanto, o costume geral é os paes combinarem as nupcias dos filhos sem consultar outra cousa que não seja a conveniencia pecuniaria.

Hoje varios officiaes e aspirantes da *Doris* nos acompanharam a jantar com o governador, ás quatro e meia da tarde.

(1) Não só este jornal continuou a ser publicado, como outros saem agora á luz no Recife.

Fomos muito cordialmente acolhidos. S. Exe. sentou-se numa das cabeceiras da meza e um ajudante de campo na outra; eu tomei lugar entre o general e Mm. do Rego. Elle comprazia-se em fallar dos seus velhos amigos inglezes da guerra Pennsular, com muitos dos quaes mantenho relações, e ella tinha mil perguntas a fazer-me sobre a Inglaterra, que deseja muito visitar. Pedio-me que desculpasse a exiguidade da sua baixelle, porquanto as melhores peças estavam encaxetadas num armazem inglez, junto com as joias de S. Exe. e outros objectos preciosos.

A cozinha era meia-portugueza, meio-ingleza. Depois da sôpa foi servido um prato de carne cozida com fatias de porco salgado e chouriços, a que acompanhou outro prato com arroz cozido com azeite e temperos. Houve *roast beef*, em attenção aos inglezes, muito pouco assada. As saladas e o peixe de varias qualidades estavam preparados dum modo especial; gallinhas e outras iguarias á moda franceza. O post-pasto foi servido numa outra meza; alem das nossas sobremezas europeas de fructas, bolos e vinho, toda a sorte de pudins, empadas e tortas faziam parte delle: a meza estava adornada de flôres e havia profusão de confeitos de toda a qualidade. Os convivas ergueram-se da meza de jantar e tomaram lugar junto á outra que, disse-me Mm. do Rego, deveria ter sido posta numa sala separada; mas, faz tão pouco tempo que se mudaram para aquella casa que ainda não lhes foi possível preparar uma sala para aquelle fim.

O governador e os seus hospedes ergueram muitos brindes alternadamente ao rei da Inglaterra, ao rei de Portugal, á Marinha ingleza, ao rei de França (1), a Luiz do Rego e á Capitania de Pernambuco, etc. Levantamo-nos entao todos da meza; alguns dos convivas voltaram para bordo; a maioria porém, reuniu-se-nos no salão, um aposento muito confortavel, com mobilia estufada de damasco azul, onde se nos juntaram os officiaes de marinha francezes do navio de Sua Magestade

(1) Mr. Lainé, o muito amavel e cavalheiroso consul francez, estava presente.

Christianissima *Sophia*, e varias senhoras e cavalheiros da cidade. Tivemos excellente musica. Mm. do Rego tem uma voz admiravel, e havia varios bons cantores e pianistas. Foi uma noite mais agradavel e cheia de urbanidade do que eu esperava poder passar em Pernambuco, especialmente agora em estado de sitio.

(*Continúa.*)

Alfredo de Carvalho

Alfredo de Carvalho

GEOLOGIA
DAS
Regiões Auríferas
DA
PARAHYBA E DE PERNAMBUCO
POR
E. Williamson (*)

Na primavera do anno passado (1866), achando-me ligado a uma expedição enviada para explorar as novas minas de ouro da Cachoeira do Planeó, na provincia da Parahyba, tive ensejo de fazer algumas observações sobre a geologia das duas provincias da Parahyba e de Pernambuco ; são estas observações que agora venho trazer á presença dos membros da *Manchester Geological Society*, e espero, com o auxilio do perfil que ora tambem apresento, conseguir dar um esboço comprehensivo da geologia desta vasta região que, supponho, não foi objecto de anteriores explorações geologicas.

(*) A presente monographia lida pelo Autor perante a *Manchester Geological Society*, em 30 de Abril de 1867, e publicadã no Vol. VI (1868) pp. 113—122, das *Transactions* da mesma sociedade, apparece agora traduzida do inglez por Alfredo do Carvalho.

A linha do perfil foi tomada de Tambahí, pequena povoação de pescadores na costa do Atlantico, e atravez da cidade da Parahyba até ás minas da Cachoeira do Piancó, na extremidade sudoeste da provincia da Parahyba; é quasi uma linha recta de 300 milhas de comprimento atravez da direcção dos estratos.

Os estratos examinados pertencem a rochas de idades muito differentes, como: ao Terciario, Cretaceo e Lourenciano.

Os Post-terciarios são representados pelos recifes de coral da costa, e os peculiares depositos de conglomeratos ferruginosos e de margas arcuosas que capcam as collinas baixas da costa e revestem os flancos das montanhas do interior. Dos recifes de coral nada mais direi, tão frequentemente e tão bem têm sido elles descriptos. Os detritos ferruginosos são mais interessantes, tendo muitas vezes sido tomados erroneamente por viajantes como pertencendo ao néo-grés vermelho, com que se parecem tanto que á primeira vista suppoz tambem que pertenciam ao néo-grés vermelho.

De Tambahí á Parahyba a superficie do sólo achase coberta por espessas jazidas de conglomeratos ferruginosos, destrosços accumulados das rochas gneissicas e schistasas do interior; em alguns lugares os conglomeratos se tornam tão grossieiros que são inteiramente compostos de seixos rolados de quartzo, gneiss e as rochas schistasas mais duras, cimentados com peroxydo de ferro.

As dimensões dos seixos variam da duma pequena noz á de blocos pesando de quatro a cinco libras; esta classe achase bem representada abaixo de Tambahí; mas, ao passo que se approximam do rio em direcção á Parahyba misturam-se com jazidas mais finas e mais argillosas, até que por fim, em Santa Rita, algumas milhas alem da Parahyba, se apresentam divididos em faxas regulares de margas, arcias e conglomeratos.

Em Pernambuco formam uma serie de collinas baixas, de topos arredondados, a antiga linha da costa duma bahia que outrora cobria a planicie em que hoje assenta a cidade do Recife; em Caxangá, poucas milhas alem da cidade, os desmoronamentos expuzeram algumas bellas secções destas margas e arcias; os estratos ali apresentam tamantia parecença com o

néo-gres vermelho dos nossos proprios districtos, que seria impossivel, só pela côr e pelo aspecto, distinguir uns dos outros. No interior estas margas e arcias occorrem sempre onde as rochas gneissicas e granitoides se acham largamente desenvolvidas, como em Texeira, onde abundam rochas granitoides, e grandes quantidades de conglomeratos brecciados, arcias e margas são encontradas revestindo os flancos das montanhas e cobrindo os valles.

Immediatamente subjacentes aos conglomeratos ferruginosos da Parahyba, occorrem jazidas de calcareo terciario, tendo uma direcção quasi de norte a sul e mergulhando suavemente para lêste. A maior parte destes calcareos é silicioza, comquanto por vezes se encontrem jazidas de calcareo quasi puro e faxas argillosas; os calcareos desta natureza são communs em todo o Brazil, e sempre unconformaveis ás rochas ás quaes subjazem.

Os calcareos secundarios que se encontram nas provincias do Ceará e Maranhão são equivalentes ás nossas rochas cretaceas e abundam em restos fósseis de peixes; os calcareos da Parahyba são igualmente fossilíferos, comquanto eu apenas lograsse obter o molde dum dente de peixe e alguns pequenos fragmentos de *Estheria*. Jazidas de calcareo similar ás jazidas da Parahyba e abundantes em restos de peixes occorrem cerca de setenta milhas ao sudoeste da secção nas minas da Caxoeira. Fui informado de que jazidas de caracter similar, estando quasi planas sobre as margens invertidas das rochas gneissicas, são communs em varias partes das duas provincias da Parahyba e de Pernambuco.

ROCHAS LAURENCIANAS

Estas rochas, que occupam a maior parte da secção e existem em tão grande escala em ambas as provincias, são tão distinctas no seu caracter que só pôde haver uma opinião quanto á sua idade. Lamento assaz que a pressa com que realizei a minha viagem ao interior não me tenha permitido examinal-as mais cuidadosamente e obter o pendor e a direcção correcta das differentes jazidas; no perfil marquei-as todas como pendendo para o norte, fiz isto no intuito de poder dispôr de todo

o tempo da minha viagem para as minas para o exame lithologico das rochas, reservando a observação do pendor e da direcção para a viagem de regresso; mas, vi-me contrariado a não voltar pelo mesmo caminho. Achei depois, regressando das minas para Pernambuco, que havia diversos anticlinaes que repassavam o estrato: a isto se deve attribuir a occorrença de rochas tão similares em caracter em pontos tão allastados uns dos outros como Logradouro e Texeira.

A partir da Parahyba o primeiro afloramento nitido das rochas ocorre em Batalha, no rio Parahyba; é uma rocha de hornablenda com numerosas pequenas cintas de quartzo e de feldspatho muito contoreido.

Entre o rio Parahyba e Pilar ocorre um gneiss muito grosseiro com grandes crystres de feldspatho branco e mica preta; em Pilar o gneiss achu-se interestratificado com micachistos, geralmente de contextura fina; em Mendonça, Moçoiló e Ingá Velho occorrem de novo jazidas de caracter similar interestratificadas com gneiss; no ultimo destes lugares as jazidas schistosas se tornam mais frequentes, até que em Ingá o conjunto das jazidas é de schistos micaceos e de hornablenda. Um pouco alem de Ingá apparece uma rocha dura de gneiss densamente granulado, que reveste os flancos das montanhas do Logradouro, as quaes consistem principalmente dum gneiss porphyroide branco, contendo grandes crystaes elivaveis de pura orthoclase, interestratificado com faxas de gneiss syenitico e granitoide muito semelhante a granito; no flanco septentrional o gneiss duro e densamente granulado ocorre de novo.

Entre Logradouro e Campinas ocorre uma faixa muito pronunciada — de porphyro granitoide — elevando-se de 50 a 100 pés acima das rochas mais tenras que a cercam; este porphyro contém grandes crystaes de orthoclase branca. Em Campinas ocorre uma serie de jazidas micaceas contendo placas de mica; a maior destas tinha cerca de duas pollegadas de diametro, mas me informaram que se encontram placas de um pé em quadro; acompanhando esta serie de schisto-micaceo ha uma faixa de porphyro na qual grandes crystaes elivaveis de orthoclase branca se acham embelidos numa matriz de quartzo e feldspatho. Não consegui descobrir linhas verdadeiras de

aleitamento, mas, do seu pendor e orientação e ininterrupto afloramento, sou inclinado a pensar que sejam interaleitadas ; as rochas immediatas são mica, schistos e gneiss.

Em Cacimba Nova ocorre uma outra faixa de rocha granitoide dura ; depois desta ha uma longa serie de micaschistos e gneiss ; perto de Caracol ocorre uma serie de schistos pretos alternando com faixas de rocha preta granular ; os schistos são occasionalmente micaceos. Em Caracol uma pequena serie de mica-schistos divide duas largas faixas de rocha granitoide, que em alguns lugares se parece muito com os verdadeiros granitos ; sobrejacente á superior ha uma estreita faixa de schisto hornablendico seguida duma longa serie de mica-schistos flaccidos. Em Carnaluba succedem a estas faixas de granito duro densamente granulado, que em Texeira revestem os flancos da montanha (rochas de caracter simililar occorrem em Queimada na encosta opposta) ; as rochas das montanhas de Texeira têm tamanha semelhança com as do Lagradouro, que supponho são apenas uma repetição das mesmas jazidas. Entre Queimada e as Minas da Cachoeira ocorre outra larga serie da mesma classe ; o resto das rochas na secção são gneiss alternando com faixas de micaschistos.

Em varios pontos da secção se encontram jazidas de quartzo e de quartzite, com placas de mica, interestratificadas com as rochas mais duras ; as jazidas variam em espessura de dous a duzentos pés ; as faixas mais delgadas eram com frequencia bellamente opalescentes, e as maiores granulosas ou amorphas ; sempre as acompanham minérios de ferro titanico e haematitico.

Durante a minha viagem da Parahyba ás minas não logrei observar jazidas de calcareo interestratificado com as rochas laurencianas ; mas, fui informado de que se tem observado calcareo interestratificado com as rochas em outros lugares onde os calcareos não se acham occultos pelo revestimento de detritos ferruginosos.

As rochas das Minas da Cachoeira e a posição dos veios auríferos serão mais bem comprehendidas a vista da secção annexa, tomada ao longo do Rio Bruscas, numa extensão de quasi seis milhas.

Na extremidade meridional, divididas por uma faixa de rochas mais friaveis, se encontram duas largas e bem pronunciadas faixas de gneiss syenítico, uma das quaes forma o leito da bonita cachoeira do Bruscas; subjacente a estas ha uma serie de gneiss schistosos e uma delgada faixa de syenite; é uma rocha crystallina cinzento azulada e tem grande semelhança com algumas das rochas de feldspatho de cambriano-superior de Galles. Seguem-se-lhe as series auríferas, que consistem quasi inteiramente de gneiss micaceo de granulação fina passando imperceptivelmente para micaschistos.

Atravessando uma curva do rio, pouco antes de chegar ao veio do Lima, ocorre uma estreita faixa de rocha de feldspatho bruno-cinzento escuro, que é subtransluzente e em alguns lugares apresenta cores cambiantes; um pouco mais adiante ha uma faixa de calcareo crystallino branco, contendo crystaes hexagonaes de biotite; no leito do rio é estreita, mas cerca de uma milha mais para lêste deste ponto, num lugar chamado Pião, consta ter uma milha de largura no afloramento.

Um pouco a lêste do ponto em que o veio Descubridora atravessa o rio occorrem algumas jazidas de schistos arenosos plumbaginosos, nos quaes se observam dous veios lenticulares de graphite; parecem ser de pequena extensão e de qualidade inferior.

Em Cacimbinhas, poucas milhas alem do veio da Boa Esperança, ocorre uma outra faixa, larga e bem pronunciada, de gneiss syenítico, do tamanho da da cachoeira.

Os veios auríferos que cruzam estas rochas são muito numerosos, apparecem como massas lenticulares irregulares, correndo parallelas á orientação, mergulhando com frequencia entre as jazidas, mas raras vezes atravessando-as. A matriz dos veios é um quartzo grosseiro, branco e semi-opaco, contendo pequenas quantidades de arsenitos e sulphitos de ferro, sulphitos de cobre, chumbo e zinco; a maior parte das galenas contém antimónio. A variedade de mineraes resultantes da decomposição destes minerios é muito numerosa: carbonato de zinco, carbonato e chlorophosphato de chumbo, phosphato, arseniato e carbonato de cobre, oxydos de antimónio e enxofre nativo são communs em alguns dos veios; sulphato de cobre,

sulphato e chromato de chumbo são mais raros; ouro nativo acha-se escassamente espalhado em quasi todos os veios, e no da Boa Esperança se encontram grãos de platina.

A carreira de rochas no valle do Bruscas é muito aurífera, e os veios de quartzo são abundantes, e conquanto as rochas estejam muito contoreidas, nenhum vestigio duma falha verdadeira se encontra em qualquer parte de todo o districto; esta singularidade parece pertencer a todas as rochas alteradas que examinei na Parahyba e em Pernambuco, porquanto no decurso duma viagem, a cavallo, de 1000 milhas, não notei uma só; é a esta falta de fracturas verdadeiras que attribuo a pobreza dos veios de quartzo; nada favorecendo a concentração dums dos minérios, o outro distribuiu-se igualmente por todos os veios.

É sabido dos mineiros que nenhuns veios são tão ricos como os em que as faces de rochas dissimilares se acham collocadas em opposição umas ás outras nas paredes do veio.

Na minha viagem das minas para Pernambuco, atravessei a mesma serie de rochas das indicadas na secção, e durante a minha cavalgada tive occasião de seguir a pista de varios anticlinaes; isto resulta da vasta extensão de terreno coberta por rochas da mesma idade.

A cerca de setenta leguas de Pernambuco encontrei uma faixa de porphyro quartzífero, do qual vos apresento uma amostra; tem uma base compacta, composta duma mistura intima de quartzo e feldspatho incluindo crystaes de orthoclase e grãos de quartzo.

Perto de Jerimú occorrem, poucas leguas uma da outra, duas faixas de calcareo crystallino; uma é estreita e muito crystallina, a outra muito larga; em algumas partes esta é calcacea, porém nenhuma das jazidas é tao intensamente crystallina como a faixa estreita. A região entre Jerimú e Pernambuco tem grande semellhança de aspecto com a da Parahyba e Campinas.

O conjuncto das series destas rochas corresponde em todos os sentidos com as feições caracteristicas das rochas laurencianas do Canadá, segundo Sir W. E. Logan, isto é:

I — A ausencia total de qualquer substancia semelhante a argillite ou schisto argilloso.

II — Que nada correspondente á clivagem schistosa foi observado.

III — Que a laminação destas massas é, aparentemente, em todos os casos coincidente com e dependente da estratificação original das jazidas sedimentares.

Foi approvedo um voto de agradecimento a Mr. Williamson por esta memoria. O Presidente disse que todos eram devedores de Mr. Williamson pela descripção clara que elle acabava de fazer do que observara na America do Sul. Desejou saber qual era a espessura das rochas laurencianas. Mr. Williamson disse que estas eram indefinidas; mas, que deviam ser de grande espessura, pois cavalgou durante 300 milhas atravez da sua orientação, e não podia garantir quanto mais além ellas iam.

Mr. Dickinson perguntou a Mr. Williamson a que attribua acharem-se no perfil todas estas rochas collocadas sobre as suas extremidades, em vez de serem horizontaes, e sem que tivessem lugar grandes falhas.

Mr. Williamson disse suppor que as rochas eram contorcidas, de modo semelhante a secção ideal da geologia do Amazonas, e que os topos tinham sido desnudados.

Mr. Dickinson indagou se Mr. Williamson tinha visto alguma destas contorções. Mr. Williamson disse que sim; mas, por dispor de apenas de quinze dias para a travesia de 300 milhas não pôde examiná-las muito minuciosamente, pretendia regressar pelo mesmo caminho no intuito de proceder a uma investigação mais completa: este seu desígnio foi, porém, frustrado.

Mr. Plant pensou que seria valioso possuir-se um relatório do que Mr. Williamson observou. Ultimamente o Professor Agassiz lhe se apresentando nozes _grãos_ sobre a geologia do Brasil, e que seria interessante verificar como o exame de Mr. Williamson coincidia com o do citado Professor. O perfil de Mr. Williamson mostrava uma grande serie de rochas meta-

morphyticas contorcidas, que eram consideradas laurencianas e formavam as rochas fundamentaes do valle do Amazonas em que está incluída a Parahyba.

Tendo Mr. Williamson ainda respondido a algumas perguntas relativas aos seus diagrammas, foi encerrada a sessão.



A VERDADEIRA NATURALIDADE

DE

D. Antonio Felippe Camarão

(SECULO XVII)



Em sessão do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, de 27 de Outubro de 1903, procedemos a leitura de um trabalho sob o titulo : — *D. Antonio Felippe Camarão, Contradicta a um escripto pretendendo firmar no Rio Grande do Norte o berço do seu nascimento*, — e demos logo publicidade a este estudo historico nas columnas do *Jornal do Recife*. O escripto que motivou as nossas *Contradictas* foi inserto no *Correio do Recife*, em sua edição n. 119 de 16 do referido mez.

Proseguindo, porem, em investigações novas sobre o assumpto para ainda mais deixar bem firmados os nossos argumentos, refundimos aquelle nosso estudo, e assim, constitue o presente um outro completamente differente pelos novos moldes a que obedece.

Firmados agora os nossos argumentos e esplanções historicas no intuito de deixar completa e historicamente demonstrada a dualidade de personagens que se apresentam quasi que

na mesma epocha, e de nomes á confundirem-se, mas unificadas pelo Padre José de Moraes na sua *História da Companhia de Jesus na extinta Província do Maranhão e Pará*, concluída em 1759, sem attender ao muito que sobre o assumpto lhe poderiam orientar os publicados escriptos de contemporaneos e testemunhas presencias dos factos occorridos no proprio tempo em que viveram essas duas individualidades, originou-se dahi toda a confusão que modernamente se tem dado pelos encontrados juizos de escriptores diversos, e d'est'arte a controversia historica que tem reinado sem soluções positivas, logicas e convincentes.

Despertando-nos o animo, porem, sobre esse particular, umas phrases fugidias do nosso illustre conterraneo o Comendador Antonio Joaquim de Mello, em dous escriptos seus sobre a naturalidade pernambucana de D. Antonio Felippe Camarão, phrases essas, que impressionando-nos vivamente nos levaram a emprender estudos particulares sobre semelhante controversia, chegamos á convicção de que, o Potiguaçu, ou Antonio Camarão, chefe indio da aldeia do Igapúa ou Ygapó, no Rio Grande do Norte, — não é absolutamente o mesmo chefe indio que, sob o nome de D. Antonio Felippe Camarão, tanto illustra as paginas da nossa historia colonial pelo seu valor e heroismo, e outros tantos predicados honrosos: e conseguindo esse desideratum, como diz-nos a consciencia, callem por terra todos os argumentos oppostos, e triumphem a causa de Pernambuco, quasi que perdida pela opinião contraria que se firmou, e tem conseguido caudal corrente de seguidores, ainda que sem o menor exame e investigações particulares sobre o assumpto.

Provado portanto, que o nosso D. Antonio Felippe Camarão não é absolutamente esse Potiguaçu, que depois de baptisado chamou-se *Antonio Camarão*, e apparece no scenario historico do Rio Grande do Norte, pela primeira vez, em 1598, empunhando já o bastão de principal de uma grande aldeia, e pulverisados todos os argumentos que procuram provar essa unidade individual, fica patente assim, que a razão e o direito estão do lado dos que proclamaram e dos que ainda proclamam, que Pernambuco é a

Ditosa Patria que tal filho teve.

Com semelhantes intuitos estudamos detidamente o typo historico desses dous vultos, graças aos subsidios de que ainda podemos dispor, e entrando depois em uma serie de argumentos e considerações diversas sobre o assumpto, concluimos com a comprovação historica dessa dualidade de personagens, o que determinado reinvindica para Pernambuco a usurpada gloria de haver sido o berço do nascimento do heróe potyguiano D. Antonio Felippe Camarão.

* ~ *

ANTONIO CAMARÃO

Em 1598 existia no Rio Grande do Norte uma aldeia de indios com o nome de Igapúa ou Ygapó, denominada depois de Guagerú, cujo local é precisamente o mesmo da extincta villa de Estremoz, e desse aldeamento era chefe ou principal um indio notavel, conhecido já pelo nome portuguez de *Camarão*.

Os indios dessa aldeia, bem como os de todas que se extendiam pelo vasto littoral do Rio Grande, pertenciam a tribu ou familia dos Potyguares, e eram nessa epocha já alliados dos portuguezes, porquanto, acabado o forte do Rio Grande, que se intitula dos Reis, o entregou Manoel Mascarenhas a Jeronymo de Albuquerque, como refere Fr. Vicente do Salvador, e o deixando muito bem fornecido de gente, artilharia, munições e mantimentos, e tudo o mais necessario, foi com a sua gente pernoitar na aldeia do Camarão, onde Feliciano Coelho, capitão mór da Parahyba, estava acampado.

Que idade teria nessa epocha o chefe potyguiano da aldeia do Guagerú?

Examinemos este ponto, que é de grande importancia para o nosso plano de estudo.

Em nossa opinião, o chefe Camarão devia ter em 1598, epocha em questão, os seus trinta annos de idade, pelo menos, uma vez que a investidura de principal era sómente conferida áquelles que tinham dado sobejas provas de valor e heroismo nas guerras e se nobilitado por outros feitos e acções honrosas, o que só se conquistava depois de largo tirocinio, e quando o individuo attingia a uma idade mais ou menos mediana, como re-

ferem os chronistas do tempo, descrevendo os uzos e costumes dos indios : e é por isso que esse principal dos indios do Rio Grande, — o homem de que faziam muita conta os seus subordinados, — na phrase do seu coevo, o autor da *Jornada do Maranhão*, é chamado *Poty-guaçú* por Simão de Vasconcellos, e *Grande Camarão* por Berredo.

Que essa idade que assignalamos é menos que razoavel, prova-o o facto do celebre Jacatúna, irmão do chefe Camarão, ter já um filho de 18 annos em 1614, como consta do livro da *Jornada do Maranhão*; e calculando-se que tivesse elle esse filho aos 25 annos de idade, pelo menos, tinha então 43, nascendo por consequente em 1571. Portanto, não é por demais apresentarmos o Camarão com os seus trinta annos em 1598, tendo d'est'arte nascido pelos annos de 1568, sendo elle, sem duvida, de idade superior a de seu irmão o Jacatúna, uma vez que empunhava o bastão de chefe ou maioral de uma das aldeias.

Na phrase do nosso historiador Abreu e Lima, a chefia de uma aldeia — « foi em todos os tempos o direito da velhice, e por isso esses chefes eram de idade avançada, representando um pae de familia no meio de seus filhos. »

Fernão Cardim, narrando a recepção que teve em Pernambuco em 1584 o Padre Christovão de Gouveia, visitador dos Jesuitas, refere que houve um conselho para tratar de assumptos de interesse dos indios, e no qual tomaram parte — « os velhos principaes e grandes linguas, que com todo o siso e maduro conselho trataram de certos pontos » — attinentes á permanencia da aldeia em uma dada localidade.

Mathias Beck no seu *Diario da expedição ao Ceará em 1649*, refere-se por varias vezes — ao velho principal Francisco Carayá e seus filhos, ao velho Gaspar Paraupaba, e ao principal Francisco Aragiba, o mais velho dentre os principaes dos indios; — e sempre que tem de referir-se aos dous primeiros chefes, dá-lhes invariavelmente o qualificativo *de velhos*.

Não tinham reis nem principes, diz Fernandes Gama, e fôrma alguma de governo permanente : a unica superioridade que conheciam em tempo de guerra era a de seus anciãos, ou *velhos directores*, encarregados nesse tempo de excitar por seus discursos a mocidade á tomar armas.

O governo entre os individuos da mesma tribu, diz Theodoro Sampaio na sua excellente monographia *O Tupi na geographia nacional*, era o resultado do ascendente assumido pelo mais valente, o mais forte, o mais respeitavel pelos seus antecedentes honrosos.

E com essa investidura da chefia, depois da conquista dos seus predicaos em demorado tirocinio, recebia o chefe eleito, como que em baptismo solemne, um nome que recordasse todos os seus feitos de valor e heroismo, e ao mesmo tempo infundisse respeito e acatamento, como entre outros o de *Itagubã*, o braço de ferro; *Abatê*, o bravo, o homem illustre; *Ihyragára*, o caçateiro; *Yaquanharon*, a onça brava; *Aracuyhoia*, cobra feroz; *Picagibe*, braço de peixe; *Iaparakira*, o arco verde; e *Poty*, o camarão, acaso por ser agil e nadador como o pequeno crustaceo de deste nome.

Homem feito, portanto, chefe proeminente de uma grande aldeia, muito conceituado dos portuguezes, dos quaes já era amigo e alliado em 1598, o Camarão, de conformidade com as leis e costumes da sua gente, empunhava o bastão de *morubichaba* ou principal, conferido por eleição, e para o que se exigia um certo numero de predicaos, entre os quaes devia predominar o da valentia, não podia absolutamente, á exemplo dos principios e factos referidos, ser um homem senão de mediana idade, pelo menos, naquella epocha.

Alem disso era o Camarão casado, tinha filhos, o que ainda vem em apoio dos nossos conceitos, uma vez que nenhum joven podia casar antes que tivesse preso ou morto algum inimigo, e ainda mais, porque entre os indios impedias-se a união dos dous sexos antes que a mulher e o homem attingissem á puberdade completa; e o homem principalmente, só podia contrahir matrimonio depois dos 25 annos, tomando então tantas mulheres quantas podia bem sustentar, e segundo a sua valentia e esforço que a tudo isso se tinha particularmente respeito, na phrase coeva do autor dos *Dialogos das grandezas do Brazil*. (Dialogo sexto.)

Efectivamente, sobre esse particular, escreve o seguinte o Dr. Couto de Magalhães no seu livro *O Sacerdote* no capitulo referente á — *Idade para o matrimonio*:

« Todas as tribus impedem com grande cautela, e algumas

até com a severidade extrema da pena de morte, a união dos dois sexos antes da completa puberdade da mulher, sobretudo do homem... A virgindade do homem era por via de regra mantida até a epocha do casamento, e este não era tolerado antes dos 25 annos, sem que, contudo, seja isso o ordinario : o casamento é communmente depois dos trinta.

« A principal razão que dão os selvagens para isso é a força e a energia da prole, e a força e a energia da prole é coisa muito mais importante em uma sociedade barbara e rudimentar do que entre um povo civilisado, como é facil de avaliar ; a tribu que, por falta destas instituições, deixar a raça abastardar-se, é uma tribu vencida ; sem armas de fogo, sem os diversos recursos que uma cultura mais adiantada pôde trazer á arte da guerra, vence aquella tribu, cujos individuos dispuzerem de mais forças physicas : por aquí comprehendese o papel importante que representa esse elemento em taes sociedades. »

Do que fica exposto, portanto, comprovado á luz da critica e da historia, fica evidentemente demonstrado, que o Camarão, com os seus predicados de homem feito, de chefe de uma grande aldeia, e de pae de familia, respeitado pelo seu prestigio e temido pelo seu valor, era já em 1598 um homem de mediana idade, tendo pelo menos, nessa epocha os trinta annos de vida que lhe assignamos.

Em 1607 partem de Pernambuco os padres jesuitas Francisco Pinto e Luiz Figueira, com destino á Serra da Ibiapaba, no Ceará, e de passagem pelo Rio Grande do Norte, visitam a aldeia do Camarão, e comecam a obra da sua catechese no gremio do christianismo, conquistando principalmente o Padre Pinto a mais decidida confiança e amizade do chefe indio e de toda a sua numerosa tribu.

Partindo ambos em demanda do seu destino, não conseguiram o seu desideratum ; o Padre Pinto cahio morto ás mãos dos indios, e o seu companheiro teve tempo de fugir de igual martyrio, deixando contudo o corpo da victima sepultado, em lugar assignalado, nas abas da Serra da Ibiapaba.

Annos depois, quando os padres jesuitas da missão de Pernambuco resolveram trasladar para conveniente lugar os venerandos restos mortaes daquelle seu illustre e mallogrado com-

panheiro, delegaram para o cumprimento desse piedoso dever a alguns de seus companheiros.

Dominava então, entre todos os maiores daquelle sertão, com mais autoridade e poder que os outros, o celebre e insigne principal Camarão, como narra o Padre José de Moraes, chefe este, que pela maior soberania se fazia mais respeitado no Rio Grande, onde tinha uma populosa aldeia, e sendo em extremo afeiçoado ao Padre Francisco Pinto, sentio immensamente a sua morte, e sabendo então, que em uma das aldeias de Jaguaripe se achavam já trasladados os seus restos mortaes, convidou os visinhos e passou ordem aos seus vassallos, que em dia fixado se achassem todos juntos, para que, em apparatosa romaria, visitassem todos ao seu grande amigo, o Pae Pinto, como o chamavam os indios cheios do mais profundo respeito á sua memoria.

« Não amanheceu dia mais alegre naquellas povoações que o determinado para a partida, continúa o Padre José de Moraes. Vestidos todos de gala ao seu modo, da mesma peça de que costumam trajar as mais vistosas aves daquelle paiz, que pela diversidade de cores não deixava de fazer uma bella perspectiva aos olhos, ao mesmo tempo que os faziam mais temidos as coifas de plumagem, com que se ostentavam mui medonhos, ajudados dos arcos e flechas, de que iam armados.

Poucos dias gastaram na viagem, até que por ultimo chegaram ao lugar onde estava o precioso deposito que buscavam. Postos todos de joelhos se abraçou logo o devoto Camarão com os ossos de seu grande amigo, tão banhado em lagrimas de consolação e ternura, que a poderia causar ainda aos mais duros corações. Isto acabado, como era grande o respeito que entre todos os principaes daquelles sertões tinha conquistado este valeroso indio, assim pela valentia de seu braço como pela destreza na guerra, e grande numero de vassallos com que se tinha feito dos mais poderosos, entrou a dar leis e passar ordens, quando parece devia estar as do maioral daquelle aldeia. Tanto pede um valor com forças, e a tanto se sujeita um recio sem valentias. »

Para receber os restos mortaes do Padre Pinto mandou o chefe Camarão — edificar uma igreja de maior grandeza e melhor ibada que a antiga, — e no respectivo altar tiveram elles

jazigo condigno, e celebrando-se o acto da trasladação e deposito com toda a pompa e solemnidade, retirou-se depois o Camarão para a sua aldeia do Rio Grande com toda a gente que o acompanhára áquella piedosa romaria.

Não sei eu, exclama o Padre José de Moraes, que os ossos do veneravel padre podessem encontrar maior piedade em animos mais civilizados e entre nações mais politicas; mas, assim costuma Deus fazer grandes, ainda nesta vida, aos seus servos, que por seu amor e serviço se quizeram fazer nella pequenos, chegando por ultimo a derramar o seu sangue e dar a propria vida em beneficio do proximo; e porque a grande piedade deste principal foi a que por então abriu as portas á geral veneração daquelles povos, conclue elle, seja-me licito em signal de nossa gratidão, fazer delle breve e mais bem merecida lembrança.

« Foi tão benemerito este bom indio da graça da vocação com que Deus o chamou ao gremio da santa igreja, que ainda catechumeno, e não de todo instruido nos mysterios da nossa santa fê pelos nossos padres, com especialidade o Padre Pinto, que ás suas terras tinham ido annunciar a lei evangelica, com animo de voltarem por não poderem ainda ficar de assistência, que na sua ausencia era elle o melhor substituto e o mais apto catechista, tomando tão deveras á sua conta a instrucção de seus vassallos, que quando via se esfriavam na perseverança do que os padres lhes recommendavam, e já christão, depois que vieram os padres, e na sua ausencia, era elle um fervoroso pregador, que não só com o exemplo, mas tambem com a palavra os animaes a guardar a mesma doutrina que aquelles lhes tinham praticado; discorrendo com incansavel zelo pelas aldeias vizinhas exhortando os christãos, para que vivessem como taes, e aos que via em perigo de vida, para que morressem como catholicos, e para que os pagãos não finalisassem destituídos de remedio, os catechisava e ia dispondo a receber naquella ultima hora com agua do santo baptismo a segurança da salvação eterna.....

« E porque via que a falta de missionarios os entibiava na mesma fê que aprendiam, os alentava o seu zelo com as esperanças de que logo viriam padres, que não só a elle, mas a todos os mais, que os quizessem e estivessem instruidos, os baptisassem. A tão fervorosos desejos satisfiz a divina clemencia

por meio de seus ministros, os zelosos padres Diogo Nunes e Gaspar de S. Peres, que apenas chegaram de Pernambuco á sua aldeia deram principio á sua missao com um bom numero de innocentes e adultos, já capazes, que baptisaram; e como o principal Camarão era a pessoa mais abalisada naquelles serções, pediu elle e o approvaram os missionarios, que o seu baptismo se fizesse com aquella solemnidade que pedia o seu caracter, e era preciso para conciliar mais respeito, assim ao Sacramento, como ao cargo que entre os mais o distinguia. Enquanto elle se preparava e dava as ordens para se pôr corrente tudo que entre os termos da sua possibilidade podesse servir a um universal festejo, percorreram os nossos padres pelas mais aldeias vizinhas, catechizando, baptizando, confessando e exercendo os mais ministerios proprios de seu zelo e os mais recommendaveis do seu instituto.

« Recolhidos os padres á povoação, era já chegado o dia do solemnissimo baptismo do principal Camarão, que foi a Dominga da Quinquagesima do anno do Senhor de 1612. Ao sabado á tarde se deu principio com muitas danças e mascaradas ao seu modo, que embora barbaro, não deixava tambem, sendo como era, de parecer ridiculo.

« Havia flautas dispostas em harmonia de vozes, a que de quando em quando acompanhavam os tamborezinhos que serviam de compasso aos bailes e de alegre recreação aos ouvidos. Seguiam-se as vozes, que sendo de algum modo gratas, só se faziam enfadonhas pela repetição continua das mesmas cantigas, accommodadas todas á solemnidade do seguinte dia, como é costume entre elles. De noite houve tiros e luminaria, que se gastou toda em danças, e toque de instrumentos rusticos, por serem notavelmente inclinados a estas e semelhantes folias; amanheceu o Domingo, que naquelle dia bem se podia chamar Paschoa de flôres, pelas muitas do campo com que estava alcatifado o caminho da casa do principal até a igreja.

« Sahio elle finalmente vestido de gala, precedido de um festival acompanhamento, levando consigo sua mulher e filhos, e grande numero de vassallos que o seguiam. Chegaram á igreja, onde os separavam os padres, que com a maior pompa e ceremonias da igreja lhe conferiram o baptismo e a toda a sua familia.

« Acabada a função ao som de toques e estrondo de algumas cargas, se recolheram contentes a continuar o festejo com que celebraram o acto e puzeram remate a solemnidade de um tão grande dia.

« No seguinte se celebrou o matrimonio *in facie Ecclesie* com uma das mulheres, que entre as mais escolheu para sua legitima consorte, despedindo de casa as mais, e recebendo neste e nos mais dias muitos parabens dos vizinhos e mais portuguezes, que em distancia de vinte leguas vieram obsequiar o famoso principal D. Antonio Camarão, por se fazer de tudo creddor o seu bom genio e relevantes serviços que sempre fez aos serenissimos reis de Portugal, motivo porque o julgamos merecedor desta particular lembrança, para assim remunerarmos o especial affecto que muito alem da morte consagrou á saudosa memoria do veneravel servo de Deus o Padre Francisco Pinto. »

Estudemos agora a ultima phase conhecida da vida do principal Antonio Camarão, servindo-nos de guia o livro contemporaneo *Jornada do Maranhão*, geralmente attribuido ao sargento-mór Diogo de Campos Moreno, que tomou parte nessa jornada como um dos chefes da expedição militar que partio de Pernambuco em 1614.

Posto em execução o plano da conquista do Maranhão do poder dos francezes, em 1614, associou-se a essa empreza o chefe Camarão, partindo por terra do Rio Grande ao Ceará, com um sequito de pouco mais de trinta indios frecheiros, lugar escolhido para a reunião de todas as forças expedicionarias, para dalli embarcarem com rumo direito ao seu destino.

No dia 6 de Setembro chegou o Camarão ao Ceará com a sua gente; — « e tal chegou do caminho, narra o autor da *Jornada*, que mandou pedir licença para se ficar naquellas com seu irmão Jacuina, o qual tambem fazia força para que lhe'o deixassem, ou ao menos lhe dessem tempo para engordar, como quem diz, para se refazer, e tanto porfiaram, que pelos contentar, ficaram alli as mulheres e alguns dos seus indios. »

« Como este achaque, que não quizeram parar avante, com que o numero dos que na armada viuham, antes foi diminuindo-se, que crescendo aqui no Ceará, nem destas aldeias o d'Albuquerque pôde tirar com todas as suas fallas e dadivas

mais que até 20 frecheiros com um filho do Jacauna, moço de 18 annos, ficando por estes mais de 40 dos da armada: nem tão pouco Jacauna dera nenhum dos seus, senão que Jeronymo de Albuquerque deixando alli algumas criadas indias suas, deixou um menino seu de deus annos juntamente, com que ficaram assignados e contentes.

Por aqui se pôde ver o cabedal, que é bem fazer-se das palavras dos indios do Brazil, conclue o escriptor, e quanto importa estarem obrigados continuamente mais do temor e força dos brancos, que de palavras de *linguas*, as quaes não guardam senão no que lhes está bem... »

Que motivos actuaram no animo do Camarão para se deixar ficar no Ceará e não acompanhar a expedição destinada á conquista do Maranhão?

O senador Candido Mendes, reflexiona apenas, que — em verdade, depois da passagem da expedição do Maranhão, Antonio Potyguassú nao quiz ou não pôde acampar-lhe do porto do Ceará, pretextando molestia ou o terror do mar, e a recordação do que acontecera com os Potiguares que foram por seducção levados á Bahia, e nunca mais volveram aos seus lares. »

Não foi o terror do mar, á percorrer desde o Ceará até ao Maranhão, que fez com que o chefe potigiano do Rio Grande não acompanhasse a expedição ao seu destino.

Effectivamente, o mar não intimidava a homens que affrontavam-no para tirar d'elle um dos seus principaes elementos de subsistencia, a homens como os Tupis, — grandes pescadores, bons nadadores, e de fôlego tão longo, a ponto de levarem todo um dia sem comer nem beber, sobre a agua, nadando. »

Demais, na phrase de Theodoro Sampaio, a navegação estava muito em voga entre os Tupis, quasi todos localisados no littoral, donde outr'ora expulsaram os primitivos dominadores do paiz.

Pescavam muito no mar e nos rios, tirando dahi larga parte da sua subsistencia. — Habilissimos canoeiros e nadadores eximios, affrontavam as ondas mar em fora com o maior desassombro. — Contam mesmo alguns viajantes que esses barbaros, em avistando no horizonte embarcações em transito, nada-

vam muitas vezes ao encontro dellas para lhes vender *lucrosil*. Os Quaytacás, segundo Gabriel Soares, andavam a nado pelo mar dentro, accommettendo os tubarões (*tipirã*) e afogando-os com um péo agudo, que lhes mettiam com força pela garganta.

« Os Tupis do Rio de Janeiro como os de Paraty e Ubatuba, possuíam canoas tão grandes, feitas de um só tronco, que algumas dellas eram capazes de quarenta, sessenta e mais tripolantes. — Martin Affonso de Souza, na sua viagem de 1530, assistio, maravillado, a uma encarnigada batalha naval entre gentios de Itaparica e do continente da Páhia de Todos os Santos.

« Dextros canoeiros, manejavam de pé o remo a compasso certissimo com o que muito maravilhavam aos europeos. »

Não foi, portanto, a viagem maritima que intimidou ao chefe potigiano.

Um enfermidade qualquer, acaso de caracter grave, que, no juizo de Candido Mendes, talvez fosse um pretexto para não acompanhar elle a expedição até ao seu destino, parece-nos antes a causa efficiente dessa resolução do chefe potigiano.

Effectivamente, não era elle um homem moço, forte e robusto, e a longa travessia por terra, do Rio Grande ao Ceará prostrára-o tanto, que não sentio-se com forças bastantes para proseguir na viagem e tomar parte em uma campanha arriçada e trabalhosa, e deixou-se ficar com seu irmão, seguindo então um sobrinho seu com alguma gente.

Teria o Camarão resistido a essa prostração, ou morreu então no Ceará victima de alguma enfermidade contrahida naquella longa e penosissima viagem, por terra, e em pleno rigor da estação hybernica?

O certo é, que chegou elle *tão prostrado do caminho* que percorreu, *que não podia continuá-lo; e á tanta poeira* deixaram-no ficar, tal o *estado em que chegou do caminho*, e em o refere o autor do livro da *Jornada do Maranhão*.

Eis ahi, segundo o juizo de um escriptor contemporaneo, que escreveu segundo o que viu e presenciou em todo o seu desdobramento, nessa memoravel jornada, o motivo pelo qual o Camarão deixou-se ficar no Ceará.

Enxergariam os indios, acaso, nessa excusa do velho chefe um simples pretexto para eximir-se de tomar parte na cam-

panha do Maranhão, e que irritados com semelhante procedimento depuzessem-no do cargo, uma vez que entre os Tupis, quando um chefe commettia um acto de covardia, *ou sahia atulosa*, era logo deposto, e nem faziam mais caso algum d'elle, como escreve o m'escriptor c'evo, o Padre Simão de Vasconcellos?

Seja como fôr, dessa epocha por diante, o chefe indiano do Rio Grande do Norte, Antonio Pati ou Camarão, desapareceu e completamente do scenario historico...

Entretanto o Padre José de Moraes, confundindo-o com D. Antonio Felippe Camarão, chefe dos petiguares da aldeia de S. Miguel do Mossupé em Pernambuco, ao tempo da invasão hollandeza em 1630, fál-o viver nesta epocha, e ainda mesmo depois da sua restauração gloriosamente verificada em 1654!

Eis as suas proprias palavras; referindo-se ao Rio Grande do Norte, nos primeiros annos do seculo XVII:

« Dominava entre todos os maiores daquelle setião com mais autoridade e poder que os outros, o celebre e insigne principal Camarão, cujo nome foi tão attendido dos nossos historiadores, pela razão do grande soccorro que deu ás nossas armas na expulsão dos hollandezes de Pernambuco, a quem seu mesmo valor foi raio, que alem de aterrar, não causou pequenos estragos nas dominantes tropas da Hollanda. »

Isto escrevem o Padre José de Moraes em 1759, quando concluiu a sua *Historia*, sem attender aos subsidios legados pelos que anteriormente a elle, e coevos dos factos, deixaram escripto em suas obras, e nem aos seus proprios contemporaneos entre os quaes Pereira de Berredo, nos seus *Anaes*, então de recente publicação, porquanto foram impressos em 1749.

Detenhamo-nos por um pouco sobre o assumpto.

O Padre Manoel de Moraes, contemporaneo dos acontecimentos que escreve, e que na sua qualidade de missionario jesuita percorreu todo o territorio que se estende, principalmente, de Pernambuco ao Rio Grande, deixou-nos uma lista das aldeias que existiam naquelles territorios ao tempo da invasão hollandeza, e mencionando as do Rio Grande, refere-se a do *Iguipá*, sem declarar, porem, os nomes dos seus chefes ou principaes.

E' facto contestado pela historia, que os petiguares do Rio Grande alliaram-se aos hollandezes quando alli chegaram e

assenhorearam-se da capitania, e que para dar arrebas da sua fidelidade ao invasor commetteram os mais horrivéis attentados contra os seus habitantes, de cujos factos destacamos o barbaro massacre de Cunhaú de que deixou-nos particular narrativa o commandante da villa Lopo Curado Garro.

Dos chefes indianos dessa epocha, que tanto se distinguiram pela sua ferocidade são conhecidos Francisco Pavaniya ou Paroapaba, e Pero Poty, acaso principal da aldeia do *Igapôa*, e successor de Antonio Poty, ou Camarão, o que prova que a esse tempo já elle não existia.

Demais, o Padre José de Moraes, como se vê do transcripto trecho da sua *Historia*, dá a entender claramente, que o Camarão sobreviveu ao facto da restauração de Pernambuco occorrido em 1654, affirmando que deu elle — *grande soccorro ás nossas armas na expulsão dos holandezes de Pernambuco*, — quando é historica e documentadamente sabido que D. Antonio Felippe Camarão, dada mesmo a unificação das duas individualidades, não vio despontar o sol que surgiu esplendido com a libertação da patria em 27 de Janeiro de 1654, porquanto falleceu seis annos antes, pouco tempo depois da primeira batalha de Guararapes ferida no dia 19 de Abril de 1648!

Ora, se os potiguares do Rio Grande fizeram causa commum com os holandezes, se são conhecidos os nomes dos seus chefes — que unidos a elles foram os verdugos dos portuguezes, quem seria esse Camarão, que tão grandes soccorros lhes prestou na guerra contra os holandezes, *cujos e dor foi raão, levado o terror por toda a parte e causanda-lhes grandes estragos*, senão o heroico chefe indiano D. Antonio Felippe Camarão?

E' dessa confusão das duas individualidades, portanto, que vem toda a controversia historica iniciada pelo Senador Candido Mendes de Almeida em 1874, e divulgada pelos seus seguidores.

* .

D. ANTONIO FELIPPE CAMARÃO

Não se sabe ao certo o anno em que nasceu esse heroico indio da tribu dos Potiguares, que tão grande nomeada em-

quistou por seus feitos militares no período que decorre de 1630 a 1648.

Fallecendo ainda moço, por assim dizer, depois da primeira batalha dos Guararapes, ferida em 19 de Abril de 1648, e calculando-se que tivesse os seus vinte e cinco annos, pouco mais ou menos, quando em 1630 se apresentou em defesa da patria em lutas contra o lativo invasor, nasceu elle pelos annos de 1605.

Que D. Antonio Felippe Camarão fallereu moço ainda, dillo Frei Raphael de Jesus, autor contemporaneo, se bem que um tanto veladamente, obedecendo ao estylo metaphorico em que escreveu o seu *Catrioti Lusitani*, impresso em 1673, quando trata do seu fallecimento (L. 9 n. 52), nestes termos :

Não faz grande vida a duração do tempo, supposto, que a pôde fazer larga ; a occupação do tempo é, a que faz uma vida grande, porque a vida dos mortaes não se mede pelo que dura, mede-se pelo que obra ; computada a vida deste heróe pelo que obrou, foi de muitos annos. Nasceu indio, porem entre os indios o mais nobre. O nascimento lhe deu o nome de Poty, (que na lingua do gentio é o mesmo que Camarão) e o baptismo lhe deu o de Antonio. »

Vem mais em favor dos nossos argumentos o facto do casamento de Camarão, e a existencia de um unico filho seu, ainda menor, em 1661.

Estudemos particularmente esses factos.

Camarão recebeu por sua legitima consorte a uma joven india por nome D. Clara, sem duvida filha de algum chefe ou principal de aldeia da sua mesma tribu, em epocha desconhecida, mas de facil presumpção.

Effectivamente, tratando os escriptores coevos da apresentação do Camarão na tenda do general Mathias de Albuquerque, em 1639, fazem-no tão minuciosamente, que descem mesmo a declinar os nomes das dous interpretes que o acompanharam, como o Marquez de B. sto, o que prova que conhecia entao o seu contacto intimo com os portuguezes, nada dizem sobre esse particular, nem tão pouco quando detidamente se occupam das proezas desse heróe no decorrer da campanha, até o anno de 1637.

Neste, porem, quando a guerra tomou uma nova feição,

de acordo com o plano de conquista do paiz, tregado pelo governador hollandez o principe de Nassau, e em 18 de Fevereiro ferio-se a batalha de Porto Calvo, Camarão vira ao campo da acção, e peleja com o inimigo tendo ao seu lado sua consorte D. Clara, — em um cavallo, com uma lança na mão —, como narram os escriptores contemporaneos Frei Manoel Calado e Diego Lopes de Santiago, a qual se mostrou *tão clara e mto generosa, que deixou escrita a memoria das Zambias e Simicamis, em que tanto se illustra a antiguidade*, na phrase de Frei Raphael de Jesus.

Com esses fundamentos, portanto, é licito presumir-se que o Camarão em 18 de Fevereiro de 1637 era recentemente casado, porquanto apparece então, *pela primeira vez*, combatendo ao lado de sua consorte, que dali por diante acompanhou sempre a seu marido — em todas as campanhas, e teve parte em todas as victorias —, como escreveu Damiao de Frêes Perim no seu *Theatro heroico* (Lisboa, 1736—1740).

Do seu consorcio com D. Clara teve o Camarão, documentadamente sabido, apenas um filho, que naturalmente ficou de muito tenra idade quando falleceu elle em 1648.

Esse documento a que nos referimos é uma Portaria do Governador Francisco de Brito Freire, datada de 11 de Abril de 1661, e que Antonio Joaquim de Mello consigna em sua integra á pag. 196 do T. II das suas *Relações*, por cuja Portaria ordenou aquelle governador á Provedoria da Fazenda Real o pagamento de um — «vestido que se deu ao filho do capitão mór que foi dos indios desta capitania D. Antonio Felippe Camarão, que recolheu em sua casa para o doutrinar, e ter o tratamento que se deve ao muito que o dito seu pai soube merecer em o serviço da corôa de Portugal, por tudo convir ao serviço de Sua Magestade.»

Por esta Portaria, evidentemente comprova-se, que recolhendo o Governador em sua casa a um filho do Camarão *para o doutrinar*; e ordenando o pagamento de um vestido que lhe mandou dar, isto é, uma roupa qualquer, que era elle de menoridade nessa epocha, que cuidava-se ainda da sua educação, e portanto, não tinha meios de vida para manter-se por si proprio: e parece comprovar ainda, que sua mãe D. Clara já era fallecida a esse tempo, porque se vivesse ainda, teria certa-

mente a esse seu filho sob sua guarda, e educação e ella propria da sua educação.

A existencia de um filho do Camarão, ainda muito moço e de menoridade, cuidando-se do seu doutrimento, ou educação, em 1631, prova que ficou elle de muita tenra idade quando seu pai falleceu, em 1618, e d'est'arte, que era o Camarão nessa epocha, um homem ainda moço, uma vez que não attingira aos cincoenta annos de idade, e era portanto, um homem forte e saão, e em pleno gozo de todas as suas faculdades.

Tratemos agora de fixar a naturalidade do Camarão, precisamente em Pernambuco.

Frei Manoel Calado, autor contemporaneo, residente em Pernambuco por largos annos, testemunha presencial dos factos que narra no seu livro o *Valeroso Lucidano* impresso em 1648, e pessoal e intimamente conhecendo a D. Antonio Felippe Camarão, consagrou largas paginas em memoria de seus feitos, e das quizes collhe os os seguintes trechos, que particular e repetidamente assellam o cunho da sua naturalidade pernambucana :

..... « *Tambem se veio a offerecer ao general um indio da terra, chamado Antonio Camarão* (que era o principal e capitão de uma aldeia) com toda a sua gente mui dextra na flecha e arco, e com todos os seus parentes e amigos, que se congregaram, e o elegeram por maior, por esforçado e animoso. » — Pag. 12.

Tambem João Fernandes Vieira escreveu em um proprio por terra a D. Antonio Felippe Camarão, que estava alojado em Sergipe d'El Rei, com todos os seus brasilianos, pedindo-lhe com muitos rogos e encarecidas palavras, que pois *havia nascido na provincia de Pernambuco*, e havia feito tantas proezas na defensão della no tempo de Mathias de Albuquerque, que o do Conde de Bagnuolo, que não faltasse agora na miséria em que os seus moradores estavam ».....

E porque poderi perguntar qualquer curioso quem é este D. Antonio Felippe Camarão? A isto respondo, que é um indio brasilião, o mais fiel vassallo, que Sua Magestade tem nesta America, e o mais amigo dos portuguezes que tolos os que até agora tem havido, nem de presente ha em toda a terra

do Brasil, e o mais audiloso na guerra, que todos os sua meão, o qual sendo principal e capitão de sua aldeia, e de outras que lhe eram subordinadas, tanto que soube que os holandezes tinham ganhado a villa de Olinda e o Arrecife por força de armas; e que o governador Mathias de Albuquerque tinha plantado arraial, e estava com exército formado, defendendo que o inimigo entrasse pela terra a dentro, logo despejou suas aldeias, e trazendo consigo todos os indios que lhe eram sujeitos, com todas as suas mulheres e filhos, desceu do sertão, e se veio a apresentar a Mathias de Albuquerque para servir a Sua Magestade naquella guerra. » — Pag. 164—5.

« Quando a nossa gente de guerra se retirou para a Bahia com o Conde de Bagnuolo, tambem o Camarão se retirou connosco, esperando que El Rei nos mandasse soccorro para elle se tornar *para a sua patria* em sua restauração. » — Pag. 165.

Em fim, esse escriptor coevo transcreve em sua integra uma carta dirigida aos holandezes pelo valente pernambuco Henrique Dias, na qual figura este trecho :

« Meus senhores holandezes, meu camarada o Camarão não está aqui, porem eu respondo por ambos. Vossas merecs saibam, *que Pernambuco é sua patria e minha*, e que já não podemos soffrer tanta ausencia delle... » — Pag. 334.

De uma carta dirigida em 1645 aos Altos e nobres Conselheiros do governo hollandez no Recife, pelo governador geral do Brasil Antonio Telles da Silva, para ser-lhes entregue pelo almirante Jeronymo Serião de Paiva, e da qual trouxe depois uma copia o almirante Salvador Correia de Sá, que a mandou entregar por uma embaixada que enviou aos mesmos Conselheiros, consigna Matheus van den Broeck, que a esse tempo residia no Recife, um longo trecho no seu — *Diário da narração historica, contendo o que elle viu e realmente aconteceu no começo da revolta dos portuguezes no Brazil*—, impresso em Amsterdam em 1651, de cujo trecho destacamos este periodo :

« Quanto a D. Felipe Camarão, general dos indios, e Henrique Dias, capitão dos negros militares, havia muito que tinha sido dispensados do serviço d'El Rei, pois que durante as treguas (em que muito confiava) nao tinham tido emprego de sua mão; e como Camarão costumava dizer que queria tornar para Pernambuco, *sua velha patria*, acreditava que por esta

razão se partira para aqui, e tomara por companheiro a Henrique Dias, pois eram bons amigos... »

O Dr. José Hygino na traducção desse folheto, publicada em 1875, manda ver em nota ao trecho transcripto, a obra de Nieubof impressa em 1682, pag. 109, onde tambem se faz menção da alludida carta.

Ouçamos agora a um outro contemporaneo ainda, Frei Raphael de Jesus, escriptor de elevada reputação litteraria, chronista mór do reino, e de subida hierarchia ecclesiastica. É verdade que não esteve em Pernambuco para fallar de sciencia propria, como os citados escriptores, mas escreveu á vista de insuspeitas e fidedignas informações locais, como elle proprio declara, nestes termos : — « A noticia dos successos, *dos passados*, dos tempos e das pães, recbi de sujeitos fidedignos pelos postos que occuparam, pela continuacão com que serviram, e pela honra com que procederam, aos quaes, *como a testemunhas de vista* manda o direito dar inteiro credito. »

Além disso enviou elle a sua obra ao exame do mestre de campo general João Fernandes Vieira, a quem é offerrecida, — *para que com a sua censura, ou com a sua approvação, fique a certeza sem duvida, e se leia esta historia sem escrúpulo.*

Pois bem ; Frei Raphael de Jesus insereve tambem no seu *Catholico Lusitano* uma carta de Henrique Dias dirigida aos holandezes, logo em começo do rompimento da revolução em 1645, em cujo documento figura este trecho eloquentemente traçado :

« Foram os aggravos e tyrannias que animaram os genidos com que os pernambucanos nos persuadiram á vingança, a mim e ao governador dos indios D. Antonio Felippe Camarão. Faltamos á obediencia, que nos occupava no sertão da Bahia, por não faltarmos as obrigações — *da patria, respeitando primeiro as leis da natureza, que as do imperio.* »

Ficando assim provado á saciedade, que o Camarão nasceu em Pernambuco, desçamos agora a outros pormenores sobre a sua vida, os quaes concorrem ainda mais, para com melhores fundamentos, deixar bem accentuada essa sua naturalidade.

Não se póde com certeza fixar a localidade em que nasceu elle.

Seria em Pão d'Alho, onde em 1591, Frei Melchior de

Santa Catharina custodio dos franciscanos, fundou a Aldeia de S. Miguel, em cuja localidade levantou-se depois um engenho com a denominação de *Aldeia*, que ainda conserva; ou nas outras localidades, onde successivamente foi estabelecida a mesma aldeia, até que ficou definitivamente situada — na freguezia de Tejuenpapo, entre os extremos de Iguarassú e Goyanna, para a costa do mar, em o sitio que chamam do Siry; — localidades essas, a que o nosso chronista Frei Antonio de Santa Maria Jaboatao se refere na sua obra *Nova urbs seraphica brasílica*, guardando a ordem das remoções da aldeia, taes como: a Muribica antes do rio Itapirema tres leguas; o riachio que chamam Biapicú na freguezia de S. Lourenço de Tejuenpapo; e o lugar da Aldeia Velha, por uma que ali tiveram os franciscanos, na freguezia de Itamaracá, da parte da terra firme?

Nada se pôde colher de positivo sobre o assumpto.

Entretanto, o nosso fallecido confrade Dr. Maximiano Lopes Machado, no seu discurso pronunciado na sessão solenne de recepção do Dr. José Hygino, celebrada pelo Instituto quando regressou elle da sua missão á Hollanda, em 1885, diz o seguinte, sem duvida firmado em informações ministradas por aquelle Dr., em face de algum desses muitos documentos que trouxe dos archivos de Haya e Amsterdam, ainda inédito e por traduzir:

« D. Antonio Felipe Camarão, recolhido aos doze annos na aldeia do Serigy, á poucas leguas de Iguarassú, foi cuidadosamente educado pelos padres da Companhia de Jesus. Aprendeu a ler e a escrever a lingua Tupy, a portugueza e a traduzir o latim. A religião e os bons exemplos completaram a sua educação, e modelaram o seu character pelo escrupulo do dever, já de natureza grave..... »

Anteriormente, porém, um historiador emerito, o Dr. F. M. Raposo de Almeida, no seu Relatorio apresentado ao Instituto Historico de Goyanna em 1871, sobre o marco divisorio da capitania de Pernambuco com a de Itamaracá, disse o seguinte, referindo-se ás suas pesquisas acerca do local e ruínas da antiga capella de S. Miguel da aldeia do Siry — onde talvez foi baptizado o Potyguassú, ou D. Antonio Felipe Camarão:

« O empenho, que alli nos levou foi pesquisar os vestigios

da antiga capella de S. Miguel e o hospicio de missionarios, que houve naquella aldeia.

Este empenho não era, nem é destituído de importancia, porque ha hoje em dia toda a probabilidade que nessa capella fôra baptisado o Potyguassú, ou D. Antonio Felippe Camarão; e que nesse hospicio fôra elle educado pelos missionarios franciscanos, e, depois de proveito, dirigido pelos missionarios jesuitas.....

A tradição de ter sido aquella aldeia, de que o Camarão fôra capitão, é alli constante, e a ouvimos principalmente de um indio mestico de alguns cem annos, o qual accrescentou ter ainda conhecido, como capitão daquella aldeia, um sobrinho do Camarão, chamado tambem Camarão, o Arco-verde.

Este Arco-verde é naturalmente algum descendente de Antonio Pessoa Arco-Verde, que por patente régia de 17 de Novembro de 1683 teve a confirmação do cargo de capitão-mór e governador dos indios das aldeias das capitancias de Pernambuco, provido interinamente pelo governador D. João de Souza.

Arco-Verde deixou larga descendencia proveniente de dous filhos, um de igual nome, e outro chamado Domingos Pessoa Panasco, ambos capitães do terço ou regimento dos indios, na epocha do seu fallecimento em 1692.

Da patente régia de confirmação do posto de capitão conferido a seu filho de igual nome, e lavrada em 12 de Abril de 1683, consta que o velho Arco-Verde era — *indio da nação Tabapara, filho de Agostinho Gonçales Panasco e natural de Pernambuco.* — Sua esposa chamava-se D. Catharina Fernandes.

A aldeia de S. Miguel successivamente removida para localidades diversas, desde o anno de 1591 da sua fundação, em Pão d'Alho, teve em fim definitivo assento na ribeira do riacho Siry, que desagua á margem sul do rio Tejuapapo, meia legua antes da sua fôz no Oceano, em frente á barra de Catuama ao norte da Ilha de Itamaracá, em epocha desconhecida, e foi sempre dirigida pelos religiosos franciscanos, até que em 1649 entregaram-na ao bispo diocesano, bem como as demais aldeias que tinham sob a sua administração, como refere Jabontão, passando então todos os nucleos indigenas á direcção dos Jesui-

tas, — cujas habilitações na catechese dos índios eram por demais comprovadas.

Em 1635, no período da guerra da invasão hollandandeza foi a aldeia de S. Miguel de Mossupe occupada pela nossa gente sob o commando do valente capitão Francisco Rebello (o Rebellinho); porem tendo aviso que o inimigo se approximava com forças muito superiores ás suas em caminho da mesma aldeia, — se retirou a outro sitio accomodado ao seu intento, deixando abrasado o que largava, e nelle consumido do fogo tudo quanto podia servir ao inimigo de commodo e utilidade. — *Castr. Lusit.*

Convenientemente restaurada depois da evacuação hollandandeza, em 1651, e de novo levantados os seus edificios, perdeu a aldeia a sua primitiva denominação de Mossupe ou Musupe, pela de S. Miguel do Siry, ou Serigy, com que é vulgarmente conhecido o local da sua situação.

Da aldeia do Siry encontramos noticias positivas na carta régia de 16 de Agosto de 1718, ordenando a compra de 375 braças de terra de largo sobre 3,000 de comprido, *para serem arranchados os índios da aldeia do Siry*, por julgar-se alli necessario o estabelecimento, pelas representações dos governadores e Juntas das Missões, sem as quaes não poderiam elles subsistir; e que existia ainda em 1746, pelo seguinte, que se lê na obra inedita — *Descripção de Pernambuco com parte da sua historia e legislação até o governo de D. Marcos de Noronha em 1746 e mais alguns documentos até 1758*:

« *Aldeia do Siry.* — Situada ao pé do rio do mesmo nome, na freguezia de S. Lourenço de Tejuicupapo, e sob a invocação de S. Miguel; é de índios da lingua geral dirigidos por missionario carmelita. »

Uma circumstancia que não é para desprezar-se: — essa lingua geral é o *Tappi*, que o chetê D. Antonio Felippe Camarao fallava e escrevia correctamente, como consta de varias cartas suas, de uma das quaes, datada de 19 de Agosto de 1645 possui o Instituto uma photographia tirada do proprio original existente nos archivos de Hollanda.

Esse curioso documento, pela sua boa calligraphia e firmeza de traços, não revela absolutamente que fosse escripto senão por um homem, que pela sua idade não provecia, não

tinha sido ainda atingido pela tremura senil, que entorpecesse os movimentos firmes de sua mão, como o Camarão, que nessa epocha devia ter os seus quarenta annos de idade.

A aldeia do Siry, Mussury ou Mussupe, Mognigh ou S. Miguel, como lhe chama o Padre Manoel de Moraes, cujo nome parece recordar o do engenho Mussupe situado em Igua-rassá, era em 1630 um importante nucleo indigena, com uma população de 600 habitantes, dos quaes 170 já exercitados no manejo das armas de fogo eram bons mosqueteiros, e essa sua população era composta de indios das tribus Petiguar e Tabajara.

Doutrinado e educado o Camarão — bem empregado foi o trabalho que os padres da Companhia e outros religiosos de differentes ordens tiveram com este indio, — com se expressa Frei Manoel Calado, uma vez que os seus esforços foram perfeitamente correspondidos pelo joven catechumeno, que de par com a instrução religiosa que recebeu, aprendeu a ler e a escrever correctamente as linguas portugueza e tupy, e entrando ainda na classe de latinidade, conhecia tambem a lingua do Lacio traduzindo correntemente os seus classicos.

De par com esta educação religiosa e litteraria esmeradamente ministrada pelos padres missionarios, conseguiram tambem elles formar o seu character fazendo realçar as suas naturaes virtudes, tão decantadas pela historia firmada no juizo dos escriptores do seu tempo, que o conheciam e com elle conviveram intimamente; e ainda — animoso e esforçado, — na phrase ecceza de Diego Lopes de Santiago, os indios da sua nação, que reunidamente aos Tabajaras formavam o nucleo colonial da aldeia de Mognigh, o elegeram por seu maioral, como refere o citado escriptor.

Efectivamente, o Padre Manoel de Moraes referindo-se a aldeia de Mognigh nessa epocha, diz que o Camarão era cacique dos Petiguars, e Estevao Tebú dos Tabajaras.

Ignorasse absolutamente a ascendencia de D. Antonio Felippe Camarão, e apenas sabe-se que era elle filho de um irmão ou irmã do chefe Jaguarary, chamado depois Simão Soares, e de quem encontramos noticias positivas referentes ao anno de 1625, quando os holandezes aportaram na Bahia da Traição, na Parahyba, e onde entre outros indios que tinham

em seu poder, como que prisioneiros, figuravam a mulher e um filho do cacique Jaguarary, cuja liberdade conseguiu elle depois mettendo-se entre os holandezes; porém cahindo por este facto em suspeitas dos portuguezes, foi preso e conduzido ao Rio Grande do Norte onde permaneceu em rigoroso carcere até 1633, cujas occorrencias particularmente narra o Marquez de Basto nas suas *Memorias*.

Jaguarary tomou parte na expedição pernambucana da conquista do Maranhão em 1614, sem duvida encorporado á gente que marchou da Parahyba, tirada das aldeias da Pindaúna e da Jacoca, commandada pelos chefes Jorge, Pão Secco e Mandiocapná; e na guerra da invasão holandesa em Pernambuco — *acompanhou a seu sobrinho Antonio Philippe Camarão, até que foi preciso retirar-se á Bahia*, — por cujos serviços recebeu a merecida régia de 750 reaes de soldo, com a clausula de que por sua morte passariam a sua mulher e filho.

E' tambem conhecido um outro tio seu, Francisco Pinheiro Camarão, pai de D. Diogo Pinheiro Camarão, que o succedeu no cargo de capitão-mór dos indios, e os descendentes e successores deste, D. Antonio João Camarão e D. Sebastião Pinheiro Camarão, sobre quem a Patente régia de 13 de Março de 1688 conferindo-lhe a tença de 488000, refere-se a sua naturalidade pernambucana.

Camarão, originariamente, tinha o nome de Poty, mas ao receber as aguas do baptismo, quando convenientemente preparado com a instrução religiosa necessaria para esse fim, foi-lhe imposto o nome de Antonio, com o qual, tendo por apellido o seu nome indiano porém já com a traducção portugueza, que elle adoptou, se apresentou com a sua gente em defesa da patria chamando-se portanto *Antonio Camarão*, como narram as chronicas coevas; porém recebendo elle de El-rei D. Felipe o habito da ordem de Christo, o titulo de dom e o posto de governador e capitão-mór dos indios, graças estas conferidas em 1635 em remuneração dos seus grandes serviços prestados em campanha, resolveu então acrescentar mais um nome ao seu, e em reverencia ao monarcha que tanto o distinguira, passou dahi por diante a chamar-se *Dom Antonio Philippe Camarão*.

Camarão, até 1630, aos seus vinte e cinco annos de idade, pouco mais ou menos, vio deslizar a sua vida sem ensejos de

nobilitar-se por serviços notáveis, conhecidamente mencionados pelos nossos historiadores; e se os houvesse prestado anteriormente, de qualquer natureza que elles fossem, os escriptores contemporaneos, tres dos quaes, pela sua residencia em Pernambuco, acompanhando o exercito em todas as suas marchas e evoluções, e o conhecendo muito de perto e intimamente, com certeza não se esqueceriam da menção de taes serviços para apresental-o á posteridade sómente em 1630, no inicio da sua vida militar em defesa da patria!

Calado, como já vimos, apresenta-o á posteridade naquelle anno.

O Marquez de Basto donatario de Pernambuco, nas suas *Memorias*, escriptas dia á dia e a proporção que se iam desenrolando os episodios da guerra da invasão, tratando dos factos referente ao dia 16 de Fevereiro de 1630, e da gente que foi enfrentar-se com o inimigo á margem Sul do Rio Doce, diz apenas: — « Havia mais alguns 200 indios com o seu principal, que os governava, Antonio Felipe Camarão, e por seus interpretes João Mendes Flores e Antonio Pereira. » — Esses 200 indios eram certamente os *170 bons mosqueteiros* da sua aldeia do Mussupe ou Siry, como vimos das informações do Padre Manoel de Moraes sobre esse nucleo indiano na epocha em questão, e mais uns trinta que quizeram acompanhar o seu illustre chefe em defeza da patria.

Sobre essa sua apresentação escreve o seguinte Diogo Lopes de Santiago na sua *Historia da guerra de Pernambuco e feitos memoraveis do mestre de campo João Fernandes Vieira*:

« Neste tempo (1630) se offereceu a Mathias de Albuquerque um indio chamado Antonio Camarão (que depois dando-lhe Sua Magestade o habito de Christo, e dom, se chamou D. Antonio Felipe Camarão, pelas proezas e valorosos effeitos que obrou nesta guerra): era principal pessoa entre os indios, a quem eram muito obedientes, e sua gente muito destre em atirar as flechas, e o *degeram por seu maioral*, por animoso e esforçado. »

Um outro escriptor contemporaneo, o general Francisco de Brito Freire, que tomou parte nos ultimos movimentos da guerra da restauração, e foi depois governador de Pernambuco (1661—1664), na sua *Nova Lusitana* impressa em 1675,

apresenta também o Camarão no início da campanha, e acompanha-o depois em todos os seus feitos até a epocha em que chega essa década primeira da sua obra.

Dos citados escriptores coevos, porém, Frei Raphael de Jesus e Diogo Lopes de Santiago, escreveram toda a phase da guerra holandeza desde a invasão de Pernambuco em 1630 até a sua gloriosa restauração em 1654, e ambos, portanto, referem detalhadamente toda a vida militar do Camarão até o seu fallecimento, e narrando este acontecimento, fazem uma synthese completa de toda a sua vida no *Elogio* que lhe consagram, enaltecendo os seus meritos e as suas virtudes, *desde o tempo do Arcaial Velho de Pernambuco e guerra de Mathias de Albuquerque, como se expressa Diogo Lopes.*

Rocha Pitta, que bem pôde ser também considerado um escriptor coevo, porquanto nasceu na Bahia em 1660 e onde falleceu em 1738 em avançada idade, tendo dest'arte ensino de communicar-se com muita gente que conheceu pessoal e intimamente ao Camarão durante a sua longa permanencia naquella cidade, não falla absolutamente em antecedentes historicos á sua vida no elogio que lhe consagrou na sua *Historia da America Portuguesa* impressa em 1730 e concluida quatro annos antes, senão a partir da epocha em que — *os holandezes entraram em Pernambuco, e que trouxe elle o maior sequito dos gentios de que era principal a obediencia e amor dos portuguezes.*

Finalmente, um escriptor moderno, Roberto Southey, na sua *Historia do Brasil*, originariamente publicada em inglez em 1810—1819, também refere-se ao apparecimento de Camarão no scenario historico de Pernambuco em 1630, servindo-se das informações do Padre Manoel de Moraes, que na sua qualidade de missionario jesuita esteve por muito tempo em contacto intimo com elle, principalmente no seu acampamento ou estancia de Santo Amaro, nas proximidades de Olinda, informações essas colhidas na obra que aquelle Padre escreveu sob o titulo de *Historia da America*, que foi depois traduzida em inglez e publicada na Inglaterra; e sob tão seguro guia, traga o referido escriptor o perfil historico de Camarão, completamente desenvolvido, desde a epocha da invasão holandeza até a do seu fallecimento em 1648.

A epocha da morte de D. Antonio Felippe Camarão, se

bem que historica e documentadamente comprovada quanto ao anno, tem sido porem erroneamente fixada relativamente ao mez.

Effectivamente, uns escriptores assignam-lhe o mez de Agosto ou Setembro de 1648, outros poucos mezes depois da primeira batalha de Guararapes ferida em 19 de Abril daquelle anno, e nós mesmo incorremos nesse erro dizendo no nosso *Diccionario biographico de pernambucanos celebres* impresso em 1882, que falleceu elle quatro mezes depois da referida batalha.

Examinemos o assumpto.

E' sabido, que fallecendo o Camarão succedeu-lhe no posto de capitão-mór e governador dos indios, seu primo D. Diogo Pinheiro Camarão, que era o seu immediato em posto, uma vez que tinha a patente de sargento-mór (correspondente hoje a de major) do terço ou regimento de infantaria dos indios.

Pois bem; vagando este posto com a sua promoção, foi provido no mesmo o capitão Domingos Tavares por patente do general em chefe Francisco Barreto de Menezes lavrada no Arraial do Bom Jesus aos 3 de Junho de 1648, abaixo da qual vem uma verba firmada por D. Diogo declarando que deu posse ao nomeado — na forma costumada a 4 de Junho de 1648.

Esta patente, portanto, prova que D. Antonio Felippe Camarão falleceu em fins de Maio daquelle anno, uma vez que o seu successor já estava empossado no dia 3 de Junho, como melhor se verá da propria integra da referida patente, que Antonio Joaquim de Mello consigna á pag. 194 do T. II das suas *Biographias de alguns paulos e homens illustres da provincia de Pernambuco*.

x
* * *

Dos esboços que deixamos traçados sobre o chefe indiano do Rio Grande do Norte, Antonio Camarão, e do heróe poty-giano D. Antonio Felippe Camarão, resulta logica e evidentemente que se trata, effectivamente, de duas individualidades distinctas, cada uma com o seu campo de acção perfeitamente traçado no papel historico que representaram; e que este ultimo

á luz da critica e dos monumentos que nos legaram os chronicistas coevos, que com elle conviveram em amistosa intimidade, ou tiveram dos —sucessos, *das pessoas* e dos tempos a mais completa noticia ministrada por personagens fidedignas e testemunhas de vista,— como se expressa o autor do *Castriolo Lusitano*, nasceu em Pernambuco.

Bastava, em nossa consciencia, o que fica consignado nos dous alludidos esboços para darmos por terminada a nossa tarefa, se não fôsse necessario, para melhor e mais positivamente deixarmos bem firmados os nossos conceitos, documentadamente comprovados, ainda mais umas tantas explanações historicas sobre o assumpto, uma vez que os escriptos de Varnhagen, (Visconde de Porto Seguro), e do Senador Candido Mendes de Almeida, confundindo os dous chefes indianos em uma só individualidade, conseguiram, sem mais exame, que lavrassem e creassem opinião os conceitos por elles externados, aliás firmados em simples conjecturas na carencia de documentos positivos, — que D. Antonio Felippe Camarão nasceu no Rio Grande do Norte !

Externemos, portanto, essas esplanções, consistentes em um confronto ou parallelo entre os dous personagens.

D. Antonio Felippe Camarão morreu uns dous mezes depois da primeira batalha dos Guararapes, ferida em 19 de Abril de 1648, em pleno vigor, comprehendendo marchas forçadas e difficéis, vencendo longas distancias, e lutando sempre como um heróe ; e se porventura fosse elle, esse Camarão do Rio Grande do Norte, que em 1598 já era chefe ou principal de uma aldeia, seria então um homem adiantado em annos, um octogenario, alquebrado de forças, e ainda mesmo que servisse no exercito por circumstancias superiores, certamente não seria esse guerreiro fogoso, agil, indomito e cheio de arrojo e audacia que muitas vezes chegavam á temeridade !

O velho Camarão tinha filhos, acompanhado dos quaes, comparecen na igreja para receber o baptismo, conjuntamente com sua familia, como refere o padre José de Moraes na sua *Historia da Companhia de Jesus* ; o nosso Camarão, porém, teve apenas um unico filho, que ficou de tenra idade quando elle falleceu, e tomou-o depois á sua conta o governador Britz Freire, como vimos ; e o referido escriptor, narrando a sole-

nnidade do baptismo do velho Camarão, acto este que foi celebrado na sua aldeia do Rio Grande, em 22 de Fevereiro de 1612, diz que no dia seguinte teve lugar a celebração do seu matrimonio — e *in facie Ecclesie* com uma das mulheres, que entre as mais escolheu para sua legitima consorte, despedindo de casa as demais; — sem referir o seu nome, o que certamente não escaparia ao historiador se essa mulher se chamasse D. Clara Camarão, que tão distinctamente figura em nossa historia pela celebridade dos seus feitos.

Os parentes daquelle Camarão são conhecidos, como, entre outros, Sorobabé e Jacaúna; e os parentes do nosso, principalmente os que desceram com elle da sua aldeia, em Pernambuco, são tambem conhecidos, como o capitão Camarão, D. Diogo Pinheiro Camarão, seu primo, filho de Francisco Pinheiro Camarão irmão do chefe D. Antonio, D. Sebastião Pinheiro Camarão e D. Antonio João Camarão todos instruidos e nobilitados por seus feitos guerreiros, e não selvagens como aquelles.

O Camarão do Rio Grande do Norte, se vivesse ainda em 1630, certamente fallaria correntemente o portuguez uma vez que tinha a dilatada convivencia de 32 annos com os colonisadores, á partir de 1598, data averiguada; e que entendia e sabia entender-se perfeitamente com elles, bem como o seu irmão Jacaúna, temos uma prova disso já em 1611 nas esensas que deram no Ceará para a não acompanharem a expedição do Maranhão.

O nosso Camarão, porem, ao apparecer na scena historica de Pernambuco em 1630, não sabia fallar ainda portuguez correctamente, uma vez que, descendo da sua aldeia para apresentar-se em defesa da patria veio acompanhado de dous interpretes João Mendes Flores e Antonio Pereira, como refere o donatario de Pernambuco, Marquez de Basto, nas suas *Memorias diarias*.

O Camarão do Rio Grande do Norte fraquejou perante a perspectiva de uma guerra séria com os valentes fracezes que occupavam o Maranhão, e deixou-se ficar no Ceará, em meio caminho da jornada!

O nosso Camarão, audaz e destemido, não conhece perigos tudo affronta e tudo vence, e até mesmo o proprio inimigo rende

homenagens de respeito ao seu valor e heroísmo, como o celebre general polaco Christovão Arcizewski, batido por elle no ataque de Goyanua !

Sim ! O Camarão do Rio Grande, partindo por terra com a sua gente com destino á conquista do Maranhão, ao chegar ao Ceará — *quiereu-se logo que hia tão prostrado do caminho, que não podia continuat-o,* — como narra Berredo, e obteve licença para ficar com seu irmão e Jacatuna, que, na phrase do autor da *Jornada*, presente a todos os acontecimentos que narra, — « fez tambem muita força para que o deixassem, ou ao menos lhe dessem tempo para engordar, como quem diz, para se refazer, e tanto porfiaram que pelos contentar ficaram alli as mulheres e alguns dos seus indíós. »

O nosso Camarão, porém, muitos annos depois, em todo o periodo que decorre de 1630 a 1637 e depois de 1645 a 1648, forte, robusto, incançavel e cheio de audacia, provoca o inimigo numeroso, aguerrido e bem armado, em marchas forçadas talhando os campos de todo o immenso territorio que se estende da Bahia ao Rio Grande do Norte, em direcções diversas e por diversas vezes, varrendo com a sua espada tudo o que encontrava, e destruindo tudo que pertencia ao batavo invasor !

E dir-se-á porventura, que este nosso Camarão, que na phrase do seu contemporaneo o historiador Frei Raphael de Jesus — *o ocio era martyrio para seu genio, e o trabalho descanso, aralçando a paralyzação por delicia, e as occasiões por dilação,* — é aquelle mesmo que em 1611 sentia-se prostrado do caminho de uma viagem, comparativamente curta, em marcha regular, sem os perigos de encontros com inimigos, e sem as fadigas dos combates ?

Se o Camarão do Rio Grande veio com a sua gente para Pernambuco, e estabeleceram a sua aldeia em Pão d'Alho, como se diz, mas sem prova documentada, ou firmada no juizo de algum escriptor contemporaneo, ter-se-hia certamente extinguido a grande e populosa aldeia que tinha elle naquella capitania, ficando o seu abandonado local com o nome de *Tupica*, isto é, — aldeia velha, sitio abandonado, — segundo Gonçalves Dias no seu *Diccionario da lingua Tupá*. Entretanto não se deu esta occorrença, e o nucleo indigena não só ficou permanecendo como ainda atravessou dilatados annos.

Efectivamente, na enumeração que faz o Padre Manoel de Moraes das aldeias existentes no Rio Grande do Norte ao tempo da invasão holandesa, em 1650, lá está figurando a aldeia — Igapua da outra banda do Rio Grande, sete leguas ao norte da fortaleza; — e da qual temos noticia positiva de existir em 1689 pela carta régia de 26 de Novembro dirigida ao governador de Pernambuco, Antonio Luiz Gonçalves da Camara Continho, mandando que informasse sobre o procedimento do capitão mór do Rio Grande, que mandara assaltar a aldeia do Guaypirá, donde assistiam os e ligio os da Companhia, donde levaram mais de 50 mulheres e filhas dos indios, de que ficou o capitão mór com a maior parte, repartindo os outros por quem lhe pareceu.

E que existia ainda em 1746, temos disto tambem noticia positiva na obra inedita *Descrição de Pernambuco*, que tratando das aldeias do Rio Grande do Norte, diz o seguinte: — *Aldeia do Guaypirá*, invocação de S. Miguel, é de indios caboclos da lingua geral, e Tapuios de nação Payacás, e o missionario é Padre da Companhia de Jesus ».

Finalmente fundada a aldeia por um bando de Potiguayes junto a lagoa do Guaypirá, que deu o seu nome á povoação, como diz M. Ferreira Nobre na sua *Breve noticia sobre a provincia do Rio Grande do Norte*, impressa em 1878, teve as honras de villa por Alvará de 6 de Julho de 1755 com a denominação de Villa de Estremoz, cujo predicamento perdeu com a mudança da sua sede para o Ceará-mirim, definitivamente em 1858.

Se D. Antonio Felippe Camarão o heróe de Guararapes e de outros tantos feitos, coberto de honras e galardões régios, fosse apelle mesmo do Rio Grande, que em 1598 occupava já um lugar de distincção como principal de uma aldeia, e se fosse portanto um homem feito, com precedentes honrosos em sua vida, e de notaveis serviços aos portuguezes na conquista e colonisação do Rio Grande, certamente os escriptores contemporaneos como Duarte de Albuquerque, donatario de Pernambuco, Frei Manoel Calado, Diogo Lopes Santiago e Frei Raphael de Jesus, que em phrases dos mais alevantados elogios narram a sua vida e os seus assonhrosos feitos guerreiros, não deixariam no esquecimento essa primeira phase de sua existencia, não deixariam de attender a esses seus precedentes histo-

ricos, para tomarem-no como que no início de sua vida militar, em 1630, e apresental-o á posteridade com a sagração de herói pelas suas proezas e façanhas guerreiras em todo o período que se desenrola desde aquella epocha até o seu prematuro fallecimento em 1648 !

E' que o nosso Camarão, moço e cheio de vida e enthusiasmo, vendo-lhe sorrir a existencia, que se lhe despontava, sem duvida, depois da epocha em que se encontra pela primeira vez o velho Camarão do Rio Grande, contemplando a sua terra natal ameaçada por uma invasão de aventureiros estrangeiros, desce pressuroso da aldeia de que era chefe á frente da sua gente penetra na tenda do general Mathias de Albuquerque, e pede-lhe um lugar ao lado dos defensores da honra pernambucana, abrindo então com esse acto de heroísmo o prologo da sua vida militar, que se não foi tão longa como a dos seus companheiros, Dias, Vidal, Vieira e tantos outros, foi tão brilhante e assombrosa como a delles.

E se o nosso Camarão, enfim, fosse aquelle mesmo do Rio Grande teria em 1648 quando falleceu mais de *oitenta annos de idade* ; e sendo assim, não é crível que depois de tantos annos de uma vida penosissima, cheia de trabalhos e privações em constante campanha, tivesse ainda em tão avançada idade energias e forças para tomar parte, com muita distincção em terriveis e porfiados prelios, como essa primeira batalha dos Guararapes, que foi o ultimo feito de sua vida, cuja acção prolongou-se por quasi um dia inteiro, sem que a nossa gente tivesse recebido alimento algum *por quasi vinte e quatro horas* !

E *esse velho*, de uma idade superior a oitenta annos, como assim o querem, fazendo parte da vanguarda do exercito pernambucano pela eserla do serviço militar daquelle memoravel dia, em companhia do bravo parahybano Vidal de Negreiros, foi quem primeiro accommetteu o inimigo e recebeu os seus golpes, até que, aproximados e confundidos os dous exercitos no correr da acção, não se podendo mais distinguir amigos e inimigos pelo espesso fumo da polvora e pó que se desprendia do sólo argilloso, que batidos pelo vento subiam em espiraes suffocando a todos e obscurecendo o campo da acção, combateram corpo á corpo com o inimigo ; e agíl, forte, feroz e destemido herói entre os heróis !

E se fosse assim, essa circumstancia digna de admiração, esse phenomenical prodigio da natureza em um velho de mais de oitenta annos, escaparia aos nossos chronistas coevos, aliás tão prolixos em detalhes particulares de sua vida, que escapam mesmo a acção da historia?

E nenhum delles ao narrar as suas proezas, pelo menos as praticadas de 1645 a 1648, diz com admiração que o seu heróe — *era um octogenario!!!*

Um argumento ainda.

Tem-se feito grande cabedal do facto de pertencer D. Antonio Felipe Camarão á tribu dos Potiguares, em favor do seu nascimento no Rio Grande do Norte, uma vez que essa tribu *tinha alli a sua habitação.*

E' verdade, mas este argumento absolutamente não constitue uma prova irrecusavel.

Camarão pertencia, effectivamente, á tribu dos Potiguares como consta de documentos officiaes da epocha e do juizo de escriptores coevos; mas convem attender á factos historicamente comprovados, isto é, que os Potiguares não occupavam *exclusivamente o territorio do Rio Grande do Norte*, e depois fixaram-se em varios pontos do paiz, constituiram aldeias, e não mais volveram aos seus lares!

A esses factos, porem, não se attendeu ainda.....

Effectivamente, alem do territorio do Rio Grande, occupavam os Potiguares uma grande parte do da Parahyba, e estendendo os seus nucleos de habitação pelo littoral, tinham como limite meridional da extensa zona que dominavam — a margem esquerda do rio Parahyba até muito alem dos seus limites ao Norte, em cuja extensao notavam-se diversos aldeamentos seus ás margens do Mamanguape e Camaratuba, e na bahia da Traição: — ou como melhor ainda accentúa Frei Vicente do Salvador, — os Potiguares senhoreavam em toda aquella terra da Parahyba até o Maranhão algumas quatrocentas leguas.

Ciente bellicosa, audaz e aventureira, os potiguares atiraram-se sobre as nascentes capitancias de Itamaracá e Pernambuco, talando os seus territorio, e destruindo povoações, e batendo os robajaras e cahetés que occupavam o littoral daquellas capitancias, asenhorearam-se de varios pontos onde levantavam

as suas aldeias convenientemente fortificadas para definitivamente fixarem a posse dos conquistados territorios, como nar-ram as chronicas coevas de taes acontecimentos, no desenrolar de meados a fins do seculo XVI.

Alem disso, em 1603 seguiu para a Bahia um *grande golpe de Potyguares* acompanhados do Padre Diogo Nunes, como grande lingua que era, — *e nunca mais cobreram aos seus lares*.

No mesmo anno seguiu tambem um grande numero de Potyguares para o Ceará na expedição de Pedro Coelho de Souza, os quaes, foram aldeia-los pelos padres Francisco Pinto e Luiz Figueira em Saure, Arronches e Mecejana, em 1607, quando dirigiram-se em missão de catechese áquella capitania.

Em 1614 seguiram Potyguares para a conquista do Maranhão, e sem duvida, terminada a campanha deixaram-se ficar por lá.

E em 1630 enfim, existia avultado numero de Potyguares em Pernambuco, como refere o autor do *Veloso La Sábana*, a quem damos a palavra neste particular pela sua muita autoridade de escriptor coevo e testemunha presencial dos factos que narra. Diz esse escriptor :

« Tanto que os *indios da terra, Pitiguares, chamados ordinariamente caboclos*, e os Tapuios, todos grandes inimigos do sangue portuguez, viram as duas fortalezas do Arraial e de Nazaret rendidas; e que o general Mathias de Albuquerque e seu irmão Duarte de Albuquerque Coelho se haviam retirado para as Alagôas, aonde estavam com o conde de Banholo, esquecidos, *que haviam sido criados entre nós e aos peitos da Santa Madre Igreja*, com os quaes os religiosos da Companhia, de S. Bento, de S. Francisco e do Carmo, haviam trabalhado *tantos annos* em os doutrinar na santa fé catholica, *ficando elles de antes como brutos animaes e selvagens das brehas*, e havendo os os portuguezes conservado com tanto amor *em suas aldeias*, livrandos-os de serem captivos, merecendo elles ser mais que captivos por suas grandes maldades; e logo ao ponto se foram metter com os hollandezes, e se offereceram a lhe dar toda a capitania de Pernambuco conquistada.....

« Começaram os moradores a cobrar tanto medo aos indios caboclos, que mais os temiam que aos proprios hollandezes, porque *como eram criados nos miltos* não lhes ficava tanto que

não revolvessem... E assim, conclue o escriptor, os malvados e ingratos indios Pitiguares e Tapuios foram a causa e o principal instrumento de os holandezes se apoderarem de toda a capitania de Pernambuco e de a conservarem tanto tempo. — *Obr. cit.* pas. 25—6.

Eisahi em 1630 indios Potyguares nascidos e criados em Pernambuco, e perfeitos conhecedores de todo o seu territorio, o que prova de um modo eloquente, sem argucias e subtilezas, que vinha de longe o seu estabelecimento na capitania, doutrinados e reunidos em aldeias; e portanto, explicado á luz da historia o facto de ser Camarão Potyguar, isto é, pertencer pelo meio em que nasceu á tribu desses indios e fallar a sua lingua, nascendo em Pernambuco em alguma das suas aldeias, acaso na de Pão d'Alho, ou mais acertadamente na do Siry, em S. Lourenço de Tejucupapo, do mesmo modo que houve Potyguares parahybános, e outros nascidos no Ceará, no Maranhão e na Bahia, para onde foram elles, como vimos, foram e ficaram permanentemente domiciliados.

Depois dos transcriptos trechos do citado escriptor coevo, refere-se ainda elle por diversas vezes a esses mesmos indios brazilienses, petyguares e tapuias, e ás pags. 223 e 236 particularisando a sua qualidade de *nascidos* na capitania de Pernambuco, ou *na terra pernambucana*, e doutrinados na fê de Jesus Christo...

Ainda mais.

Por carta régia de 21 de Julho de 1672 dirigida ao Visconde de Barbacena, governador geral do Brazil, foi-lhe recommendado que ordenasse aos governadores das praças das capitancias de Pernambuco — « não proponham nas aldeias de suas juridições officiaes de guerra que os governem, senão as pessoas benemeritas das nações Tabayara e Petyguara, *que form naturaes das mesmas capitancias*; — e D. Sebastião Pinheiro Camarão, filho de D. Diogo, primo de D. Antonio Felippe Camarão, era potyguar como seus paes e seu primo, e entretanto nasceu tambem em Pernambuco, como consta de documento irreversavel, a sua Carta de Padrão (tença annual de 188000) lavrada em Lisboa por El Rei D. Pedro II em 13 de Março de 1688, em que se declara, — « *que tendo respeito aos servigos de D. Sebastião Pinheiro Camarão, filho de D. Diogo Pinheiro*

*Camarão, e natural de Pernambuco, » — fazia-se-lhe mercê da referida tença, cujos documentos figuram por extenso ás pags. 189 e 162 do T. II das *Bioptagias* de A. J. de Mello.*

Em fim, existia já constituído em 1685 o importante núcleo da Aldeia da Escida, na freguezia de Ipojuca, com uma grande população de índios das tribus dos Potyguares, Tabayares e Mariquités, como consta de documento official referente a este aldeamento.

Elucidado esse ponto, voltemo-nos para um outro de que o Senador Candido Mendes fez muito cabedal, e como elle fazem ainda os seus seguidores.

Diz elle, pretendendo refutar as affirmativas constantes de Frei Manoel Calado, contemporaneo e residindo no proprio theatro dos acontecimentos que narra no seu *Valeroso Lucidano*, o seguinte ?

« A Parahyba, o Rio Grande do Norte e o Ceará *eram conquistas de Pernambuco, e cedião de pndalismo immediatamente do seu governo*, assim como Itamaracá; e portanto dizer-se nascido em Pernambuco naquella epocha, não importava haver-o sido dentro do territorio da doação de Duarte Coelho, isto é, de Iguaras á até a margem esquerda do Rio S. Francisco. »

Para iniciarmos a ordem de argumentos em refutação aos juizos do douto Senador, convem desde logo deixar bem accentuada *essa epocha* a que elle se refere, e na qual tiveram lugar as occurrencias em questão. *Essa epocha*, — é a primeira metade do seculo XVII.....

As conquistas da Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará foram de exclusiva iniciativa da corôa, com o fim, não só de conter as correrias dos índios sobre as nascentes povoações de Pernambuco e Itamaracá, como ainda para assegurar a posse daquelles territorios contra as constantes investidas dos francezes, que travando relações de amizade com os indigenas com elles commerciavam livremente, levando em retorno generos do paiz, e principalmente o pão-brasil, de exclusivo estanco régio.

Os antecedentes e as occurrencias que se deram nas varias emprezas de conquista de todo esse extenso trato territorial que se estende da Parahyba ao Ceará, sem fallar mesmo no Mara-

nhão, são factos tão sabidos pelas resoluções regias tomadas sobre o assumpto, e immediatas execuções, até que depois de prolongadas e porfiadas lutas conseguiu-se a sua conquista e immediata fructificação de treze capitánias distinctas, que nos eximimos de descermos a particularidades, indicando contudo a Frei Vicente do Salvador, que no livro terceiro da sua *Historia do Brasil*, do capitulo 24 por diante, a tudo se refere com muita precisão e minudencia.

E' verdade, que foi Pernambuco, pelas suas prosperas condições e numerosa população, e por ficar mais proximo daquelles territorios, ameaçados pelo estrangeiro, escolhido como que para centro de acção de todas as operações, e portanto onde vieram aportar os encarregados pela corôa da sua conquista e colonisação, e organisadas aqui as expedições militares destinadas á empreza, em todas ellas se associaram os pernambucanos levados pelo seu genio bellicoso e aventureiro, constituindo mesmo quasi que completamente algumas dessas expedições, sem olharem aos interesses pecuniarios de soldos e outras vantagens militares, mas unicamente inflammados pelo dever patriótico e pelo glorioso renome da victoria das suas armas.

Conseguiu-se a conquista da Parahyba e successivamente as do Rio Grande e Ceará, já com a categoria de capitánias regias, e organisada toda a sua governança, cujos funcçionarios, civis ou militares, traziam os seus provimentos conferidos pela corôa, ficaram desde logo taes capitánias subalternas e dependentes do governo geral do Brasil com a sua séde na Bahia.

Não dependiam, portanto, aquellas capitánias — *immediatamente do governo de Pernambuco*, — como diz Candido Mendes, uma vez que era então Pernambuco uma simples colonia de senhorio particular, e nem tão pouco Itamaracé, que tambem em iguaes condições, dependia exclusivamente dos seus donatarios, que em sua ausencia tinham lá os seus loco-tenentes, e cujas attribuições e prerogativas, quer de uns quer de outros, eram todas locais, e convenientemente traçadas nas suas cartas de doação e foraes particulares conferidos pela corôa; e des-arte, ninguém absolutamente, na epocha em questão, chamaria pernambucano a um individuo qualquer nascido em alguma daquellas capitánias regias!

Não nos demoraremos em provas sobre esse facto, que

aliás não ignora qualquer novição em materia de historia patria : entretanto, para que os nossos argumentos tenham uma sanção irreversivelmente documentada, consignaremos o seguinte facto :

Em 1661 pretendem o governador de Pernambuco, Francisco de Brito Freire, exercer alguns actos de jurisdicção sobre a capitania da Parahyba, suppondo que era subordinada ao seu governo, quando até então não havia ainda a metropole nada absolutamente resolvido sobre o assumpto, não sómente com relação á Parahyba, como tambem sobre o *Rio Grande do Norte*. Apenas o Ceará, é que então já estava incorporado ao governo de Pernambuco, em virtude de proposta do Conselho Ultramarino de 8 de Julho de 1656, approvada por carta régia de 13, e communicada ao governador da capitania por aviso da mesma data.

A essas pretensões de Brito Freire oppoz-se o capitão mór da Parahyba Mathias de Albuquerque Maranhão, e communicadas as *duvidas e differenças* que houve entre ambos, ao governador geral do Brasil Francisco Barreto, e depois ao soberano, foi afinal o conflicto resolvido por uma carta régia dirigida ao referido governador geral em 26 de Janeiro de 1662, na qual *pareceu* a El Rei dizer-lhe, depois de referir-se ao que occorreu sobre o caso, e em solução do conflicto, — « que a capitania da Parahyba e *Rio Grande* (que sempre foram da corôa, sujeitas e subordinadas ao governo desse Estado) não podiam nunca ser da jurisdicção de Pernambuco, sendo antes da entrada dos holandezes capitania de donatario, nem depois da expulsão delles se annexou nunca a elle, e sómente se ordenou a requerimento de João Fernandes Vieira, que depois das guerras acabadas foi servir de capitão mór da Parahyba, e por se achar falta de moradores e commercio, fosse soccorrida de tudo, e provida da de Pernambuco, enquanto nella não houvesse rendas minhas de que se fizesse».....

E dado mesmo o caso, que os juizes de Calado sobre a naturalidade pernambucana de Camarão tao repetidamente manifestados, e corroborados por contemporaneos seus da respectabilidade do governador geral Telles da Silva e do mestre de campo Fernandes Vieira, como vimos, fossem externados em epocha posterior á restauração de Pernambuco, quando se deu

a sua incorporação á corôa pela posse que em seu nome tomou o general Barreto de Menezes, por occasião da evacuação hol-landeza em 1654, o que foi confirmado por carta régia de 4 de Novembro do mesmo anno, ficando assim com o predicamento de capitania régia, e da subsequente incorporação dos governos das capitâneas da Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará ao de Pernambuco, denominando-se então os seus governadores — *Governador e capitão general da capitania de Pernambuco e suas annexas*, — poder-se-hia admitir, talvez, concedamos mesmo, que *dizer-se nascido em Pernambuco não importava havê-lo sido dentro do seu próprio territorio*, isto é, de Iguarassú á margem esquerda do S. Francisco: porém anteriormente, em epocha que Pernambuco era simplesmente uma colonia de se-nhorio particular, sob o regimen dos seus donatarios, ou admi-nistrada em sua ausencia por capitães môres seus loco-tenentes, isto é, *seus procuradores*, e sem alçada alguma sobre as capi-tanias régias, como é logico e historicamente sabido, absoluta-mente nao, e nenhum escriptor por ingenuo ou imbecil que fosse calhria em tão absurda e pueril declaração!

E serão porventura insufficientes ainda todas as nossas provas documentadamente firmadas e a logica dos argumentos exhibidos na demonstração da existencia de duas individualidades distinctas, o chefe Antonio Camarão, ou Potiguagú, do Rio Grande do Norte, e o chefe D. Antonio Felippe Camarão, de Pernambuco?

Parece-nos que não.....

Além de tudo isso, temos ainda em nosso favor, como fonte ou subsidio historico, a corrente tradicional — de que Pernambuco é a patria de D. Antonio Felippe Camarã,— e a phrase popular muito em voga ainda, de *Patria*, ou *terra dos Camarões*, usada em conversações ou escriptos mesmos, quando se quer de um modo particular fazer-se referencia a esta pro-pria terra pernambucana; e consoantemente com este costume que vem de remotos tempos, um dos nossos afamados poetas populares, vulgarmente conhecido pelo nome de Camões, e que floresceu entre fins do seculo XVIII e principios do im-mediato, dizia já nessa epocha em uns versos de uma estrophe de sua composição, elogiando a um cosinheiro africano que cos-tumava presentear-o com saborosas iguarias:

Igual a branca côr o preto é ;
O homem só se faz pelas acções ;
Que importa teres sido de Guiné
Se nesta terra estás dos Camarões ?

Entretanto, para saciedade dos espiritos emperrados, reservamos para exhibirmos por ultimo, como prova irrecusavel dessa dualidade de individuos que se apresentam no nosso scenario historico, quasi que na mesma epocha e com o mesmo nome proprio e igual appellido, um argumento *tranchant*, que por si só resolveria toda a questão, — o juizo e testemunho de um historiador de elevados dotes e predicaos litterarios, o Padre Simão de Vasconcellos, Provincial da ordem dos Jesuitas no Brasil.

Portuguez, nascido na cidade do Porto em 1597, veio muito moço para o Brasil, e fixando-se na cidade da Bahia, entrou na ordem dos Jesuitas em 1616, foi lente de theologia e conquistando pelo seu merecimento os mais elevados cargos, chegou ao de provincial, e falleceu no Rio de Janeiro em 1671.

Ao tempo da sua longa permanencia na Bahia, residio tambem ali por quatro annos D. Antonio Felippe Camarão, que pela sua elevada hierarchia militar de official general, pelos titulos de fidalguia e distincções que possuia, e mais que tudo isso, pela nobreza e honorabilidade do seu caracter, teve sem duvida accessos e intimidades com o respeitavel vulto do provincial dos Jesuitas.

O Padre Simão de Vasconcellos legou-nos varias obras da sua lavra, dentre as quaes destaca-se a sua *Chronica da Campanha de Jesus no Exilio do Brasil*, impressa em Lisboa em 1663, e em grande parte escripta em face das suas proprias e pessoais observações collhidas em sua longa residencia entre nós; e dessa *Chronica* existe uma reimpressão feita no Rio de Janeiro em 1864, que temos presente.

Pois bem ; o Padre Simão de Vasconcellos, que reúne á respeitabilidade do seu elevado caracter sacerdotal, a de contemporaneo dos factos que narra, escreve o seguinte no Livro segundo das *Noticias antecedentes curiosas e necessarias das*

coisas do Brasil, que servem de introdução á sua *Chronica*, depois de se referir a varios chefes indigenas de localidades diversas :

Da mesma maneira dos Potiguares, Um antigo Potigocá, Quirãoplaa, Arárúna, Cerobabé, Moiráguaçú, Ibatatá, Abaiquija, todos famosos, e principaes de grandes povos, dos quaes se affirmava punha em campo cada qual delles de vinte até trinta mil arcos : que foram grande presidio nosso na capitania de Itamaracá, Parahyba e Rio Grande. Não fallo aqui d'outro Potigocá, maior que todos estes, — assombro que foi do hollandezes *em nossos tempos*, nas guerras do Brasil ; porque para suas fauhas um tomo inteiro era pouco volume »...

Depois de um tão valioso testemunho só nos resta terminar este nosso estudo, com a satisfação que nos vai nalma por vermos os nossos esforços coroados do mais feliz exito possível.

Recife, 26 de Maio de 1904.

J. A. Pereira da Costa.



WILLIAM SWAINSON

EM

Pernambuco

(1817)



Com a derrocada final do poderio napoleónico, em 1815, calaram-se de subito os temerosos ruidos marciaes, que havia mais de tres lustros alvorotavam numa borrasca calamitosa e sangrenta toda a Europa Occidental, e, firmada em Vienna, a Santa Alliança, penhor intangivel de concordia internacional, os governos, fôrros de onerosos dispendios bellicos, volveram as suas attensões e recursos para o incremento das artes mais beneficas e fecundas da paz, fomentando o commercio, protegendo as industrias, propagando a instrucção, e subsidiando, em generosa emulação, o aprêsto de expedições scientificas destinadas ao estudo da natureza nas regiões menos conhecidas do planeta.

Da Russia, da Suecia, da Austria, da Prussia, da Baviera, da França e até do Grão-Ducado de Toscana partio então, rumo aos maravilhosos paizes tropicaes, uma legião de

diligentes e idoneos investigadores, cuja mèsse opulentíssima tanto contribuiu para rasgar ao século XIX a sua feição tão profundamente naturalística.

No paroxysmo deste movimento expansivo, reacção lógica contra a anterior reclusão imposta pelo odioso bloqueio continental, muitos jovens movidos do ardente desejo de peregrinar em remotas paragens ou animados do mais nobre intuito de contribuir para o progresso das sciencias que affecionavam, se lançaram na esteira das grandes expedições officiaes, e o resultado do seu labor mais duma vez sobrepujou ao daquellas.

William Swainson é um exemplo typico deste ultimo genero de « franco-atiradores » da sciencia, e mercee tanto mais o nosso apreço porque, depois de Markgraf e de Piso, no século XVII, foi, talvez, quem melhor estudou a flora e a fauna pernambucana.

Nascido em Liverpool, a 8 de Outubro de 1789, cedo se sentio inclinado ao estudo da historia natural, ao qual se dedicou com tamanho afincio que, ao iniciar-se aquella agitação benefica, o seu nome já gozava, na Inglaterra, de certo credito entre os naturalistas.

Isto o resolveu a concorrer tambem ao grande prêmio inercueto, em que fei dos mais illustres combatentes. Numa extensa carta, mais tarde dirigida ao Professor Jameson, de Edimburgo (1) e que constitue a mais copiosa fonte de informações sobre a sua viagem a Pernambuco, Swainson expõe os motivos que o induziram a preferir o Brasil para campo das suas pesquisas.

« Deliberei ir á America Meridional no outomno de 1816, escreven elle. A politica liberal que, ao ser restaurada a paz geral, determinou varios soberanos do Continente a enviar

(1) Esta carta, muito incorrectamente traduzida para o portuguez, foi publicada no *Jornal Encyclopedico de Lisboa*, de José Agostinho de Macedo, em 1820, Vol. I, pp. 243 e seguintes; é provavel que o original tenha antes apparecido em alguma das *Revistas* especiaes da Inglaterra, mas, neste particular as nossas pesquisas foram infructiferas.

cientistas afim de explorarem os thesouros que o Brasil offerecia á investigação philosophica, me levou a suppor que tambem o nosso governo acollheria favoravelmente quaesquer propostas que sobre o assumpto lhe fossem dirigidas. »

Neste designio o joven sabio se dirigio a Sir Joseph Banks, famoso botanico e estremo protector das sciencias, que acollheu com muito applauso a sua resolução e o recomendou vivamente.

Enthusiasmado com este incentivo, Swanson, comquanto o seu primeiro impulso tivésse sido ditado pelo simples desejo de se instruir, aspirou ampliar mais os seus projectos « dilatando a esphera das suas observações ». Considerando na exiguidade dos seus proprios recursos, propoz ao governo inglez enviar para os museus e jardins botanicos do seu paiz collecções do objectos de historia natural as mais completas que conseguisse reunir, isto mediante adequado auxilio pecuniario ou mesmo apenas o patrocínio nominal de *Naturalista de Ginebra Britannica*. Ambos estes favores lhe foram, porém, recusados e assim reduzido aos elementos de que pessoalmente dispunha, ella lamentou que os resultados das suas investigações e viagens ficassem encerrados em limites muito mais estreitos do que os que de outra forma poderiam ter tido.

« Em lugar de seguir o exemplo de outros viajantes, escreveu, indo primeiro ao *Rio de Janeiro*, aportei, em fins de Dezembro de 1816 ao *Recife*, na provincia de *Pernambuco*, a 8º do equador. »

« Esta provincia não havia ainda sido visitada por nenhum naturalista moderno, e achei que tanto na sua geographia como em historia natural tinha um aspecto summamente diverso das provincias meridionaes. Depois de adquirir idéas geraes sobre o clima e os costumes dos seus habitantes, preparei-me para emprender uma jornada ao Sertão, no que fui subitamente frustrado pelo rompimento da memoravel revolução de 6 de Março de 1817, da qual fui testemunha occular. »

Quanto é para lamentar que o naturalista inglez não nos tenha deixado a narração do que então presenciou ! São tão escassos e seriam tão preciosos os depoimentos de contem-

porcos não interessados directamente nos successos daquelle tragico movimento! Basta lembrar as *Notes Historiques* de L. F. de Tollenare.

Aquelle acontecimento, continha Swainson, circumscripto as minhas indagações a uma limitada zona em volta da cidade; mas, ainda assim era tamanha a copia de objectos novos e admiraveis ali encontrados, que me empreguei utilmente durante todo o tempo em que o paiz esteve em estado de perturbação.»

Quando se restituiu o sossego puz em ordem todas as minhas colleções e desenhos, e enviei tudo para a Inglaterra. Sali, em Junho de 1817, do Rio de Janeiro, com porretes e me encaminhei, por uma estrada de rodeio do lado do Sertão, para o grande Rio S. Francisco. O aspecto e as produções das partes interiores do paiz differem muitissimo das da costa. A agua naquelles aridos e mimos é sempre muito escassa e a excessiva secca que tinha havido, mui frequentes vezes nos expoz a grandes privações e até mesmo perigos; algumas vezes foi o nosso unico recurso a agua achada nas fendas e depressões das rochas e esta mesmo já corrompida por vegetaes em decomposição.»

«Chegamos finalmente á aldeia ou villa de *Pendo* em principios de Agosto. Os specimens botanicos reunidos no decurso desta jornada foram numerosos e interessantes, particularmente os de plantas parasitas e cryptogmicas, as quaes, assim como os passaros, insectos, etc., eram pela maior parte novas. A secca que abrazia o Sertão tornava impossivel proseguir pela mesma estrada para *S. Salvador*, e por isto embarquei para aquella cidade em uma canoa e ali cheguei com oito dias de viagem. Encontrei na capital da *Bahia* os dous naturalistas prussianos *Sellow* e *Freyreis*, que tinham vindo, por terra, do *Rio de Janeiro* em companhia do *Principe de Neuwied* e haviam ficado na cidade por estarem um pouco adoentados e para arranjarem as suas colleções. Eu os deixei em breve e fiz quasi o gyro completo em torno da bahia, e depois parti de novo para o Sertão, onde continuei, ora aqui, ora alli, até o seguinte mez de Março, tendo durante este espaço de tempo feito immensas colleções em todos os ramos da historia natural, principalmente na ornithologia do interior,

que differe tanto em especies como em novidades, das aves que os viajantes prussianos juntaram na costa. Considerarei muito mais essencial nas observações que fiz naquella paiz, examinar a natureza no seu conjuncto, do que esmiuçar-lhe os pequenos detalhes, estudando as suas operações nos habitos e affinidades naturaes de cada classe ou tribu particular de animaes ou plantas.

A formação dos systemas e generos pertence ao naturalista quando no seu gabinete; mas, os habitos e modos de vida que caracterisam cada ser no seu estado natural, são summamente interessantes, e a sua exacta observação conduz necessariamente a exaltar e dilatar o espirito do homem. »

Esta preocupação em attender cuidadosamente ás observações biologicas, notando todas as circumstancias relativas ao *habitat* e á vida das especies colligidas, constitue uma das feições mais pronunciadas da obra de Swainson e contribue para collocar-o muito acima de varios dos meros colleccionadores que então e ainda depois percorreram o nosso paiz.

Em Abril de 1818, novamente de regresso á Bahia, elle embarcou para o Rio de Janeiro, mais no desiguiu de comparar as regiões meridionaes ás equinoctiaes do Brazil, do que no desejo de avolumar as suas opulentas colleções numa zona já assáz explorada.

Apezar de encontrar o verão já quasi terminado, experimentou na Corte muito mais calor do que em Pernambuco, não obstante as differenças de latitude.

« Achavam-se então ali, prosegue Swainson, viajantes e sabios das côrtes da Austria, França, Russia e Toscana; poucos delles, porem, haviam passado alem da provincia do Rio de Janeiro e, não sei bem porque motivo, cinco dos austriacos regressaram ao seu paiz pouco depois da minha chegada. »

« Entre estes viajantes se contava o Professor *Realdi*, Director do Museu de Florença, que era infatigavel em reunir uma bella colleção dos fructos e grãos do paiz. Em sua companhia fiz uma excursão á immensa serra chamada dos Orgãos, que está na extensão de leguas coberta de mattas quasi impenetraveis, abundando em fetos, melastomas e uns insectos que lhe são peculiares. »

O naturalista inglez é fertil em louvores ao Barão de

Langsdorf, então consul geral da Russia no Brasil, que lhe prestou o maior auxilio e as maximas attensões, facilitando-lhe transportar-se com as suas collecções á Inglaterra, onde chegou em Agosto de 1818.

A importancia destas collecções, juntas com as que já anteriormente enviára de Pernambuco e da Bahia, era verdadeiramente excepcional, não só pelo numero das especies — que elle proprio não sabia computar — como pela sua excellente conservação.

« Só de passaros, escrevia ao Professor Jameson, ha 760 specimens, e neste numero muitas especies novas e outras sumamente raras, com especialidade do genero *Trochilus*, cuja familia estou agora tratando de classificar; ha dous ou tres Tucanos novos, um Caprimulgo singular de cauda bifurcada, etc.

Os insectos sôem a mais de 20000, e comquanto forçosamente haja muitas duplicatas, posso affirmar com segurança que constituem uma collecção mais completa do que quantas da America Meridional existem no nosso paiz. A familia *Hesperia* (de Latreille) só por si excede a 280 especies, e graças a um processo particular de conservação de que usei, esta parte das minhas collecções esta em um estado tão bello como não é vulgar.

Exceutei igualmente desenhos e amplas descripções de quasi 120 especies de peixes, os mais delles desconhecidos, trazendo daquelles cujo tamanho o permitia, exemplares conservados em alcool.

Tenho enviado sementes de muitas plantas novas e pouco conhecidas a Kent e outros Jardins Botânicos onde já florescem.

O meu herbario, contendo obra de 1200 especies, está particularmente bem conservado, tendo as plantas sido secas por um novo processo que habilita o botânico nos climas tropicaes a secar perto de 400 plantas em tres dias; é alem disto muito rico em especies de grammíneas e outros generos pouco conhecido dos tropicos. »

Estes avultados materiaes, porem, jámais foram publicados em conjuncto, sendo apenas parte delles aproveitada pelo proprio colleccionador na confecção das obras que posterior-

mente deu á luz, como *Zoological Illustrations* (1820), *Fauna Coenology* (1821), *Naturalists Guide*, *Ornithological Drawings* (1834—41), e *Natural History and Classification of Birds* (1836) que, diz o illustre Dr. Emilio Goeldi, é um excellente tratado geral.

De interesse mais directo para o nosso paiz é sem duvida a sua magnifica e rarissima (1) iconographia *Birds of Brazil* (sem texto e sem data) constando de oitenta e tantas bellas estampas representando as especies mais caracteristicas da nossa avifauna; desta obra monumental se faz menção em todas as posteriores sobre a ornithologia brasileira, e com especialidade na—*Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens*, de Burmeister.

Da parte entomologica das suas colleções supponho que se servio para a elaboração da *History and Natural Arrangement of Insects*, publicada em companhia de Shuehard; e da botanica divulgou varias especies de cryptogamos Sir William Jackson Hooker, director do Jardim Botânico de Kew, no seu *Museu Exotici*.

William Swainson nunca mais voltou ao Brasil, tendo, porem, visitado depois varios outros paizes, sempre como naturalista, até que veio a fallecer na Nova-Zelandia em meados do seculo passado.

Esparsas por alguns museus da Inglaterra existem ainda partes dos seus manuscritos e desenhos de historia natural, e ali provavelmente se encontram tambem, ineditos e ignorados, os seus diarios de viagem, itinerarios e mappas das regiões de Pernambuco e da Bahia que visitou, bem como, em delicadas aquarellas, as vistas mais pittorescas que se lhe depa-
pararam e que tudo declara ter levado para a patria.

(1) O Dr. Emilio Goeldi nos informa que levou dez annos para adquirir esta obra, tendo pago pelo exemplar que possui cerca de 200\$000. — P. Lee Phillips na sua *Brazilian Bibliography* Washington, 1901, pag. 79) cita de William Swainson uma *Selection of the birds of Brazil and Mexico* (London, 1841, in 8) que presumimos, ser outra obra ou talvez parte dos *Ornithological Drawings* acima mencionados.

Escrevendo esta breve e incompleta noticia da actividade do operoso naturalista inglez entre nós, tivemos sobretudo em vista chamar a attenção para este ultimos materiaes, onde porventura estarão contidos informes valiosos e dignos de publicação, suspeita que commoço folgarão em ver confirmada todos os amadores das cousas patrias.

Alfredo de Carvalho



Descripção de Pernambuco

EM

1746



INTRODUÇÃO. — No riquissimo Archivo da Torre do Tombo, em Lisboa, se conserva um volumoso manuscrito, de letra dos meados do seculo XVIII, intitulado — *Descripção de Pernambuco com parte da sua historia e legislação até o Governo de D. Marcos de Noronha, em 1746: e mais alguns documentos até 1758.*

Este codice precioso, pela somma de informações que encerra, parece ter sido organizado no proposito especial de servir de livro de consulta aos governadores, ministrando-lhes com facilidade quaesquer esclarecimentos sobre os varios ramos da administração colonial, que doutra sorte fôra mistér respigar laboriosamente em meio do immenso accervo das correspondencias officiaes, naquelles tempos diffusas e minuciosas em extremo.

De facto constituem o grosso do volume centenaes de cartas e ordens régias, provisões, alvarás e regimentos relativos a toda a casta de negocios publicos, regulando-os nas suas par-

ticularidades mínimas e quasi nada deixando ao alvitre dos delegados do soberano.

De permieira a estes documentos se encontram, porem, numerosos dados geographicos e estatísticos, de manifesta procedencia official, que debalde se buscaria alhures, e cuja importancia — como elementos, talvez unicos, para o estudo daquellas sciencias com applicação ao nosso Estado, numa epoca de que escasseiam noticias a respeito — não pôde ser assaz encahecida. Na impossibilidade de publicar todo o manuscrito, cujo autor é ignorado, deliberamos dar á luz, nas paginas seguintes, os trechos que offerecem interesse mais directo e utilidade maior, extrahidos da copia authentica do precioso inédito mandada executar, em 1845, pela Presidencia desta então Provincia.

N. da R.

§ 1.^o — RELLAÇÃO (1) DOS RIOS QUE FAZEM BARRA NESTA COSTA DE PERNAMBUCO AO NORTE DO CABO DE S. AGOSTINHO.

Duas legoas ao Norte do Cabo de S. Agostinho em o logar da Janguada fazem barra os Rios Jurigaca, Pirapama, Jabotão ou Jarapoatá; em o Jurisaca entra o Petimbú.

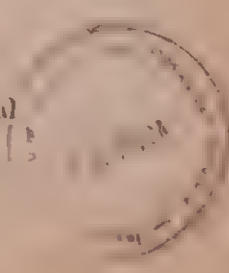
No Pirapama entra o Gorjahu, e no Gorjahu o Gorjahu de baixo e o Gorjahu de cima; no Jarapoatá entra pela parte do Sul o Murguaype, o Suacuma, e no Suacuma o Manguaré, e pela p.^{te} do Norte entra no Jabotão o Unna.

Segue-se o Tigipão que dizagoa junto com o Rio de S. João em Acaínoa da Barreta.

Segue-se o Capibaribe em que entra pela parte do Norte o Moribara, e Tapiourá, e neste o Apepé, e o Inné; entra mais no Capibaribe o Goytá e no Goytá o Rio Pillão e o Salgado. E pela parte do Sul entra no Capibaribe o Camuly ou Camorim, o Rio de S. Lourenço e de S. Bento, o Mulcire (?) e o Iaturecay, o Cutinguiba que he a agoa falsa, e o Tatiuba.

Segue-se o Beberibe.

(1) Foi escriptulosamente observada a orthographia do original



Segue-se o Rio doce em que entra o Mirueyra, e o Paratiji, ou Paratibe.

Segue-se o pequeno Rio Pernambuco q. deo nome a toda a Cappitania.

Segue-se o Jaguaribe.

Segue-se o Inhumaá.

Segue-se o Taceboca, e a este o Iguarassú em que entra pela parte do Norte o Menieuara, o Manjope, ou Iguarassú Lengua, ou Rio de S. Pedro, e pela parte do Sul o Tabatinga, o Taipú, o Taepe, e o agoa preta, e o agoa branca, e Iguarassú Pitanga.

Segue-se o Curubú.

Segue-se o Arari, ou Araripe em que entra pela parte do Sul o Tapeporucu, o Vioim, o Iguarassú tinga, o Mueupe, e neste o Upuecú, e o Iuparitiba; e no Araripe da parte do Sul, o Tupupiré, e no Tupupiré entra o Paetinga, e o Tayiotay, e o Aratubie: entra mais da parte do Norte no Araripe o Ipetúnga, o Maciápe, e o Pianguy.

Segue-se o Tapireme em que entra da parte do Norte o Iobi e o Agoufria.

Segue-se o Ipaperoça defronte da ponta do Sul da Ilha de Itamaracá, e ali fazem juntos Barra o Cararaí, o Inhacipopuco o Tincapoba, e o Maçaranduba.

Segue-se o Tohitinga.

Segue-se o Capibaribe Merim na Barra do qual da parte do Norte dezagoa também os dois pequenos Riachos o Agua grande e o Agoa mirim. Pela parte do Sul do Capibaribe Merim entra o Caracundaya ou Tracunhaem, e no Tracunhaem entra o Bijari, o Ibitára Inhandi, o Garuru, o Carai, todos pela parte do Sul, e pela parte do Norte entrão no Tracunhaem o Itapocirica Guacai, o Murupetiji: entra mais pela parte do Sul no Capibaribe Merim o Ceriji, e pela parte do Sul entra o Jacaré, e neste o Goyanna, e o Iuquipitanga, digo o Iuquicipitanga.

Segue-se o Itacoara.

Segue-se o Petimbu.

Segue-se o Abiaý que nasce de huma Lagoa em que desaguão o Uratanguy, o Pepoca, e neste o Cupissurá, o Taberobi, e o Camessary mirim, entra mais na Lagoa do Abiaý o Cu-

bauna, e neste o Iguaema, e o Carapoi, entra também o Inlu-maú e o Parezá merim.

Segue-se o Icabú.

Segue-se o Guray.

Segue-se o Gramame, entra neste pela parte do Sul o Jacoa, e pelo poente o Paranonbababa, ou Mombabe

Segue-se o Paritiji.

Segue-se Jaguaré.

Segue-se o Parahiba, entra neste pela parte do Norte o Rio dos Marcos, e neste o Tambiá : entra mais no Parahiba o Rio do Barreiras, e neste os Rios do Portinho do Itabura, o da Garga, o Buraco de S. Thiago, e o Paragocira, e o Tebery, entra mais o Rio Abay e Camuragoiay, e o Itepoá : pela parte do Sul entra no Parahiba o Curai ou Rio de N. Senhora da Guia, o Iajerabe em que entraõ o Itinga, o Iacoripe, e o Ape-rara : entraõ no Parahiba, o Iguaraguey, o Inhobim, o Para-ribe e neste o Itanhey, e o Iune.

Segue-se o Arabá que faz barra com o Potiguassú.

Segue-se o Nambiriri, ou Meriri, e neste entraõ pela parte do Norte o Tabupeba, e o Iiapué.

Segue-se o Maranguapé : neste pela parte do Sul entra o Heterabá, o Caruabume e o Guaratabi, Rio das Pedras. Pela parte de Oeste entra no Maranguapé o Tatuinembuco e o Arataji. E no Arataji entra pela parte do Sul o Caramby, o Cimbabi, o Ititirapua, o Gouto, o U'varséssutim, o Caraguatá : pela parte do Norte entra no Arataji o Canafistolla, o Maracujá, o Magafinsberg, o Cristal berg, o Piramide de berg, o Itacuarrass, o Rio dos Tapuias, e outros nove Regatinhos sem nome. Entra pela parte do Norte no Maranguapé o Rio dos Padres de S. Bento ou Nonay, o Coandí, o Itaperica, e neste o Unaripitanga : neste os Rios de S. Pedro e São Paulo : entra mais no Maranguapé o Tarapuima vitiú, ou Rio da Priguica, o Paragua, e o Urupema, e neste o Tuilarugueré guaba.

Segue-se o Tambacaroro.

Segue-se o Camaratuba, neste entraõ da parte do Sul o Itama, o Obete, o Piaguassú, o Ipiranga, o Urubutiva, o Tambary, o Capiituguaba : e da parte do Sul entra o Upitanga, e deste o Cabai Utimbauna Pardigoura : segue-se o Guagis,

neste entra pela parte do Sul o Iriuma, que he o Rio chamado dos Marcos onde se divide a Cappitania da Parahiba da do Rio Grande. Entra mais no Guagis pela parte no Norte o Aratangí, e o Petiguassú.

Segue-se o Cunhaú, neste entra pela parte do Sul o Curesmari, e neste o Guaratiba e o Curenamiri, entra mais o Cuandi, o Rio Grande de Sta. Luzia, e o Rio pequeno tãobem de Sta. Luzia.

Entra no Curenetaí o Miapis e Upirari, o Utipec, o Tambuatapuruaú e o Caraguata canga.

Entra mais no Cunhaú pela parte do Norte o Piquiri, o Araré, e neste o Mussenagussu.

Segue-se o Subauma em que entra o Ipitinga, o Icatu, e o Agua pibiba, ou Rio dos Mortos.

Segue-se o Tariri, que procede da Lagoa do Mipibu, nesta dezagua a Lagoa dos Guirairas : na Lagoa dos Guirairas, que fica ao Sul do Tariri, o Urubua. Entra mais na Lagoa de Mipibú, o Goianinha, o Uricará, e o Urubuapiri, e o Paraguassú : dezagoa mais no Tariri, o Uvipagni, o Iacocodrídigo Iaguacodrê, e o Atitari. Dezagoa no Lago do Mipibê o Tapuama, o Barnatun buabe e o Agua pibiba. Dezagoa mais no Tariri o Pissica.

Segue-se o Pirangy, neste fazem Barra pela parte do Sul o Pium, pela do Este o Cajupiranga, pela do Norte o Pitimbú.

Segue-se o Rio Grande : neste fazem Barra pela parte do Norte o Tiquirú donde hebe o Povo da Cid. do Natal, o Cunhaimá que entra perto do lugar que he chamão as quintas, o Iguaraguri que entra no lugar do Festeiro Tórto, o Iundiai em que entrão o Cotinguiba ou Caitê, e o Itaguatiba. Pela parte do Sul entra o Gagerú no Rio Grande, o Iaguari que he o Rio que corre perto do lugar chamado Aldeia Velha, o Guajá, o Putigi, neste entrão o Iaraguá, o Cuandi, e o Utin-ga, entra tãobem no Rio Grande o Ururuassú.

§ 2.º — RELLAÇÃO DOS RIOS QUE REGÃO O PAIZ DA CAPITANIA DE PERNAMBUCO DE STO. AGOSTINHO PARA O SUL.

Ao pé da Fortaleza de Nazaret, em fucinho do Cabo de Sto. Agostinho entra o Rio dos Algoduaes, depois de haver recebido as aguas do Tabatinga, a este Rio Algoduaes chamarão os Holandezes o Rio Caranguêijo, o qual na Barra se ajunta com o Pindarama, e hum braço do Rio Ipojuca. Este Rio de Ipojuca tem a sua origem em os Certeons do Ararobá, mais de sessenta legoas distante da sua boca; o qual copioso das aguas de muitos Riachos chega copiozo ao mar dividido em dois braços, hum dos quaes, como já disse, faz barra na de Nazareth, e outro em Maracaípe, ao Sul do Porto de Galinhas; entre os Rios que entrão no de Ipojuca, são mais nomeados o Iaquicipitanga, o Maranhão, e o Rio Leitão os quaes fazem nelle Barra pela parte do Norte; e pela parte do Sul entra o Caragussú.

Segue-se o Rio de Sirinhaem, que faz Barra no mar meia legoa distante ao Sul da Ilha de Santo Aleixo; entra no Sirinhaem pela parte do Norte o Cibiró, e no Cibiró entra o Arassangi. Entra mais no Sirinhaem pela parte do Norte o Tapiouru, e o Camaragibe ou Camoripim, e o Iusiru, e outros tres pequenos Regatos.

Ao Sul de Sirinhaem faz Barra na Costa o Rio Formoso, e neste entra pela parte do Sul o Araquindá.

Ao Sul do Rio Formoso entra no mar o Rio Mambucaba.

Ao Sul do Mambucaba faz Barra na Costa o Rio das Ilhotas, por outro nome o Itaguassutiba, no qual desagua o Riacho de S. Gonçalo.

Ao Sul do Itaguassutiba, ou Rio das Ilhotas, faz Barra na Costa o Unna.

Ao Sul do Unna o Parassumunga, e neste entre o Tituboteba pela parte do Norte, e pela parte do Sul o Maciagussú, e no Maciagussú o Rio Taíba.

Ao Sul do Parassumunga entra no mar o Rio dos Páos, por outro nome o Ojebir, e neste o Matiagussú.

Ao Sul do Ojebir, ou Rio dos Pãos, entra no Mar o Maragniji, e neste desagoa o Rio de João Barboza.

Ao Sul do Maragniji entra na Costa o Rio de S. Bento.

Ao Rio de S. Bento segue-se o Iaparatuba, em que entram pela parte do Norte, o Itinga, e o Guatayi, ambos pequenos Regatos.

Ao Iapiratuba se segue o Rio Manguaba, que entra no Mar em o Porto de Pedras; neste Manguaba entra pela parte do Norte o Urupema, e no Urupema o Cubuay; entra mais no Manguaba o Tapamondé, e no Tapamondé entra o Curubaca, o Rio da Povoação do Porto Calvo, o Rio da agua pitiba, e o Mocabita.

Ao Rio Manguaba se segue o Tatuamunha.

Ao Tatuamunha o Rio de S. Miguel das mijadellas, e outros tres pequenos, e sem nome.

A estes se segue o Camaragibe, e neste entram o Camorim, e o Hacaratinga.

Ao Sul do Camaragibe se segue o Rio de Sto. Antonio Grande, por outro nome Guaraguassú, em que entram da parte do Norte o Agua fria, e da parte do Sul entra nelle o Itatuba, e no Itatuba entram o Caipiranga. Entra em o Rio Guaraguassú pela parte do Sul o Guaratingapri, ou o Rio Castanha, e neste Rio Castanha entram o Arnirigi, e o Tapamondé, a cujas margens estavam os Mucambos dos negros dos Palmares.

Ao Guaraguassú segue-se o Sapucahy, por outro nome o Rio dos frades.

Ao Sapucahy segue-se o Parapucyra, em que entra o Cargatuba.

Ao Parapucyra segue-se o Cabussú.

Ao Rio do Cabussú segue-se o Rio da Pioca.

Ao Rio da Pioca segue-se o de Sto. Antonio merim, por outro nome Guaracirima, e neste o Rio de Santo Antonio merim entra pela parte do Sul hum pequeno Regato.

Ao Sul do Rio de Sto. Antonio merim segue-se o Paratiji, o qual resulta das aguas de dois Riachos, hum da parte do Norte, outro do Sul; o do Norte se chama Paratiguassú, e o do Sul Paratijimirim.

Ao Sul do Paratiji segue-se o Rio dôce.

Ao Sul do Rio dôce segue-se a Barra das Alagoas do

Norte, e Sul, que ambas se juntão em uma só Barra; na Alagoa do Norte faz Barra o Rio chamado Carapato, e o Rio Mundahy, o qual dá o nome á Alagoa do Norte, que também se chama Mandahy, e no Rio Mandahy faz Barra o Rio Potiguassútiba.

Na Alagoa do Sul entra o Rio Parahiba, e o Rio Cubauna, e no Rio Cubauna entra o Itinga; entra mais na dita Alagoa defronte da Ilha dos porcos o Rio de Pero Cabreyro.

Á Barra das Alagoas segue-se o Rio Miguahy.

Ao Sul do Rio Miguahy segue-se a Barra da Alagoa de S. Miguel, ou Rio Cenembi; nesta Alagoa de S. Miguel, ou Rio Cenembi, entrão pela parte do Norte o Guaratinga e o Iguapé, o Cupava, e o Taibu meirim, e o Potimerim. Entra mais no Zenembi o Rio Zambu, o Tagua, o Miguru, e o Tabatinga.

Á Barra do Zenembi, segue-se a Barra do Iaqueçu guaçu, neste entra o Urubutinga, e o Iaquiá, e no Jaquiá o Cabota.

Ao Iequiáguassá segue-se a Barra da Alagoa Dóco, a esta Barra do Cururui ou Cururuy segue-se a Barra do Rio S. Fran.^{co}

He o Rio de S. Francisco a extrema desta Capitanía de Pernambuco pela parte do Sul: entra nelle pela parte do Norte os seguintes Rios da Jurisdicção todos de Pernambuco, o Tairim, o Pianguí, o Parucabu, o Piaieira, o Iatuba, o Rio de Manoel Rabello, o Ipetinga, o Moxotó, o Riacho da Brizida, o Jacaré, o Pontal, o Rio Grande, e neste o Rio branco, o Rio preto, o Rio pardo, e o Rio de Janeiro: entra mais no Rio de S. Francisco o Correntes, o Pichaim e o Carunhanha, que mais de trezentas e cincoenta legoas da Costa são extrema do Governo de Pernambuco com o das Minas, além de outros muitos Riachos que só correm em tempo de Inverno, com cujas aguas soberba o Rio de S. Francisco, mais parecendo mar que Rio.

§ 3. — QUALIDADES DE PESSOAS DE QUE SE
COMPOEM O PAIZ

Branços — *Pretos* — *Mullatos* — que são fillos de brancos com negras.

Carijoz, que são fillos de Indio com negra, que também chamão *Mestissos*.

Mamallucos, que são fillos de India com brancos.

Tapuyas são os naturaes da terra, que vivem no Certão, e não fallão humia lingua Geral, senão cada nação a sua particular.

Caboccollos são os que morão na Costa, e fallao a lingua Geral.

A estes naturaes he commum o nome de *Indios*, tanto aos que vivem na Costa, como no Certão.

Curibocas são fillos de Mullato com negra, e também dão o mesmo nome aos fillos de Mamallucos com negra, e no Certão chamão a estes *Salla atraz*.

§ 4. — RELLAÇÃO DAS ALDEIAS QUE HA NO DISTRICTO
DESTE GOVERNO DE PERNAMBUCO E CAPITANIA DA
PARAHIBA, SUGLITA Á JUNTA DAS MISSEIENS DESTE
BISPADO.

V.^a do Recife: — Aldeia de N.^a S.^a da Escada, cita na freguezia da Ipojuca, he de Caboccollos de lingua Geral, e o seu Missionario Religioso da Congregação de São Felippe Nery.

V.^a de Iguarassú: — Aldeia do Limoeiro, cita na freguezia de S.^a Ant.^a de Traculuem, he de Caboccollos da lingua Geral, e o seu Missionario Religioso da Congregação de São Felippe Nery.

V.^a de Goitanna: — Aldeia da Aratagui, cita na freguezia de Taquara, junto ao Rio chamado Popoca, invocação de Nossa Senhora da Assumpção, he de Caboccollos da lingua geral, e o Missionario Religioso da Congregação de São Felippe Nery. — Aldeia do Cyri, cita ao pé do Rio assim chamado, na freguezia de São Lourenço de Tijicupapo, invocação de S. Miguel, he de Caboccollos de lingua Geral e o seu Missionario Religioso do Carmo da observancia.

Capitania da Parahiba, districto da Cidade: — Aldeia de Iacóca, invocação de Nossa Senr.^a da Conceição, he de Caboucollos de lingua Geral, e o seu Missionario Religioso de S. Bento. — Aldeia da Utinga, invocação de Nossa Senhora de Nazaré, he de Caboucollos da lingua Geral, e o seu Missionario Religioso de S. Bento.

Mamanguapá: — Aldeia da Bahia da Traição, invocação de S. Miguel, he de Indios Caboucollos de lingua Geral, e o Missionario Religioso do Carmo da Reforma. — Aldeia da perguica, invocação de N.^o Sr.^e dos Prazeres, he de Caboucollos da lingua Geral, e o Missionario Religioso do Carmo da Reforma. — Aldeia da Boa Vista, invocação de Santa Thereza e Sto. Antonio, he de Tapuios, Nassão Canandêz, e Sucurúz, e o Missionario Relegiozo de Sta. Thereza.

Tapui: — Aldeia dos Cariris, invocação de Nossa Senhora do Pillar, he de Tapuios, e o Missionario Relegiozo Capuchinho.

Kariri: — Aldeia da Campina Grande, invocação de S. João, he de Tapuios Nassão Canhecentis, e o Missionario Sacerdote do habito de S. Pedro. — Aldeia do Brejo, invocação de Nossa Senhora da Conceição, he de Tapuios Fagundes, o Missionario Relegiozo Capuchinho.

Piancó: — Aldeia do Panety, invocação de S. Joze, he de Tapuios, e o Missionario Relegiozo de Sta. Thereza. — Aldeia de Corone, invocação de N.^o Sr.^e do Rozario, he de Tapuios, e o Missionario Relegiozo da Comp.^a

Piranhas: — Aldeia da Pega, he de Tapuios, e está sem Missionario.

Rio de Peixe: — Aldeia do Ico pequeno, he de Tapuios, também está sem Missionario.

Capit. do Rio Grande: — Aldeia do Guajará, invocação de S. Miguel, he de Indios Caboucollos da lingua Geral, e Tapuios de Nação Payacás, e o Missionario he Padre da Comp. de Iezas. — Aldeia do a Pody, invocação de S. João Baptista, he de Tapuios de Nação Payacás, e o Missionario Relegiozo de Sta. Thereza. — Aldeia do Mipibú, invocação de S. Anna, he de Caboucollos de lingua Geral, e o seu Missionario Relegiozo Capuchinho. — Aldeia das Gurayrás, invocação de S. João Baptista, he de Caboucollos de lingua Geral,

e o Missionario Religiozo da Comp.^a de Jezus. — Aldeia de Gramació, invocação de Nossa Senhora do Carmo, he de Indios Caboucollos de lingua Geral, e o Missionario Religiozo do Carmo da Reforma.

Cappitania do Ceará Grande: — Aldeia da Serra de Hyopêba, cita em cima da d.^a Serra, districto da Ribeira de Acaraçu, invocação de N.^a Sr.^a da Conceição, o seu Missionario he Religiozo da Comp.^a de Jezus, tem quatro Naçoens, a primeira e principal de Caboucollos da lingua Geral, chamados Tabuparas, e as tres de Tapuios chamados Acarássus, Irassú, e Anasis. — Aldeia dos Tramanbés, cita á beira do Mar do districto da mesma Ribeira de Acaraçu, invocação de Nossa Sñr.^a da Conceição, de que he Missionario hum Sacerdote do habito de São Pedro, tem sómente hum Nação de Tapuios chamados Tramanbús. — Aldeia da Cauçaya, cita no districto da Villa da Fortaleza, Ribeira do Ceará, invocação de N.^a Sñr.^a dos Prazeres, o seu Missionario he Religiozo da Comp.^a de Jezus, tem hum Nação som.^a de Caboucollos de lingua Geral. — Aldeia da Porangaba, cita no districto da mesma Villa e Ribeira. Invocação do Sñr. Bon. Jezus, o seu Missionario he Religiozo da Comp.^a de Jezus, tem duas Naçoens, hum de Caboucollos de lingua Geral, e outra de Tapuios Anacéz. — Aldeia de Paupine, cita no districto da mesma Villa, invocação de N.^a Sñr.^a da Conceição, o seu Missionario he Religiozo da Comp.^a de Jezus, tem hum Nação de Caboucollos de lingua Geral. — Aldeia de Payacú, cita no districto da Villa de Aquirás, invocação de N.^a Sñr.^a da Conceição, o seu Missionario he Religiozo da Comp.^a de Jezus, tem hum só Nação de Tapuios Payacús. — Aldeia da Palma cita na Ribeira de quicheré mutim, termo da Villa de Aquirás, invocação de N.^a Sr.^a da Palma, o seu Missionario he Sacerdote do habito de S. Pedro, tem duas Naçoens de Tapuios Canindés e Genipápos. — Aldeia da Telha, cita na Ribeira do quichelou, districto da Villa de Leó, invocação de Sta. Anna, o seu Missionario he Sacerdote do habito de S. Pedro, tem cinco Naçoens de Tapuios quichelés, quichexên, Lucá, Oondadú, e Caricú. — Aldeia de Miranda, cita nos Cariris novos, districto da Villa de Leó, invocação de N.^a Sr.^a da Penha de França, o seu Missionario he Capuchinho, tem cinco

Naçoes de Tapuios, quichereú, Careú, Carveanê, Calabaça, e Leozinho.

V. de Sincatem : — Aldeia de Unne, cita na freg.^a de Unne, invocação de S. Miguel, o seu Missionario he Relegiozo do Carmo da observancia, e os Indios são Caboucollos da lingua Geral.

V. das Alagoas : — Aldeia de Sto. Amaro, que he a sua invocação, e o seu Missionario Relegioso Franciscano, os Indios são Caboucollos da lingua Geral. — Aldeia da pramelleyra, cita no districto do Palmar, invocação de N.^a Sra. das Brotes, o Missionario he Sacerdote do habito de S. Pedro, Cappellão de Palmar, tem duas Naçoes de Tapuios, Cariris e Uruiás. — Aldeia do Uruvê, cita na freg.^a da Lagoa do Norte, invocação de N.^a Sra.^a da Conceição, não tem Missionario, he de Caboucollos de lingua Geral.

Villa do Pendo : — Aldeia de São Braz, invocação de N.^a Sra.^a do O, o Missionario he Relegiozo da Camp.^a de Jezus, tem duas Naçoes de Caboucollos da lingua Geral de Naçoes Cariris, e pragêz. — Aldeia da Alagoa Cumprida, invocação de São Sebastião, não tem Missionario, e tem uma só Nação de Indios Carapotias. — Aldeia do pão de Assucar, invocação de N.^a Sra.^a da Conceição, o Missionario he Sacerdote do habito de São Pedro, tem hum Nação de Caboucollos da lingua Geral chamados chocôs. — Aldeia da Alagoa da Serra do Comonaty, invocação de N.^a Sra.^a da Conceição, o Missionario he Sacerdote do habito de São Pedro, tem hum Nação de Caboucollos da lingua Geral chamados Carnijós.

Freg.^a do Araroba : — Aldeia do Araroba, o Missionario he Relegiozo de São Phillippe Nerv, tem hum Nação de Tapuios chucurús com seiscentas e quarenta pessoas. — Aldeia dos Carnijós, cita na Ribeira de Panema, logar da Lagoa, o seu Missionario he Sacerdote do habito de São Pedro, tem hum Nação de Tapuios chamados..... e 323 pessoas. — Aldeia do Macaco, não tem Missionario, e o que teve heia Sacerdote do habito de São Pedro, tem hum Nação de Tapuios Parapiçóz, e cento e oitenta e duas pessoas.

Freg.^a de N.^a Sra.^a da Conceição de Rodellos : — Aldeia da Missão nova de São Francisco do Brejo, cita na Ribeira do Pajau, o Missionario he Relegioso Franciscano, tem varias

Nações de Tapuios. — Aldeia de N.^a Sr.^a do O', cita na Ilha do Sorobabê, o Missionario he Religiozo Franciscano, tem duas Nações de Tapuios, Porús, e Brancararús. — Aldeia de N.^a Sr.^a de Bellem, cita na Ilha de Acurá, o Missionario he Capuchinho Italiano, tem duas Nações de Tapuios, Porús e Brancararús. — Aldeia do Beato Sarafim, cita na Ilha da Varge, o Missionario he Capuchinho Italiano, tem duas Nações de Tapuios, Porús e Brancararús. — Aldeia de N.^a Sr.^a da Conceição, cita na Ilha do Pambú, o seu Missionario he Capuchinho Italiano, tem huma Nação de Tapuios Cariris. — Aldeia de São Francisco, cita na Ilha de Aracipú, o Missionario he Capuchinho Italiano, tem uma Nação de Tapuios Cariris. — Aldeia de S. Felix, cita na Ilha do Cavcho, o Missionario he Religiozo Capuchinho Italiano, tem uma Nação de Tapuios Cariris. — Aldeia de Sto. Antonio, cita na Ilha de Trapuá, o Missionario he Religiozo Capuchinho Italiano, tem huma Nação de Tapuios Cariris. — Aldeia de N.^a Sr.^a da Piedade, cita na Ilha do Inhamum, o Missionario he Religiozo Franciscano, tem huma Nação de Tapuios Cariris. — Aldeia de N.^a Sr.^a do Pillar, cita na Ilha de Coripós, o Missionario he Religiozo Franciscano, tem huma Nação de Tapuios Coripós. — Aldeia de N.^a Sr.^a dos Remedios, cita na Ilha do Pontal, o Missionario he Religiozo Franciscano, tem huma Nação de Tapuios Tamaquicis (?). — Aldeia do Sr. Sto. Christo cita no Araripe, o Missionario he Religiozo Capuchinho Italiano, tem huma Nação de Tapuios Ichús.

Rio Grande do Sul : — Aldeia de Aricubá, o Missionario he Religiozo Franciscano da Bahia, invocação de N.^a Sr.^a da Conceição, tem huma Nação de Caboucollos Aricobês de lingou Geral.

(Continúa.)



O ZOOBIBLION

DE

Zacharias Wagner



Uma das feições mais rasgadas da personalidade tão original de Maurício de Nassau, foi evidentemente o seu grande amor á natureza e ás bellas artes, manifestô nos estudos sobre historia natural e nas pinturas que fez executar.

Quando, em 1637, o joven Conde, movido pelos rogos dos Directores da Companhia das Indias Occidentaes, veio assumir o Governo do Brasil Hollandez, na «comitiva mais espiritual do que bellicosa» com que desembarcou no Recife, no seu dizer *pays des plus beaux du monde*, já se contava o pintor *Frans Post*, mais tarde autor das primorosas estampas que exornam o latinissimo panegyrico consagrado por *Barlaeus* á administração do príncipe em terras americanas.

Os originaes destes desenhos se conservam no Museu Britannico (*Bibliotheca Sloaniana*, n. 5221) ; mas, com relação ao local em que presentemente são guardados innumerous outros contemporaneamente delineados, faltam noticias.

Pelo proprio testemunho de Nassau sabemos que, durante o tempo da sua estada em Pernambuco, elle teve ao seu serviço

seus pintores; os seus nomes, porém, e o actual paradeiro de quasi todas as suas obras é hoje difficil de averiguar.

José Hygino não logrou descobrir no Museu do Louvre os *quarenta quadros* offertados, em 1679, por Mauricio a Luiz XIV, e que ali estiveram expostos na *Sala da Cemeia*. Assim tambem se ignora onde param os *dezesseis quadros* vendidos, em 1652, ao Eleitor Frederico Guilherme de Brandeburgo; na opinião de Driesen os nove menores são os mesmos existentes, desde 1690, no Museu de Frederiksborg, na Dinamarca, assignados por A. Eckhout e datados de *Brazil*, 1671 e 1671 (1); do mesmo artista, que se não deve confundir com *Gerbrandt van den Eeckhout*, famoso discípulo de *Rembrandt*, são provavelmente as sete formosas aquarellas, representando indigenas e scenarios pernambucanos, do codice n. 5253 da *Bibliotheca Sloaniana*.

A Bibliotheca Real de Berlim orgulha-se de possuir entre os seus thesouros pictographicos uma inapreciavel collecção de 1460 estampas, principalmente de assumptos de historia natural e ethnographia, reunidas, em 1661—1664, pelo medico *Christian Meusel* em quatro grandes volumes in-folio com o titulo de *Theatrum rerum naturalium Brasiliae*; os desenhos que a constituem, bem como os de outra collecção menor, em dous volumes, conhecida por — *Livro do Principe*, annotada pelo proprio punho de Mauricio e tambem conservada na mesma Bibliotheca, são geralmente attribuidos ao naturalista e cosmographo *Georg Markgraf*, de Liebstad.

Nos Museus de Praga e de Hamburgo consta vagamente existirem quadros e desenhos semillantes, e, não ha muito, um erudito saxonio, o Dr. *Paul Emil Richter*, arranconou do olvido em que jazia no Real Gabinete de Estampas de Dresden e divulgou a autobiographia e a descripção da obra artistica, completamente desconhecida, de *Zacharias Wagner*, decerto um

(1) O Instituto Historico e Geographico Brasileiro possui copias a oleo de varios destes quadros feitas, em 1877, por N. A. LYTZEN, de Copenhague. Os originaes, ja citados por A. VON HUM-BOLDT, no *Kosmos* (Vol. II, pag. 85), foram analysados pelo Dr. KR. BAHNSON, no *Internat. Archiv. fuer Ethnographia* (Vol. II, pp. 221 e seguintes com 1 Estampa).

dos seis pintores que estiveram no Brasil ao serviço de Nassau. Valendo-me exclusivamente do substancioso artigo publicado no *Memorial do 25.º Anniversario da Sociedade Geographica de Dresden* (1) com copiosas annotações do editor e do Professor *Sophus Rupe*, procurarei transmittir ao leitor brasileiro o conhecimento do que de mais notavel encerram.

Tratemos primeiramente de obter uma noção precisa da individualidade do artista á vista da — *Breve descripção das viagens e funcções que, principalmente ao serviço das Companhias Hollandezas das Indias Orientaes e Occidentaes, gloriosamente realison e cœreen, por espaço de 55 annos, o fallido Sr. Zacharias Wagner, na Europa, Asia, Africa e America, extractado do proprio diário autographo do finado.* (2)

Segundo informa o Dr. Richter, *Zacharias Wagner* nasceu em Dresden nos principios de 1614; aos dezenove annos de idade, refere elle proprio, deixou a cidade natal e, com permissão dos paes, dirigio-se para Amsterdam, onde permaneceu, durante um anno, empregado em casa do livreiro *Wilhelm Janson Blauen*. Impellido pelo desejo de viajar, embarcou-se a 18 de Janeiro de 1634, na grande náu de duas cobertas *Amstedam*, na qualidade de simples soldado, afim de passar-se ao Brasil, aportando, depois duma penosa travessia de 16 semanas, ao Recife. Attenta a sua excellente calligraphia foi dentro em breve dispensado do serviço militar e nomeado escripturario da companhia do Major *Bajart*, acantonado no Forte Ernesto. Com a vinda de *Mauricio de Nassau* foi por este escolhido para o cargo de reposteiro (*Kuchel-Schreiber*), que occupou emquanto sê demorou no Brasil.

(1) *Festschrift zur Jubelfeier des 25 jährigen Bestehens des Vereins für Vorkunde zu Dresden* - Dresden, A. Huhle, 1889, 8º (pp. 57 - 91). - Sobre *Zacharias Wagner* se encontram ainda informações no *Biographisch Woordenboek der Nederlanden*, de A. J. van der Aa (Parte 29, pag. 21, e no *Dresner Anzeiger*, de 1887, n. 302, suppl. 4, e n. 306, suppl. 5).

(2) *Kurtze Beschreibung der 55 jährigen Reisen und Verrichtungen, welche Weyland Herr Zacharias Wagner in Europa, Asia, Africa und America, mostentheils zu Dienst der Ost- und West-Indianischen Compagnie in Holland, ruhmlichs gethan und abgelegt, gezogen aus des seelig gehaltenen eigenhændigen Journal* — MS. do Real Gabinete de Estampas de Dresden.

Em 1638 acompanhou o Conde na infructifera expedição contra a Bahia, e, no anno seguinte nas viagens por terra a Porto Calvo, pelo Cabo de Santo Agostinho e Serinhain, e a Pariba, para onde se dirigiram passando por Bonovégil (1).

Depois de ter assim residido, lê-se na auto-biographia, por espaço de sete annos — quatro dos quaes nos paços de S. Exc. — nestas terras, requeri licença para voltar á patria, o que me foi graciosamente concedido por S. Exc., junto com um lisonjeiro attestado de conducta e passaporte.

Regressando á Hollanda, em começos de 1641, *Wagner* occupou-se em entregar aos destinatarios, em Haya, Delft, Rotterdam e Leyden, as encomendas, constantes de cartas, pinturas e papagaios, de que fôra incumbido pelo Conde.

As suas posteriores occupações e viagens em Java, na China e no Japão — onde exerceu elevados cargos diplomaticos — até o seu fallecimento em Amsterdam, a 1 de Outubro de 1668, no posto de Vice-Almirante, não tem para nós brasileiros interesse immediato.

Não assim a sua importante obra artistica.

Juntamente com o manuscrito a que vimos de alludir, o Dr. *Richter* encontrou um volume, in-folio oblongo, diffusamente intitulado — *Zoobiblion* (2) no qual se encontram muitas differentes especies de peixes, passaros, quadrupedes, vernos, fructas e raizes que se encontram e observam na terra do Brasil, sujeito ao dominio da Companhia das Indias Occidentaes, e por isso estranhas e desconhecidas na Alemanha. Re-

(1) Os annotadores allemães pretenderam que a localidade assim designada fuisse a actual cidade de Bonito, o que é inadmissivel, mas, o nome se achava tão desfigurado que torna inutilissima a sua identificação: contudo, quer me parecer tratar se da casa de recreio denominada Boa-Vista, de onde provavelmente *Maurício* partio para a sua excursão ao Norte dos dominios hollandezes.

(2) Julgou dever emendar este neologismo para reproduzir com exactidão o significado do vocabulo original. OLIVEIRA LIMA o traduzio alhures por *Zoologia*, e CAPISTRANO DE ABREU propoz como equivalente o termo medieval — *bestiario*, que allás servia especialmente para designar certas composições literarias em que se moralisava, descrevendo os habitos e qualidades dos animaes ou contando fabulas de animaes, como por exemplo, no celebre *Roman do Renart*. — *Zoobiblion*, como *Thierbach*, significa literalmente — *Livro de Animaes*.

presentadas com a maxima exactidão, com as suas côres naturaes, umas proprias e breves descrições marginaes. Tudo desenhado ristos tanto para gaudio e satisfação dos espiritos curiosos, no Brasil, sedo a Illustratissimo Governador do Meito Nobre Senhor João Mauricio, Conde de Nassau, etc., Governador e Almirante General, por Zacharias Wagner, de Dresden. (1)

Consta o precioso codice de 109 folhas de desenhos coloridos de plantas, animaes e indigenas do Brasil, que Wagner representou muito artistica e conscienciosamente e desmereven tão bem quanto lh'o permittiam — como elle mesmo confessa — os seus mediocres conhecimentos. Havia lido muito sobre a maravilhosa natureza brasileira, mas não encontrára representações graphicas correspondentes; isto o determinou, a sua suas horas de lazer, desenhare e pintar tudo o que os indigenas lhe traziam ou elle observava, «afim de que tambem podêsse apresentar aos seus compatriotas (caso por graça do Omnipotente regressasse ao meio delles) alguma cousa de novo e de admiravel.»

Conscio da sua applicação escreveu no prefacio o seguinte sobre a sua obra: «Si agora alguem quizer, a proposito deste modesto trabalho, proclamar o seu superior juizo e apurado senso artistico, notando que isto ou aquillo está representado maior ou menor, mais comprido ou mais largo, do que devia ser, e de qualquer forma delineado sem o primor exigido pelas regras da pintura, a este tenho a dizer que os caminhos por mim percorridos, com risco de vida, lhe estam igualmente abertos e que facil será ali contemplar os originaes e refazer semelhante trabalho, para o qual deixo desbravado o campo,

(1. Thier Buch Darinnen viel unterschiedene Arter der Fischer vogel, viertuessigen Thiere, Gewuern, Erd und Baumfruechte, so hin undt wieder in Brasilianischen bezirk, undt gebiethe Der Westindischen Compagnie zu schauwen undt anzutreffen, undt daher in den Teutschen Landen fremde undt unbekandt. Außs genauweste mit seinen Natuerlichen Farben, samt behoerlichen Nahmen, wie auch kurtzer außengesetzter beschreibung, Abgebildet sindt. Alles selbst augenscheinlich zu lust undt gefallen Denen sonst newbegierigen Gemuethern, bezeugnet. In Brasilien Unter der hochloeblichen Regierung, des hochgelehrten Herrn Johan Moritz, Graffen von Nassau, etc., Gubernator Capitain undt Admiral General, von Zacharias Wartenern von Dresden. — Codice inedito do Real Gabinete de Estampas de Dresden.

apresentando-o aperfeiçoado pela sua melhor sabedoria. » Depois de ainda se desculpar da occorrença de algumas expressões holandezas, pois residira no Brasil por oito annos entre Holandezes, termina com estas palavras : « Queira o leitor benevolo satisfazer-se com isto, e louvar a diligencia de quem, por seu amor e para seu deleite, executou o presente trabalho. »

Os desenhos dos differentes objectos, 71 especies de animaes e 20 de plantas, diz o Dr. *Richter*, são realmente duma perfeição tal que legitima o orgulho do artista ; ha verdadeiro prazer em observar como são naturaes e como as côres, passados duzentos e tantos annos, ainda se mantem inalteradas !

Não nos deteremos, continua o provector editor, nas 91 folhas dos reinos vegetal e animal, e limitar-nos-emos a saber como então, entre as tropas de occupação, se fallava e pensava sobre os indigenas. Encontramos na Est. 92 um *Omam Brasiliano* (1) e na Est. 93 uma *Molher Brasileira*, e a descripção de *Wagner* reza :

« As mulheres são de estatura baixa e grossa, de bonito talhe, e andam muito erectas ; os seus longos cabellos negros trazem-nos habitualmente em tranças que lhes pendem por sobre o dorso nu. Deixam-se desposar aos 12, 13 e 14 annos, geram muitos filhos e alcançam idade avançada. São muito fieis aos seus maridos, e os acompanham ás guerras, carregadas com os filhos, cães, cestos e saccos, e supportam sem murmurar o calor, a chuva e todas as fadigas ; caso chegando no campo ou em algum lugar onde pretendem pernoitar ou passar alguns dias, ali consigam obter aguardente ou outra qualquer bebida forte, tratam de compral-a em grande porção, reúnem os homens, sentam-se todos em roda ou em circulo, collocando a

(1) PAUL EHRENREICH estudou estes desenhos sob o ponto de vista ethnologico, comparando-os com os quadros do Museu de Fredericksborg e as estampas do *Theatrum rerum naturae in Brasilia*, nma excellente monographia publicada no *Gilbms* Braunschweig, 1894. Vol. LXVI, pp. 81-90) com o titulo de *Ueber einige altere Bildnisse sudamerikanischer Indianer* ; traduzido magistralmente para o portuguez por OLIVEIRA LIMA, appareceu no *Diário Oficial* de 29 de Outubro e 5 de Novembro de 1900, mas, sem as illustrações do original, defeito que será em breve sanado com a sua reedição, no proximo numero desta *Revista*, acompanhada das respectivas gravuras.

aguardente no centro, e tocam a beber sem medida; de quando em vez alguns entoam barbaras canções, até que todos se levantam e, de mãos dadas, começam a dançar; é tal o seu gosto pela dança que passariam dias e noites seguidas a dançar e pular sem interrupção, si por fim os não prostrasse o cansaço. E' esta tambem a maior vergonha desta pobre gente, pelo que actualmente os seus officiaes não lhes permittem mais o uzo diario de bebidas forte.

Os brasilienses são de estatura mediana, assaz membrudos de cõr amarellada, cabellos negros e pouca barba. Não têm em grande conta bellos vestidos ou alfaias domesticas, ao contrario preferem sobretudo boas flechas e arcsos. Vivem com muita simplicidade, e satisfazem-se perfeitamente com o que de vespera alcançaram na caça.

Os hespanhões, depois que, ha muitos annos, se apoderaram do seu territorio, pretenderam sujeital-os igualmente ao seu dominio e jugo (como os pobres « mouros » (1), pelo que empregaram todas as violencias contra o misero povo, desnudo e sem amparo, passando muitos a fio de espada, a outros prendendo, torturando, estrangulando, queimando ou uzando ainda de outras atrocidades. Mas, apezar de tudo isto, nunca (por mais horrivel e barbaramente fossem tratados) os brasilienses se deixaram submeter e subjugar, resistindo-lhes sempre obstinadamente e mantendo, até o dia de hoje, a sua liberdade e independencia.

Actualmente contam-se delles varias companhias entre a nossa gente, bem exercitadas no manejo de mosquetes e espingardas; nos servem muito bõamente contra os hespanhões, porquanto ainda lhes guardam vivo rancor pelas carnificinas e deslealdades de que foram victimas.

Até o presente têm-se achado nelles soldados resolutos, firmes, bons e valerosos; acommettem os seus inimigos com certos clamores extranhos, e conservam-se, em meio da sua pobreza e desventura, sempre alegres e bem dispostos. Estam tambem agora subordinados a varias pessoas ecclesiasticas que,

(1) Entre os antigos escriptores holandezes e allemães era vulgar o habito de chamar de «mouros» aos pretos.

com grande esforço e trabalho, procuram adiestral-os das suas ruins praticas pagans e são diariamente, nas suas povoações chamadas *Aldeias*, instruídos com muito zelo nos preceitos do christianismo.»

Sobre as suas aldeias escreveu *Wagner* junto ao desenho da Est. 101 :

« *Aldeia*. — As povoações dos brasilienses são construídas com muita ordem, e cada aldeia consta geralmente de duas extensas filas de casas de palha, tendo no centro uma igreja baixa, na qual, tres vezes por semana, se devem reunir os moradores para serem instruídos na doutrina christã, em lingua portugueza, por pessoas para este myster nomeadas : igualmente para cada aldeia designam os nossos um chefe, a quem reconhecem como o seu capitão e prestam obediencia. Incumbem-lhe tambem exercital-os no manejo das armas, no intuito de habilital-os a bem resistir no caso de serem inopinadamente assaltados pelo inimigo.

Em cada aldeia contam-se, entre homens, mulheres e crianças, pelo menos de 700 a 800 almas ; os homens têm que marchar enfileirados em muito boa ordem atraz do capitão ; vem apoz as mulheres com grandes cestos cheios de comidas e bebidas e o couce formam os meninos e velhos, cães e gatos, tudo o que pode andar ou arrastar-se, e, no entretanto, deixam a aldeia completamente erma e deserta.

Omém Tapuqa. — São extraordinariamente altos, fortes e corpulentos estes homens selvagens, cobertos duma espessa pelle bruna, e uzando longos cabellos negros ; andam inteiramente nus e sabem recolher para dentro do corpo o membro viril, prendendo a parte saliente com uma pequena ligadura ; costumam adornar principalmente as cabeças e as armas, de bonitas plumas multicôres.

« E' gente realmente de todo cega e ignorante, nada sabendo de Deus nem da sua divina palavra ; honram, servem e adoram o demonio, com quem têm grande affinidade ; perguntam-no e interrogam-no sobre todo o passado e o paradeiro dos seus velhos amigos, bem como sobre o que está para succeder, se alcançarão ou não victoria sobre os inimigos ; o que e mais ainda e se conta como verdade, é que entre elles alguns ha que trazem morecos pendentes das orelhas e são denomi-

nados e esconjuradores (*Touffilsbannier*) : estes se deixam muito voluntaria e alegremente possuir e invadir pelo espirito maligno, e começam a proferir blasphemias, prophecias, mentiras e imposturas peçonhentas e sacrilegas, que, entretanto, são piamente acreditadas pelos parvos circunstantes.

Aos sete ou oito annos de idade abrem-lhes nas orelhas grandes buracos em que são collocados batoques de madeira da grossura de um dêdo, com o que buscam manifestar estarem aptos para seguir para as lutas.

Quando algum dentre elles contrae matrimonio, compete ao seu mais intimo amigo fazer-lhe uns orificios nas bochechas e nelles pôr uns pausinhos brancos e tambem outro no labio inferior em que mettem uma pedra azul. A sua lei os autorisa a tomarem quantas mulheres queiram ; mas, acontecendo alguma dellas ficar doente, esteril ou velha de mais, desdenham das mais jovens, não nas procuram mais, assim como abominam toda a prostituição.

Ao seu rei, chamado Jan de Wy, prestam grande obediencia, acatando, cumprindo e temendo a sua palavra ; mas, ao rei cumpre ser o primeiro na peleja, do contrario perde todo o prestigio. Os seus agudos e pesados dardos sabem lançar com extrema destreza, por meio de certas pranchêtas, á vontade para onde querem ; contra o inimigo em fuga não usam disparar os dardos agudos, mas lançam mão de pezados espaldões de madeira preta, correm com velocidade incrível, saltam inteiramente nus por entre espinhos e cardos, lançando horrendos brados, e acommettem assim furiosamente os contrarios, derrubam-nos, entre danças e cantares, e logo regressam da referida maneira com grandes berros para o meio dos seus, invocando immediatamente o diabo, a quem participam sem demora as peripecias do combate.

Mulher Tapuya. — As mulheres tapuyas são grossas, gôrdas, de cabellos curtos, andam como os homens inteiramente desnudas, sendo, porém, mais pudicas e recatadas, porquanto apreciando o bello avental verde, por Eva desdenhado, revestem-se com elle, duma maneira especial, anterior e posteriormente, enfiando mais destas cintas de verdura do que de quaesquer outros bens, certo com recio de que os cegos se deixem

inflamar pelos seus grosseiros attractivos. No mais vivem entre si (como já ficou dito) peor do os irracionais.

As suas habitações são tóscas e feias; não permanecem por muito tempo num mesmo lugar, mas vagueiam nas immediações acima e abaixo em busca de toda a sorte de raízes extranhas, grandes cobras e muitos passaros selvagens para alimento dos seus estomagos famelicos.

Quando acontece morrer alguém entre elles, seja homem ou mulher, não sepultam o cadaver, mas cortam-no e dividem-no em muitos pedacinhos, parte dos quaes devoram crúa e parte assada, dizendo que o seu amigo fica mais bem guardado dentro do seu corpo do que no seio da terra negra. Os ossos restantes são amollecidos ao fogo, reduzidos a pó, misturado com a comida e assim ingerido. Encontram-se entre estes antropophagos cobras peçonhentas, chamadas cobra verde, e os que são por ellas mordidos morrem em pouco tempo. Os portuguezes, que conhecem estas cobras, tem como certo que todo o corpo da pessoa mordida fica impregnado do veneno da cobra; isto, porem, não impede os tapuyos de se aproveitarem do cadaver, como acima ficou dito, dividindo-o entre si e devorando-o alegremente sem experimentarem qualquer incommodo.

O que, porem, é verdadeiramente horrivel e a muitos deve parecer abominavel, é o costume que têm de quando uma mulher pare uma criança morta, logo despedacal-a e ir comendo-a o mais depressa possivel, sob o pretexto de que era seu filho, sahido do seu ventre, e que em parte alguma ficaria mais bem guardado do que voltando para o mesmo; no entretanto o marido se mostra muito sentido e debilitado, recolhe-se á rêde, faz-se servir e tratar pelas mulheres e permanece assim seis, sete, oito ou mais semanas de resguardo pela mulher.»

Na Est. 103 *Wagner* dá o desenho duma dança de tapuyos e acrescenta a respeito: « Assim dançam os tapuyos, inteiramente nus e com pavorosa gritaria, em circulo durante duas ou tres horas seguidas, ao que se pôde assistir com prazer e satisfação especial, como cousa realmente admiravel. »

« *Omém Negro*. — Da Africa, dos territorios vizinhos e confinantes de Guiné, Angola, Cabo Verde, Rio Congo e outros mais, são trazidos estes monros para o Brasil; nas men-

cionadas regiões, de que são naturaes, sustentam entre si grandes guerras, usando de espadas, escudos e longas azagaías; o que é vencido na peleja e subjugado passa a pertencer, segundo o antigo direito das gentes, ao vencedor na qualidade de escravo. Desta sorte alguns mouros chegam a possuir 30, 40, 50 e mais captivos, aos quaes obrigam a acompanhá-los nas suas expedições guerreiras, ou empregam em quaesquer trabalhos; na maioria, porém, são vendidos aos portuguezes ali residentes, e por estes novamente aos nossos, que os trazem ás centenas para o Brasil, afim de negociá-los, por alto preço, com os ricos senhores de engenhos; por estes são tratados muito miseravelmente, recebem pouco alimento e são forçados a trabalhar sem descanso nos engenhos e canaviaes, mal lhes deixando tempo para respirar; não lhes é permittido o uzo de armas de qualquer natureza, excepto umas maças de madeira, a que chamam de « Canodzen » (?), as quaes trazem aos Domingos quando vão dançar. »

Na Est. 105 se encontra a representação de uma dança de negros de aspecto divertido, sobre a qual *Wagner* escreve:

Quando os escravos tem executado, durante a semana inteira a sua penosissima tarefa, lhes é concedido passarem o Domingo como melhor lhes apraz, de ordinario se reúnem em certos lugares e, ao som de pífanos e tambores, levam todo o dia a dançar desordenadamente entre si, homens e mulheres, crianças e velhos, em meio de frequentes libações duma bebida muito assucarada, a que chamam Grape (*garapa*); consomem assim o santo dia dançando sem cessar, a ponto de muitas vezes não se reconhecerem, tão surdos e ebrios ficam. »

Na Est. 106 *Wagner* nos mostra o mercado de escravos numa cidade do Brasil, que, diz o Dr. *Richter*, com as suas casas de um e dois andares, sacadas gradeadas de madeira e as insignias pendentes das portas das tavernas, lembraria antes Radeburg, Radeberg, Koenigsbrueck ou outra cidadesinha rural da Saxonia, si não vissemos os pobres negros jazendo ao redor em grupos ou isolados. (1)

(1) Muito provavelmente ora a antiga *Rua dos Judeus* (hoje da Cruz), no Recife, onde ainda em principios do seculo passado tinha lugar a feira de escravos. Vide a estampa extrahida do *Journal of a*

Wagner a acompanha da seguinte explicação :

« Acima, junto á figura dum mouro da Guiné (Est. 97) narrei brevemente o modo pelo qual são aprisionados no Guiné e na Angola e vendidos aos nossos. Aqui pretendi, por meio deste mesquinho desenho, mostrar como, trazidos para o Brasil, são aqui novamente negociados.

« Sempre que succede chegar, em breve tempo, algum navio daquellas paragens aqui em Pernambuco, traz ordinariamente pelo menos uns 300 mouros, que são logo desembarcados e provisoriamente (até chegar o dia fixado para o mercado) aboletados num velho casarão. No dia determinado esta pobre gente, meia morta de fome e sede, é obrigada a arrastar-se dali, como os porcos ou carneiros á sabida do curral, sendo os escravos conduzidos um por um (afim de poderem ser mais facilmente contados) ao mercado, onde negociantes portuguezes e neerlandezes os examinam por todos os lados, verificando si são moços ou velhos, ou si padecem de escorbuto, syphilis ou outra molestia grave. Quando um dos compradores tem assim escolhido 8, 10 ou mais dentre a multidão, e os reputado sem defeitos, tem que pagar por cada peça, seja uma menina de 6 ou 7 annos ou um homem adulto, mais de 200 reaes hespanhões, cada um dos quaes vale mais tres soldos do que um escudo do reino ; mas, si se juntam diversos para a aquisição dum lote de 40, 50 ou 100, que depois tiram á sorte entre si, conseguem obtel-os por preços mais modicos e o pagamento é feito no prazo de um anno.

« Deste e doutros modos semelhantes é fôrçoso domar e humilhar estes mouros, si delles se quer alcançar trabalho e boa vontade, pois são por natureza muito teimosos e obstinados. Vi muitos delles, por faltas commettidas, serem castigados, suspensos pelos pulsos a um poste e os corpos nús terrivelmente açoitados por chibatas ; no entanto não pediam misericordia nem promettiam corrigirse, mas trincavam os dentes e deixavam que lhes lacerassem á vontade os dorsos negros.

« O seu modo de vida é comparavel ao dos tapuyas ; não

voyage to Brazil, de Mrs. M. Graham, que vem á pag. 104 do presente volume. É possível que no proximo numero desta *Revista* appareça a reproducção deste curioso desenho de WAGNER.

se importam com o futuro e cuidam sómente em encher bem as suas paucas aqui na terra ; têm contudo esperanças duma vida melhor, porquanto quando vão sepultar algum dos seus parceiros fazem-no com estranhos e ridiculos clamores, sentam-se em redor da cova e perguntam ao morto, cantando em cântico : hey, hey, hey, porque morrêste ? hey, hey, hey, faltou-te pão, farinha, fumo ou cachimbos ? Depois destas varias perguntas ociosas atiram para dentro da cova com pedaços de fumo e toda a casta de raizes, afim de que o finado possa continuar a gozal-os na outra vida, e voltam do enterro dançando e cantando. Os nascidos aqui no Brasil são chamados *Criolos*, e os portuguezes os doutrinaam na creença catholica e os neerlandezes na calvinista.

Mulher Negra. — Não são de talhe menos esbelto e bem proporcionadas de que os homens as mulheres mouras ; nem por isto, porem, são poupadas, tendo que, da mesma forma que os maridos e filhos, executar pesadissimos trabalhos nos engenhos e canaviaes ; e algumas dentre ellas, que conhecem bem o do heiro hespanhol e hollandez, mandam os senhores a vender pelas ruas gallinhas, passaros, peixes seccos, e toda a sorte de fructas magnificas ; mas, si a moura não é muito ladia e aceita dinheiro falso ou de volta á casa deixa de dar conta ao senhor do valor de um soldo que seja, é na mesma hora amarrada e cruelmente fustigada ; por este motivo preferem ser empregadas em outros serviços mais penosos, a ser occupadas nesta perigosa mercancia.

Os nossos, bem como os portuguezes, deliberaram recentemente applicar a todos elles, sejam homens, mulheres ou crianças, determinados signaes ou marcas, impressas com um ferro em brasa no peito ou no hombro ; principalmente porque devido á sua cor negra, são muito facéis de confundir uns com os outros, e em segundo lugar porque quando fogem aos seus senhores (o que succede com frequencia), os individuos encarregados de perseguil-os, chamados « Mestros del Campos », quando os prendem, logo reconhecem a quem pertencem, e, amarrando-lhes as maos atraz das costas, vão entregal-os, mediante certa gratificação fixa, aos seus primitivos senhores, que os acolhem e lhes dão as boas-vindas com fortes agoutes.

Mulato. — Aos individuos gerados do coito de mouras com portuguezes, chamam mulatos, e estão condemnados — como os demais escravos — a passar a vida em pesado captivoiro; a alguns, porem, por felicidade ou por amor dos seus lascivos paes, é concedida a alforria, o que succede da seguinte maneira:

« Quando um portuguez ou neerlandez tem relações carnaes com alguma escrava dum seu visinho ou amigo e esta dá a luz, é isto muito bem visto pelo senhor da moura, que guarda a mae junto com o filho, manda criá-lo e trata-o pouco melhor do que os turcos aos christãos. Si, porem, o paé se compadece da miseria e desgraçada condição do seu proprio filho, tem de comprá-lo, por bom dinheiro, ao visinho, e assim passa a criança do captivoiro para a liberdade. Depois de crescidos são muito proprios ao serviço da milicia, manejando com dextreza todas as armas, com especialidade as espingardas, caçando diariamente passaros e outros animaes silvestres: é certo que, sob o pretexto de passarinhar, costumam á se emboscar no matto para assaltar os transeuntes, o que é bastante sabido e manifesto, tanto entre os portuguezes como os nossos, e por isso são geralmente tidos como uns velhacos muito ruins, falsos e traidores. S. Exe., considerando que procedem de sangue christão, pretendeu a principio dar liberdade a todos elles; mas, informado depois da sua pessima e desleal conducta teve escrúpulo em fazel-o.

Mamulaca. — Do contacto deshonesto de mulheres brasilienses tanto com portuguezes como neerlandezes, nascem muitos destes bastardos, entre os quaes não raro se encontram formosos e delicados typos quer de homens quer de mulheres; estas de ordinario durante a semana trazem apenas umas longas camisas de algodão; mas nos Domingos e dias de festa, enfeitam-se muito garridamente, á moda hespanhola, adornando o pescoço, as orelhas e as mãos com coraes e pedras falsas em profusão; muitas, devido ao seu porte airoso, passam por donzellas hespanholas. Os homens são inclinados a toda a sorte de profissões licitas, e se deixam aproveitar em variedade no nobre mistér das armas. As mulheres casam com frequencia entre a gente da sua casta; na maioria, porem, são muito honestas e legalmente cobicçadas para esposas legítimas

por portuguezes, ás vezes bem ricos, e tambem por alguns neerlandezes abrasados de paixão.

Em summa os hespanhões e portuguezes, os brasilienses e tapuyos, os mulatos e mamelucos, vivem quasi todos entre si a exemplos das impuras bestas lascivas, não obstante aquelles que se dizem christaos terem bem visivel e presente os signaes da ira e os notaveis castigos de Deus contra esta vida licenciosa e sodomitica, permitindo que, ha alguns annos, os nossos se apoderassem, á mão armada, das suas grandes e fortes cidades, saqueando, destruindo e incendiando as suas igrejas, conventos e outros bellos edificios, expulsando os portuguezes, com as suas mulheres e filhos, e impellindo-os para regiões completamente desertas e selvagens; elles, porem, tendo conseguido, com o auxilio de outros, refazer-se dentro de poucos annos, presto esqueceram as desventuras passadas, voltando á pratica dos antigos peccados, entregando-se nos braços da abominavel luxuria, em que se acham presentemente mergulhados e onde de certo, permanecerão até que Deus Omnipotente dê fim não só a elles como tambem a nós e a todos aquelles que tão promptamente olvidam as suas paternaes admoestações. E com isto fique dito dos extranhos povos do Brasil tudo o que, de accordo com a verdade, pôde ser aqui descripto e representado. »

Por ultimo *Wagner* apresenta a descripção e o desenho duma aldeia de brasilienses, do engenho Masciappe e do Palacio de Mauricio de Nassau, no Recife, e finalmente a planta de Pernambuco.

Desta noticia incompleta creio que, pelo menos, resalta com extremo destaque o quanto — do ponto de vista historico-natural e ethnographico, e mesmo do puramente artistico — é para desejar a publicação integral — texto e estampas — do curioso *Zoobiblion* de *Zacharias Wagner*.

Mas, quando será realisada?!

Alfredo de Carvalho

O RECIFE DE GRÊS

DO

PORTO DE PERNAMBUCO

POR

CHARLES DARWIN (*)

Ao entrar no porto de Pernambuco o navio passa em volta da extremidade de um longo recife, que visto na préa-mar, quando as vagas se quebram fortemente ao seu encontro, seria naturalmente considerado de formação coralínea; mas, observado na baixa-mar, póde ser confundido com um dique artificial levantado por obreiros cyclopicos.

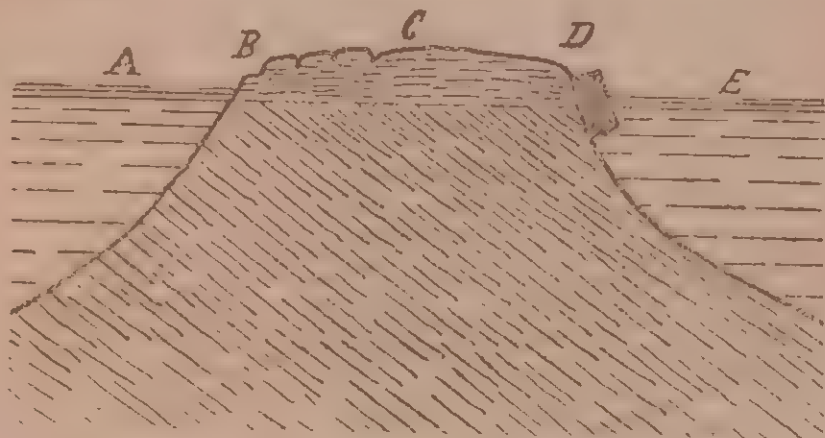
Na baixa-mar apresenta-se como um escolho plano, de superficie nivelada, com 30 a 60 jardas de largura, estendendo-se em linha *perfeitamente* recta por espaço de varias milhas.

De permeio á cidade inclúe uma laguna rasa ou canal de

(*) Extrahido no *British Museum*, de *The London, Edinburg and Dublin Philosophical Magazine and Journal of Science*, Serie 3.º Outubro de 1841, Vol. XIX, pp. 257-260, pelo Prof. John C. Branner, e traduzido do inglez por Alfredo de Carvalho.

cerca de meia milha de largura, que mais para o sul se estreita para pouco mais de cem jardas.

Proximo ao extremo septentrional vém-se navios fundados no longo do recife e amarrados a velhos canhões fincados no mesmo.



SECÇÃO TRANSVERSAL COM AS ALTURAS SENSIVELMENTE EXAGGERADAS

- A. Nivel da préa-mar.
- B. Massas depositadas, densamente revestidas de *Serpula*, etc.
- C. Cimo do escolho que em geral desce para o mar com leve pendor, na gravura intencionalmente augmentado.
- D. Massas depositadas de grés descoberto.
- E. Superfície do porto ou laguna.

A gravura acima representa, em baixa-mar das aguas vivas, a secção transversal da parte norte do recife, onde do lado interior offerece uma secção de cerca de setenta pés de altura. Com o correr do grés branco, de cor pallida, e quando se comtina a nua e lisa, e formado de pedras siliceas cimentadas por materia calcarea; observam-se embelados nelle seixos de quartzo perfeitamente arredondados, do tamanho dum tijolo e varias vezes do duma maça, junto com muito porreos conchas.

Os vestigios de estratificação são obscuros, mas, num lugar de calcareo stalactitico havia uma camada incluída de um oitavo de pollegada de espessura. Num outro ponto

alguns falsos estratos, mergulhando para o lado de terra num angulo de 43°, achavam-se capados por uma massa horizontal. De ambos os lados do escolho acham-se depositados fragmentos quadrangulares, conforme mostra a gravura; e o todo, em alguns lugares, está fendido, aparentemente devido a ter sido arrastada pelas aguas alguma terra camada subjacente. Um dia, na baixa-mar, percorri por espaço de uma milha este molhe singularmente plano e estreito, com agua de ambos os lados, e pude vêr que ainda por mais outra milha alem a sua forma se mantinha inalterada.

Na bella charta de Pernambuco do Barão Roussin (*Le Pêché de Recife*) está representado como se estendendo, numa linha inteiramente recta, por varias milhas; ignoro se a sua composição é sempre a mesma; mas, das informações que obtive de intelligentes pilotos do paiz, parece que em alguns pontos da costa é substituído por dous recifes de coral.

A superficie superior, conquanto em grande escala se deya chamar plana, apresenta numerosas pequenas irregularidades, devidas á desintegração irregular. Os maiores seixos imbedidos repouzam sobre curtos pedestaes de grés; ha tambem muitas cavidades sinuosas, de duas a tres pollegadas de profundidade e de largura e de seis pollegadas a dous pés de comprimento.

As margens superiores dos sulcos por vezes sobresahem aos seus lados; terminam abruptamente, mas de forma arredondada. Um destes sulcos occasionalmente se divide em dous braços; mas, em geral são quasi parallelos uns aos outros e collocados em linhas transversaes ao escolho de grés. Não sei como explicar a sua origem, a não ser que sejam formados pela ressaca que diariamente vem quebrar-se sobre o recife e arrasta seixos para dentro e para fóra das depressões originariamente apenas ligeiras.

Opposta a esta noção é o facto de estarem alguns delles esmaltados com numerosos pequenos *Helminx* vivos. Reproduzo este trecho assim como o escrevi em tempo, porque ultimamente sulcos de natureza similar em rochas tem merecido muita attenção, e são invariavelmente considerados como indicando a primitiva acção duma queda dagua sobre a margem duma geleira movente.

A parte exterior do escolho se acha revestida duma delgada camada de materia calcarea: esta, na parte externa das massas depositadas que só pôde ser attingida na baixa-mar e no intervallo das vagas, é tão espessa que raramente conseguiu, com um pesado martello, expôr o grés; colhi, porém, alguns fragmentos em que a camada finha de tres a quatro pollegadas de espessura; e consiste principalmente de pequenos *Serpulae*, incluindo alguns *Helicis* e poucas camadas, muito delgadas e semelhantes a papel, de *Noli porca*. Apenas a superficie está viva, e o interior é composto todo dos corpos organicos acima mencionados cheios de materia calcarea esbranquiçada.

A camada, comquanto não seja dura, é resistente e devido á sua superficie arredondada supporta o embate das vagas. Em toda a margem externa do escolho vi apenas um unico ponto, muito diminuto, em que o grés estava exposto á acção da ressaca.

Nos Oceanos Pacifico e Indico as margens superiores e externas dos recifes de coral são protegidas, conforme sera descrito em um livro futuro, por uma capa muito similar: mas, ali elle é quasi exclusivamente formada de varias especies de *Serpulae*. O tenente Nelson, na sua excellente memoria sobre as Bermudas (*Geol. Trans.*, Vol. V, parte I^a, pag. 117) descreveu recifes formados, segundo assegura, mas, apenas revistidos como não posso deixar de suspectar, de massas similares de *Serpulae*. Inquiri de alguns velhos pilotos se havia alguma tradição de mudança na forma e nas dimensões do recife de grés; mas, todos unanimemente me responderam pela negativa.

Surpreheende quando se reflecte que, apesar de batido noite e dia por vagas de aguas turvas, carregadas de sedimentos, impellidas pela brisa incessante de encontro ás margens abruptas deste quebra-mar natural, elle tenha permanecido no presente estado perfeito, durante seculos ou mais provavelmente millenios.

Considerando-se que a superficie do lado interno está se decompondo gradualmente, conforme demonstram os seixos nos pedestes de grés, esta durabilidade deve ser inteiramente devida á protecção fornecida pelo delgado revestimento de *Serpulae* e outros seres organicos: eis um bello exemplo de

como, na apparencia insignificantes, são todavia efficazes os meios de conservação, bem como os de destruição, empregados pela natureza.

Creio que recifes similares de rocha occorrem em algumas outras bahias e rios na costa do Brasil: o Barão de Roussin refere que em Porto Seguro ha um *quay* similar ao de Pernambuco. Trechos de varias centenas de milhas de extensão, nas costas do Golfo do Mexico, dos Estados Unidos e do Brasil Meridional, são constituídos por longas e estreitas ilhas e restingas de areia, incluindo lagunas bastante extensas, algumas de varias leguas de largura.

A origem destas ilhotas lineares é assaz obscura: o Prof. Rogers (*Report to the British Association*, Vol. III, pag. 13) dá algumas razões para se suppor que foram formadas pelo sollevamento dos bancos de areia depositados nas confluencias de correntes.

É muito provavel que estes phenomenos tenham, na sua origem, relação com as mesmas causas que produziram o notavel recife de grés de Pernambuco.

A cidade de Pernambuco assenta numa ilhota baixa e e numa longa restinga de areia em face do litoral muito baixo, que a certa distancia é limitado por um semicirculo de collinas.

Cavando-se na baixa-mar junto á cidade nota-se que a areia se achia consolidada em grés, similhante ao do quebra-mar porem, contendo muito mais conchas.

Se, pois, de uma parte o interior de uma longa praia arenosa e de outra o nucleo de um escolho ou restinga, em frente a uma bahia, ficaram consolidados, uma pequena modificação, provavelmente de nivel, mas talvez apenas da direcção das correntes, póde ter dado lugar, pelo arrastamento das arcias soltas, a uma estrutura igual á que existe em frente á cidade de Pernambuco e ao longo da costa ao sul da mesma; mas, sem a protecção dada pelo successivo crescimento de seres organicos a sua duração seria curta, se é que não fôsse destruida antes de apresentar-se completamente.



VIAGENS NO BRASIL

Provincias de Pernambuco, Ceará, Parahyba,
Maranhão, etc.

Uzos e costumes dos habitantes desse paiz, por Henry Koster



Traduzidas para o francez por M. A. Jay e do francez para o portuguez
por Antonio C. de A. Pimentel, amanuense do Instituto Archeo-
logico e Geographico Pernambucano.

Publicado em Paris em 1846. — 1.º volume.



(CONTINUAÇÃO DO N. 59)



CAPITULO VIII

VOLTA. — DE FORTALEZA Á NATAL. — OS SERTANEJOS. —
O GADO. — A CÊRA VEGETAL. — DE NATAL AO RECIFE

Sahi de *Fortaleza* ao romper da aurora com os tres Indios e os tres cavallo de cargas. Um dos moços com quem eu me relacionára acompanhou-me á pequena distancia da cidade. Voltando ao Aracati, affastei-me um pouco da estrada que segui quando fui para o Ceará. O primeiro dia passou-se sem coisa que mereça menção; occupei-me principalmente em conhecer o caracter dos meus Indios, porque pouco conversára com elles antes de partir.

Na tarde do segundo dia, perguntando a um delles se o caminho que devia levar-nos ao lugar em que íamos pernoitar era difficil de reconhecer-se, e respondendo-me que não existia que podesse desviar-nos da linha reta, deixei-os e galopei adiante porque aborrecia-me ir devagar e assim fiz em muitas

ocasiões. Pelas cinco horas parei ao pé de uma choupana onde encontrei dous rapasinhos de apparencia miseravel, que entretanto demonstraram satisfação por me poderem offerecer agasalho para a noite. Disseram-me que a familia tinha ido ali perto fazer massa de talos de carnaúba para servir de alimento, porquanto não se achava mais nos arredores farinha de mandioca, nem mesmo pagando-a por alto preço. Mostraram-me um bocado da tal massa, de cor trigueira (1) e da consistencia da de que fabricamos o pão, antes de estar sufficientemente amassada; o gosto era amargo e nauseabundo; mas só á essa alimentação, com um pouquinho de carne ou peixe secco, de tempos á tempos, se achavam reduzidos aquelles desgraçados. Os meus companheiros chegaram logo depois. A' noite o mais moço dos rapasinhos approxinou-se de mim com ares de mendicante e eu, sem reflectir, dei-lhe dinheiro; mas dahi a instantes voltou a dizer-me, da parte do irmão, que a minha bondade lhes era inutil porque nada tinham que comprar com o dinheiro. Compreendi o que pretendiam e indo a minha gente sentar-se a mesa, os convidou para ceiar.

Aqui, Feliciano, um dos Indios, lembrou-se de envolver em couros os saccoes da farinha dizendo que, se não os occultassemos, poderiamos ser abordados no caminho e forçados a repartir a farinha com os habitantes de qualquer povoação que bem poderiam exigir parte della. O Indio só teve noticia da terrivel miseria que reinava naquellas paragens por haver conversado com os meninos. Os moradores tinham já esgotado a sua pequena colheita e alguns até, seduzidos pela carestia dos generos na capital, foram tentados a levar-os ali afim de melhor vendel-os, ignorando que ella recebera provisão do sul. No quinto dia chegamos ao Aracati.

Fiquei nessa cidade dous dias esperando que trouxessem os meus cavallo da ilha, onde os deixára ficar. Reconheci então a verdade do que me dissera o guia. Os cavallo haviam perdido a boa disposição e pareciam metos incapazes de supportar fadiga do que na epoca da minha primeira ida ao

(1) Arruda diz que é branca (vêde o appendice) e nesse caso outro qualquer ingrediente fora misturado á que me mostraram.

Aracaty, embora depois de tanto descanso, devessem, naturalmente, achar-se em melhores condições para recomeçar. Os hespanhães, que fizeram os primeiros descobrimentos na America meridional incentivam bem no espirito das populações daquelle parte do mundo a necessidade de, numa viagem, continuar regularmente sem parar, a meios que não seja por tempo prolongado (1).

Comprei no Aracaty um grande cão adestrado na guarda das bagagens dos viajantes. Um homem se me apresentou pedindo para que eu o consentisse ir na minha companhia até Pernambuco. Dava-se elle por marinheiro portuguez, Europeo de nascimento, tendo pertencido á corveta portugueza *Andorinha*, que naufragára na costa, entre o Pará e o Maranhão. Viajára do lugar em que alcançara terra até o Aracaty sem o menor soccorro do governo. As autoridades nenhuma disposição fizeram no sentido de provêr a subsistencia dos que poderam escapar do naufragio; acquiesci ao seu pedido e elle portou-se bem e nunca me deu motivos para duvidar da veracidade de sua historia.

Ea havia augmentado consideravelmente o numero dos meus homens e dos meus cavallo e aconselharam-me á não despedir ninguém, porque as chuvas podiam engrossar e os rios encher, e sendo assim quanto mais gente eu tivesse para auxiliar-me, mais facil me seria a passagem e menor o perigo; pelos cavallo que eu adquirira por ultimo podia repartir as cargas em porções mais pequenas e ter sempre de sobreccellente dous ou tres desses meos animaes afim de ajudarem os outros, em caso de necessidade. A minha comitiva constava então de nove homens e de onze cavallo. O Sr. Barroso continuou a dispensar-me a mesma bondade, pelo que nunca cessarei de dedicar-lhe o mais sincero reconhecimento.

Persuadiram-me a ganhar a praia o mais depressa possível, apenas sahisse do Aracaty. Com effeito, era o melhor caminho, conseguintemente passei a primeira noite á tres leguas da cidade, na *Laguna da Malta*, lagozinho, que então estava absolutamente secco.

(1) Citasse particularmente Cabeça de Vaca. History of Brasil. Vol. I p. 109.

Na manhã seguinte proseguimos o nosso caminho por sobre areias : atravessamos uma povoação chamada *Petico*, na praia, indo dormir á Cajuales, localidade que já conhecíamos, e dahi fomos á Santa Luzia, seguindo pelo mesmo caminho que vai de Cajuales ao Ceará. Tornamos a ver *Areias* o famoso lugar da historia de almas do outro mundo e fizemos alto em Tibou.

Depois do meio dia recommencamos á viagem, tencioando passar a noite na casa não acabada, na estrada da Ilha : amoi-teceu, porem, estando nós ainda a duas leguas de distancia ; julguei acertado interromper a marcha e dormir no matto. Já tiveramos varios aguaceiros desde alguns dias, e se bem que pequenos, contudo começava a relva a despontar em algumas partes.

Os progressos da vegetação no Brasil são realmente assombrosos. Em bom terreno, se de noite chove, no dia seguinte já se divisa uma ligeira cõr esverdeada ; se a chuva continua, no segundo dia já se vê relva com uma pellegela de altura e no terceiro está sufficientemente crescida para poder alimentar os animaes. Os mattos que escolheramos para passar a noite, nem eram altos nem cerrados e só duas arvores ali haviam com força e approximação bastantes para se armar uma rêde e foi a minha que se armou ; os companheiros accommodaram-se em cima das cargas do melhor modo que lhes foi possível.

Entre uma e duas horas da madrugada, começou a chover moderadamente ; o guia estendeu entao alguns couros por sobre a rêde afim de organisar uma especie de tecto ; mas augmentando fortemente a chuva, toda a tropa reuniu-se debaixo dos couros ; levantei-me e conservamo-nos todos de pé apertados uns contra os outros, até que muito molhados, os couros nos cahiram em cima. Tendo o fogo se apagado, recommendei a todos que cobrissem os fechos das armas ; mas os que conheciam o sertão sabiam melhor do que eu quanto são os jaguares frequentes nas travessias. Mal acabava eu de fallar, quando Feliciano, avisou-me de que ouvira o rugido de uma dessas feras, e não se enganara, porque um bando de jumentos correndo pela estrada, passou perto de nos e logo em seguida ouvimos igual estrepito. Ou fosse o mesmo jaguar ou

outros animaes ferozes que nos cercassem, o certo é que, partindo de diferentes pontos, os rugidos se fizeram ouvir em todo o resto da madrugada. Collocamo-nos costas com costas e não nos consideramos livres do perigo de um ataque, apesar dos Indios saltarem de quando em quando uma especie de hurro (como praticam os sertanejos quando conduzem grandes boiadas meio selvagens) com o fim de espantar os jaguares. Ao romper do dia o diluvio abraçadou, mas a chuva, sempre forte continuava sem cessar. Demanhã não foi pequeno trabalho encontrar os cavallos assustados e dispersados pelos jaguares; chegamos até a duvidar que todos estivessem vivos; mas acho que aquelles tigres do Brasil preferiram carne de bois bravios, e, a feller verdade, era mellhor que a dos meus cavallos.

Partimos para a Ilha, distante quasi seis leguas do local em que nos achavamos e lá chegamos ás duas horas da tarde, supportendo doze horas consecutivas de chuva. O dono da propriedade aonde fomos pôde que deixasse a casa abandonada onde me acolhera e fôsse para a sua; aceitei o offerecimento e fui. A casa não passava de uma calçua de barro coberta de telhas, para a construição serviram-se do barro da margem da lagôa salgada que lhe fica proxima.

Dea-nos elle muito leite e carne secca; a farinha era rarissima, havia porém esperanças de um anno de fartura. Chegando a sua casa offereceu-me elle a rede em que antes estava sentado; fiz porém arrear immediatamente a minha e ambos sentados e fumando entretivemos á conversar por algumas horas. Os mosquitos bastante nos importunavam e dali por diante, conforme o estado do vento e a quantidade de chuva que cahia, não tivemos mais a noite que, mais ou menos, não fôsemos atormentados por esses insectos, na verdade tão incommodativos que se os experimentando se pôde fazer ideia.

No outro dia, por volta de meio dia, chegamos á Santa Luzia e arranjando-nos numa casa ainda em construcção. Logo que se descurtaram os cavallos e que eu estirei-me na rede para descançar, veio o guarda avisar-me de que a população agglomerava-se em redor da casa e que não devia esquecer-me da questao que na ilha, tivera naquella localidade.

Levantá-me e sahi levando a minha bolsa, que abrindo sem afflicção, puz-me a voliar e a tornar a voltar; tirei della o sacco de seda encarnado, que depositei nunca tive que me ficava ao lado e continuei a mecher como se procurasse um objecto que não podia achar. Voltando-me em seguida, vi que toda a gente desaparecera; tal foi o magico effeito do sacco encarnado.

O rio que passa junto á Santa Luzia, não estava ainda cheio. De meio dia para a tarde ganhamos as margens do *Piracema*, estreito e rapido. Um dos meus homens entrou nelle para certificar-se se dava vão, antes porem de chegar ao meu verificou que a passagem era impraticavel e que, tanto pela profundidade, como pela força da correnteza, os Indios não podiam tentar a passagem das cargas. Dei ordem á minha gente que ficasse onde estava enquanto eu voltava com o guia de Goyanna a ver se descobria alguma casa; porquanto tendo começado a chover era imprudencia dormir ao relento.

Encaminhamo-nos para uma casa que divisamos por entre as curruúbas, a alguma distancia da estrada, e como o dono consentio em hospedar-nos, e houvesse perto capim em quantidade para os cavallos, voltou o guia para acompanhar os outros até aquelle local conhecido pelo nome de Sant'Anna. No correr da noite fui acommettido de febre, que me teria forçado a demorar-me, mesmo quando a enchente me não impedisse de ir adiante. Fosse lá porque fosse, porem, o meu encommodo, piorou, ou, pode ser, que eu me julgasse mais doente do que na realidade estava; em retanto desajava ardientemente alemgar o. Aquí onde tinha esperanza de encontrar algum sacerdote áquem podesse contar as curas que julgasse á proposito escrever aos meus amigos. Embora a minha doença não putesse perigosa, eu sabia quaes os resultados que a febre costuma deixar após si. Logo que as aguas principiaram a baixar, resolvi partir, mas não podendo montar a cavallo, fizia-se necessario que eu fosse carregado na rãde. Havia porem uma difficuldade, encontrar homens bastantes que se incumbissem dessa tarefa. Atinal, demorando-me mais um dia, consegui seis homens das fazendas vizinhas, algumas de pouco mais de legua de distancia. Enfim, partimos depois de cinco dias de demora em Santa Luzia.

Atravessamos o rio, que mal dava passagem, e entramos em terrenos alagados. As aguas cobriam toda a superficie da região por onde caminhavamos, porem diminuiam diariamente. Em alguns lugares davam pela cintura, em outros sómente até os joelhos.

Os novos homens que eu alugara conheciam o caminho pelo habito; o guia que tomei no Açú, não acertaria com elle sem o auxilio destes ultimos companheiros.

Ao meio dia, amarraram a réde, comigo dentro, apoiando entre os troncos de duas arvores as extremidades do páo por meio do qual me carregavam ao hombros, e estenderam couros por sobre o páo afim de abrigar-me do sol, por que as arvores despojadas pela secca ainda não tinha real puido a folhagem e havia taesmo lugares em que a terra começava a apparecer ácima das aguas.

Ao escurecer chegamos a *Ch. Foz*, fazer-la situada em terreno secco e paramos em uma casa tambem por acabar. Os cavallos que conduziam a minha mala e o caixão com garrafas, cahiram e por cumulo de contrariedade as minhas roupas molharam-se todas, não escapando tambem o proprio sacco encarnado.

Tive uma má noite devida á febre e á fadiga. No dia seguinte conversei com o proprietario e comprei-lhe dous cavallos. Ao meio dia fiz seguir o comboio sob a direcção de Feliciano áquem determinei que chegasse ao Piato na noite do dia immediato. Fiquei com o guia de Goyama e com Julio, que passara a substituir John na qualidade de creado. Foi com immenso trabalho que se conseguiu transportar as bagagens para o lado opposto do rio. A força da corrente e o leito pedregoso do mesmo rio, que passa encostado á aquella propriedade tornavam a coisa ainda mais difficil; mas quando passei, no outro dia pela manhã, a agua havia baixado e a rapidez da corrente diminuido consideravelmente porque durante a noite não chovêra. Os dous homens que me acompanhavam, iam montados nos cavallos que comprara na vespera e eu num escoteiro e bem descansado; o meu desejo era chegar ao Piato no mesmo dia, isto é, caminhar dez leguas e conseguí realisá-lo, descansando apenas um pouquinho ao meio dia. Embora não me achasse em condições de poder fazer muito

exercício com tudo a urgencia da situação não me permittia liberdade de escolha.

Juntei-me á minha gente e no mesmo lugar descansamos todos ao meio dia. Feliciano matou um antilope que servio para o nosso jantar. Rarissimas vezes nos serviamos das espingardas para obter alimentação, porque constantemente tinhamos carne secca para comprar, ou antes de presentes que recebiamos. Podíamos, uma vez por outra, prover-nos de carneiros ou de aves domesticas nas fazendas, porem por maior que fosse a quantidade de gallinhas e frangos que avistassemos junto ás cabanas e por mais dinheiro que offerreussemos, os donos recusavam-se a vendel-os, porque estando os gallinheiros, como facilmente se imagina, sob o dominio das mulheres, estas depois de bastante regatearem connosco, acabavam por dizer que tanto ellas como os filhos amavam muito aquellas pobres aves, para consentir que se matasse alguma. Este modo de pensar era tão commum que, com o andar do tempo, quando o guia ou eu galopavamos em direcção a uma fazenda, tencionando comprar gallinhas e o marido á respeito consultava com a mulher, davamos logo de redea para traz, á não querermos demorar-nos inutilmente.

O meu amigo commandante residia sempre no Piato. Parecia-me que voltava para a minha propria casa. O meu espirito estava abatido e todavia a mais insignificante bagatella reanimava-me a coragem. Naquella tarde achava-me ainda bem doente e nada me aliviava tanto como as melancias que, em abundancia, crescem nos arredores; comi muitas. Disse-me o guia que me fazia mal, porem não lhe dei attenção, tanto gosto dessa fructa. No outro dia, ao levantar-me, achei-me inteiramente outro; a febre não voltou e o guia aduivado, declarou que, se não visse, nunca acreditaria que melancia curasse febre e para elle não havia duvida de que o meu restabelecimento fora operado por ellas e que o mesmo resultado se produziria em todos os que fossem accommettidos do mesmo mal. Essa especie de febre é singularissima no seu curso. Em muitas occasiões cessa de repente em outras duplica provocando o delirio; entretanto raras vezes é perigosa.

No dia seguinte deixamos o Piato, onde a nossa provisão foi augmentada com um carneirinho e um *tatú-bolo* ou arma-

dillo domesticado, que me dera o commandante. O carneiro caminhou varios dias entre os cavalloos sem dar-nos o menor trabalho; já muito longe, porem, fátigou-se e fui obrigado a mandal-o pôr em cima de uma das cargas, onde descansava um ou dois dias e caminhava depois; o armadillo ia num saquinho e nos lugares em que nos arranchavamos, era posto em liberdade, introduzia-se elle por entre as cargas e, ou embolava-se ou occupava-se em comer. Difficilmente conseguio-se obstar que *Mimosa* dêsse cabo d'elle; mas por fim a cadella e o tatú ficaram sendo bons amigos. No Açú troquei um dos meus cavalloos por outro em melhor estado, voltando quasi um guinéu.

O selleiro e o dono da casa em que me hospedára na ida, receberam-nos com a maior cordialidade e se offereceram para ajudar-nos a passar o rio, que então estava cheio, aconselhando-me a esperar que diminuissem as aguas e a correnteza moderasse a violencia; eu porem precisava seguir e a minha gente não fez objecção. Deixei no Açú o rapaz que tomara por guia.

O pequeno braço do rio passamos com agua pela barriga dos cavalloos e chegando á margem do braço grande, vimos que se fazia indispensavel uma jangada para o transporte das cargas. Varios moradores da villa nos tinham seguido contando que podiamos necessitar dos seus serviços e lh'os pagarmos. Achou-se logo pedaços de madeiras; alguns arrastados pela enchente, estavam na beira do rio, outros foram trazidos da villa; as cordas que estavam as cargas ás cangalhas, serviram para ligar os páos da jangada.

O pai do meu guia nos veio auxiliar, trazendo *Mimosa* consigo. Recommendei-lhe que não se descuidasse de sua cadella pois me parecia que queria seguir-me e elle mandou um menino leval-a para a villa. Quando a jangada ficou prompta pizeram-lhe as cargas em cima e eu sentei-me sobre um dos fardos; quatro homens, entrando nagua, impelliram-na e quando deixaram de tomar pé, segurando-a com uma das mãos, nadaram com a outra; apezar de todos os esforços a correnteza desviou-nos mais de cincoenta varas, antes de alcançarmos a margem opposta, onde entretanto chegamos sãos e salvos. Os Indios já lá estavam com os cavalloos.

O rio do Assú, naquella lugar, pôde ter de duzentas a trezentas varas de largura, e naquella occasião estava fúido e perigoso, por causa da impetuosidade da corrente, havendo portanto, necessidade de um guia que indicasse os pontos vadeáveis. Para atravessar os rios servem-se os sertanejos de um apparelho curioso, que se compõe de tres pães sobre os quaes se collocam, remando elles mesmos. Chamam *cavallitos* e muitas vezes fallaram-me delles, mas como nunca vi nenhum não posso descrevel-os com exactidão. (1)

Os homems que nos passaram já se tinha retirado e eu fazia carregar os cavallo quando, ao voltar-me, avistei *Mimosa* que, submissa e tremula, encaminhava-se para mim. Eu manifestara sempre o desejo de comprar essa cadella, mas nunca pude resolver o dono a vender-m'a. Dizia elle que a adquirira quando ainda mui pequenina e que o pobre animal jámais se esquivara a encher-lhe a marmitta; era este um modo de fallar por figura, pois queria significar com isso a grande pericia do animal em caçar. Seguiu-nos por se ter dado perfeitamente na nossa companhia. Fomos até Santa Ursula, fazenda que distava do Assú legua e meia e lá pernoitamos. Passamos por espessos matagaes e dali até o rio Ceará Mirim a região para mim era nova, porque ia agora por caminho differente do que seguira indo para o Assú. Desta vez tomava estrada mais curta para chegar ao Natal; tinha porem que atravessar ainda com frequencia aquelle tortuoso rio.—

Enquanto eu jantava, *Mimosa* punha-se junto á mim esperando o seu quinhão. De repente correu e occultou-se debaixo do banco em que me sentára; comprehendí logo a causa, o pai de seu senhor chegava em busca della. Decidi-o á que m'a vendesse, mas quando elle partiu, *Mimosa* saltando donde estava o foi acariar. Disse-lhe eu então que proseguisse o seu caminho e a induzisse a acompanhá-lo, ella porem voltou grunhindo e tornou a metter-se debaixo do banco. Fôra muito melhor tratada e alimentada por mim do que pelo

(1) Ve se em Barlaeus uma estampa que representa os portuguezes a' travessando sobre pães o rio São Francisco. Penso que devem estar dispostas como os de que se servem hoje os sertanejos.

senhor. Eu proprio lhe dava de comer e impedira sempre que a maltratassem com pancadas.

No dia immediato passamos pelas fazendas Passagem e Parra, e caminhando por sobre areia movediça atravessamos uma lagoa secca. De taute fomos de Sao Bento a Angicos, transitando por ladeiras e caminhos difficéis e fatigantes para os cavallos. Parqueamos diversas vezes um rio de pouca agua.

No outro dia pisamos um solo ainda mais escabroso, e as pessoas á quem me divigi disseram-me que ali nao tinha chovido, e em effeito o campo parecia um deserto. Ao meio dia intentei agua para os cavallos; o poço era pequenino e o malmeio que o alimentava não podia fornecer á tantos animaes em sufficiente quantidade. Tive sede e em consequencia dei-lhe ordem para seguir no seu passo ordinario e galopei adeante seguindo-o de perto e dos dois cães. Penetramos numa planicie e pela segunda vez vi uma *cuta* (especie de avestruz); apesar dos meus esforços, os cães perseguiram-na, e bastante contrariado, tive de esperar que voltassem. A ave fugia deante delles com immensa velocidade, agitando as azas, mas sem deixar o chão. As *cutas* passam os cavallos mais corredores. As que vi tinham a cor cinzenta e era da altura de um homem e cavallo com o que, em certa distancia, se parecia um pouteo. Os sertanejos pretendem que quando uma *cuta* se vê perseguida espora-se á si propria afim de excitar a carreira e que, achando-se os esporões ou pontas ossas debaixo das azas, agitando-as, as pontas tocam-lhe os flancos e picam-os. Ouvi á muitas pessoas que, quando uma *cuta* é apanhada, em seguida á desmoraada cagada, encontram-lhe os flancos lacrados e sangrentos. É possivel que esse effeito seja devido a qualquer causa semelhante á que faz com que um *naricao*, nadando, corte a garganta com os pés. Os ovos da *cuta* são grandes, e, embora proporcionando alimento grossoiro, o gosto não é entretanto desagradavel, e as pennas são mui apreciadas.

Quando os cães voltaram, continuamos a andar por entre altos rochedos. Algum tempo depois, os cães salindo subitamente da estrada, correram ao cume de uma rocha que descia para a estrada em suave declive de modo a poder um cavallo subila e os nossos levantaram a cabeça soprando pelas narinas

Julio gritou : *agua, agua*, e impellio o cavallo para o lado dos cães ; seguí-lhe o exemplo e Julio bem advinhara vendo partir os cães e esbarrar os cavallos.

Havia no rochedo uma fenda comprida, porem bastante-mente estreita quasi cheia d'agua limpida e fresca. As bordas da fenda recentravam para a banda de dentro e a agua ficava por baixo da abertura, de maneira que os cães giravam em roda sem poder alcançal-a. Logo que nos apeamos, os cavallos presentindo a agua pozeram-se a escavar o chão, testemunhando grande impaciencia.

Não tínhamos vasilhas que nos podessem servir de bebedouro sendo por isso obrigados a recorrer aos chapéus e a nellos dar tambem de beber aos cães e aos cavallos. O resto do comboio chegou logo depois. Feliciano conhecia o local, mas se os animaes não tivessem indicado a Julio teriamos ido alem, provavelmente.

Soube por Feliciano que essas fendas nos rochedos, são bastante communs, mas, que poucas pessoas sabem onde ellas existem ; só os de sua classe e profissão as conhecem, o que lhes fornece agua em abundancia enquanto outros lhe soffrem a falta. Nunca nos recusamos, disse elle, a ensinar os lugares desses reservatorios ; mas a respeito delles só dizemos o indispensavel.

Caminhei até dez horas da noite, desejando alcançar alguma fazenda para não dormir ao relento ; certas nuvens grossas, rapidamente impellidas pelo vento, annunciavam muita chuva se sobreviesse a calmaria. Chegando a uma fazenda pedimos agasalho para a noite, e que nos foi concedido ; lançando porem os olhos para o interior da casa, preferi o ar livre com todos os seus encommodos. A casa estava cheia de gente das fazendas vizinhas que viera ajudar a reunir o gado e á quem os prenuncios de uma tempestade, ali juntara. Ceavam carne secca e tinham, não sei como arranjado uma certa porção de aguardente. Aboltei-me a pequena distancia da casa e não dormimos não só com medo da chuva, mas ainda de que qualquer dos vizinhos não se quizesse divertir apoderando se de algum dos nossos cavallos.

No outro dia atravessamos uma planicie em parte des-

pida e em parte coberta de mattos. Passei adiante com Julio deixando atraz o comboio. Perdemos o caminho num ponto em que desembocavam differentes veredas. Os conhecimentos do proprio Julio faltaram e se nao fossem alguns viajantes que encontramos e que nos orientaram, não sei de que distancia voltaríamos á noite em busca das cargas.

No dia seguinte continuei a viagem e tomamos agua nos odres junto de uma fazenda: ao meio dia paramos no meio de um rio secco, mas com boa relva, porque sendo o leito mais baixo do que as margens, o primeiro aguaceiro a fizera nascer. O nosso armadilho desencaminhou-se na capoeira. Feliciano porem, rastejou-o nos mattos por cima das folhas secas e o agarrou. Tenho certeza de que elle o não vio fugir e de que qualquer outro menos habilitado em seguir a pista dos animaes, não teria dado com um só rastro e se o armadilho tivesse caminhado pela areia, nada mais facil do que seguir-lhe as pegadas: a relva e nas folhas secas porem um bicho tão pequenino, póde apenas deixar signaes quasi imperceptiveis.

Lamentei que os nossos odres, por serem novos, deixassem escapar a agua impregnando-lhe tambem o gosto do oleo com que tinham sido untados os couros. Feliciano, ouvindo-me, pegou noutro odre, cujo couro com o uzo perdêra todo o cheiro, e disse: Vou buscar agua melhor. Foi e quasi uma hora mais tarde voltou com o odre cheio de excellente agua. Lembrou-se elle da fenda de um rochedo da vizinhança e de lá trouxe aquella provisão.

Dormimos n'uma fazenda e continuamos no outro dia, esperando alcançar o Ceará Merim, o que com effeito succedeu. Em toda aquella porção do paiz as consequencias da seca não haviam de todo desaparecido, entretanto as arvores começavam a cobrir-se de folhas e a relva que nascera á sombra dellas, em muitos lugares, já estava bem crescida para alimentar os animaes. A agua era sempre rara e má, embora as chuvas a houvessem augmentado um pouco e a tornado menos salobra.

Passamos a trezeessia o mais depressa possível, porque as grandes cheias deviam manifestar-se dentro em breve, e conforme já disse, muitas vezes chove com incrível abundancia e

nessas occasiões ha perigo de ser surpreendido nas illas ou penínsulas que então forma aquelle tortuoso rio e os viajantes são obrigados a atravessar dez vezes consecutivas ou mais uma impetuosa corrente o que para os cavalloes é penosíssimo, sobretudo quando já se acham fatigados por longa jornada.

Deixamos o Ceará Merim quatro dias depois; passamos em Pai Paulo e no quinto dia bem cedo chegamos á Lagoa Secca. Os habitantes dessa aldeia estavam prestes a levantar o acampamento; esperavam as chuvas, ou antes já estas haviam principiado. Encontramos varios bandos de viajantes que aproveitavam as primeiras aguas para atravessar a região, apressando-se em sair della antes da enchente do rio.

Janeiro não é, propriamente fallando a estação das chuvas. As que cêem no principio do anno, são chamadas *primeiras aguas* e duram de quinze dias á tres semanas e depois destas o tempo torna-se geralmente fixo e bom, até Maio ou Junho. Dahi por diante, até fins de Agosto, as chuvas são quasi incessantes; depois de Agosto ou Setembro, até recommear o anno, apenas cêem algumas gottas d'agua. Com mais certeza, pode-se contar com tempo secco de Setembro á Janeiro e de Fevereiro á Maio, devendo-se do mesmo modo contar com chuvas de Junho a Agosto e em Janeiro. De chuvas não interrompidas poucos dias ha no anno. Com tudo, relativamente ás estações, isto se refere á uma certa latitude porque os climas variam muito.

Restituiram-me fielmente o cavallo que deixara em Lagoa Secca e no dia seguinte continuei o meu caminho até Natal, onde o governador recebeu-me com a mesma affabilidade.

Tinha eu então deixado o sertão, e lá sempre desejei voltar apesar do que soffrera. Ha um certo prazer em atravessar-se regiões desconhecidas e aquella porção do territorio em que viajei, para um inglez, era absolutamente desconhecida. De conformidade com as minhas proprias sensações, imagino bem o que experimentarão á cada passo e á cada novo objecto que lhes fere a vista, os viajantes que percorrer a terras não exploradas. No continente da America meridional ainda existem vastas regiões por conhecer e eu desejaria

ardentemente ser o primeiro Europeu que fizesse a jornada de Pernambuco á Lima.

O que tenho dito com relação aos habitantes das fazendas ou domínios de gados, talvez não baste para dar ideia delles. Diferente dos povos que habitam a margem do Prata, o sertanejo só muito raramente se separa da família e, comparado a elle, vive muito mal ou qual abastança. As cabanas são pequenas e construídas de barro, cobertas de telhas quando podem conseguil-as, do contrario cobrem-nas com palhas de carnaubas.

As rédes substituem as camas, sendo muito mais commodas e servem tambem de assentos; em algumas cabanas ha mezas, o costume porem mais geral é acocorarem-se em cima de uma esteira onde toda a familia forma um circulo em roda de cabogas furadas que servem de baixella e tambem de assentos e assim é que os sertanejos fazem as suas refeições. As classes baixas não se servem absolutamente de talheres porque quasi que os não conhecem.

Segundo um antigo uso que vi praticar em todas as partes do Brasil por onde andei, antes das refeições, apresentam aos convivas em bacia de prata ou de barro, ou mesmo em enias, agua e uma toalha de baptista guardecida de franjas, ou de algodão da terra, para que lavem as mãos. Essa cerimonia, ou antes, esse acto necessario de accio repete-se depois da comida.

As cabogas são empregadas como utensilios da casa. Abrem-nas em duas bandas, tiram-lhes a pólpá e poem a secar afim de servirem á guisa de louça de barro, servindo igualmente como usuas medidas de capacidade; o diametro dellas varia de duas pollegadas á um pé e a forma, de ordinario, é oval. Quando inteira, tem mesmo o nome de *caboga*, quando aberta em duas bandas, chama-se *caia* á cada banda. É planta rasteira que nasce espontaneamente em certos lugares e em outros semeam-na por entre a mandioca.

A conversação do sertanejo versa, geralmente, sobre o estado do seu gado e sobre suas mulhires, succedendo as vezes conversarem sobre cousas acontecidas no Recife ou em outra qualquer cidade. Disentem tambem o merecimento dos pa-

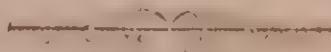
dres que os visitam cuja conducta mettem a ridiculo quando irregular.

Descrevi já o traje dos homens em viagem, que era e era reduz-se a camisa e serôtils : as mulheres appareciam mais negligencia do que os homens : a sua roupa consiste em gualle e saia curta : não usam raias e sapatos quasi nenhuns. Quando saem de casa, o que é bem raro, juntam ao traje, talibet, uma grande chales de algodão da terra, em que se enfi a cabeça, com o qual cobrem a cabeça e os hombros. Montam á cavallo perfeitamente e as sellas altas á portugueza llos parecem tanto como as nossas : sentam-se de banda e nunca vi uma mulher que illa montar á cavallo á moda dos homens, como as vezes se observa em Portugal.

As mulheres do sertão só se occupam das porções da casa (porque até o leite das vacas e das ovelhas é tirado pelos homens) : ellas fião e traballham de algodão. Jamais uma mulher livre trata de um serviço fora de casa, salvo para ir accidentalmente buscar agua ou lenha quando o marido se acha ausente.

Os meninos até certa idade, andam completamente nus : no Recife mesmo, vem se creanças de sete e oito annos correndo pelas ruas sem roupa nenhuma. O que ora, isto é, antes de haver commercio com a Inglaterra, os individuos de ambos os sexos, se se vestiam de grosso linpão de algodão f.º fiavel no paiz : ordinariamente tingiam as saias com vermelho extrahido da casca do *coffeina*, arvore commum nas florestas do Brasil : ainda hoje servem-se dessa tintura para as redes de posar por estarem convencidos de que com ellas duram as rédes mais tempo.

(Continúa.)



MEMORIA
SOBRE
A PEDRA BONITA
OU
REINO ENCANTADO
NA
Comarca de Villa Bella
Provincia de Pernambuco
POR
ANTONIO ATTICO DE SOUZA LEITE (*)

—o—o—o—
AO LEITOR

Na dupla intenção de satisfazer a curiosidade propria e de prestar ao mesmo tempo ao Instituto Archeologico e Geographico desta provincia, do qual sou indigno socio, algum serviço, pude realisar em Julho do anno passado, em companhia de trinta e quatro pessoas (inclusive muitas senhoras), por caminhos montanhosos e algumas vezes abertos á vivo

(*) Esta curiosa memoria foi publicada pela primeira vez no Rio de Janeiro, em 1875 (8. 80 pp.) e reimpressa em Juiz de Fora, em 1898, em ambas as edições falta, porém, a respectiva estampa, cujo original é conservado no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, e do qual o nosso prestimoso consocio Dr. M. de Oliveira Lima fez extrahir a copia adiante reproduzida.

ferro na matta virgem, uma viagem, que projectava, ha tempos, á antiga Serra Formosa, hoje Serra do Reino, afim de observar de perto a celebre — Pedra Bonita, na qual, 36 annos antes, cerca de trezentos individuos moral e physicamente embriagados com os embustes e beberagens, que lhes ministraram dous mamelucos, sacrificaram dentro de dous dias e meio cincoenta e tres de seus companheiros em prol do evento ou restauração do Reino d'El-Rei D. Sebastião.

Alem de já existir entre os meus companheiros de viagem mais de uma pessoa habilitada para dar-me os mais exactos esclarecimentos sobre quasi todas as peripecias dessa tragedia luctuosa, pude reunir alli, si bem que com difficuldade, mais duas testemunhas presencias, alem de um dos emissarios da policia, que, depois do combate e completa extincção do Reino em 18 de Maio de 1838, seguiu e prendeu no centro da provincia de Minas o mameluco João Antonio dos Santos, 1.^o rei da Pedra Bonita, por ter sido o unico inventor e iniciador da idéa de sua criação.

As testemunhas presencias são duas das nove mulheres salvas pelo commissario Manoel Pereira da Silva, de saudosa memoria, no combate, que deu ao inculcado rei e seus secretarios no predito anno de 1838, cujos nomes não declino em attenção aos valiosos serviços, que me prestaram, bem que com indizível repugnancia.

Com taes elementos, com as discussões deste facto, que muitas vezes provoquei, com o minucioso exame, que fiz, sobre todo o local, que servio de theatro aos acontecimentos, com os documentos officiaes, que pude colher, e mais que tudo com o auxilio de uma estampa, que felizmente encontrei, na qual foram esboçados pelo padre Francisco José Correia de Albuquerque, de modo ligeiro, porem bastante expressivo, alem das scenas mais tragicas e horripilantes, que então se deram, as pedras, o campo, e a ossada das victimas, tal qual encontrara cerca de dous mezes depois da catastrophe, quando foi missionar naquelle lugar, no louvavel intento de benzer o campo e enterrar os mortos, creio puder assegurar aos leitores, que os seguintes apontamentos, si não estão escriptos em estylo elegante e linguagem castiça, encerram todavia a verdade historica daquelles tristes e nefastos acontecimentos.

Foi em quem me esmerei, e mais não se pôde esperar de mim.

Recife—Maio de 1875.

A. A. de Souza Leite.

CAPITULO I

ESTADO DA COMARCA DE FLORES ; PROVIDENCIAS PARA MELHORAR A SUA PENIVEL SITUAÇÃO

Tempestuoso e medonho corria o anno de 1835.

A comarca de Flores, retalhada por partidos, que com inerível encarniçamento disputavam a preferencia dos oppositores á parochia de Flores (vaga pelo fallecimento do virtuoso vigario João de Sant'Anna Rocha), era o theatro de constantes desordens e conflictos, que inspiravam serios cuidados á administração da provincia.

As provocações e ameaças multiplicavam-se por toda a parte, maxime no recinto da propria villa, onde as autoridades, não podendo conter os grupos, que se hostilisavam em seus recóntros, eram por elles indibriadas, insultadas e até aggreddidas, como succedeu ao Juiz de Direito Pinto Junior, que, depois de um tiroteio, em que foram feridos alguns soldados, fôï refugiar-se em comarca estranha, onde aguardou as providencias do Governo. Todos os dias esperavam-se scenas ainda mais desagradaveis e violentas entre os proprios chefes, incitados pelas verrinas publicadas na capital da provincia.

Nessa penivel situação a providencia, que podia mais facilmente acalmar os animos, e salvar o alto sertão do Pagueu, era a que adoptou o Governo da provincia de accordo com o Bispo diocesano, enviando como vigario interino de Flores o venerando missionario Francisco José Correia de Albuquerque, homem o mais idoneo por sua missão apostolica, avançada idade, firmado conceito, e eminentes virtudes, para chamar á concordia o espirito desvairado daquelle povo.

Era o padre Francisco Correia um dos homens mais distinctos e conceituados do paiz : como cidadão, tinha por vezes



representado esta provincia na Assembléa provincial, e como sacerdote havia encanecido no serviço das missões, que lhe conquistou o mais elevado conceito pela pureza de suas doutrinas, santidade de sua vida, e austeridade de suas virtudes.

Muito fez e conseguiu esse santo varão na regencia interina da freguezia, e nas diversas missões, que abriu em Ingazeira, Flores, Baixa Verde e Serra Talhada. Sem a presença de um soldado, e sem outro auxilio mais do que a sua palavra autorisada, teve a gloria de pacificar todos os seus freguezes, sellando sua obra com a divi-ção da freguezia de Flores, e creação das novas freguezias de Ingazeira e Serra Talhada, creação que promoven com todo o interesse na Assembléa provincial, de que era membro.

De quanto valor e efficacia não são os serviços de um apostolo, que comprehende toda a extensão da caridade, e sabe elevar-se á altura da sua santa missão !

Mas o espirito das trevas tambem tem suas coherencias no implacavel proposito de perder a humanidade, servindo-se ás vezes de instrumentos, ou meios á primeira vista bem insignificantes e despreziveis.

Combatido e vencido na campanha publica, que lhe deu o virtuoso missionario, elle não recuou sinão para assentar de novo as suas baterias em diversa ordem de combate, e jurar a perdição de muitos que o seu zeloso adversario reputára salvos.

CAPITULO II

PRINCIPIO DA PROPAGANDA ; SEU AUTOR, E PRIMEIROS
ADERENTES E COOPERADORES ; SAGACIDADE COM QUE
COMEÇA A PREDICA DA SUA SUPERSTIÇÃO.

No começo do anno de 1836, isto é, poucos dias depois que aquelle santo missionario conseguira em Flores a tranquillidade publica, um mameluco de nome João Antonio dos Santos, morador no termo de Villa Bella, então simples districto de paz e commissariado de policia de Serra Talhada, munido de duas pedrinhas mais ou menos formosas, que mostrava mysteriosamente, dizia aos incautos habitantes daquelle

lugar serem brilhantes finissimos, tirados por elle proprio de uma mina encantada, que lhe fora revelada.

Inspirado ao mesmo tempo num velho folheto, de que nunca se apartava, e que encerrava um desses contos ou lendas, que andavam muito em voga acerca do mysterioso desaparecimento d'El-Rei Dom Sebastião na batalha de Alcaerquibir, e da sua esperada e quasi infallivel resurreição, tratou de propagar pela população daquelle e dos vizinhos districtos, que estava sendo conduzido todos os dias por El-Rei Dom Sebastião a um sitio pouco distante do lugar de sua residencia, no qual mostrava-lhe aquelle, alem de uma lagóa encantada, de cujas margens extrahira aquelles e outros brilhantes, duas bellissimas torres de um templo, já meio vizivel, que seria por certo a cathedral do reino na epocha pouco distante da sua restauração.

Assim percorrendo, e nunca se esquecendo de mostrar, entre outros, um topico do folheto, em que o visionario escriptor, improvisado propheta, insinuava, que :

« Quando João se casasse com Maria
« Aquelle reino se desencantaria.....

conseguiu elle, graças á ignorancia da população, e á bem conhecida tendencia, que o espirito humano teve em todas as epochas para abraçar o maravilhoso e phantastico, não só poder realisar o seu casamento com uma interessante rapariga de nome Maria, que sempre lhe fôra negada, como mesmo obter por empréstimo de muitos fazendeiros do lugar, cuja lista seria longo referir, bois, cavallos, e dinheiro em porção não pequena, com a *antrosa condição* de restituir-lhes em muitos dobros, logo que se operasse o pretenso desencantamento do mysterioso reino.

O mameluco era homem sagaz, astuto, e manhoso, e sabia insinuar-se no animo das pessoas a quem communicava os mysterios, de que se inculcava depositario. Fallava a cada um numa giria especial, e sempre em linguagem adaptada á capacidade, intelligencia, e interesses daquelles em quem pretendia incutir suas doutrinas.

Aos mais credulos e ignorantes fallava sem rebugo de

Dom Sebastião, da restauração de um reino encantado, e de grandes riquezas: aos menos facéis em acreditar essas pata-nhas fallava apenas em algumas destas cousas; e finalmente a quem não seria possível embair com taes embustes, mas de quem precisava haver dinheiro e protecção para o fim, a que se propunha, fallava apenas de um grande thesouro, que achava-se á sua disposição, e cuja publicid. de estava apenas dependente de um evento proximo.

Desde o começo da sua predica o auxiliavam seu proprio pai Gonçalo José dos Santos, seu irmão Pedro Antonio, seus tios, e parentes, José Joaquim, Manoel Vieira, José Vieira, Carlos Vieira, José Maria Juca, e João Pilé, os quaes, constituindo por assim dizer o seu apostolado, iam dar testemunho das suas riquezas e fazer repercutir os seus engenhosos embustes no meio das populações ignorantes de Piancó, Cariri, Riocho do Navio, e margens do rio São Francisco.

O fim, que o impostor tinha em vista, não foi *a priori* conhecido das autoridades, e das pessoas sensatas da localidade, pela sagacidade e simulação, de que usava para occultar o seu pensamento intimo daquelles que podiam contrariar-o.

Entretanto lavrava o erro por entre a ignorancia de uns, a simpleza de outros, e a ambição de muitos, que tiveram a fraqueza de acreditar em suas promessas.

Assim pôde elle com seus embustes perturbar a consciencia de um povo, que sempre foi considerado o mais pacifico da comarca.

CAPITULO III

DESCRIÇÃO DO SCENARIO, ONDE PASSAM-SE OS ATROZES ACONTECIMENTOS PRODUZIDOS PELO FANATISMO DE UMA ABOMINAVEL SEITA.

A Pedra Bonita ou Pedra do Reino, como lhe chamam hoje, são duas pyramides immensas de pedra massiza de c. r. ferrea e de fôrma meio quadrangular, que, surgindo do seio da terra defronte uma da outra, elevam-se sempre á mesma distancia, guardando grande semelhança com as torres de uma

vasta matriz, á uma altura de 150 palmos aproximadamente, ou 33 metros.

A que fica para o lado do nascente mede 78 palmos do circunferencia na baze, que parece ser o lugar da sua maior grossura, e é dous ou tres palmos mais alta do que sua companheira, si bem que duas vezes mais fina do que ella. Por esta causa e em consequencia de uma especie de chovisco prateado, de que está coberta de meia altura para cima, e que parece infiltração de malacaxetas, adquirio ella o nome de Pedra Bonita, em completo prejuizo de sua companheira.

O espaço, que fica entre uma e outra pyramide, tem 25 polegadas de largura, e dá entrada por duas diversas aberturas, uma ao norte, e outra ao sul, para um corredor de 30 palmos de fundo, sempre claro e arejado por causa da grande porção de luz e de ar, que constantemente o perpassam.

Ao poente, e logo na extremidade da segunda pyramide, ou torre, ha uma pequena sala meio subterranea, a que chamavam santuario, não só por ser o lugar onde primeiramente entravam os noivos depois de casados pelo falso sacerdote da seita, o intitulado Frei Simão, ou Manoel Vieira môço, como porque era alli, que o pseudo vaticinador, o perverso João Ferreira, affirmava em suas praticas, que resuscitariam gloriosamente com El-Rei Dom Sebastião todas as victimas, que lhe fossem offerecidas.

Esta sala, que tambem servia de refectório á companhia (ao menos nas épocas festivas), como ainda hoje attesta a grande quantidade de fragmentos de louça branca, que se vê alli, é formada pelo grande vao, que deixam por debaixo de si tres pedras grandes, que partindo cada uma de seu ponto, sul, norte, e poente, vieram descangar suas pontas na segunda pyramide, na altura de quasi duas braças.

Apezar de meio subterranea, como fica dito, é esta sala sempre clara e arejada a qualquer hora do dia, por causa da sufficiente abertura, que cada uma destas pedras deixava nos pontos de junção entre si e sua companheira.

Ao sul desta sala, porém proximo della, elevam-se varias pedras grandes sobrepostas umas ás outras, as quaes formam por sua vez, e na altura de 30 palmos, uma especie de caramanchão abobadado, cujo pavimento ou assoalho inferior,

sobresahindo, ou antes estendendo-se horizontalmente até muito perto da segunda pyramide ou torre, forma nesse mesmo lado uma especie de bacia rasa, ou terraço pensil, capaz de accommodar 25 ou 30 pessoas.

Este lugar tinha o nome de throno, ou pulpito, por ser delle que João Ferreira, inculeado propheta, pregava aos seus sectarios.

Cerca de duzentas braças ao norte das duas pyramides existe um penedo colossal, cuja concavidade natural, na parte inferior, formava um grande esconderijo, que augmentado por uma profunda excavação, que alli fizeram os sebastianistas, adquirio proporções para comportar o numero de duzentas pessoas.

Este lugar é conhecido pelo nome de Casa Santa, por ser alli que o perverso João Ferreira recolhia e embriagava os seus associados, ministrando-lhes beberagens todas as vezes que pretendia victimas voluntarias para o reino.

O reboliço, que produz o vento sobre a folhagem dos catolezeiros, que quaes espectros mudos, ou selvagens semi-nús, se approximam em grupos da maior das duas pyramides, como si a quizessem combater ou derrubar; o constante cantarolar dos visitantes, que pretendem assim desterrar os innumeros cardumes de phantasmas, de que têm povoada a propria imaginação, de dentro das fendas e cavidades dos rochedos, em que vão penetrando em busca de alguma curiosa antigualha; e a invencivel disposição do espirito para acorrenatar-se ao passado, exhumar, e fazer passar por diante do viajante até o ultimo dos personagens daquellas scenas malditas; tudo isto, digo, torna esses lugares tão sinistramente pavorosos que basta a queda de um fructo, ou a carreira inesperada de um animal, que nos exita, para produzir um choque extraordinario, sobretudo nas pessoas de organisação nervosa e de alma um tanto impressionavel.

CAPITULO IV

RECEIOS PELO PROGRESSO DO PROSELYTISMO : MISSÃO DO PADRE FRANCISCO CORREIA, E SEU EXITO ; RETIRADA DO FALSO PROFETA PARA FÓRA DO DISTRICTO DE FLORES.

Bem differente tornou-se o aspecto do districto da Serra Talhada depois da propagação das doutrinas do mamelico. Seus espiões e os dos seus mais ardentes sectarios iam engrossando gradualmente a seita com multipliendas conquistas feitas nas ultimas camadas da sociedade.

As pessoas honestas e bem intencionadas já começavam a receiar os máos effeitos da propaganda, não porque tivessem o desfecho sanguinolento, que mais tarde foi posto em scena, mas porque, desviado o povo da creença da verdadeira religião, e do seu honesto trabalho e occupação, na esperanza de indemnizar-se com os thesouros promettidos, não podia essa alteração nas creenças e costumes dos novos sectarios deixar de arrastal-os á pratica do furto, roubo, e outros crimes.

Essas e outras considerações, que assaltavam o espirito dos homens sensatos, moveram o padre Antonio Gonçalves Lima, sacerdote de vida exemplar e alta reputação moral, a reclamar a presença do missionario padre Francisco Correia naquelle districto, affin de abrir uma missão especial no intuito de desfazer os embustes da perigosa seita, que se erguia no meio de um povo honesto e laborioso, com visos de perdê-lo.

O incansavel apostolo, apesar da sua idade septuagenaria e falta de saúde, não se fez esperar ; acudio immediatamente ao reclamo de seu confrade e amigo, que de viva voz lhe expoz o estado das cousas, e os meios que em sua opinião deviam ser empregados para combater a seita em seus fundamentos, desmascarar o impostor em suas pretensões, e livrar o pobre povo das garras do falso profeta.

Instruido de tudo quanto havia, seguiu o caridoso anciao para a fazenda Cachoeira, pertencente ao capitao Simplicio Pereira da Silva, por parecer-lhe ficar mais proxima

dos lugares, em que mais enraizada se achava a doutrina plantada pelo mar choco, e ali chegando expedio emissarios em sua procura, e tratou de missionar alguns dias com o unico fim de desarraigá-lo do espirito do povo tao pernicioso fanatismo.

Felizmente compareceu o impostor, ainda durante as missões, perante o admiravel levita, e depois de entregar-lhe as duas pedras, que estavam bem longe de ser brillantes, e depois de publicamente comêssar os seus embustes, promettendo retirar-se do lugar; o que poz logo em execução, procurando os lados do Rio do Peixe, e passando dali aos de Inhannim, e isto somente por conhecer que a sua permanencia em Serra Talhada, alem de escandalosa e impossivel pelos embustes e dóllos já divulgados, tornar-se-ia contraria á propagação da sua propria doutrina.

CAPITULO V

REVELAÇÃO DO SEGREDO, E EXPOSIÇÃO DAS ATROCIDADES PRATICADAS NA PEDRA BONITA

Eram mais de dez horas da manhã do dia 17 de Maio de 1838.

Sentado com seus irmãos Cypriano e Alexandre Pereira, na frente da casa de sua fazenda Belem, situada cinco leguas ao poente de Serra Talhada, o conmissario de policia daquelle districto, major Manoel Pereira da Silva, praticava com elles a respeito do abandono, em que estavam os gados da sua fazenda Caigüra, depois da inesperada ausencia do seu vaqueiro José Gomes, e dava uma vez por outra, algumas ordens, já aos escravos e já aos vaqueiros remidos ali, relativas á vaqueijada, que naquella dia descejava fazer nos pastos daquella fazenda.

A manhã tinha sido bastante chuvosa, e por esta causa nao estavam ainda presentes todas as pessoas, que tinham sido chamadas para tomar parte naquella expedição.

Varios grupos de cavallos da fabrica, que notavam-se com as sellas e de bridas amarradas na garupa, pastando perdidos no pateo da fazenda, ou presos aos arvoredos, que havia

na frente e nos arredores da casa, bem mostravam, que, apesar da chuva que caíra, e da hora já muito adiantada do dia, a vaquejada estava prestes a partir.

De repente aproxima-se, e ajoella-se diante do commissario um individuo, cuja chegada ninguém notara pelo grande movimento das pessoas e dos cavallos, que constantemente cruzavam na frente da casa, e a quem á primeira vista não era fácil reconhecer-se, por achar-se humido, andrajoso, desfigurado, e assustado, como se viésse fugindo de uma dessas prisões subterraneas, em que os poderosos barões da idade média costumavam pôr a pão e agua os seus mais rancorosos adversarios.

O individuo, que se achava aos pés do commissario, e cujo estado degradante os leitores acabam de vér, foi em breve conhecido de todos. Era José Gomes, o vaqueiro, que, ha mais de vinte dias, desaparecera, abandonando a fazenda Caiçara, e agora assim prorompia em supplicantes vozes :

« Valla-me, meu amo, e perdõe-me pelo amor de Deus !

« Levante-se ; conte-nos donde vem, aonde esteve, e porque quer valimento ? » Respondeu o commissario, levantando-o e indicando-lhe uma cadeira. Em seguida disse para uma mulata, que passava :

« Custodia, dize a tua senhora, que venha ver de que modo me apparecem o nosso vaqueiro José, e traze depressa alguma comida e um pouco de café. »

O silencio que seguiu-se, foi profundo, porque José Gomes ia fallar, e todos ali previam, que alguma coisa extraordinaria lhe devia ter succedido. Elle, depois de sentar-se, ou antes depois de cahir sobre a cadeira, assim expoz o successo :

« Meu amo, fazem mais de vinte dias, que meu tio José Joaquim veio illudir-me na fazenda de V. S., e conduzio-me para a serra da Formosa para ver muitas cousas bonitas, e ajudal-o na defeza dos thesouros e do reino descoberto por João Antonio, os quaes contou-me, que já tinham sido desencantados por um rei muito sabio, mandado por elle de longe, e que achava-se com muita gente reunida e as familias da serra ao pé da Pedra Bonita.

« Não sou ambicioso, mas fui ver, se isto era verdade, para poder crer.

« Em verdade encontrei muita gente ao pé da Pedra Bonita, e vi, não os thesouros, mas o tal rei com uma grande corôa na cabeça, trepado numa ponta de pedra, pregando, cantando, e saltando muito alegre.

« Quando findou a sua pratica, o povo deu muitos vivas a Dom Sebastião, batendo as palmas, e meu primo Manoel Vieira moço, a quem chamam agora frei Simão^(*) e estava lá com o paé, a família, e os irmãos, foi fazer dous casamentos(**) de umas moças do Piancó, que não conheci.

« Isto feito, o rei, a quem em particular também chamavam João Ferreira, e ás vezes simplesmente Jêca, deu o braço ás duas noivas, e seguimos todos, tocando, cantando, e batendo palmas, para a Casa Santa, que é uma especie de subterraneo pouco distante, aberto por baixo de um penedo grandioso. Ali todos beberam um liquido dado pelo rei, ao qual chamavam vinho encantado^(***) e fomos fumar em cachimbos para vermos as riquezas.

« Todos os dias sahiam meu tio José Joaquim, Gonçalo José, Carlos Vieira, José Maria Juca, e outros, e quando voltavam conduziam homens, mulheres, meninos, e cães, que enganavam, e traziam, furtando nos caminhos, como succedeu commigo.

(*) Foi capellão por muitos annos na povoação de São Francisco districto da Serra Tallada, um frade portuguez de nome frei Simão do Coração de Maria, religioso da ordem franciscana. Era de costumes dissolutos, e muito conhecido em toda a comarca de Flores, onde sempre residio ate que falleceu em idade avançada, pouco antes desses acontecimentos. É d'elle que Manoel Vieira moço devia ter tomado o nome.

(**) Estes casamentos eram por demais ligeiros e simples. Presentes os noivos, testemunhas e espectadores, e mitidade Frei Simão, preferindo certas palavras caldisticas, mandava a noiva apertar com os seus os braços do noivo, entregando a em seguida ao rei para dispensa. Consistia esta dispensa em passar a noiva ao pé do rei, que a restituia no outro dia ao marido completamente dispensada.

(***) Certa composicão de jurema com manacé, muito usada pelos selvagens, e pelos curandeiros de feitiço e de mordeduras de cobra, tem a propriedade do alcool e do opio ao mesmo tempo.

« Sempre que o rei João Ferreira pregava, dizia: que seu irmão e rei João Antonio estava reunindo gente no Cariri, donde brevemente voltaria para ajudá-lo nos trabalhos da restauração do reino; que aquelle reino era de muitas glorias e riquezas, mas como tudo que era encantado só se desencantava com sangue, era necessario banhar-se as pedras e regar-se todo o campo visinho com sangue dos velhos, dos moços, das crianças, e de irracionais; que isto, alem de necessario para Dom Sebastião poder vir logo trazer as riquezas, era vantajoso para as pessoas, que se prestavam a soccorrel-o assim; porque, si eram pretas, voltavam alvas como a lua, immortaes, ricas, e poderosas; e si eram velhas, vinham moças, e da mesma forma ricas, poderosas, e immortaes com todos os seus.

« Quando não estava pregando, assistiamos a algumas festas de casamentos, porque sempre os havia, casando ás vezes um homem com duas e tres mulheres, ou bebiamos do vinho, que mostrava os thesouros, ou finalmente iamos aos roçados, e ás casas da serra, que ficavam ahí perto, buscar fructas e legumes. Tambem cantavamos muitos benditos e rezas, mas comia-se pouco, e era prohibido lavar pannos e roupas antes de desencantar-se o reino.

« As pessoas de confiança eram as únicas, que andavam por fóra, e si a necessidade do serviço exigia muita gente, como na péga dos gados, cada pessoa suspeita era sempre acompanhada por duas e tres de confiança.

« Havia muita gente grande no reino, a quem todos, excepto o rei, obedeciam, porém os primeiros eram — Gonçalo José dos Santos e José Maria Juca (hoje finado), por serem paes dos dous reis, João Antonio e João Ferreira; seguiam-se depois a rainha, que é Josepha, filha de Gonçalo José, e mulher de João Ferreira; Pedro, e Izabel, irmaos daquellella, meu tio José Joaquim, e toda a família Vieira em geral.

« Iam assim passando-se os tempos, até que no dia 14 deste (oh! que dia infeliz e horroroso.....) o rei, depois que deu muito vinho a todos, declarou: « Que Dom Sebastião estava muito desgostoso e triste com o seu povo..... »

« E porque? Perguntaram os homens muito afflictos, e as mulheres todas muito chorosas.....

« Porque são incredulos!..... porque são fracos!.....

porque são falsos !..... e finalmente, porque o perseguem, não regando o campo encantado, e não lavando as duas torres da cathedral do seu reino com o sangue necessario para quebrar de uma vez este cruel encantamento — preferio o rei e outra vez muito lamentosa, que pareceu sair de detraz delle.

« Ah ! meu amo e senhores, o que depois disto seguiu-se é horrivel !.....

« O velho Juca foi o primeiro, que correu, abraçou-se com as pedras, e entregou o pescoço a Carlos Vieira, que o cortou cecreo, pois já lá estava com um facão afiado.

« Como ? (bradaram o commissario e todas as pessoas presentes horrorisadas) : pois elle matou o velho dexéras ? Estas sonhando, José ?.....

« Sim, meu amo, matou, e não foi este só. Mataram ainda muitos homens, muitas mulheres, muitos meninos, e creio, que continuam matando !.....

« Jesus, meu Deus, que horror ! » Exclamaram de novo as mesmas pessoas, accrescentando :

« E quem matou essa gente, José ? Estas doudo, ou estaes mentindo ! » Gritou o commissario, pegando-lhe do braço e sacudindo-o com força.....

« Antes estivesse doudo, ou mentindo, meu amo.....

« Quando o rei concluiu o discurso, de que fallei, e o velho Juca se apresentou a Carlos Vieira, as mulheres e os homens iam agarrando os filhos, que estavam alli, ou iam buscá-os fóra, e vinham entregal-os ao mesmo, Carlos Vieira, a José Vieira, e a outros, que lhes cortavam os pescoços, ou quebravam-lhes as cabeças nas mesmas pedras, que untavam de sangue.

« Nessa occasião aproveitei-me da confusão e horror, que havia, e fugi sem ser visto : mas com tanto espanto e infelicidade, que andei mais de dous dias perdido, sustentando-me simplesmente dagna e de fructas. »

Mal acabava a narração do tragico e horrido successo, quando entra na sala um escravo, o qual tira um papel, e o apresenta ao commissario, dizendo :

« Aqui está este bilhete, que meu senhor mandou. »

O commissario, tomando o bilhete, leu o seguinte em voz alta :

« Compadre Manoel Pereira.

« Hoje, muito cedo, mandei um portador á lagôa da Formosa chamar o compadre Manoel Vieira e os filhos, para virem me ajudar esta semana na desmancha da mandioca dos Póços. Muito antes de chegar na serra encontrou elle com dous meninos, que vinham fugindo ás carreiras da Pedra Bonita, aonde lhe disseram, que estava havendo, ha dous ou tres dias, grande mortandade de gente para desencenar-se um reino. Creio, que isto será verdade, porque a família do compadre Manoel Vieira e outras por alli vivem, ha muito, mettidas por lá sem me apparecerem, e acreditam, que ha nas pedras um grande reino, que só se desencanta com sangue. A mim tem elles dito isto muitas vezes.

Seu compadre e amigo

MANOEL LEDO DE LIMA.

« Póços, 16 de Maio de 1838. »

CAPITULO VI

DISPOSIÇÕES DA AUTORIDADE POLICIAL PARA DISSOLVER O ILÍCITO AJUNTAMENTO ; MARCHA DA FORÇA EXPEDICIONARIA DIRIGIDA PELO COMMISSARIO DE POLICIA ; CHEGADA DESTA JUNTO Á PEDRA BONITA ; ESTADO EM QUE FOI ENCONTRADO O INCULCADO REI, FALSO PROPHETA DA SEITA.

O commissario major Manoel Pereira da Silva, mais tarde coronel e commandante superior dos municipios de Flores, Ingazeira, e Villa Bella, era um dos mais bellos caracteres, que tem tido os sertões desta provincia.

Fazendeiro rico e abastado por si e sua numerosa família, não era contudo o ouro que o considerava e distinguia entre os seus concidadãos, mas sim um complexo de qualidades raras e de virtudes civicas e moraes, que difficilmente se encontram reunidas no mesmo individuo.

Coração bem formado, magnânimo, e generoso, alma nobre, liberal, e franca, espirito recto, maneiras brandas, e trato ameno, eram qualidades, que desde o verdor dos annos distinguiram o major Manoel Pereira, em quem todos folgavam de reconhecer os predicados de bom paê, bom filho, bom irmão, bom esposo, bom amigo, bom cidadão.

Seu amor ás instituições era o mais ingenuo; sua lealdade politica um modelo; sua dedicação ao serviço publico uma abnegação dos proprios interesses.

Um alma parvula, ninguém melhor do que elle comprehendia os deveres de cidadão; e em nenhum cidadão prestou ainda no interior de Pernambuco tão relevantes serviços no espaço de mais de 30 annos de sua vida publica.

A dolorosa impressão, que produziu em seu espirito a extranha narração de José Gomes, confirmada pelo bilhete, que acabava de receber, despertaram-lhe a idéa de partir immediatamente para o lugar, onde o fanatismo enthronizado pela maldade, e o crime requintado pela ambição despedaçavam a innocencia, ameaçando a justiça, e anniquillavam a moral, pondo em perigo a religião.

Sem considerar no perigo, á que podia expol-o um accommettimento precipitado; sem requisitar a força publica, que achava-se a 15 leguas de distancia; e sem recorrer mesmo aos seus numerosos amigos e irmãos, que residiam mais affastados, resolveu partir no dia seguinte muito cedo, e dar combate ao inimigo com aquella gente de sua vizinhança, que podesse reunir até aquella hora, e com os poucos moradores, que fosse encontrando nas fazendas, que margeavam os caminhos, por onde José Gomes, que servir-lhes-ia de guia, devia encaminhar a força.

Além do seu amor á causa publica, duas circumstancias poderosas arrastavam o commissario Manoel Pereira da Silva a fazer esta marcha com uma temeridade e precipitação incongruentes com a sua comprovada prudencia e reconhecido bom senso.

Estas duas circumstancias eram primeiramente o grande contingente de forças, que no dia seguinte, 18 de Maio, o seu d'stemido e intrepido irmão, capitão Simplicio Pereira da Silva, devia trazer para encorporar ás suas, nas immedições

da serra Formosa; e em segundo lugar a tenaz insistência, que os seus dois irmãos Cypriano e Alexandre Pereira empregaram perante elle sobre tudo depois que souberam de um ataque, que os sebastianistas se propunham a fazer em suas casas e fazendas, para que fossem immediatamente combater o inimigo.

Assim, não obstante ter-se elle empregado durante toda a tarde e quasi tres partes da noite do dia 17 do mez de Maio em expedir portadores para diversos pontos, e em prevenir-se de armas e cartuchos, já achava-se de marcha para a serra Formosa, em companhia de seus dois irmãos, e á frente de 26 paesanos bem montados, armados, e dispostos, quando a aurora do dia 18 do dito mez começava a derramar sua rozeada luz sobre as aguas prateadas do riacho Belem.

Tamanha sollegruidão e acoadamento levava em sua marcha esta cavallhada, que apesar do pessimo estado do caminho, e de algumas pequenas paradas, que teve de fazer nas fazendas Caigara, Poços, e Sítios Novos, aonde foi augmentada com mais nove cavalleiros, achava-se por volta de uma hora da tarde no sopé da Serra Formosa, no lugar denominado Gamelleira, cinco leguas distante da fazenda Belem, e uma, quando muito, da Pedra Bonita.

Deixando ser ali o ponto de reunião daquella com a força do capitão Simplicio Pereira da Silva, que infelizmente ainda não havia chegado, resolveu o commissario fazer alto naquelle lugar, afim de refazer os cavallos, e dar tempo á chegada tanto daquella força como de outra, que devia ter partido na mesma manhã da fazenda Santa Rita e outros pontos. Infelizmente não succedeu assim: porque estando já apeado com alguns soldados em uma casinha, que havia ali, foi forçado a montar-se de novo para acompanhar seus dois irmãos, que já haviam desaparecido, seguido de alguns companheiros, em direcção á Pedra Bonita.

Naquelle tempo, como ainda hoje, a serra Formosa, não obstante a sua grande fertilidade e excellencia para quasi toda a especie de agricultura, tinha apenas uma meia duzia de famílias, que moravam em choupanas de palha, e trabalhavam proximas umas das outras, e era tecida ou trançada de contínuos balceiros de juremas, giquirizeiros, mihas de gato, e

outros espigueiros baixos, que só podia galgar quem, como o major Manoel Pereira, e a força sob seu commando, tivesse um pratico, que lhe mostrasse as estreitas e rariísimas veredas, de que se serviam pouco frequentemente os respectivos moradores.

Sendo uma das mais transitaveis aquella que a força seguira, tinha alem disso a vantagem não pequena de ir ter a umas capoeiras velhas, onde os espigueiros eram substituidos por um campinal altissimo, algumas ervaes baixas, e uma meia duzia de umbuzeiros ramalhudos, pompados pelo fogo e pelo machado daquelles moradores.

Estes umbuzeiros ficavam pouco distantes da Pedra Bonita; e era debaixo delles, que o commissario concordara afinal com seus irmaos em dar descanço á força, e deixar os cavallos.

No momento, porem, em que os dous irmãos Cypriano e Alexandre Pereira e os poucos soldados, que os seguiam de perto, se aproximavam das capoeiras, e se dirigiam a aquelles umbuzeiros, acharam-se face á face com Pedro Antonio, o qual estava com uma grande corôa de cipó na cabeça, nú da cintura para cima, acompanhado de um sequito numeroso de mulheres, meninos, e de homens, como elle, semi-nús e armados de facões e cacetes.

Para seguir a ordem natural dos factos e instruir os leitores da causa, porque tres dias antes tendo ficado os sebastianistas ao pé da Pedra Bonita, sob o commando de seu improvisado rei João Ferreira, apresentavam-se agora commandados por Pedro Antonio, em lugar diverso, e não esperando, retrogradarei um pouco, afim de narrar os acontecimentos, que se deram ali depois da fuga precipitada do vaqueiro José Gomes.

E será este o objecto do seguinte capitulo.

CAPITULO VII

INAUDITAS SCENAS DE ATROCIDADE E FEREZA PASSADAS
NA PEDRA BONITA; IMMOLAÇÃO DO REI JOÃO FER-
REIRA, SUBSTITUIÇÃO DESTES PELO REI PEDRO AN-
TONIO.

Os sacrificios começados no nefasto dia 14 de Maio, e referidos por José Gomes da forma por que vimos no capitulo quinto, continuaram nos seguintes dias 15 e 16 com o mesmo, si não com maior desvaivamente; porquanto o monstrioso e perverso João Ferreira, uzando todos os dias de expedientes e embustes sempre novos, conseguira mergulhar aquella turba numa especie de delirio, ou embriaguez continuada.

No auge supremo desta embriaguez, um pardo de nome João Pilé, filho das margens do rio São Francisco, e ha annos mercador nas immedições da Serra Formosa, para dar um testemunho de sua adhesão, e obter o melhor quinhão no reino, subio ao cume de um rochedo proximo, e precipitou-se com dous netos nos braços de uma altura maior de cincoenta palmos.

O instinto de conservação, reagindo contra a loucura naquella occasião, obrigou-o a salvar-se, se bem que muito contuso*) e com perda dos dous netos, agarrando-se nas folhas de um robusto catolezeiro, que encontrou no meio da queda.

Em seguida José Vieira pega em um filho maior de dez annos, collocou-o na *pedra dos sacrificios*, e decepi-lhe o braço do primeiro golpe, e isto quando a victima, ajoelhando-se, bradava-lhe de mãos postas: « Meu pae, você nao dizia, que me queria tanto bem? ... »

Uma viuva de nome Francisca, que ainda hoje reside perto daquellas paragens, em Caianinha, alimentando a louca

* O abastado fazendeiro José Alves de Carvalho, mercador na fazenda Santa Cruz, quatro leguas distante da Pedra Bonita, apressou-me o seu vaqueiro José Pilé, filho de João Pilé, contando-me que este ficara tão contuso da queda, que dera no celebre salto com os dous netos, que levou mais de dous mezes em serio tratamento ali, para poder restabelecer-se.

pretensão de ser rainha, immola por si mesma seus dous filhos mais novos, e flet em termos de desesperar, quando vê, que escaparam-lhe, fugindo, os seus dous filhos mais vellos, João e Levino! (*)

Izabel, irman de Pedro Antonio e do primeiro rei João Antonio, é designada para o sacrificio pelo execravel João Ferreira, que respondia ás suas supplicas e allegações de gravidez, gritando para Carlos Vieira e José Vieira: — Tamos-lhes a mesma assim, para não soffrer duas dores, a do parto, e a do encantamento... »

Tão adiantado era o estado interessante desta infeliz, que momentos depois de ter recebido o golpe fatal, a criança rolava pela rampa da pedra, e extendia-se no chão !

Uma donzella das partes da Conceição do Piancó, chegada com seus paes naquella mesmo dia, e igualmente designada para o sacrificio, tendo conseguido escapar-se durante a morte de Izabel, é perseguida pelos dous carrascos Carlos Vieira e José Vieira e de novo collocada na pedra, onde recebe a morte, como a sua desgraçada companheira.

Finalmente, Josepha, irman esta de Pedro Antonio e de João Antonio, conhecida como rainha por se ter casado ali mesmo com o monstro, não podendo supportar, sem queixas, o concubinato, em que vivia seu pretenso marido, recebe deste setenta e tantas facadas durante a noite do dia 16 !

Desta forma, no fim do terceiro dia de matança, tinha o execravel e deshumano João Ferreira conseguido lavar as bazez das duas torres, ou pyramides de granito, e inundar os terrenos adjacentes com o sangue de 30 crianças, inclusive os dous netos de João Pilé, 12 homens, entre estes seu proprio pai, e 11 mulheres, cujos corpos, excepto o daquelle donzella, que corréra, o qual fora julgado indigno de estar com os demais, bem como os esqueletes de 11 caes, que havia morto para o mesmo fim, iam sendo collocados ao pé das pedras em grupos simetricos, conforme o sexo, idade, e qualidade dos mesmos.

* Livino reside hoje no sítio denominado Pamandua, limites de Picos com o Triunpho, e é um daqueles nobres, de que faz menção o bilhete de Manoel Ledo de Lima, transcripto na ultima parte do capitulo quinto.

Na manhã porém do dia 17, quando o monstro, não satisfeito ainda com o sangue derramado, se dispunha a preparar o povo para novas secas, Pedro Antonio, indignado pela morte de suas duas irmãs, e julgando-se com melhor direito ao supremo poder, por ser irmão do primeiro rei João Antonio, antecipou-se em subir ao throno e dalli annunciou em voz alta:

Que Dom Sebastião, creado da sua côrte, lhe apparecera na noite antecedente, e reclamava a presença do rei, unica victima, que faltava para operar-se o seu completo desencantamento. »

Viva El-Rei Dom Sebastião ! Viva nosso irmão Pedro Antonio !..... »

Tal foi o brado unisono de todos os circumstantes.

Em seguida acrescentaram, vendo que o rei tremia a ponto de não suster-se de pé :

« Ao sacrificio Carlos Vieira : ao sacrificio José Vieira, antes que elle se torne indigno como aquella tôla rapariga. Andae, pois elle se amofina ! »

Poucas horas depois, Pedro Antonio era proclamado rei, e o cadáver do seu antecessor, de execranda memoria, era amarrado de pés e mãos fora do campo em dois grossos arvoredos.

Como já se não respirava ar puro no lugar, onde se achavam tantos cadáveres em estado de putrefacção, ordenou o novo rei a transferencia do acampamento para o pé daquelles umbuzeiros, onde devia operar-se o apparecimento de Dom Sebastião, e onde estavam construindo cabanas na occasião do encontro com a força do major Manoel Pereira.

(*) As pessoas que estiveram no reino são accordes em affirmar, sem admitir a minima contestação, e isto desde aquella época até hoje, que viuam-se tentadas a quebrar a calçada de João Ferreira, a extrahir-lhe os entranhas, e a tirar o seu cadáver de pés e mãos nasquelles arvoredos, por causa dos leiros, das renenhas, e dos sinistres nevimentos que elle, depois de morto, executava em a loren, com o ventre, e com os braços. Como quer que seja, era este o estado do seu cadáver, quando o missionario Francisco Correia o encontrou e desenhou.

CAPITULO VIII

ENCONTRO E CONFLICTO DA FORÇA LEGAL COM OS FANÁTICOS ; DESTROÇO E DISPERSÃO DESTES ; PROCEDIMENTO HUMANO E GENEROSO DO COMMISSARIO MANOEL PEREIRA DA SILVA ; DESTINO DOS INDIVÍDUOS APREHENDIDOS.

« Não os tememos. Acudam-nos as tropas do nosso reino !..... »

« Viva El-Rei Dom Sebastião ! »

Assim exclamou Pedro Antonio, agitando no ar a sua corôa, e arremessando-se furioso contra todos os seus sobre aquelle punhalo de cavalleiros, a cuja frente já de novo se achava o commissario major Manoel Pereira da Silva.

O seu grito de guerra, immediatamente repetido por mais de cem vozes salidas de todos os pontos daquelle provisório acampamento, foi logo sollemnizado com canticos da ladainha, benditos, e officios entoados pelas mulheres e merceiros, ora batendo palmas, ora brandindo espetos e cacetes, investiam como outros tantos combatentes em auxilio de seus paes, filhos, irmaos, e maridos, que já se achavam a braços, e em luta aberta com os poucos soldados do commissario.

Os intrepidos e corajosos cavalleiros não recuavam, e á voz do seu respeitavel e distincto chefe, pulando dos cavallos e tomando a posição defensiva, que o caso e circumstancias lhe permitiram, acceitaram o combate no proprio sitio, onde realizou-se o encontro, e no mesmo lugar, onde foram agredidos.

Foi horrivel o combate, que resultou do encontro das duas forças.

Mais horrivel era o aspecto de um punhalo de bravos em luta desigual, e corpo a corpo (pois que poucos poderam mais de uma vez uzur das espingardas) com uma horda de sicarios desejosos do martyrio, e fanatisados com a idea da immediata resurreição. Muito mais horrivel e horripilante foi a scena, que momentos depois representava o desfecho dessa luta sanguinolenta !

Não houve tempo para pensar nos meios da aggressão e

deleza; e já não era tempo de evitar as consequências de um conflicto todo casual.

Impossivel me seria descrever hoje as scenas e os actos de bravura, que no limitado espaço de uma hora pozeram termo ao fanatismo daquelle desvairada caterva, sepultando com seus corpos as sementes de infernal doutrina.

Sobre o campo do combate ficaram 22 cadaveres, sendo o do rei com 16 dos seus sectarios, inclusive tres mulheres, e os de Cypriano e Alexandre Pereira, irmãos do commissario, com mais tres dos seus companheiros, alem de muitos feridos de ambos os lados, entre estes o proprio commissario, cuja vida correu perigo.

Em outro recontro, que minutos depois tiveram os sebastianistas fugitivos com as forças do capitão Simplicio Pereira da Silva, recentemente chegadas, perderam aquelles mais oito companheiros.

A scena mais patetica de todo esse drama foi a que teve lugar depois do combate, quando os valentes soldados do commissario descobriram entre os mortos os cadaveres de seus cinco companheiros de armas. Os parentes e amigos das victimas lançaram-se com incrível furor sobre as mulheres e filhos dos criminosos, no intuito, como diziam, de não deixarem raça de taes perversos!

Aqui ostenta a grande alma do major Manoel Pereira toda a elegia de suas virtudes. Chorando a morte dos seus amigos e companheiros de armas, e especialmente a de seus dois irmãos, elle estendia a bandeira da misericordia sobre aquelles infelizes, que lhe supplicavam a vida, e exclamava:

Meus amigos, perdão para esses desgraçados,..... Para que maior desgraça do que terem perdido os seus naturaes protectores, e acharem-se reduzidos a este lastimoso estado?

« Perdão para elles, para que Deus tambem perdoe as nossas faltas.

« Choremos a perda de nossos caros irmãos e companheiros, sepultemos seus corpos, sufraguemos suas almas, protejamos suas familias, e confieemos na Providencia.

« A isso limita-se o nosso dever.

« Ponhamos estes infelizes, que perdidos pela má dou-

trina, permitto Deus calhissim em nossos mios, para serem salvos pelo espirito da verdadeira religião. »

Nunca o homem eleva-se tanto como quando exerce actos, que mais o approximam da Divindade.

O major Manoel Pereira foi o heróe desta scena.

Perdoando as innumeras victimas do fanatismo, e obstando o morticínio de tantos innocentes no occorrido solenne, em que seu coração mais despedaçado se achava pela angustiosa perda dos irmãos, revelou-se christão sincero, e cidadão benemerito, e legou-nos honrada memoria, que durará grata na recordação dos homens justos e sensiveis.

Conhecendo elle quanto perigo corriam fóra de suas vistas as mulheres e filhos dos criminosos ali apprehendidos, seguiu pessoalmente com elles, escoltados apenas por alguns de seus soldados, visto como occuparam-se os outros com a condução dos corpos dos cinco companheiros fallecidos para serem sepultados na igreja de Serra Tallhada, que distava onze leguas.

Baldo de mais recursos na occasião, deu suas ordens a um fazendeiro vizinho da serra, para mandar sepultar os cadáveres dos criminosos, ordena esta que mais tarde soube não fóra cumprida, por terem sido encontrados os mortos em tal estado de putrefacção, que inhibiu o enterramento.

Apenas chegon o commissario em sua fazenda Belem, enviou os presos com uma communicação mais ou menos circunstanciada ácerca do occorrido ao prefeito de Flores, Francisco Barbosa Nogueira Paes, e este por sua vez, dando sciencia de tudo á presidencia da provincia, como se ve do officio respectivo, publicado no fim destes apontamentos, soltou as mulheres, distribuiu as crianças, e passou os delinquentes á disposição do juiz criminal.

Uma dessas crianças é o digno tabelliao de Flores, Joaquim José do Nascimento Vanderley, educado pelo padre Manoel José do Nascimento Bruno Vanderley, de quem tomou o appellido.

Entre os delinquentes contava-se Gonçalo José dos Santos, pae do rei João Antonio, o qual, condemnado pelo jury de Flores, acabou os dias arrastando os ferros já nesta capital, e já no presidio de Fernando.

CAPITULO IX

VEM O MISSIONARIO FRANCISCO CORREIA Á PEDRA BONITA
PREGA AOS VIVOS, E SEPULTA AS RELIQUIAS DOS MOR-
TOS, PONDO NO LUGAR DA CATASTROPHE O MYSTERIOSO
SYMBOLLO DA REDEMPÇÃO CHRISTÃ, AINDA ALI SUBSIS-
TENTE.

O caridoso e bem conhecido missionario Francisco Correia achava-se ausente da freguezia nas épocas, em que tiveram lugar os acontecimentos, que ficam narrados nos tres capitulos antecedentes.

Imagine-se, pois, qual seria a sua afflicção e espanto, quando lhe informaram, que apesar da sua abnegação e esforços, as doutrinas do mameluco tinham produzido todos os seus effeitos naturaes, attingindo resultados porventura mais tragicos e funestos!

Imagine-se ainda quanto não subiria de ponto essa afflicção, quando, dous mezes depois, transportando-se a aquelle lugar, no meio de numerozo concurso de povo, no louvavel empenho de missionar e dar sepultura aos mortos, elle desenhava com sua propria mão, para servir de lição aos vindouros, as pedras, o campo, e a ossada das victimas, tal qual encontrara; assim como alguns episodios mais tragicos ali succedidos, que a estampa patenteia, e elle tanto se esforcara por evitar!

Aquelle lago de sangue, em que se afogaram 53 cadaveres atirados ali por mão perversa, e por uma das mais inconcebiveis imposturas, de que pode fazer menção a historia da humanidade, converteu o santo missionario em uma grande sepultura, na qual com as proprias mãos, e entre lagrimas encerrou toda a ossada dos mortos, esparsos fragmentos escriptos aos vermes e á rapacidade dos corvos no curto espaço de dous mezes.

Si os óculos daquellas pyramides fataes podessem hoje repetir-nos todas as palavras do discurso daquelle inspirado orador, proferido na occasião em que, tendo nas mãos os restos do cadaver daquella martyr donzella, que fora arredado como indigno do meio dos outros, dava sepultura á ossada dos trinta innocentes como ella sacrificados, por certo teria a posteridade

de apreciar um rasgo de eloquencia tão pomposo e sublime quanto horrivel e extraordinaria era a catastrophe, que lhe servia de assumpto, e que a historia registrará.

Sobre a sepultura dos cadaveres mandou o caridoso missionario collocar uma grande cruz de madeira tó-sca, que ainda hoje se conserva, e testifica, que ali jazem os restos mortaes das victimas da horripilante tragedia.

Quem por ali passa costuma descobrir-se diante do signal da nossa redempção, e rezar um *pater noster* pelas almas daquelles finados.

CAPITULO X

SORTE DO PRIMEIRO AUTOR DO EMBUSTE, E PRIMEIRO RII
JOÃO ANTONIO, BEM COMO DE OUTROS PERSONAGENS
DO DRAMA.

Os leitores naturalmente desejarão saber, que fim levaram João Antonio, e alguns dos outros personagens figurantes neste drama. Destina-se o presente capitulo a satisfazer esta justa curiosidade.

O mameluco João Antonio, quando presentia imminente o morticínio da Pedra Bonita, retirou-se precipitadamente do Cariri, onde estivera escondido e em communicação sempre activa com o seu preposto João Ferreira, e foi residir com a mulher e uma filhinha de dous annos de idade nas minas novas de Sumá.

Ahi vivia em uma choça de capim, que construira no meio de um arraial de choupanas iguaes, habitadas pelos mineiros.

Reputava-se elle entao soberbamente seguro, protegido pelo capellão das minas, que era o decimo padrinho, que tivera sua filha, assim como por diversos mineiros, e preparava-se talvez para mais tarde pôr em execução alguma nova proeza, quando, em uma esplendida noite de Agosto do mesmo anno, foi agarrado por dous officiaes de justiça, que o juiz de paz do Cotovello, Pedro José, forneceu a Roque e Antonio da Cruz, agentes do commissario da Serra Tallhada, unicos dos doze,

que haviam sido expedidos, que tinham se atrevido a chegar tão longe com a precatoria respectiva.

Quando João Antonio vios-se em poder dos adversarios, longe de maldizer a sua sorte, e mostrar descontentamento, procurou ao contrario captar-lhes os animos e deslumbra-los ao mesmo tempo com promessas de immensos thesouros, que podia, quando quizessem, pôr á sua disposição.

Certo porem de que nenhum partido vantajoso tirava por ali, e vendo mais tarde que os seus dous conductores vinham seriamente accommettidos de febres intermitentes, soffrendo ataques quasi conjuntamente, começaram a dirigir-se á mulher em giria desconhecida por elles, na qual ensinava-lhe, que os matasse, quando estivessem accommettidos do mal, porque bastariam as riquezas que elles traziam nos macotes para tornarem-se riquissimos.

Apezar de vir bem algemado e amarrado, e de dormir incommunicavel, e sempre com dobrada segurança, tão precario era o estado de saúde dos dous conductores, quando chegaram á Lagoa Encantada, tres legoas abaixo da villa Nique-nique, que resolveram mata-lo antes de serem victimas da molestia ou de algum novo ardil.

Assim, por uma coincidência bem notavel, fôra preso no meio das minas, e viera morrer em uma lagôa encantada aquelle que com embustes de minas e de lagôa encantada, conseguira desvairar e perder tantos infelizes.

Depois de alguns dias de demora, gastos naquelle lugar em combater o mal, de que estavam accommettidos, vieram os dous conductores á villa do Joazeiro, nas margens do rio São Francisco, onde estiveram novamente recalhados. Quando melhoraram, souberam, que a viuva do mameluco retirára-se com a filha para as partes de Santa Catharina, em companhia de uns negociantes, que regressavam para ali.

José Joaquim, Carlos Vieira, José Vieira, Manoel Vieira (pai) morreram no fogo, que tiveram com a força do commissario.

Frei Simão ou Manoel Vieira moço e dous filhos de João Pilé morreram, aquelle perto da fazenda Lagoinha, e estes entre a serra da Formosa e Conceição de Piancó, em acto de resis-

tencia, com outros companheiros, contra as forças perseguidoras do capitão Simplicio Pereira da Silva.

Finalmente João Pilé occultou-se no Cariri, e nas immediações de Piancó, onde tempo depois morreu de molestia natural.

CAPITULO XI

COMMUNICAÇÃO NOTAVEL DO FACTO PELO PREFEITO DE FLORES AO PRESIDENTE DA PROVINCIA DE PERNAMBUCO.

O seguinte officio foi-me fornecido pela Secretaria da presidencia da provincia, e vai publicado tal qual foi escripto.

« Illustrissimo e Excellentissimo Senhor. — Pela primeira vez que me dirijo a V. Exe., participando o estado desta comarca, que, apesar de se achar tranquilla, todavia tenho de levar ao conhecimento de V. Exe. o caso mais extraordinario, mais terrivel, nunca visto, quasi incapaz de acreditar-se: e eu deixaria de noticiar um similhante acontecimento, si não fosse obrigado pelo dever, que me impõe o emprego, que por V. Exe. me foi confiado, talvez por desconhecer a incapacidade do meu criterio.

« Permitta-me V. Exe., que por um pouco vá analysando os factos, e prejuizos taes quaes tiveram lugar nesta comarca, nas immediações de Piancó.

« Ha mais de dous annos, Exm. Sr., que um homem de nome João Antonio, morador no sitio Pedra Bonita, distante desta villa vinte duas leguas (lugar este composto de bosques, junto aos quaes se acham dous penedos aerocerámnios), se lembrou de apresentar uma sizaria aos povos, dizendo que naquelle lugar existia um reino encantado, e que estava a desencantar-se, em cuja occasiao appareceria El Rei Dom Sebastião, com um grande exército, ricamente adornado, e que todos os que o seguissem seriam felizes; e foi lidando nesta seita, até que em dias do mez de Novembro proximo passado

aconselhado (1) pelo missionario Francisco José Correia de Albuquerque, fizesse uma viagem para o sertão de Inhamuns, donde mandou um seu enviado de nome João Ferreira (2), homem hostil, pessimo, e esquisito; de sorte que este lóbo, assim chegado no lugar Pedra Bonita, e acclamando-se rei, tratou de trazer os povos rusticos sujeitos a umas idéas supersticiosas, dizendo-lhes que para a restauração do reino tornava-se necessario, que fossem immoladas as victimas de homens, mulheres, e crianças, e que em breves dias resuscitariam todos, e ficariam immortaes, sendo esses sacrificios uteis para regar o campo encantado com o sangue humano e dos innocentes, depois do que appareceriam as maiores riquezas do mundo, e que todos os pardos do lugar ficariam mais alvos do que a propria lua; de maneira que assim pôde reduzir os povos ignorantes ás suas falsas declamações, e pessima doutrina, e conseguiu, que alguns paes entregassem seus filhos ao cutello do sanguinario tigre, e no dia 14 do corrente den principio ás suas hostilidades, assassinando até o dia quarta-feira 16 deste mesmo mez vinte e um adultos (3) e vinte e um parvulos de ambos os sexos, e casando cada homem com duas e tres mulheres, sendo este contracto feito pelo mesmo idolatra (4) com superstições proprias de sua immoral conducta; porem o seu resultado foi tristissimo, porque Pedro Antonio, irmão do primeiro inventor João Antonio, já intolerante dos desatinos de semelhante caifaz, ou talvez ambicioso de o sub-

(1) Imperdoavel defeito de redacção! Vide o que acerca desse venerando missionario fica dito nos capitulos 1, 4, e 9.

(2) João Ferreira não veio de Inhamuns, porem sim dos lados de Souza ou Catolé do Rocha. Vide o que se disse a respeito no capitulo 5.

(3) O prefeito estava então mal informado sobre o numero das victimas, e assim devia ser, pois fundou se em informações muito ligeiras, dadas pelo commissario. Vide ainda o que fica dito a respeito no capitulo 7.

(4) Esta asserção tambem é defeituosa por falta de informações exactas, pois que os casamentos não eram feitos por elle, mas sim por Frei Simão, ou Manoel Vieira moço. Vide ainda o que se disse a tal respeito no final do capitulo 5.

stituir no reinado, determinou assassinal-o (*), como fez no dia quinta-feira 17, dia em que, correndo um dos moradores do lugar, fez aviso ao commissario Manoel Pereira da Silva, e este immediatamente fez reunir uma força composta de vinte e seis guardas nacionaes e paesanos, seguindo no dia sexta-feira, 18 do supranome mez, do seu sitio Belem, distante do dito lugar da desordem 8 leguas (**), e já perto encontrando a Pedro Antonio, assassino do barbaço João Ferreira, coroado com uma corôa de cipó, tomada ao seu antecessor, e acompanhado de um grupo de homens e mulheres, que gritavam em altas vozes: — cheguem, que os não tememos, e acudam-nos as tropas do nosso reino; — e com tales alaridos principiarão a brigar de forma que poderam logo ca caete, espulso com que brigavam, matar cinco homens de tropa, e ferir a quatro, entre os quaes mortos foram os cidadãos Alexandre Pereira da Silva e Cypriano Pereira, irmãos do commissario (pega esta sensivel): mas, Exm. Sr., debalde foi o plano dos desordeiros, que, sendo fortemente atacados, perderam em um instante 29 pessoas, incluzive tres mulheres, alem de feridos, que pelos matos correram, sendo prisioneiros tres homens, nove mulheres, e doze meninos.

« Note V. Exc., que naquella dia 18, ás 4 horas da tarde, foi, que me chegou a noticia das primeiras desordens, não por parte official do commissario, mas sim por uma carta particular de pessoa de credito, á vista da qual, a toda pressa, reuni quarenta homens, e logo marchei á frente delles para prender os desordeiros, mas foram mallogrados os meus passos: porque chegando perto da Pedra Bonita já tudo estava destruido, como acima levo dito.

« Exm. Sr., esta minha asserção não foi só baseada na parte do commissario, mas sim na confissão conteste, que fazem todas as pessoas, e mesmo as crianças de cinco a doze annos, de maneira que, parecendo o caso um sonho, todavia é real pelas razões, que pondero a V. Exc.

Os presos, de que faço menção, foram pela minha tropa

(*) Vide no final do capítulo 7, como teve lugar a morte de João Ferreira.

(**) De Belem a Pedra Bonita são 6 leguas, quando muito.

conduzidos para a cadeia desta villa, e delles fiz entrega ao juiz commissario, com parte, para conhecer summariamente, e doze meninos entreguei ao juiz do civil para os mandar distribuir por pessoas, que os possam educar, até que V. Exe. providencie a respeito.

Deus guarde a V. Exe.

Prefeitura da comarca de Flores 25 de Maio de 1838.

Illm. e Exm. Sr. Francisco do Rego Barros, Presidente da Provincia de Pernambuco.

Francisco Barbosa Nogueira Paes.

CAPITULO XII

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA OU SYNTHESE DA HISTORIA DA PEDRA BONITA, OU REINO ENCANTADO, NA COMARCA DE VILLA BELLA, PROVINCIA DE PERNAMBUCO.

1 — Estas duas bellissimas pyramides de granito deram denominação ao reino, e têm 148 a 150 palmos de altura cada uma.

2 — Estado em que foram encontrados 28 creanças immoladas pelo fanatismo da seita, afim de apressar a restauração do reino de Dom Sebastião.

3 — Grupo de 11 mulheres igualmente sacrificadas para o mesmo fim.

4 — Grupo de 12 homens igualmente sacrificados para o mesmo fim.

5 — Grupo de 14 cães igualmente sacrificados para o mesmo fim.

6 — Izabel, levada forçosamente ao sacrificio em estado de gravidez para (no dizer do rei) não soffrer duas dores, dá á luz no acto de receber o golpe.

7 — José Vieira, descarregando um golpe sobre seu filho faz voar o braço deste, que de mãos postas bradava lhe: « Meu pai, você não dizia, que me queria tanto bem? »

8 — Carlos Vieira e José Vieira perseguindo e trazendo de novo ao sacrificio uma donzella, que delles escapara depois de ferida.

9 — João Pilé, para ter melhor quinhão no reino, precipita-se, com dous netos nos braços, de uma altura maior de 50 palmos.

10 — Especie de bacia ou terraco pensil, onde o rei João Ferreira quotidianamente pregava aos seus sectarios.

11 — Pequena casa de pedra, de que se serviam como de uma especie de cenaculo, onde se banquetevam nos dias festivos.

12 — Grande subterraneo formado por baixo de uma só pedra, que a seita denominava Casa Santa, por ser o lugar em que bebiam jurema, e effectuavam os casamentos do reino.

13 — Pequena rampa de pedra denominada dos sacrificios ou da matança.

14 — Estado em que foi encontrado o cadaver do rei João Ferreira, victima da sua propria doutrina e da argueia de Pedro Antonio, terceiro e ultimo rei.

15 — Lugar em que travou-se o combate entre as forças legaes commandadas pelo commissario Manoel Pereira da Silva, e os sebastianistas, commandados por Pedro Antonio, ultimo rei.

16 — Grupo dos sectarios do rei, fallecidos no combate, que tiveram com a força publica, em 18 de Maio de 1838.

17 — Sepultura onde dous mezes depois, em acto de missão, o padre Francisco Correia e o povo recolheram a ossada, que jazia no campo, excepto a do rei João Ferreira.



INSCRIÇÕES EM ROCHEDOS DO BRASIL

POR

John C. Branner (*)

Tradução de JOÃO BAPTISTA REGUEIRA COSTA

Em 1876 visitei Aguas Bellas, villa no interior da Província de Pernambuco e cerca de cem milhas do littoral. (1)

O meu fim era examinar algumas localidades, em que se suppunha existirem restos de extinctos mamíferos.

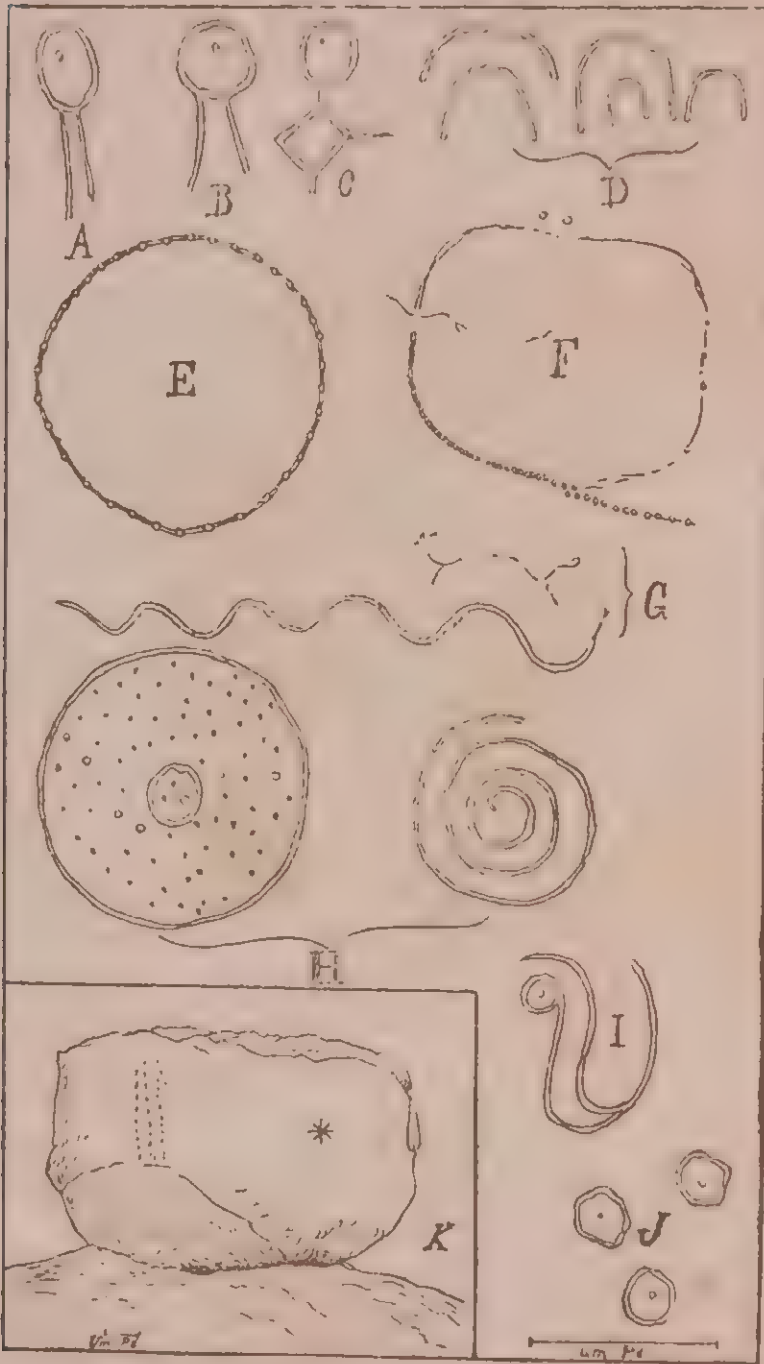
Atinal achei os fósseis nas proximidades de uma fazenda de gado que chamam *Lejão da Lagoa*, a oito leguas a leste de Aguas Bellas.

*, Extrahido do *American Naturalist* Philadelphia, 1884, Vol. XVIII, pp. 1189—1192.

1) O presente trabalho tem por fim continuar a obra começada por meu amigo e mestre, o saudoso Professor Carlos Frederico Hartt, sempre muito interessado pelos estudos archeologicos e ethnologicos, que se devem levar a effecto no Brasil. Foi trabalhando na Imperial Commissão Geologica Brasileira e sob a sua direcção que fiz as observações que aqui ficam consignadas.

O *Naturalist* de Maio, de 1871, publicou um artigo do Professor Hartt sobre inscrições em rochedos do Brasil.

NOTA DO TRADUCTOR A traducção por mim feita do trabalho de Hartt corre impressa em avulso e na Revista do Instituto Archeologico n. 47.



Durante a minha estada ahí, soube que diversos rochedos vizinhos continham inscripções que ninguém podia decifrar.

Aproveitei o tempo para visitar os sitios mais convenientes e reproduzir, com todo o cuidado, os desenhos necessarios, cujos signaes caracteristicos são os representados nas estampas A-V.

O primeiro lugar a que, para isso, me dirigi foi uma pequena fazenda, que fica a quasi uma legua de Lagoa da Lagoa e é conhecida pelo nome de *Cacimba Verde*.

O rochedo, com a inscripção que nelle encontrei, é o que mostra a estampa sob a lettra K.

E' elle um massico de gneiss de decomposição, cerca de 10' \times 6' \times 6', assente sobre a rocha proxima ao rio Garanhunsinho. A direita de quem olha para a inscripção vê-se um asterisco de um pé de diametro, feito por quatro linhas, que se cruzam em angulos iguaes, e á esquerda descobrem-se tres fileiras de pontos ou endentações de dous pés e meio, que começam pouco abaixo do cume do rochedo, cuja parte inferior se desmoronou, levando provavelmente consigo o resto da inscripção.

E' impossivel determinar o numero exacto desses pontos, porque alguns, sobretudo os superiores, se tem tornado pouco distinctos, por estar a face do rochedo exposta ás intempéries.

As inscripções parece terem sido feitas com instrumentos de pedra, sendo os traços do asterisco cavados até ficarem os sulcos bem polidos. Após essa operação esses pontos e linhas foram pintados, com tinta que é hoje de uma cor vermelha escura ou antes parda.

O outro lugar que visitei foi *Pedra Pintada*, cuja situação é sobre uma corrente d'agua (durante a estação invernal) a qual se chama — *Rio da Pedra Pintada* (2) pelas que ahí existem, contendo pinturas. Dizem ficar a dez leguas de Aguas Bellas, a doze de Garanhuns e a nove de Papaeça.

(2) Mais abaixo esta corrente chama-se Riacho dos dous Riachos e corre para o Ipanema em Sant'Anna que entra no S. Francisco, quasi no meio do caminho entre Traipú e Pão de Assucar.

Ha aqui perto de quarenta desenhos e parte delles ou gravados ou pintados sobre os grandes blocos de gnéiss, que existem nas suas margens e sobre o leito de pedra da corrente. Uma cascata de cerca de vinte e cinco pés de altura despenha-se d'ahi numa especie de caldeirão, que agora está cheio, e que tem perto de quinze pés de largura e de profundidade: sendo que á sua presença se devem naturalmente essas inscrições, como terei occasião de mostrar.

A forma dellas é a que se vê nas figuras que vão traçadas segundo a escala, pelo que não é preciso descrevel-as minuciosamente. As figuras A, B, C, D, E, F, R e S estão gravadas sobre o leito da corrente, acima da cascata. Estas não são pintadas e, si o foram, já a agua, carregada de areia e cascalho apagou-lhes as tintas. Muitas estão se tornando pouco distinctas, algumas vão quasi desaparecendo e outras, sem duvida, tem se desvanecido inteiramente. A excavação concentrica do rochedo, tão commum nos tropicos, ha concorrido tambem para fazer desaparecerem as inscrições, quér no leito da corrente, quér nas suas margens.

A gravura parece ter sido feita como as de *Cacimba Cercada*, abrindo-se e cavando o rochedo com instrumentos de pedra, de gumes suavemente arredondados. Depois de assim polidos, esses desenhos foram pintados, mostrando agora uma côr vermelha escura ou parda. Em alguns casos os pontos e linhas estão combinados, como se vê sob as letras E e F. A disposição dos pontos em linhas verticaes paralelas é mais frequente nesse lugar e se observa muitas vezes (fig. V) como em *Cacimba Cercada* (fig. K) e em *Sant'Anna* (fig. X). Vêem-se tambem diferentes argolas, semelhantes ás que vão marcadas com a letra E; tendo uma dellas trinta e quatro pontos, em vez de trinta e seis; ao passo que outras estão quebradas, ou os pontos tão pouco distinctos que não podem ser determinados.

Descobrem-se igualmente dous asteriscos de oito raios, uns reunidos aos outros (fig. V) outro independente e mais um de vinte raios (fig. P). A unica figura que parece destinada a exprimir alguma coisa é a assignalada com a letra R e dir-se-hia a representação grosseira de um ferro de lança. Parte da fig. O poder-se-hia suppor um peixe, porém creio

que qualquer analogia que se observe é puramente accidental. A semelhança entre alguns desses desenhos e outros apresentados pelo Professor Hartt (3) e descobertos na região Amazonica é digna de nota, especialmente a espiral que está sob a letra H e o círculo, com um ponto no centro, marcado com a letra J.

Voltando de Aguas Bellas para o Rio de S. Francisco pelo caminho de *Sant'Anna*, na Província das Alagôas, a meia legua deste ultimo lugar, achei as figuras que se vêem sob a letra Y inscriptas sobre o lado de um grande gneiss de decomposição.



Essas são lavradas e pintadas e têm a mesma côr vermelha escura das de *Pedra Pintada*. Ha outros traços sobre as faces verticaes desta e das demais pedras do grupo, evidentemente feitos pelas mesmas mãos, mas são simplesmente polidos e variam no tamanho de um a dois pés de diametro. Na sua maior parte têm aquellas figuras a fôrma quasi redonda; algumas são oblongas, nenhuma tem mais de um quarto de pollegada de profundidade, muitas não são tão profundas e todas estão pintadas. As pedras, nas quaes se acham essas inscripções, são, como já disse, massigos de gneiss de decomposição, em numero de doze, pouco mais ou menos, de seis a doze pés de altura e estão agrupadas no cimo de um outeiro de solido gneiss, como se vê do desenho que a esta acompanha (estampa X).

(3) *Naturalista Americano*, Maio de 1871.



PEDRAS DE SANT'ANNA

A inscripção sob a letra Y está na maior e na mais proeminente das pedras; muitas, posto que não todas, têm nos seus lados lugares verdadeiramente polidos, como já descrevi. Durante a secca, não ha agua na vizinhança, ainda que o Ipanema (4) fique quasi a uma milha de distancia.

Convem notar que essas inscripções, bem como muitas outras, de que aqui tenho ouvido fallar, estão em grandes pedras e n'algum ponto elevado (5). Uma, especialmente, me foi indicada por diversas pessoas, que me deram as mesmas informações a respeito.

A pedra em que ella existe é perto de Agua Branca, doze leguas acima de Piranhas e dez da Cachoeira de Paulo Affonso, na *Fazenda de Caisara* e é conhecida pela denominação de *Pedra navio*.

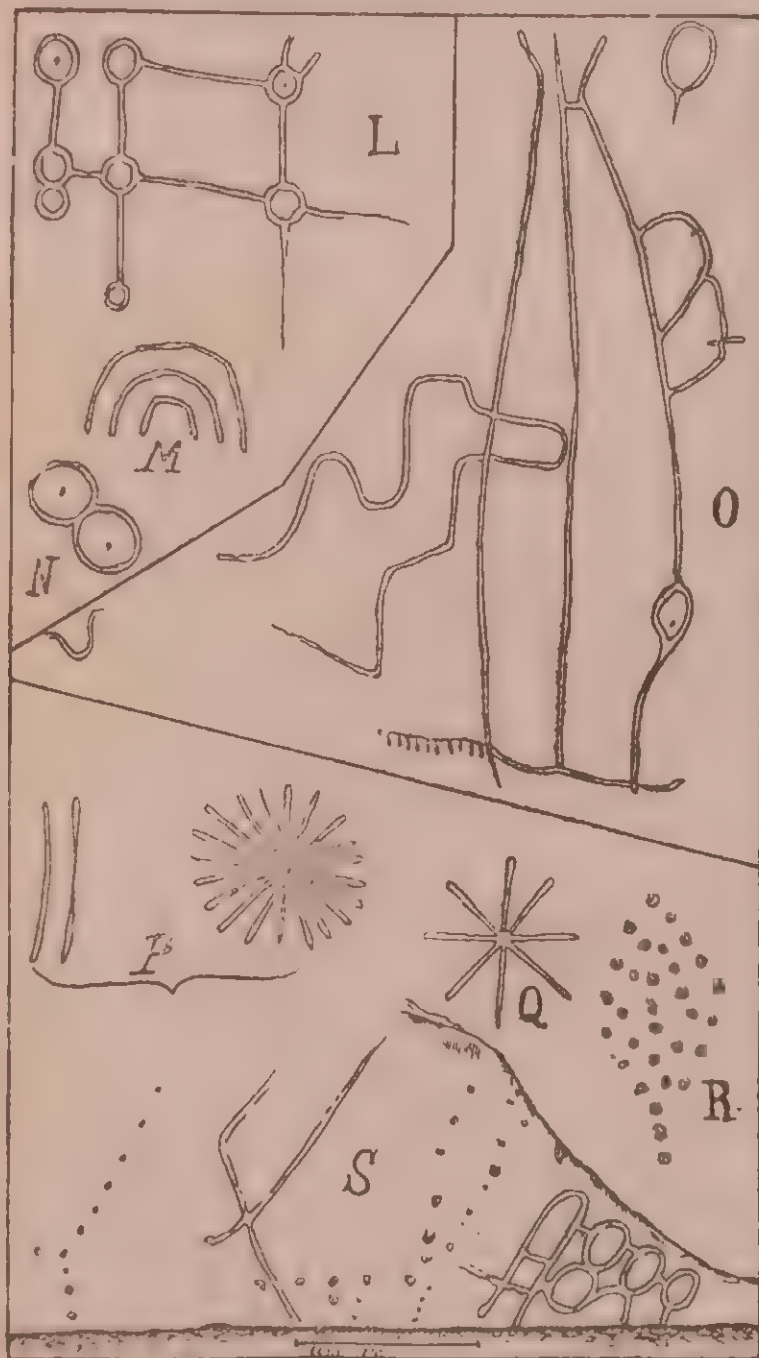
Dizem ser um massiço quasi redondo, pousado sobre a base por demais estreita de um solido rochedo e ter todos os seus lados cobertos de inscripções indianas (6).

Nessas paragens, onde os rochedos primitivos formam um vasto leito entre os planaltos do interior e os leitos Creta-

(4) Não — «Panema», como se lê nas geographias.

(5) Os rochedos que contem inscripções, no Erere, descriptos pelo Professor Hartt, são tambem proeminentes.

(6) Fui informado de que ha extensas inscripções em rochedos mais alem do S. Francisco em Salgueiro sobre o Rio Quixaba e em Ouricury, ambos na parte occidental da Provincia de Pernambuco. No caminho entre Diamantina e Beribery, na Provincia de Minas Geraes, existem algumas pinturas grosseiras de animaes, feitas por Indios n'uma reborda do rochedo. Estas ultimas foram vistas por mim, porem não tive occasião de desenhá-las.



ços e Terciários, proximos da costa, essas pedras de decomposição não são raras e quasi todas, que eu vi, tiveram desenhos artificiaes, em geral tão mal cavados, que não podem ser definidos, porém sufficientemente distinctos para não deixarem a menor duvida sobre a sua origem.

Quanto ás figuras encontradas, não me é possível achar uma explicação definitiva. A que lhe é dada pelo povo da vizinhança nenhuma luz accrescenta a esse respeito. Alguns pensam que foram feitas pelos Holandezes, quando occuparam Pernambuco, no principio do seculo 17, porém a versao geral é que ellas se referem a algum thesouro occulto nas proximidades do lugar. Essa idéa aconsellhou a um antigo proprietario, residente perto de *Pedra Pintada*, a fazer diligentes pesquisas para descobrir o pretendido thesouro, chegando até a mandar limpar o caldeirão, sobre o qual se despenha a cascata, mas sem obter resultado algum satisfactorio.

Entretanto, cumpre notar que, tanto quanto tenho observado, essas inscripções se acham quasi sempre em paragens proximas d'agua, ou de algum lugar, onde é provavel que ella se encontre, quando não é muito rigoroso o verão (7).

Em *Pedra Pintada*, o caldeirão abaixo da cascata conserva-se cheio muito tempo depois que secca a corrente; não ha noticia de que o Ipanema tenha inteiramente seccado em *Sant' Anna*, e *Cacimba Creada* deve o seu nome a uma fonte que existe neste lugar. A circumstancia de se encontrarem inscripções em taes sitios poderia admittir mais de uma explicação. Si ellas não têm qualquer outra relação com a própria agua, é possível que estejam nessas localidades por ser ali que viviam naturalmente os primitivos habitantes do paiz, durante o verão, que reina quasi metade do anno; e na verdade parte das inscripções, de que me tenho occupado, pelo menos as que se observam no leito da corrente, devem ter sido feitas nessa estação. Estou, porém, inclinado a suppor que alguns serão

(7) Não se podem confundir esses desenhos com os buracos feitos em grandes pedras pelos Indios, para moerem o milho, o que também apparecem perto d'agua. Muitos dessa especie de pilões foram por mim achados ao pé do Pão de Assucar, sobre o Rio S. Francisco.

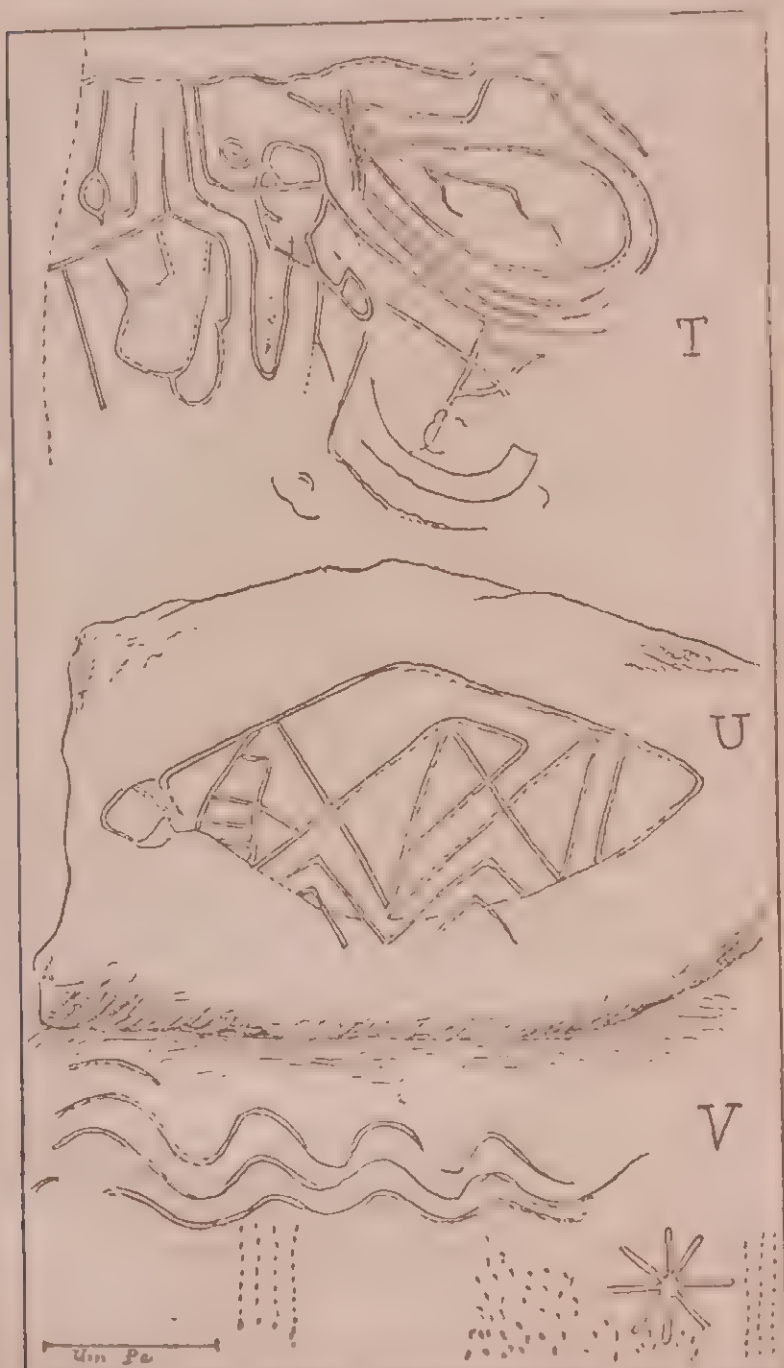
São abertos na superficie elevada de grandes fragmentos de rochedos, proximos do rio.

todos esses desenhos se referem ao supprimento d'agua, que é tão incerto nessa região de grandes secas, sendo inutil agora indagar para que servem, si para registro das estações si para dirigirem um voto ou supplica aos poderes distribuidores da chuva.

Para aquelle que visita essas paragens na estação do calor, que dura de Agosto a Janeiro, não ha explicação mais natural. Tudo fôr crestado, excepto os cactos e uma faixa muito estreita de terra que borda os leitos, ora secos, das correntes. Além dessas linhas de verdura, que gradualmente vai desaparecendo, viaja-se leguas e leguas sem que se veja vestigio algum d'agua; e quando, como não raro acontece, o verão continúa, torna-se extremo o soffrimento dos homens e animaes. O gado sustenta-se da polpa dos cactos, que crescem aquí em abundancia e aquelles que o apascentam dão-lhe de beber d'agua, tirada das cacinbas que cavam no leito arenoso dos rios, onde por essa forma pode ser ella encontrada. Si a secca se prolonga além desse termo, o gado é conduzido para o littoral, onde se pôde prover d'agua ou então deixam-no morrer de sede. (8)

Sem passar por taes circumstancias é difficil verificar a prova do que digo: porem, depois de ter andado a cavallo dias e dias por essa região, com um sol tropical a arder-lhe na cabeça, a atmosphera tao quente que parece querer queimar até os seres vivos, o calor da luzente e branca areia subindo a um firmamento sem nuvens, as catíngas ressequidas e silenciosas, sem nenhum signal de vida animal a não ser o insectilico sem de um ou outro grilo; em somma, depois de levar o dia inteiro sem beber uma gotta d'agua sequer, qual-quer comprehenderá a importancia que as raças selvagens, habitando semelhante paiz, deveriam ligar a uma corrente ou lagoa, onde podessem ter agoa durante os rigores da estação.

(8) As circumstancias, em que achei os restos de extinctos mamíferos nesta região, levaram-me a crer que a sua extirpação foi devida a longas secas, que se estenderam por grandes areas de terreno.



Post scriptum.

Seria muito para desejar que as inscrições e pinturas indianas dos rochedos do Brasil fossem cuidadosamente desenhadas ou photographadas, o mais breve possível; porque, expostas, como estão, aos elementos e não sendo objecto de um cuidado especial, cada anno, que se passe, as tornará menos distinctas e, si não forem preservadas por esse ou por qualquer outro meio, com ellas desaparecerá a ultima esperanza, que alimentamos, de conhecer a vida dos habitantes prehistoricos do Brasil.

O facto de nenhuma interpretação se haver dado a esses rudes glyphos deve ser um incentivo para sua compilação e estudo. E nem a presença occasional de figuras entre elles, as quaes foram evidentemente feitas desde o apparecimento dos missionarios Jesuitas, no sul da America, deve ser considerada uma prova infallivel de que todos são de data, comparativamente recente.

Na verdade ainda poderemos procurar a sua interpretação, reunindo os anneis dessa cadeia que prende a civilização de hoje á dos seculos sepultados agora nas trevas.

Devemos, porem, observar nessa mesma conexão dos tempos actuaes com os tempos idos, que a figura de uma cruz não quer dizer sempre e necessariamente que sua presença entre essas inscrições seja devida á influencia do Christianismo, porque sobre os vasos, descobertos em Marajó, e que incontestavelmente são prehistoricos, encontraram-se figuras de cruzes, mesmo de um typo bem trabalhado, aperfeiçoadas pelos antigos habitantes do Amazonas, por um natural processo de evolução, na ornamentação. Sei que S. M. o Imperador, o Senhor D. Pedro 2.^o, acreditou a principio, que essas inscrições eram obras de quilombolas, porem não duvido affirmar que ha muito tempo abandonou elle essa theoria a respeito de sua origem.

Em todo o caso cumpre que o Instituto Historico do Rio de Janeiro e o Archeologico Alagoano empreguem esforços especiaes para obter e conservar registradas todas as inscrições e pinturas existentes nos rochedos do Imperio e talvez possamos, com razão, esperar que a sua interpretação, na phraze de Burton, esclareça muitos pontos obscuros dos tempos pre-

historicos do Brasil». Para esse fim apresentarei aqui, em additamento ás que já mencionei, uma lista dos lugares do Brasil, em que se acham taes inscripções.

Abundam especialmente ao longo do baixo S. Francisco e Burton (9) refere ter ouvido fallar na existencia dellas nas seguintes localidades: Leó da Ypocira, Sítio da Itacatiara, Pé da Serra, Salgado, duas leguas de Curral dos Bois, Fazenda do Brejo, sete leguas do Porto das Piranhas, Olho d'Agua do Casado, perto de Piranhas e uma legua do Rio, e ainda no Ipanema, cerca de duas leguas do lugar, onde elle entra no Rio de S. Francisco.

Koster (10) ouviu fallar de um grande numero de inscripções na Provincia da Parahyba e Castelnuovo achou algumas sobre o Rio Araguaia. No alto Paraguay a Serra do Letreiro, acima da junção do Rio S. Lourenço, deve seu nome a algumas inscripções que ha sobre rochedos perto de sua base. Essas inscripções são conhecidas pelo *Letreiro da Galyba* (11). Os glyphos, ou parte delles, pelo menos, foram representados pelo Dr. Severiano da Fonseca (12).

Este escriptor refere tambem inscripções identicas em Curumatá, Provincia do Piahy e outras no Morro de Cantagallo, sobre o alto Tapajoz.

Na região do Amazonas diz-se existirem inscripções nos rochedos, em Alcobaça e Jequerapuá sobre o baixo Tocantins, na extremidade occidental da Serra do Ereré perto de Monte Alegre, na Serra da Escama perto de Obydos, (13) sobre o

(9) Terras altas do Brasil vol. I pag. 423—431.

(10) Viagens ao Brasil. segunda edição, Vol. II pag. 97.

(11) Vide tambem o Boletim da Sociedade de Geographia 1ª Serie, T. I N. 4.

(12) Viagem ao redor do Brasil, Vol. I, pag. 327. 17 copia que o desenho da inscripção, como quasi todas as illustrações, dessa obra, por outros titulos interessante, se tenha tornado quasi sem importancia pela má gravura.

(13) Professor Carlos Frederico Hartt, no *American Naturalist* Maio de 1871.

Rio Uaupés (14) e na Cachoeira do Ribeirão no Rio Madeira. (15)

Juntamente com estas devem-se igualmente mencionar as inscrições do Rio Oyapok e da Guyana, e as do Orinoco, referidas por Humboldt. (16)

Scranton, P. Nov. 1884.



(14) O Amazonas e o Rio Negro, por Alfredo R. Wallace.

(15) Os rios Amazonas e Madeira, por Franz Koller-Lenzinger.

(16) Viagem ás Regiões Equinoxiais do novo Continente.

DISCURSO

Pronunciado na sessão funebre commemorativa do
passamento do socio benemerito major José Do-
mingues Codeceira, pelo orador official Dr. Se-
bastião de Vasconcellos Galvão, em 2 de Março
de 1904.

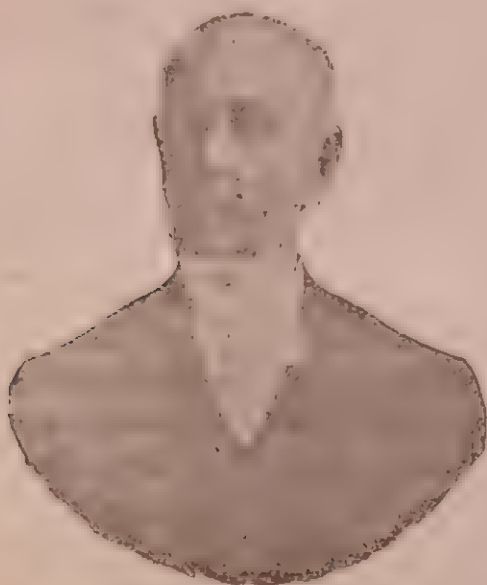
— 325 —

Esta tribuna occupada sempre com inextinguivel brillan-
tismo e grande triumpho, por vultos della dignos, hoje, por
uma inversão completa, tem neste lugar de honra, uma indi-
vidualidade obscura na arena dos labores oratorios.

E' grande gloria para mim fallar das alturas desta ca-
deira; mas sinto o embaraço de não me não assonar aqui para
fazer minha voz encher o ambito duma sala affeita a outros
echos.

Ha provas de confiança que obrigam esforços extremos.
Tal foi a que me conceder o Instituto hoje, na incumbencia
de fazer o elogio fúnebre daquelle que amadureceu, já no fim
de sua orbita, no occidente da vida, enchendo de luz e serviços
a esphera da historia pernambucana: — o inclito major José
Domingues Codeceira.

Neste instante, em nome do Instituto venho espargir sau-



Major José Domingues Codeceira

dades sobre a lousa do que foi destacado pelo anjo da morte para, subindo ao tribunal dos posteros, comparecer á barra da Eternidade.

Honremos com o tributo de nossa recordação nosso digno consocio finado.

Brilha nesse empenho, nobre e generoso dever. Sim, honremos á memoria desse extremo amigo do Instituto, ao qual prestou muitos e assignalados serviços, dedicando-se perseverante e assiduo ao progresso da associação, que extremosamente idolatrava. Era por isso, sobretudo, que nós nos afanavamos de contal-o entre os mais preclaros consocios.

Aquelle velho venerando, figura magestática; cabeça coroada de neve, como ainda podeis estadal-o no retrato que acolá vêdes, desde sua entrada neste gremio, começou a identificar-se tanto com elle que chegava quasi a ser uma viva encarnação da propria sociedade, porque ninguém jámais se lhe approxinou dos extremos de dedicação que votou, da idolatria

que elle tinha guardando o sacrario das reliquias da patria. E todos os seus dias aqui passados foram de estudos continuos, de descobertas archeologicas, de verificações historicas á luz dos documentos. E por isso, com prodigiosa memoria elle era um verdadeiro archivo historico e um thesouro de apreciaveis riquezas, alem de ser o tambem o registro claro de todos os factos da *relação pratica*, da genealogia pernambucana, o livro da chronica local de muito mais de meio seculo.

Razao lucida, espirito feliz, investigador, homem de criterio e bom senso, e coraço de patriota, com esses requisitos grandes se entregava afanosamente ao benedictino estudo de historia patria. E elle sentia a alma elevar-se na admiração dos grandes heróes, na recordação de seus memoraveis feitos.

Era um fanatico das glorias de sua terra e não perdia occasião de doutrinar sobre o assumpto a quantos desejavam ouvi-lo.

O nobre civismo das eras cavalleirosas em que a fê era grande como a gloria, formava o relevo do reverenciado character daquelle octagenario cuja vida se apagou ha 58 dias.

Cahio velha, é certo, aos 84 annos que no dia de hoje completava, aquella arvore preciosa, mas rica de seiva!

E realmente, elle era um velho excepcional, desses que olhamos, que estimamos, que ardentemente desejamos conservar como uma reliquia ou tradição, como legitimo representante de uma geração de que poucos restam, e para a gloriosa phalange das grandes virtudes civicas, em tempo de approvação de rigidez e de grandeza patriótica: — desses velhos que quanto mais antigos arrastando os passos, e a dobrar-se extenuados ao pezo da existencia, mais monumentaes se ostentam pelas recordações do passado que em si resumem!

E' um desejo sagrado o de inventariar a vida dos tinados benemeritos e nesse desejo se expande o zelo e gratidão da patria.

Este instante não é de sombra: por breve tempo penetremos no campo da vida em busca de luz. Os obreiros de hoje que prosigam a jornada de amanhã... Cumpramos, — operarios do presente — para com os companheiros de hontem o que nossos irmãos de amanhã farão por nos.

O major José Domingues Codeceira teve como berço a cidade, então villa, do Recife, nascendo a 8 de Março de 1820, na casa n. 70 da actual rua Francisco Jacintho, mas conhecida por S. Francisco, e naquella epocha chamada — *Mundo Novo*.

Era filho legitimo do negociante portuguez Custodio Domingues Codeceira e de sua esposa D. Francisca Joaquim dos Anjos, pernambucana.

Em 1830, e quando apenas contava dez annos e ainda não havia terminado o estudo das primeiras letras, deixa a terra de seu nascimento seguindo para o Rio Grande do Norte, em companhia de seu pai, que para alli mudara a residencia, visto que nessa epocha em Pernambuco os animos se achavam muito exaltados contra os portuguezes.

Na cidade do Natal completa o estudo primario e inicia o de latim com um proyccto professor, Almeida Castro, irmão do celebre patriota de 1817, o padre Miguelinho. Não foi longe, porém, em seus estudos porque seu pai ao vel-o desenvolver-se resolveu dar-lhe carreira no commercio, ficando unicamente destinado ás letras seu irmão mais velho, — Manoel Domingues Codeceira — que formou-se depois em direito em 1841.

Até 1845 permaneceu no Rio Grande do Norte voltando para Pernambuco onde ficou, estabelecendo-se á rua do Queimado. Aqui sente irresistivel attracção, pela vida da família, — já era tempo —, e casando-se prendeu seu destino ao de distincta senhora que lhe enfeitara o coração, D. Anna Joaquina Codeceira.

Não permanece entretanto, muito tempo na vida commercial, porque dous roubos que soffrera, em curto intervallo, fizeram-no desgostar e deste modo liquidou o negocio.

Passa então a viver do que liquidou no commercio, e das rendas dos bens trazidos ao casul por sua esposa.

Por esse tempo faz-se politico, é nomeado capitão da Guarda Nacional, e entrelaça amistosas relações com o Desembargador Nunes Machado, Urbano Sabino, Felix Peixoto de Britto e outros vultos, que depois, salientemente figuram na *Rebelião Praieira*.

Quando explodiu aquelle movimento não o acompanhou Codeceira, e, antes se pronunciando contra o mesmo, considerava-o erroneo e ambicioso : pois outro objectivo não tinha além do facto de um partido arreariado do poder não se querer submeter, dando-se assim uma inutil hecatombe.

Lamentou em meio de tudo ser sacrificado Nunes Machado, grande alma e generoso coração.

E cheio de desillusões pelos homens partidarios que em seu entender todos eram iguaes terminou sua carreira politica abandonando-a de vez.

Em 1850 era commandante superior da Guarda Nacional o Barão da B'ia Vista, posteriormente Conde, e porque este com a nomeação de José Ignacio Pereira Rocha, para official da mesma guarda mandasse dar-lhe posse contra disposições expressas do respectivo regimento, o capitão Codeceira resistiu a ordem tendo dahi, por isso, de abrir seria lucta com seu commandante e chegando a escrever nesse sentido uma serie de artigos, em que não se submettia, mas antes demonstrava cabal conhecimento do assumpto e procurava provar estar a razão de seu lado.

Chega 1859, e o Imperador Pedro II, em viagem ás provincias do norte, aporta a Pernambuco. A agradavel impressão que lhe causou a disciplina e boa ordem da guarda nacional faz com que o monarcha pegue ao commandante superior uma lista de todos os officiaes para o fim de condecoral-os : O barão fornece a lista pedida não incluindo nella, porem, os officiaes do 1º batalhão de artilharia, porque d'elle fazia parte o capitão Codeceira, afim de que não lhe coubesse condecoração alguma. Deste modo quiz o fidalgo punir ao capitão *insolente*, que, se não nos enganamos, voltou á imprensa para lembrar que por sua causa tinham sido prejudicados diversos compa-
nheiros do seu batalhão.

Essas ultimas circumstancias estão mencionadas como nol-as contara aquelle de quem nos occupamos aqui.

Durante a guerra com o Paraguay, aquartellando a Guarda Nacional, offereceu todo o soldo a que tinha direito em favor das despesas dessa guerra.

Foi por essa epocha que lhe concederam a patente de major.

Assim como em seu batalhão elle se fizera tão versado em assumptos da Guarda Nacional se tornando por isso um centro consultor, da mesma maneira, sempre em intima convivencia com o illustrado advogado Dr. Antonio Epaminondas de Mello de quem alem de tudo seu irmão Dr. Manoel Codeceira era companheiro de escriptorio, com o Dr. Antonio Joaquim de Moraes e Silva que octagenario tambem lhe sobrevive ainda com o Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa, e com outros distinctos advogados desse tempo, tornou-se o major Codeceira profundamente conhecedor dos diversos direitos e da materia processual.

Deste modo, com superior vantagem e sob a assignatura de bachareis recém-formados, dedicou-se a advocacia, tomando conta de causas importantes, na provincia e fóra, e alcançando triumpho nas mesmas.

Contudo isso, até então, de historia patria quasi nada sabia, a não ser ligeiras referencias aos factos mais salientes de nossas glorias. Um dia, porém, no trem da via-ferrea de Caxangá, encontra-se com o legendario monsenhor Francisco Muniz Tavares, primeiro presidente que teve esta Associação, um dos martyres da liberdade, em 1817, deputado da primeira constituinte e autor da excellente obra *Historia da Revolução de 1817*. Conversaram ambos e depressa o objecto da conversa incidiu sobre um facto da historia de Pernambuco.

Tão criteriosas, justas e bem entendidas pareceram ao Monsenhor as apreciações e conceitos externados pelo seu companheiro de prosa, que quando se separaram, entre os dous, as melhores relações estavam firmadas.

Dias depois Muniz Tavares, julgando o major Codeceira digno de pertencer ao Instituto Archeologico conseguia approval-o socio na sessão de 19 de Setembro de 1871.

Fazer parte de uma associação de elevados fins, como o Instituto, sem ter os requisitos necessarios para comprehendellos, viver em meios de homens de letras que tenham um alvo certo, sem procurar acompanhá-los ou justificar porque ali se achava; fazer figura secundaria, nulla e sem importancia... elle em parte alguma faria, porque o estimulo que lhe era natural, seus brios, seu amor proprio, e mesmo suas poderosas faculdades não permittiam.

Decidioso-se, pois, estudar, quanto fosse possível, a historia de sua terra.

Estava então aos 51 annos, numa idade já de grandes emburços para muitos. Mas elle nem sequer pensou nisso. A vontade potente de seu espirito bradava-lhe: —quero... e nada mais era preciso...— como realmente não foi.

Incompleta e mal dirigida tinha sido sua educação intellectual, mas em seu auxilio vinha uma intelligencia de grandes recursos, de percepções facéis e claras, de juízos seguros, de razão fortemente inductiva e deductiva, e por fim uma memoria extraordinaria, tenaz, prompta e fiel. Assim nenhum embargo encontrava no objectivo, e pouco era estar a meio seculo de existencia.

E começou. Todos os livros, memorias e documentos que o Instituto tinha, elle viu, estudou, analysou, comparou, verificou...

Por elles outras fontes lhe foram indicadas. Foi em busca das mesmas e avarento ia recolhendo muito.... mas muito.

Com satisfação o Monsenhor via ter sido proveitosa aquella escolha e o nomeia relator da commissão que devia apresentar uma memoria sobre o pharol da barra, trabalho exclusivamente seu e em que os outros dous membros são simples signatarios. Foi esse seu primeiro trabalho escripto, que encontra-se publicado em o n. 29 da *Revista do Instituto*.

Pensa então em estudar toda a historia do periodo hollandez particularizando-a aos sitios e regiões em que cada acontecimento se deu.

Que difficuldade! Como advinhar lugares cujos nomes a tradição não sabe?

Para elle não era caso de esmorecimentos.

Vai aos cartorios e pelos autos mais remotos, seguindo dia a dia todas as transformações, todos os augmentos e desmembramentos de propriedades, chega a evidencia do que precisava saber e fica conhecendo a razão da perda de nomes aqui e alli, e o motivo da substituição por outros. Nos vestígios do sólo, nas posições comparadas dum rio, dum monte, duma ladeira, de uma collina, de um barranco, na deste facto com

aquelle outro, reconstrue, com nitidez admiravel, todo o theatro das luctas holandezas.

Acerea de taes estudos, em 1874 o engenheiro Emilio Berenger fez do municipio do Recife uma carta em que sobre a contemporanea calcou outra daquellas epochas, declarando ter sido guiado pelas indicações do major Codeceira que elle asseverava verdadeiras porque concordavam com as suas observações.

De facto Fernandes Gama em suas *Memorias Historicas* indicou errado o engenho de Ambrosio Machado, o Arrayal Velho e o Arrayal Novo do Bom Jesus e outros muitos pontos historicos, e o major Codeceira, com seus estudos vem corrigir muitos desses enganos, vem nos dizer com clareza tal facto deu-se aqui, qual deu-se acolá.

Para melhor affirmar vos que o major José Domingues Codeceira era o mais proecto de todos que estudaram o periodo hollandez, basta um facto.

Ao notavel professor de historia do Instituto Nacional (outr'ora Collegio Pedro II) João Capistrano de Abreu, alguem perguntando quando se preparava para concurso de sua cadeira, por onde estudava a historia da guerra hollandeza, elle respondeu :

Meu livro é o Codeceira, que é o compendio mais completo dessa historia.

Aquelle major achava-se então no Rio de Janeiro.

Foi elle quem com precisão incontestavel assignalou que o *forte real do Bom Jesus* era situado onde presentemente se vê hoje a estação de Mangabeira de Cima ; que o morro *Bagnuolo* é o mesmo que fica junto as officinas da Estrada de Ferro do Limoeiro ; que o lugar *Cordeiro* foi o engenho de *Ambrosio Machado* e que a *Torre* foi o de *Marcos André*.

Pouco tempo antes de morrer escreveu tambem ligeiro trabalho sobre Antonio Felippe Camarão, publicado no *Correio do Recife*.

E agora, Senhores, que estou prestes a terminar minha dolorosa tarefa, vou dar-vos a ultima phase da vida do venerando major José Domingues Codeceira : quero referir-me a sua retirada do Instituto, em 1900.

Em uma das sessões daquelle anno um socio do Instituto levantou a idéa de ser erigida uma estatua ao Conde da Boa Vista.

Presente o major Codeccira disse-se manifestava contra a lembrança por dous motivos, para elle equitativos :

1.^o o Instituto, desde muito tempo, se compromet era erguer um monumento commemorativo dos feitos dos heróis da liberdade, nas diversas revoluções pernambucanas, não o tendo realisado ainda por falta de meios ;

2.^o tinha sido o Conde um quasi contemporaneo, e chefe politico de uma época em que os partidos foram muito calurosos e exaltados, e embora tivesse reaes merecimentos pelos serviços materiaes que prestara a Pernambuco, pensava contudo que era cedo para o julgamento imparcial, porque na actual geração ainda restavam-lhe amigos e havia outros que não o foram. Deste modo os amigos seriam benevolos e não lhe achariam defeitos, e os inimigos seriam injustos achando-lhe falhas, porque tudo isso era uma resultante da paixão humana. Com elle, por exemplo, se daria uma das hypotheses visto que contra o Conde escrevera bastante na imprensa.

O Instituto nada resolvendo pela opinião do illustre consocio, elle declarou não mais voltar ao seu gremio, mandando-lhe um manifesto que foi publicado, e agora se encontra na *Revista* n. 59, do corrente anno.

Era socio benemerito deste Instituto, desde 8 de Março de 1894, em virtude de seus relevantes serviços prestados ; e na sessão de 27 de Janeiro de 1900 foi seu retrato aqui collocado na galeria dos socios distinctos.

Além de socio correspondente do Instituto Historico Brasileiro tinha igual consideração dos institutos do Ceará, de Alagoas e Rio Grande do Norte.

Senhores, eu não terminarei sem dizer-vos que na existencia daquelle luctador que dorme, formavam admiravel e sublime trilogia essas tres palavras :

Honra, Patria e Deus !

A honra é tão pesada que ha muitos hombros que não a supportam, mas ninguém confessou jámais de ter sido derribado pelo seu peso.

Em uma existencia tão longa e cheia de multiplas transições, todas as folhas do livro de sua vida eram alvas: — pois, fôra sempre elle um homem de bem.

Patria! Essa palavra magica é o enlevo contemplativo das glorias historicas do passado, e a concentração intima dos esforços da intelligencia e do trabalho nas lides porfiosas do presente; é o compromisso eterno que enlaça as gerações, empenhando-nos a deixar mais glorioso o cofre das riquezas dos vindouros.

Nas tristezas do destino só camp'a, como rainha, a saudade pungente da patria.

As gloriosas tradições dos nossos avós são livros trincados nas mãos do povo, porque todos nos fallam do santo amor da patria.

E porventura é possível negar que ninguém o excedeu no amor illimitado, cheio de acrisolamento, que devotava á terra de seu berço? !...

Deus! Essa idéa sublime é a poderosa alavanca da sociedade e do mundo.

Quando a miseria gera a dor e a dor o desconforto, é Deus que vem fallar-nos de resignação.

Deus é mais que a esperanza; a esperanza alenta na duvida, Deus fortifica com a realidade.

O major José Domingues Codeceira era tambem um espirito grandemente religioso, cheio de muita crença em Deus.

Quando o mal de que succumbio, em Dezembro preterito o lançou no leito donde não mais se ergueu, elle sciente de seu proximo fim, não temia a morte, mas antes a esperava com a serenidade das almas christãs !...

Chega finalmente o torvo dia 10 de Janeiro do corrente anno, e pelas 2 horas da madrugada, cercado de toda a sua familia entregou o espirito ao Creador.

Perante crecido numero de admiradores, ás 5 horas da tarde daquelle dia, foi dado o seu cadaver á sepultura no cemiterio publico, fallando-lhe á eterna despedida, em sentido dis-

curso, onde lhe enaltecia os meritos, o Dr. Antonio Gomes Pereira Junior, lente cathedratico da Faculdade de Direito.

O Instituto, em signal de pezar, durante 8 dias seguidos, no edificio de sua sede, conservou hastada a meio pao, a bandeira nacional.

Perdeu Pernambuco no major Codoeira um denodado campeão, um de seus estremos patriotas.

Deseanço ! Dorne, alma corajosa e intemerata á sombra de teus louros !





BIBLIOGRAPHIA

191

- 1 — **P. Lee Phillips.** — **BRAZILIAN BIBLIOGRAPHY.** — A list of books, magazine articles, and maps relating to Brazil, 1800-1900. — *Washington, Government Printing Office, 1901.* in-8; 145 pp.

Um dos livros cuja falta mais lamentam entre nós os estudiosos é de certo uma boa bibliographia systematica, onde se encontrassem inventariadas todas as publicações de que, nos varios ramos dos conhecimentos humanos, tem sido objecto o Brasil.

Do prestimo de semelhante resenha, feita com erudição e methodo, sabem aquilatar quantos, a braços com a investigação dum assumpto especial, são compelidos ao fatigante e sempre incondito labor de respigar indicações de materiaes num sem numero de catalogos e obras diversas.

Possuimos, e certo, alguns trabalhos parecidos, qual a — mais afamada do que util — *Bibliographia Brasiliensis* de A. L. GARRAUX (1818), mas, são livros cuja consulta, devido á estreiteza dos moldes a que obedecem, é em geral de proveito medíocre.

Quando muito attenuam em parte, porém jamais supprimem a ausência duma bibliographia geral; e são dignas de estima as que para tanto servem.

Que muitas vezes mesmo esta utilidade secundaria lhes pode faltar, nos demonstra a compilação recentemente dada á luz pelo Sr. P. LEE PHILLIPS, chefe da secção cartographica da Bibliotheca do Congresso em Washington.

Enganado pelas indicações do titulo, o leitor presume ter entre mãos uma lista copiosa de livros, artigos de revistas e mappaes relativos ao Brasil e publicados de 1800-1900, um ligeiro exame não tarda em convencer-o do contrario.

A mingua-rem-lhe extraordinariamente o possível prestimo pululam erros e defeitos imperdoaveis.

Não só é deficientissima — pois abrange no maximo um decimo da litteratura geral sobre o Brasil apparecida no seculo XIX (quanto ás publicações em lingua portugueza surgidas no mesmo periodo, nem a centesima parte foi contemplada) — como está inçada de incorrecções de toda a ordem e revela inteíra falta de methodo na sua organização.

Assim, não ha coherencia alguma na indicação dos formats, são frequentes as repetições das mesmas obras, não rara é a inclusão de livros completamente estranhos ás cousas brasileiras — por exemplo, AVECILLA. — *La Conquista del Peru; Contestación de los gefes del ejército unido de los Andes y Chile al manifiesto del ex-mayor D. Miguel Brayer*; PALEMON HILGEO. — *Questions politiques y económicas*; CHARLES W. GREENE. — *Andes*; S. GOTTFRIED KERSI. — *Die Plata-Straten, etc etc.*, a miudo se depara com designações erradas de nomes de autores — *Le Climat du Brasil*, de MORSE, é attribuido a L. CREUS; e com a confusão de homonymos — *Voyage up the river Amazon* (1847), e o relatorio consular *Germany's trade with Brazil* (1892), são dados como da lavra dum mesmo WILLIAM H. EDWARDS, outrosim os titulos de todas as obras allemães se acham erroneamente graphadas, com flagrantissimo desprezo do comensinho preceito grammatical que ensina a escrever, naquello idioma, os substantivos com inicial maiuscula.

E' igualmente muito para notar que, se dividindo a lista em tres secções especiaes — I *Libros*, II *Artigos*, e III *Mappaes* — na primeira occorra grande copia de especies cujo lugar era na segunda, aliás a mais corabelia de todas no que diz respeito a revistas e periodicos nortea-americanos e inglezes, apesar de bastante ommissa quanto aos de outras linguas.

O mesmo succede com a parte cartographica, em que foi observada a ordem chronologica, em vez da onomastica, dos autores segundum nas anteriores.

Certo, a propria natureza de semelhantes trabalhos exclue a possibilidade de fazel-os completos e exhaustivos, mas, indepen-

dentemente deste « vício de origem » si lhes faliassem as qualidades indispensáveis de methodo, precisão e esmero, pouco se avariavam nos catalogos de livros mais elaborados, com intuitos puramente mercantis. Inevitavelmente sentimos ter aqui conselho e dever de dizê-lo — a lista do Sr. P. LEE PHILLIPS está nestas condições.

2. **Oscar Canstatt.** — KRITISCHES REPERTORIUM DER DEUTSCH-BRASILIANISCHEN LITTERATUR. — *Berlin, Dietrich Reimer (Ernest Vohsen), 1902, 8°, 124 pp.*

Character muito diverso do catalogo que vimos de apreciar, o merito e importancia incomparavelmente superiores sob qualquer aspecto tem o *Repertorio Critico da Litteratura Thulo-Brasileira* organizado, com invejavel erudição e methodo, pelo Sr. OSCAR CANSTATT, um estrangeiro credor da nossa maxima gratidão pelos relevantissimos serviços que em prol duma noção verdadeira do nosso paiz e das nessas causas tem prestado, numa propaganda intelligente e efficaz, por mais de quarenta annos.

Um dos seus primeiros livros — *Brasilien Land und Leute* — Berlin, 1877, vulgarizou na Allemannia, como nenhuma publicação anterior, as condições reais do nosso desenvolvimento cultural e contribuiu poderosamente para desfazer a acreditada legenda, que o poeta Eichendorff, ainda em 1848, decantava nestes versos duma deliciosa ironia:

Nach Brasilien, nach Brasilien,
Reissen jetzt mich die Gefuehligen,
Wo der Kaefer leuchtend huepft,
Wo sich baemt der Krokodile,
Wo verwegen der Mandrile
Durch die seltnen Pflanzen schluepft,
Dahin, Alter, lass mich ziehn !

No presente volume o seu proposito — que logrou realisar brillantemente — foi ministrar ao explorador, ao viajante, ao politico e ao escriptor allemão, interessados em assumptos brasileiros, um epitome substancial e fidedigno do que de melhor se tem publicado a respeito na lingua de GÖTTLIEB e de SCHILLER, e, ao contrario das aridas nomenclaturas que se nos deparam geralmente em obras similares, fez um excellente trabalho analytico, abundantissimo em curiosas informaes e bio-bibliographicas inéditas, judiciosas apreciações criticas e noticias interessantissimas sobre escriptores e livros.

Attenta a proligiosa quantidade de especies existentes não deve surpreender ter-se por vezes incorrido em ommissões e enganos, que peo venha para irripotando, merce dos tantos elementos que tenho colligido para a elaboração de identica publicação.

O capítulo inicial, abrangendo todo o vasto período trisecular de 1500 a 1800, é talvez o mais deficiente do livro, sem dúvida em consequência de não ter o Autor consultado principalmente a *Bibliotheca Americana Velustissima* de HARRISS na *Bibliotheca Amer.* e a de TROFMEL, dois monumentos bibliographicos de permanente valia. Naquelle teria verificado que a primeira publicação allennã sobre o Brasil não foi, segundo allenn, a *Copa der Nuewa Zepherus oder Brasilly Landt*, presumivelmente de 1520, existente na Bibliotheca de Dresden e descripta por A. VON H. MELOLD em 1896, mas sim a traducção da celebre carta de AMÉLIO VESPUTICIAN por ella, com o título de *Von der newen gefundenen Reginen*, em N.º 10 do vol. 15, em 1505, e da qual no mesmo anno surtiu mais seis edições em diferentes cidades da Allennania, da *Copa* citada ha ainda outra impressão de Augsburg em 1520.

No catalogo de TROFMEL o Sr. Constatt teria encontrado noticia das seguintes obras antigas que deixou de mencionar: a traducção, feita pelo medico JORST RICHAMER da curiosa collecção de viagens compilada pelo veneziano ALESSANDRO ZORZI, e editada, em Nuremberg, por Georg Stuck em 1508, com o título de *Neu entdeckte landt*—na qual vem a narração das viagens de Cabral e Pinzon; a traducção de MICHAEL HARR da collecção de SIMON GRAYAS, impressa em Strassburgo, por GEOR. FRIEDRICH VON ANSTATT em 1513, nas afamadas collecções de SIGISMUND FRIEDLAPEN, publicadas em Frankfort sobre o Meno, em 1567; e de CONRAD LOEW, *Getuecht zu Coella, auß der Burgawren, Fey Bertram Buchholtz, Im Jahr 1488*; a *Neue Welt Vnd Americanische Historien* de JOHANN LUDWIG GOTTFRIEDT, apparecida, em 1631, em Frankfort sobre o Meno, a apreciada traducção da obra de ARNOLD MONTIANNUS, dada á luz por O. DAPPER, em Amsterdam, com o título de *De Oudeste Nieu Welt*, em 1673, e o desualico — *Thesaurus Geographicus*— de H. G. HAPPEL, impresso em Frankfort sobre o Meno no anno de 1688.

Occupando-se da *Brossilianische— und West Indianische Reise Beschreibung*, de AMBROSIIUS RICHSHOTTER, o Autor presume seja differente do *Diario d' un soldo da Companhia das Indias Occidentais*—por mim traduzido para o portuguez, em 1897, agradecendo ao Sr. CONSTATT a honrosa referencia ao meu modesto trabalho, deuo ponderar que a distincção estabelecida é incorrecta, por quanto se trata de um e mesmo livro: na traducção julguí deaver alterar o título de accordo com a indole do original impresso em Strassburgo, por JOSTAS STALDEN em 1677, a indole do formato *in-quarto grande*—dada pelo Autor discorda da quadrosidade do papel de TROFMEL (18-8) que corresponde ao exemplar em meu poder, o qual—muito curto de margens—tem apenas 6m,10 cm, de dimensões.

Esta confusão talvez seja explicavel considerando-se que BERNARDUS BRASCO, na estimada bibliographia *Portugaleses Estor-givos*—Vol. II, par. 428, cita uma outra descripção de via com muito semelhante a julgar pelo título *Be-reich der Reise nach Teutschem soldaten in America, wie es im Jahr 1498, die Liebe und Lebens-Gefahr allda austehen müssen*. Nahrungens La-

reicht Sinesen aus Salschen. Gedruckt im Jahr 1677. (in-4 gr.) —; a notícia do escriptor portuguez é extractada dum catalogo do livreiro parisiense CHASSONIERA, que considerava a obra rarissima, razão pela qual ainda não me foi possível averiguar se é realmente um trabalho original ou apenas uma contrafacção do de RICHSHOFFER. (1)

A este genero de narrativas pertence ainda — o não foi mencionada pelo Sr. CANNIATTA — *Guineische und West-Indische Reise Beschreibung 1644 in von Amsterdam nach St. Joes de Mina und der Bra. Steu in America* (Nurnberg, 1663) de MICHAEL HEMMERSEN, reimpressa por CHRISTOPH LUDWIG DIERHOFER, no *Guineischer und Americanischer Blumen-Pusch* (Nurnberg, 1669) de ERASMUS FRANK, etc.; e traduzida para o soco por JOH. KANKEL, Wismarsburg, 1674; á vista das numerosas edições que teve o curioso livrinho *De Placinae et d. d. k. Welt* Amsterdam, 1649 cujo autor, JOH. JOOSTEN TOLK, residio no Brasil durante os sete annos de governo do Maurici de Nassau, me parece assaz provavel tambem exista traduzido para o allemão.

Antes de passar adiante devo assignalar que VARNHAGEN assegura existir uma segunda edição, de 1684, da traducção allemã da obra de BARTHELEUS impressa primeiramente em Cléve, por THOMAS SIEBERING, em 1659 (e não 1652), com o título de *Brasilianische Geschichte von Achtjühr her in d. Högen Landen pfuehrter Regierung Seiner Fuerstlichen Gnaden Herrn Johann Moritz, Fuerstens zu Nassau, facto de que se não encontra menção alhures.*

Entre os poucos livros allemães relativos ao Brasil e publicados no decurso do seculo XVII toram esquecidos no *Kritisches Repertorium* as *Reise Beschreibung* de STOKLIN (Augsburg, 1726), *Americas Vesper* de LEBER und nachgelassene Briefe, traduzido do italiano de ANGELO MARIA BANDINI (Hamburgo, 1748); a *Reise nach der Sued-See, und denen Cuesten von Chili, Peru und Brasilien* de

41. Depois de compostas as linhas acima tive conhecimento dos resultados das pesquisas feitas na Europa, a meu pedido, pelos Srs. Gustav W. Seitz, Nalif, pelos timosos livreiros de Hamburgo, sobre a existencia deste livro rarissimo. Pareco que o unico exemplar conhecido e conservado no Museu Britannico e que figura no respectivo *Catalogue of Printed Books* (Parizulo *Supers* *Si pag. Master*, London, 1896, colum. 178) sob o n. 10480 aa 7; a descripção comendando a recente edição de CHASSONIERA, segundamente traduzida para o soco por Sr. G. K. Fortsqis, Clie da Departmento de Lurope, e da p. da Bibliotheca, se trata do obra completamente distincta da de RICHSHOFFER, e emquanto este veio ao Brasil, com pelo menos sete paginas para a Europa em 1677, LEBER e STOKLIN publicaram a obra, que quasi toda a compoção foi em 1633 e 1633. E, portanto, para obter mais copia a manuscrita deste livro, certamente muito curioso e que até hoje pesson ignorado de todos os nossos historiadores,

ERN. FREZIER, (Hamburgo, 1740): as *Briefe über Portugal und die in Anbänglicher Brasilien*, de MATTHIAS CARST SPRENGEL (Leipzig, 1782); as *Reisen einiger Missionare der Gesellschaft Jesu in Amerik*, compiladas por CHRISTOPH GÖTTLIEB VON MÜLLER (Nuremberg, 1785) em que appareceram pela primeira vez os commentarios do Padre ANSELMO ECKART sobre a *Beschreibung des portugiesischen Amerika* de PEDRO CADENA o *maio Cadena* editada por LUSSEN, em Braunschweig, em 1780, e finalmente *Des Herrn Johann von Lery Reise in Brasilien* (Munster, 1794).

No capítulo segundo, consagrado ao periodo decorrido de 1800 á retirada de D. João VI, a mais minuciosa pesquisa em a critica mais exigente não encontram sem motivos para calores os applausos ao utilissimo trabalho do Sr. CANSIUS, começa a tornar-se verdadeiramente exhaustivo e completo, presilindo aos seus juizes um criterio do melhor quilate.

Por aquella epoca especialmente assignalada pelas grandes expedições scientificas do Principe de WIED-NIEDERSTEIN e MATTHIAS, de PORH, LANGSDORF e outros, cujos resultados litterarios o benemerito Autor do *Kaisers Reportage* citra em breves parvas dambitura sobremaneira captivante, resumindo com clareza e precisão o itinerario das citadas viagens, ministra dados valiosos sobre a vida dos respectivos autores e discute com inteira competencia o merito das suas obras. Na sua opinião — alias geralmente partilhada por quantos tem cogitado da materia — VON MARTIUS é o scientista estrangeiro a quem o Brasil deve os mais importantes e valiosos serviços, a sua monumental *Fora Brasilensis* bastaria por si só para impor o seu nome á gratidão nacional.

Folguei muito em encontrar tambem contempladas ali as pittorescas viagens do circumspecto e veridico H. KOSTER a Pernambuco de que o publico allemão teve conhecimento pela elegantissima versão apparecida na *Neuen Bibliothek der wichtigsten Reisebeschreibungen* do DR. J. BERTUCH (Weimar, 1817).

A phase immediata — em que reuno os annos decorridos da Independencia á Maioridade (Caps. III e IV) — ao par do publicações do subilto valor scientifico, que as de ALEXANDRE VON HUMBOLDT e ALOIS D'ORBIGNY, viu sahír á luz numerosos specimens dum genero litterario muito pouco estimavel e peculiar aquelle tempo.

Ninguém ignora que um dos motivos principaes da impopularidade do primeiro imperador, nasceu da guarda pretoriana de mercenarios estrangeiros com que pretendem firmar o prestigio do seu throno vacillante, poucos, porém, sabem que varios officiaes daquellas tropas adventicias, de regresso á patria, escreveram e publicaram narrativas das suas tribulações na terra begenaria do ouro e dos diamantes cujo fulgor os attrahira com a mesma cupidez febril dos cousas los companheiros de Cortez e de Pizarro.

Estes livros, hoje bastante raros e raramente lidos, encerram, entretanto, valiosas contribuições para o estudo do periodo inicial da nossa vida historica como nação independente e autonoma.

São quasi todos libellos virulentos, alecintinas rancorosas, traduzindo, em linguagem assaz grosseira e mal limada, despeitos odientos

e desilhões amargas, descrevendo trágicas experiências ou resumindo recriminações sem numero contra a gente as cousas do Brasil. **Ha em todos elles a mesma nota falsa de vingança impotente.**

Os seus antepassados, verdadeiros moirados da existencia nas plagas nataes, vieram quasi todos seduzidos pelas promessas mirificas do recrutador mor, o MAJOR VON SCHAEFFER, e fascinados pela flava miragem de rapida e facil fortuna no imperio do Cruzeiro; eram na maioria aventureiros, trazendo por divisa o velho motto dos filibusteiros do seculo XVII — *altra equitativa non peccari* —, e expandindo, após, em vomitos verdeneiros de calumnias revoltantes e de falsidades infames, a ira furiosa gerada do desastroso fracasso de mais **uma correria no encalço de posições e de riquezas.**

O typo deste genero litterario, que floresceu sobretudo na Alemanha nos decenios de 1820 e 1830, se encontra indubitavelmente nas memorias do tenente CARL SEIDLER, intituladas — *Zeits Jahere in Brasilien während der Regierung Thom Pedros und nach dessen Entthronung* (Quedlinburg, 1835), que lamenta o Sr. CANSTATT se **tenha demorado a elogiar.**

Ja dantes fertilissima, a litteratura allemã sobre o Brasil avolumou-se consideravelmente com o intenso movimento emigratorio de que foi objecto o nosso paiz nas proximidades de 1850; é inextinguivel a multidão de brochuras, folhetos, relatorios e livros então apparecidos sobre assumptos connexos aos emprehendimentos colonisadores; foi um verdadeiro diluvio de publicações diz o Sr. CANSTATT ao iniciar a sua bem completa enumeração; mas, quasi todas tiveram apenas interesse fortuito e importancia local, e, após o famoso rescripto de v. d. Heydt sobre a emigração para o Brasil, o seu numero cessou de **avultar em tamanhas proporções.**

Entretanto contemporaneamente tiveram publicidade muitas outras obras de merito duradouro a que o Autor não falta com a devida justiça; tres foram, para só citar algumas das principaes, as narrações de viagem do Principe ADAIBERTO DA PRUSSIA, de AVE-LALLEMENT e de BURMEISTER, os trabalhos zoologicos deste ultimo e — *Just hat not least* — a excellente — *Geschichte von Brasilien* — (Berlín, 1860, de HEINRICH HANDELMANN, mau grado os defeitos que passam ser notados no seu plano de composição, no genero a primeira obra dominada de genuino espirito philosophico; no aprecia a se deve ter em presente que, até a Independencia, é impossivel traçar a historia do Brasil num quadro harmonico, sendo forçoso fraccionala em varios estudos especiaes dedicados á evolução parallelâ dos diferentes nucleos culturais cuja posterior agregação constitua a actual unidade nacional — por obstar-se ao satamente a este methodo — hoje sem reservas reputado o mais logico e scientifico — a magistral historia de HANDELMANN obreco á primeira vista um aspecto fragmentario, que uma leitura mais attenta e demandada não deixa persistir

Repetro nesta parte o silencio sobre as obras do Barão LENS VON BÜCK, *Reisen in Süd America* (Mannheim, 1853, 2 Vols. e *Das Brasilien, Brasilien und Brasilien* (Leipzig 1862, 3 Vols.), e devo advertir que o folheto — *Emigrationen in Brasilien* (Lübeck, 1854) não proveio da penna do Dr. ROBERT AVE-LALLEMENT, e é sim obra

posthuma de F. AVE LAITHEMENT, por alguns annos pastor da comunidade evangelica allemã do Rio de Janeiro.

Consultando novamente o copioso conteúdo de tres capitulos (VII- IX), notaveis pela exactidão dos informes e o esmero das analyses, se me deterei em registrar brevemente o livro de viagens de MAXIMILIANO DA AUSTRIA, futuro e desventurado imperador do Mexico, as *Reisen in Sudamerika* de VON TSCHUDI, o magno e vel *Handbuch der Geographie und Statistik Brasiliens* de J. F. WAPPALUS e os multiplos trabalhos do Sr. CANSIAT referentes ao nosso paiz em numero de cinquenta e tres, entre as quaes avulso as, por suas dimensões e importância, *Brasilien Land und Leute* (Berlin, 1877) e *Das republikanische Brasilien* (Leipzig, 1880); notando todavia, o avulso da encesa monographia de M. TH. ARAUJO NOGUEIRA, intitulada — *Der Mocuel-seiter V. Irand em Vileijapou, Ein Beitrag zur Kenntniss jensez brasilienschen Verhältnisse im XIX Jahrhundert*, (Leipzig, 1887), e das excellentes publicações philologicas do saudoso Professor JULIUS PLATZMANN.

O capitulo final (X), abrangendo a actividade litteraria manifesta nos impressos apparecidos de 1890 a 1902, escapa inteiramente á minha analyse, devido ás difficuldades em que nos achamos — nós estudiosos brasileiros — de obter conhecimento de trabalhos estrangeiros sobre o nosso paiz; as oportunidades de que dispoz o Sr. CANSIAT, porem nos offerecem segura garantia de que, neste particular o criterioso bibliographo e abalizado critico, não desmentiu as suas anteriores promessas.

Em conjuncto o *Kritisches Repertorium* será sempre um desses livros raros cuja consulta se imporá aos allemães que desejarem bem conhecer o nosso paiz e aos brasileiros que procurarem aprofundar as opiniões emitidas a respeito do seu paiz pelos representantes da raça mais verdadeiramente philosophica do Occidente.

Desvançam-se allemães e brasileiros de possuir um tão bom feito *Kritisches Repertorium der Deutsch-Brasilianischen Literatur*.

3 — Rodrigues de Carvalho. — CANCEIONEIRO DO NORTE. — Fortaleza, Militão Barar & C., Editores, 1903, in-8° L— 207—IV pp.

Numerosas e significativas, perduraveis e louvabilissimas foram as manifestações diversas com que o Ceará comemorou, ha pouco, o tricentenario do primeiro contacto da barbaria das suas populações indigenas com os portadores da civilização europea.

Esta celebração, cuja patriotica iniciativa emanou do bello coração e da intelligencia providente do Sr. BARÃO DE SUDARI, trazdiz-se tambem pelo apparecimento de varias memorias sobre assumptos de historia cearense, e da interessante collectanea intitulada — *Cancioneiro do Norte*.

Poeta estimado, observador curioso, critico penetrante, habituado a lidar com o povo e profundo conhecedor da sua indole, RODRIGUES DE CARVALHO conseguiu reunir um material novo e precioso para o estudo da nossa «litteratura oral», infelizmente tão descuidada depois de SYLVIO ROMERO e de MELLO MORAES FILHO. Divergio, porem, do laureado respigador e analysta dos *Contos e Cantos Populares do Brasil*, na forma porque encareou o assumpto, e fel-o, talvez, com razão.

Evidentemente o *brasileiro*, como typo anthropologico definido, não existe, conforme notou o preclaro espirito de EUCLYDES DA CUNHA nesta parte da America colonisada pelos portuguezes, as tres raças indias não se resumiram nem se unificaram, antes se desdobraram gerando numero igual de sub-informações, substituindo-se pelas derivadas, sem qualquer apuração, em mesclas tão abundantes que ao proprio QUATROPELLES surpreenderam. E si considerarmos, ainda mais, as disparidades telluricas e climatericas, a intensidade dos cruzamentos, as encruzilhadas historicas, a interferencia pela invasão outrera e hoje pela immigração de outros povos da Europa, phenomenos estes todos divergentes dum a outro extremo do paiz, comprehendemos facilmente porque a nossa nacionalidade não possui até hoje unidade ethno-psychologica e se fragmenta, mau grado a communhão politica e religiosa, em grupos assaz distinctos.

Attendendo a que, no actual periodo de formação do typo brasileiro, cuja feição definitiva é um problema não resolvido, o trabalho de selecção ethnica exigido nas investigações do *Folklore*, é do todo negativo, RODRIGUES DE CARVALHO restringio a ambito mais modesto as suas pesquisas.

« Quem conhecer esta zona comprehendida entre a foz do S. Francisco e a do Parnahyba, escreveu elle todo o esplendor tropical desta natureza, as praias, os brejos, os engenhos, as cidades, os sertões, os costumes, as festas, as lendas, preferirá, como eu prefiro, enumerar as produções de um livro de canções populares, mais plausivel do que se prende a cada zona, do que ao elemento ethnico propriamente dito.

« Estudemos, pois, o meio physico, a sua influencia sobre o meio moral, fallemos tambem das multiplas modalidades porque o espirito do nortista se revela nas suas crendices e folgares, e depois desse scenario offereçamos ao povo o resultado de sua propria vocação artistica, fructo dessa espontaneidade anonyma, caracteristica do espirito meridional do brasileiro. »

No substancioso « prefacio », onde folgamos de encontrar mais duma opinião plausivel, descreveu os principaes divertimentos populares do Brasil Oriental, e resenhou boa copia de abusos, crendices, usanças, superstições e ridiculos processos therapeuticos, cada um dos quaes devidamente investigado e aprofundado forneceria elemento para curiosa monographia, é pena que, neste particular, o Autor deixasse de se abeberar nos conscienciosos estudos do pranteado Dr. JOAO ALBERTO DE FREITAS, emitindo assim uma pagina interessantissima sobre o nosso *fetichismo politico*.

Passemos ás composições poeticas que constituem o grosso do volume e podem ser genericamente divididas em duas especies.

A primeira, onde dominam quasi exclusivamente as quadras octosylladas, chamadas alhures de *re sos gente*, comprehendendo as modinhas e cantigas improvisadas no enthusiasmo dos *des pes* entre cantadores de profissão; por vezes estas quadras se agrupam em series, com retornellos e caracter narrativo, mas, em geral, chrysallizam apenas uma idea isolada vinculando-se, umas ás outras, tão sómente pela identidade das rimas.

E' esta a forma sob a qual se nos depara mais frequentemente a musa popular, é a mais usada, é a mais facil, os seus cultores raras vezes alcançam vencer a monotonia das consonancias finaes — sempre repetidas na sua penuria de vocabulario — pelo effeito intrinseco das concepções e o vigor das imagens. Mas, tem, um dia surpresas que assombram, comparações de originalidade e subtileza admiraveis. Um Tabeleiro de Arca, no Ceará, um cantador popular, *philosopho* sertanejo de chapéu de couro, analphabeto e rude, improvisou a seguinte quadra verdadeiramente genial:

« No ventre da Virgem pura
Entrou a divina graça;
Como entrou também sabin
Como o sol pela vidraça. »

Contudo, semelhante prospicuidade de entendimento e delicadeza de imagem, não são vulgares: de commun a premura da replicação instantanea não deixa aos trovadores de *pe de viola* lazer para complicados raciocinios, e o soberano encanto dos seus versos reside sobretudo na pasmosa presteza com que são improvisados pelos deus contendores, na febre do torneio, guardando sempre as mesmas rimas e alterando sempre, sciente e inopinadamente os themas.

A' outra classe, menos copiosa e frequente, pertencem as produções dos rhapsodas ignorados, Homeros anonymos, cuja lyra tosca tem perpetuado, sob a fórma preferida de decimas, de glesas e de hemditos, os successos mais famosos da chronica popular, reflectindo com nitidez igual as grandes catastrophes e triumphos nacionaes, e as proezas truculentas de façanhudos criminosos.

Si as possuissimas completas numa seriação continua e ininterrupta, terminos, nestas versalhadas commemorativas, ao lado da historia official dos autores euntos outra curiosa e ingenua historia popular deslizando num resumo encantador de legendas pittorescas, todas as phases da nossa evolução.

Intelizmente dellas nos restam apenas escassos fragmentos de epochas relativamente proximas. Entretanto, e de suppor, com toda a plausibilidade, já no seculo do descobrimento, o estro popular celebrasse os feitos mais estrenhos das lutas contra os uelhas, mais tarde, certamente, os fastos epicos da guerra hollandeza forneceram

assumpto abundante as canções do povo: tudo, porém, jaz irrevo-
gavelmente sepultido para sempre no invictível silêncio do passado.

E é pena terem-nos os velhos chronistas desdenhado! FRIE-
MANOEL DO SALVADOR teria feito do seu *Valeroso Lucideno* um
livro com vozes mais preciosas, houvesse recolhido os versos asperos
em que, nos acampamentos pernambucanos, a invicta soldadesca de
Vieira, Vidal, Camarão e Dias, celebrava os seus gloriosos combates,
que o beldoso finda pretendia sublimar torcendamente, em oitava
rima, no cence dos capitulos da sua desalinhada chronica, onde,
entretanto, ha notas que lembram o valor mavericeo dum Villher-
donin, a fé viva dum Joinville e a curiosidade obsidente dum Frois-
sart. Mas, não no fez nem no fizeram os seus proximos continua-
dores.

E' forçoso volver a datas muito mais recentes afim de encontrar
o mais remoto specimen deste interessante genero poetico: e apenas
uma quadra isolada alludindo ás desventuras do Governador de Per-
nambuco, Furtado de Mendonça, o desalorado *Lumbregas*, deposto
e preso, em 1666, pela arrogante nobreza olindense. Posteriormente
é preciso galgar de novo ampla sedução da continuidade historica
para deparal-o outra vez registrando, em fins do seculo XVIII, as
tribulações do famigerado *Cabelleira*.

E' só após a luctuosa penuria que esta penuria decreesce e o cabedal
das canções populares allusivas a factos politico-sociaes toma vulto
nas raras colleções do nosso *Folk-Lore* ate agora publicadas.

Na de RODRIGUES DE CARVALHO figuram em quantidade exigua
demais em proporção ás da primeira especie, devido, sem duvida á
sua menor frequencia na zona costeira onde o Autor colheu a maior
parte dos elementos do seu *Cancioneiro*.

Mas, ha no seu bello livro, além deste desculpavel senão, outro
defeito menos perdoavel, releve o Autor á nossa probidade o apen-
tal-o.

Objectamos contra a inclusão, numa anthologia deste genero,
não só dos themas populares metrificandos por poetas letrados — tal
a *Yara* de TELLES DE SOUZA —, bem como dos poemas da layra de
individuos que, tendo possuido consideravel cultura mental, regres-
saram degeneralos ao nível das classes analfabetas, qual o desven-
turado bacharel JULIO VAZ CURADO ou o misero estudante LOU-
RIVAL ASSUCENA: em ambas as hypothoses é flagrante uma directa
influencia litteraria que exclue a ingenuidade natural e espontanea
do verdadeiro *Folk-Lore*, porquanto, sob a denominação de « poesia
popular », já o disse o grande *Steinthal*, se deve comprehender não
tanto o que o povo canta, mas, o que o povo produz: do contrario
urgiria contemplar nas suas lindes as numerosas canções de Casimiro
de Alreu, Castro Alves, Bruno Seabra, Tobias Barretto e tantos
outros, estropçadas, em noites de plenilunio, pelos trovadores do
germinalis.

Não obstante estas ligeiras fallhas o *Cancioneiro do Norte* é um
livro prestabilissimo, e o patriotico exemplo do seu illustre Autor,
tão digno de fervorosos applausos, merece ter seguidores idôneos,

E estes virão de certo.

Quanto a Pernambuco, podemos-o assegurar, a obra preciosa de RODRIGUES DE CARVALHO terá em breve um complemento amplíssimo e quasi definitivamente: O *Folk-Lore Pernambuco*, vasto repositório onde o espirito investigador e a intelligencia polymorpha de PEREIRA DA COSTA accumulou somma verdadeiramente prodigiosa de materiaes ineditos.

4 — **Dr. Emilio A. Goeldi.** — ALBUM DE AVES AMAZONICAS — Zurich, Instituto Polygraphico, 1903, in-fol., 12 estampas coloridas.

O Brasil é o paraíso dos naturalistas, escreveu num momento de enthusiasmo o famoso zoologo BURMEISTER, o mesmo cujo recente fallecimento, tão deplorado pela sciencia, privou o Museu Nacional de Buenos Aires do mais competente dos directores.

Nenhuma outro região da Terra, acrescentou na introdução da sua excellente *Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens*, tem contribuido para as instituições scientifico-naturaes da Europa com tão opulento cabedal como a vasta area central da America do Sul, cujo planalto ondulado é sulcado por dous dos maiores systemas fluviaes; por toda parte, sobretudo nos nossos museus allemaes, deparamos com os productos brasileiros constituindo a maior copia dos materiaes existentes.

A origem de semelhante riqueza é de facil explicação: contam-se por dezenas as existencias laboriosamente consumidas em investigar os thesouros inexhaustiveis da nossa flora sem rival, em colligir, es-tudar e classificar a pasmosa variedade dos representantes da nossa fauna tão caracteristica, e as estantes das bibliothecas especiaes vergam ao peso da volumosa litteratura de historia natural do Brasil que o seculo passado viu surgir.

Sobretudo no dominio da zoologia estas publicações são numerosas, avultando principalmente no departamento particular da avifauna, onde a par de preciosos compendios e substanciaes monographias se destacam obras iconographicas das mais bellas e custosas.

Sem comprehender neste genero as hediondas e grotescas xyl-graphias da *Historia Natural Brasilica* de MARKGRAF (1648) e do *De Indis et insisque animalibus et medicis liberis quatuor* de João de Piso (1658), em que a ineptia do grosseiro gravador caricaturou os primorosos desenhos do grande naturalista saxonio, possuímos na *Aviaria Brasiliensis* de CONCEIÇÃO VIEIRA (1800), nas *Uebungen zur Naturgeschichte Brasiliens* do Príncipe de NEUWIED (1823), nos *Oiseaux brillants du Brésil* e na *Oenothologie Brasilienne* de THEODORE DESCOURETILZ (1832-34), no *Birds of Brazil* de SWAINSON (1841), no *Avium species nova* de SPILX e MARTINS (1839) e nas *Erläuterungen zur Fauna Brasiliensis* de BURMEISTER (1856) magnificas representações de quasi toda a ornithologia indigena.

O esplendido *Album de Aras Paraenses* organizado pelo Dr. EMILIO A. GOMDI, projecto director do Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia, conquanto não abranja a totalidade das especies brasileiras, limitando-se ás peculiares ao immenso vale do grande rio septentrional, avanteja-se consideravelmente aos antecedentes pela sua esmerada execucao artistica, fidelidade do colorido observada ate nos mais fugidios cambiantes, preocupação em mostrar as aves no seu *habitat* caracteristico, e por trazer junto as denominações scientificas a synonymia vulgar a que até hoje quasi se não tem attendido em trabalhos similares.

No segundo fasciulo, que acaba de ser distribuido, o Sr. ERNESTO LOUSE, desenhista lithographo do Museu, patenteia novamente as raras qualidades de observador cuidadoso e de colorista dedicado, que tantos louvores lhe mereciam por occasião do apparecimento do primeiro.

Dentre as estampas deste que temos á vista cumpre, ainda assim salientar especialmente as de ns. 14-16 consagrada a familia dos Psittacidae, estes passares loquazes cuja abundancia, cores vivas e facilidade em imitar a voz humana impressionaram os primeiros exploradores do nosso paiz ao ponto de tornal-o por algum tempo conhecido na Europa sob a denominação de *Terra dos Papagaios*.

Completa com um terceiro fasciulo já em elaboraçaõ, o *Album* constituirá indubitavelmente um supplemento valiosissimo ao interessante e útil estudo do Dr. EMILIO A. GOMDI sobre as *Aras do Brasil*, o melhor trabalho que existe na especie — e mais um titulo de gloria para o eminente sabio cujo intelligente auxilio tanto contribuiu para a brilhante victoria alcançada pela nossa diplomacia na questãõ de limites com a Guyanna Franceza.

5 — **Borges dos Reis.** — OS INDIGENAS DA BAHIA. — *Bahia, Typ. Reis & C., 1903, in-8°, 42 pp.*

E' entre nós muita vulgar e lamentavel, oriunda da nossa superficialissima cultura philosophica e scientificas, a idéa da preocupação nobiliarchica de filiar os primitivos habitantes do nosso paiz ás raças historicas ou legendarias do velho mundo.

O professor BORGES DOS REIS teve a ventura de escapar a esta atorvente tentação apresentando no Instituto Geographico e Historico da Bahia uma breve mas succulenta memoria sobre o gentio da bella terra onde primeiro aportou Cabral.

Estudando conscienciosamente os indigenas bahianos, á luz das esplenidas conclusões obtidas pelas pesquisas de VON DEN STENEN e do EHRENREICH, elle não foi recusar-lhe avós entre os israelitas, os phenícios ou os atlantidas e preferiu consideral-os ethnologicamente como productos duma evolucao eisatlantica, de pleno accordo com a theoria de ha muito evante nos estudos americanos dignos de meditaçaõ e em manifesta opposiçaõ ás dispendiosas excentricidades

dum Lord KINGSBOROUGH, ás phantásticas hypóthses dum BRASSER DE BOCHMANN e as espirituas mystificas duma ONEROY DE THOMSON, que chegou a fazer as frates de Salomão, sucarem as aguas do Amiz nas em busca das madeiras preciosas para a construção do templo de Jerusalém.

Até ali acompanhamos, na effusão ardente dum perfeito consorcio de opiniões, ao professor BORGES DOS REIS, mas não ousamos seguir-o mais além, penetrando a seu lado no labirinto onde se degludiam os adeptos functos da monogenese e da polygenese, libyrinto em que inconsideradamente envolvera o autor o *Old point de Beloa* quando, firmado na asserção de LAMARCA, de ser o planeta central do Brasil a primeira parte solidia do planeta que emergiu do oceano primitivo, aventurou ter sido ali o berço do genero humano.

Não vão tão longe os que admittem o autoctonismo das raças americanas.

6 - **John C. Brauner.** — A BIBLIOGRAPHY OF THE GEOLOGY, MINERALOGY AND PALEONTOLOGY OF BRASIL. — *Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1903, in-4°, 115 pp.*

Em um paiz em que ainda se não encon sequer do levantamento topographico do territorio, não é de admirar estejam ainda na infancia os estudos geologicos; mas, se neste dominio, como em tantos outros, a accção governamental tem sido quasi nulla, muito tem produzido a iniciativa particular e o silante labor de desinteressados e operosos scientistas.

E a estes quasi exclusivamente devida a totalidade dos escriptos até hoje publicos sobre as e pelioes geognosticas do Brasil, a sua mineralogia e paleontologia, escriptos que, pela primeira vez, agalam de ser devidamente inventariados, pelo eminente especialista norteamericano Dr John C. Brauner, sabio Vice-presidente da Universidade de Leland Stanford Junior, na California:

Companheiro do pranteado Ch. Fred Hartt na Commissão Geologica do Brasil, em 1876, o Professor Brauner visitou novamente a região nordeste do nosso paiz, em 1899, e de ambas estas viagens são fructos succulentos numerosas monographias esparsas em varias publicações especiaes dos Estados Unidos e da Europa.

O seu ultimo trabalho — que motiva as presentes linhas — não é dos menos valiosos, e a sua utilidade é tão man festa que nos dispensa de accentual-a.

« Até o presente, escreve o Autor na advertencia, nenhuma bibliographia comprehensiva da geologia do Brasil foi tentada. M. de Margerie, no seu *Catalogue des Ouvrages scientifiques*, publicado em Paris, no anno de 1896, pelo *Comité Géologique International*, mencionou seis artigos sobre assumptos geologicos cada um dos quaes contem referencias a varios outros artigos sobre a geologia

brasileira, nenhuma destas listas, porém, pretende ser uma bibliographia da geologia do Brasil.

Em 1881 a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro publicou o seu importante *Catálogo da Exposição da Historia do Brasil*, em dous grossos volumes, um dosaes contém a lista dos livres e artigos na Bibliotheca Nacional relativos a geologia do Brasil, na qual se acham incluídos muitos títulos de obras pertencentes a particulares e então não existentes na bibliotheca, foi a tentativa mais appproximada até hoje feita para uma bibliographia da geologia do Brasil: a lista era necessariamente imperfeita: omitindo os manuscritos incluídos e os artigos sobre aguas mineraes, comprehendia sómente cento e doze titulos.

Uma bibliographia da paleontologia dos invertebrados mesozoicos da America do Sul se encontra, nas pp. 3 a 6, das *Contribuições á Paleontologia do Brasil*, do Dr. C. A. White, publicadas no Rio de Janeiro, em 1887. Esta lista contém vinte e quatro titulos.

Em 1901 o *Bureau of American Republics* publicou, em Washington, « *A list of books, magazine articles and maps relating to Brazil, 1800-1900* », organizado por P. Leo Phillips (in-8, 145 pp.); esta lista valiosa contém muitos titulos sobre geologia e geographia, mas estes artigos não se acham separados dos outros e as omissões são necessariamente numerosas.

A presente bibliographia contém 1203 titulos, sem incluir extractos, noticias e recensões.

Devido á penuria da litteratura sobre a geologia do Brasil, foram incluídos muitos livros de viagens e de exploração que, sem a pretensão de serem obras geologicas, contém notas sobre a geologia.

Esta lista salienta o facto de que a grande massa do trabalho geologico sobre o Brasil, é obra de dous homens: Eschwege e Derby.

Ambos são notaveis pela importancia e pelo caracter da sua obra, os resultados da de Eschwege foram na maioria publicados em allemão e por isso não têm sido accessiveis aos estudiosos brasileiros como se o houvessem sido em portuguez ou francez (1).

(1) Na sua *Historia Geral do Brasil*, Vol II p 1175, Varnhagen falla de Eschwege como sendo « por vezes compilador e plagiao de seus companheiros Varnhagen e Feldner, todos tres do corpo de engenheiros do Brasil », e cita a St. Hilaire em apoio desta asserção. Tudo o que St. Hilaire diz a respeito da *maniere technique* de Eschwege sobre a tabuca do Ypanema e que contém « quelques passages empruntés a Varnhagen. » (*)

* *Voyage dans les Provinces de St. Paul et de Sainte Catherine*, por M. Auguste de St. Hilaire. Paris, 1851, Vol I, p. 392, nota.

Felizmente os resultados da obra de Derby tem apparecido tanto em portuguez como em inglez, e a sua influencia sobre os estudos geologicos no Brasil tem tido importancia correspondente. Desta verdade dá sobejo testemunho a presente bibliographia, em que tambem avulta o precioso cabedal de estudos provenientes das pesquisas do seu organisador, a quem um natural e louvavel sentimento de modestia impedia de indicalo: é aqui o lugar de se lhe fazer a devida justiça.

A impressão da monographia, feita longe das vistas do Autor o como parte do Vol. XII dos *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, padece de negligencias de revisão que, si não desvirtuam inteiramente o sentido de alguns dizeres, ateiam um trabalho em cujos menores detalhes de composição se patenteia a esmerada solicitude com que foi preparado.

7 — **Julius Meili.** — O METAL CIRCULANTE NO BRASIL. Parte III. — A Moeda Fiduciaria no Brasil. 1771 até 1900. *Zürich, Tr. de Jean Frey, 1903*, in-4 royal, LXXX, 271 pp., 192 estampas.

Faz seis annos que nestas mesmas paginas tive o grato ensejo de annunciar o apparecimento do volume inicial deste sumptuoso monumento de erudição e de bom gosto, consagrado pelo benemerito Sr. Julius Meili á numismatica brasileira, e hoje me rejubilo com ver surgir esta sua esplendida continuação, pela qual fiz sempre os mais ardentes votos.

O que então escrevi sobre a importancia e o merecimento do conjunto do semelhante obra tem plena confirmação com a parte que vem de sahir á luz.

Proseguindo no methodo judiciosamente adoptado o Autor não se limitou a apresentar um compendioso tratado graphico e descriptivo sobre a moeda fiduciaria no Brasil, mas addeicionou-lhe numerosas e utilissimas informações sobre a nossa historia economica e financeira.

Comprehendo o texto duas grandes secções — *Emissões legais* e — *Emissões illegaes* — subdivididas em vinte e seis capitulos respectivamente occupados com a legislação e mais noticias relativas a toda a cunha de papel-moeda que tem circulado no nosso paiz desde 1771, quando em virtude do regimento de 2 de Agosto, começaram a circular em Minas Geraes, os famosos bilhetes de extracção dos diamantes, até os vales de treco de ouro actualmente emitidos pelas alfândegas.

Combinando a leitura destes capitulos com o exame das estampas correspondentes, que em numero de 192 representam 1637 especies diferentes, obtém-se um golpe de vista assaz instructivo, não só sobre a evolução dos nossos processos financeiros, como sobre os progressos financeiros, como sobre os progressos das artes graphicas e do aperfeiçoamento esthetico entre nós.

A partir das notas do primitivo Banco do Brasil, desmesuradas, grosseiras, inartísticas, fácil e frequentemente falsificadas, chega-se através dum sem numero de emissões intermediarias, ás sedulas do Thesouro Nacional hoje circulantes, perfeitas, elegantes e commodas, mas ainda igualmente objecto de fraude.

Considerando-se este immenso acervo em attenção ao seu interesse para Pernambuco, observam-se os conhecimentos e sedulas emitidas, em consequencia da lei de 3 e do regulamento de 8 de Outubro de 1833, para o troco do cobre, as notas do Thesouro Nacional de 1838 — 1.ª estampa 1835-36, de 200000, 2.ª estampa 1839-41, e de 500000, 3.ª estampa 1843-50, com a vista da entrada do porto do Recife, as da Cruz Filial do 1.º Banco do Brasil em Pernambuco, da 1.ª serie 1856, dos valores de 100000 a 5000000, com a mesma vista e as da 2.ª Serie, de 100000 com a vista da ponte penel de Oaxanga, e de 500000 com a da antiga ponte do Recife, e as do Novo Banco do Pernambuco, fundado em 1857, ostentando os braços de armas entalhados, em 1638, por Mauricio de Nassau ás capitánias e camaras do Brasil Hollandez.

A serie das notas de todos os valores e estampas emitidas pelo Thesouro Nacional e recolhidas até o fim do anno de 1900, acha-se completa no magnifico album do Sr. JULIUS MEHL faltando apenas as que, estando ainda em circulação, não lhe era permittido reproduzir.

Completam excellentemente esta primeira secção d'A Moeda Fiduciaria no Brasil, prestabilissimos quadros dos Bancos de Emissão que tem existido de 1808 a 1896, outros confrontativos das emissões do Governo e dos Bancos com o cambio, de 1808 a 1900, attentas as modificações do padrao monetario occorridas em 1833 e 1848, e uma lista dos valores do papel-moeda legalmente em circulação em fins de Dezembro de 1900, em importancia de 699,631:7198000, ou uma media de 448000 por cada habitante.

Das tabellas referentes ás oscillações do cambio se verifica que este, na vigencia do actual padrao monetario, attingio ao maximo 31 d., em 1850, e desceu ao minimo 5 21 32 d., em 1898, sendo na media de 22 pence por 18000, é curioso notar que enquanto no periodo decorrido de 1849 a 1889 esta media se manteve a 24 7 8 d. de 1889 a 1900 declinou para 11 3 8 d.

A segunda secção *Emissões illegaes* comprehende os bilhetes do estado, municipalidades, emprezas do omnibus, barcas e bonds, e de companhias e particulares, abrangendo o prodigioso total de 1263 especies.

Estas emissões abusivas, illegaes ou criminosas de titulos de credito, quer dizer de divida ao portador, denominados apolices, cautellas, coupons, estampilhas, ficas, fichas, livranças, obrigações, recibos, sellos, vales e alençados no Ceará de Boras, em Pernambuco de Calceiros, Sampaio e Hoja-Pais, no Maranhão de Debutres e em Minas-Geraes de Barrocosques, não são tão modernas como se pressame, nem peculiares a Pernambuco no actual regimen conforme se tem insidiosamente proclamado, ellas grassaram com muito mais intensidade no Rio Grande do Sul, no Paraná, em Minas-Geraes e no

Ceará, e nenhum Estado escapou á sua derrama, que já existiam de longa data sob a monarchia, se bem que em menor escala, o demonstra o Sr. JULIUS MEILL, consignando nos 785 a 827, espécies em circulação em S. Paulo, Minas-Geraes, Rio de Janeiro, Pernambuco, Maranhão e Pará, de \$837 a 1859.

Uma dellas (n. 787) é um vale de 500 réis, impresso no Recife, na Typographia Universal, em 1857, e emitido por G. J. Layme, traz o numero de ordem 527; mais tarde o facto se repetiu com frequência, me recordando duns *cupons* rectangulares, serrilhados, de impressão verde e valor de 200 réis emitidos proximoamente em 1880 pela *Brazilian Street Railway Co.*, e logo seguidos de outros congêneres da Companhia Ferro Carril, ambas desta cidade, e que circulavam com geral aceitação na falta de trocos meúdos.

Sem suspeitar sequer, no animo independente e imparcial do probo e disertio Autor d' *A Moeda Fiduciária no Brazil*, a sombra do desígnio de accentuar esta predominancia de emissões clandestinas em Pernambuco e nos tempos mais proximos — conforme pertidamente procuram insinuar ineptos folliculares, — penso que si o seu bello livro dellas registra em tamanha copia amostras quasi contemporaneas, é porque, sendo estes titulos de divida sempre de ephemera circulação os seus exemplares cedo desaparecem, salvo alguns guardados por curiosos, e que o Sr. JULIUS MEILL, mercede das suas indefesas pesquisas, logrou farta messe d'elles no ultimo periodo em que a talia excessiva de moeda divisionaria motivou o seu apparecimento entre nós.

Em appendice menciona ainda o operoso e sabio numismatista specimens de annuncio-reclames, billetes de loteria e de rifa, e fichas de jogo, cumprindo notar que entre estas ultimas a de N. 1637 parece antes uma *poule de jogo de bicho*.

Em inteiro accordo com a importancia intrinseca do livro está a sua execução graphica; o texto é impresso com rara nitidez e as numerosas estampas, muitas e coloridas, manifestam a preocupação do Autor em buscar os mais aperfeiçoados processos de gravura.

Emfim, *O Meio Circulante do Brasil* — como o emprehendeu o Sr. JULIUS MEILL, é um monumento grandioso e aturante dedicado á nossa patria por um estrangeiro dos que o Visconde de TAUNAY chamou, com propriedade e justiça, « brasileiros honorarios ».

8 — **Oliveira Lima.** — SECRETARIO D'EL REY. — Poem historica nacional em 3 actos. — Rio de Janeiro, H. Gardner, 1891 in—12, 151 pp.

Depois de haver opulentado a litteratura nacional com obras do subido quilate do *Pernambuco*, *Aspectos da Litteratura Colonial Brasileira*, *Nos Estados Unidos*, *O Renascimento do Imperio*, e *No Japão*, o nosso eminente patriota OLIVEIRA LIMA acaba de publicar um trabalho mais ligeiro, porem, igualmente digno do maior apreço; tendo já conquistado com brilho singular os titulos de histo-

riador imparcial, fidedigno e elegante, de observador perspicuo, de analysta acento e de profundo e original sociologo, o illustre pernambucano estrou agora num novo genero litterario de que a nossa bibliographia não conta muitas especies de valor.

O diplomata e litterato escreveu uma comedia, que mesmo fóra do palco interessa e deleita.

E' sabido como em geral os historiadores profissionaes são mal succedidos quando se transportam ao dominio da ficção; esmagados sob o volume enorme da propria emulção quasi sempre lhes falhece *l'opinion de l'art*; asseverbados pelos multiplos conhecimentos das individualidades, dos habitos, dos costumes, das madas, das alfaias, dos movejs e dos ornamentos duma epoca, tãta da gravidade sentenciada da sciencia especial raramente alcançam traçar quadros em que se surprehenda movimento e vida; preoccupados em documentar a cada instante os mais miúdos detalhes, sobrecurreram inutilmente o conjunto da accção e, prejudicando-lhe assim o desenvolvimento natural e harmonico, geram livros pesados e fastidiosos: dramalhões infundáveis e romances enfadonhos.

Destes desastres temos exemplos typicos no *Amador Bueno* e no *Curatouro* de VARNHAGEN e ainda melhor nas soporiferas novellas de PEREIRA DA SILVA.

A comedia —*Secretario d'El Rey*— apesar de ser obra dum historiador, está in'eiramente isenta destas eivas.

E' uma peça construida com arte delicada e carinhos de estheta duma composição symetrica e graciosa; um delicioso quadro de costumes dum color do suave e captivante, um episodio galante e pittoresco occorrido na corte do monarcha portuguez que tão mesquinamente quiz emular com o esplendor do *Rei-Sol*.

O entrecho não é complicado, sendo facil cifral-o.

A scena passa-se em Lisboa no reinado de D. João V.

D. Fernando da Cunha, joven filhalgo valente e brioso, atacando a noite pelo Infante D. Francisco, numa das suas habituaes correrias pelas ruas da capital, defendese gallhardamente e fêre de leve ao irmão do rei, cahindo por sua vez maltratado de golpes desfechados pelos saprazes do real desordeiro. D. Luz de Menezes, sua prometida e douzella de peregrina formosura, que dum baileio do palacio do Conde de Lousa seu pae, assistira à lucta, corre a soccorrel-o, fazendo recedher o ferido, não reconhecido pelos aggressores, ao convento de S. Francisco, onde o confia aos cuidados do prior Frei Bernardo da Purificação.

A noticia do incidente, promptamente espalhada, enche o rei de indignação: es boleguins galopam a farejar o homicidio do exerando reo de lesa-majestade e ao infeliz mancoço parece inevitavel tremenda punição.

Mas, D. Luz, tremendo pela sorte do noivo adorado, consegue mover em favor dello o interesse de seu tio materno Lord Tirawley, ombaixador da Inglaterra.

Vicosa os dois, em companhia da aia de D. Luz, —respeitavel matrona, muito pudica, mas, as occultas grande amiga de historias picarescas— a implorar, do omnipotente ministro Alexandre de

Gusmão, a clemência real em favor do pretensão criminoso, o venerando prior frei Bernardo, já os precedera no mesmo desígnio, todos se encontram no gabinete do «escrivão da paridade» no Paço da Ribeira, onde são acolhidos pelo escudeiro João Braz.

Entre parenthesis seja dito que o irmão d' *O Verdor* nutria por D. Luz paixão discreta, mas ardente, e que não era correspondida.

Apez breve delonga apresenta-se aquelle a quem OLIVIERA LIMA chama com propriedade, «o maior brasileiro do século XVIII», meigo e respeitoso accodo ás supplicas da athleta joven, risando e pousando feiro ouve as razões do tio, pensativo e serio attende ás ped'xas de Frei Bernardo, e, realçando do imo d'alma o pangir de acerta tortura, cogita nobremente em tornar feliz aquella que o faz tão infeliz.

Promette obter graça e os supplicantes se retiram animados de alacres esperanças, que não serão desmentidas.

Este é o assumpto do primeiro acto, o segundo, todo incidental occorre na cella de Frei Bernardo, onde Alexandre de Gusmão tora em visita a D. Fernando, e se encontram igualmente D. Luz *travesti* de pagem, e Lord Tirawley.

Na entrevista entre os dous amantes da mesma mulher — um venturoso e outro infornado — a superioridade moral do grande paulista sobresahe num relevo admiravel e a pureza dos seus sentimentos ignala a elevação da sua intelligencia.

No acto final o Autor concentrou habilmente o supremo interesse do entreecho e desenvolveu qualidades de excellente dialectica, nelle assistimos ao combate entre o ministro, perfiando pelo perigo do fidalgo ameaçado, e o monarcha melindrado no mais sensivel da vaidade real — a intangibilidade sagrada das familias, por graça divina, destinadas ao governo dos povos.

Sem manifestar o minimo zelo pela causa de D. Fernando, sem deixar perceber um só indicio do seu empenho em salvá-o, Alexandre de Gusmão, com a pericia de ayezado psychologo e o artificio de astuto diplomata leva El Rei, não só a perdoar a victima dos desastinos de seu augusto irmão, como a conter-lhe, á guiza de desterro, o governo da capitania de Goyaz.

Mas, o que sobretudo resulta do conjuncto da intriga e a pronunciada ascendencia do brasileiro sobre os d'nnas comparsas, pensando bem a crescente influencia exercida na monarchia europea pelos filhos da sua colonia americana.

O estylo da comedia é sempre castico, amoldado se a litteratura perfeitamente ao dialecto contemporaneo, o que não é pequeno merito si attendermos que, assim como as diferentes camadas duma sociedade possuem maneiras proprias de dizer, a mesma classe em periodos diferentes, affecta diversas modalidades de expressão.

Os personagens são naturaes e desenhados com muita fidelidade.

Não me deterei em accentuar a verdade com que se acha representada a personalidade do heroe, e direi apenas que, no metologo da *Scena VIII* do Acto III, a figura de D. João V. vive, excedida do tumulto com surprehendente compenetrção ethica. Parece-me ver

ali o famoso *rei frade*, com todo o seu fanatismo supersticioso e os seus escrúpulos subtile de libertino devoto, oscillando sempre entre o serrallo de Odivelas e as missas de São Francisco: bizarra alliança de mysticos enlevos e de baixa sensualidade, a quem todo o ouro do Brasil não bastava para relimir com offerendas sumptuosas as continuas infracções ao terceiro mandamento, procurando acalmar a ira celeste com a construção de claustros gigantescos e a elevação de altares fulgurantes de pedrarias.

Ouçamo-lhe estas palavras :

« Divirjo do meu grande irmão de França, S. M. Luiz XIV, ao que relataram os despachos dos embaixadores do reino, requestou a menina La Vallière quando solteira, impedindo-a de desposar o seu prometido. Acho isto muito immoral. As donzellas não tem experiencia para resistir á seducções do amor. As casadas, quando abatem a resistencia, sabem o que fazem, o geralmente porque o fazem. O peccado do seductor não existe quasi, a sua tarefa foi pequenissima.

Nossa Senhora das Dores me perdão estes pensamentos e me poupe a colera divina... »

A mesma exactidão psychologica se encontra em todos os outros protagonistas, até no escudeiro João Braz, velho soldado aventureiro, maneta e casmurro, requemado pelos sóes d'ultramar, e que andara de balde á cata de perolas em Ceylão e de diamantes no Tejuco: mas, bom e leal servidor.

Numa breve advertencia OLIVEIRA LIMA justifica o qualificativo de « nacional » dado á sua comedia, e tem inteira razão em assim denominá-la, porque quem pretenderá negar que « o nosso periodo historico anterior á Independencia envolve forçosamente uma tão intima ligação da colonia com a metropole, que é quasi impossivel, ao tratar de uma, perder a outra de vista? »

9 — **Dr. Vicente Ferrer de B. W. Araujo.** — A EXECUÇÃO DE SILVINO DE MACÊDO. — Estudo critico e historico. — Pernambuco, Typ. do Jornal do Recife, 1904, in 4°, 62 pp.

Nas phases de grande agitação social é frequente occorrerem factos cujas minucias são propositadamente anegadas nas sombras de mysterioso silencio official e cujos pormenores, sempre de interesse para a documentação historica, ficariam perdidos para os futuros chronicistas, se a curiosidade intelligente de espirites indagadores não os fixasse em tempo visinho ao seu acontecimento, com o caracter de perfeita veracidade.

Prestam excellentes serviços ao historiador profissional, estes probes e pacientes investigadores, que perlustram attentos os additos do templo de Clio, e levam em sincera offerenda ao altar da musa austera o fructo singello, mas nunca desdenhando do seu labor.

Do concurso destes pequenos subsidios, do seu cotejo e analyse,

brota muita vez a desejada luz para o esclarecimento da feição real dum caracter, da physiognomia duma época ou da psychopathia occasional duma sociedade.

Possuindo dotes de intelligencia e de cultura que o habilitam a commetter com vantagem a elaboração de vastos estudos politicos-sociaes, inclinado por indole a educação a contemplar de preferencia o lado pittoresco dos successos, sem contudo olvidar a pesquisa da sua significação intrinseca, o Dr. VICENTE FERNES, apto para realisar maiores emprezas, achou melhor, com a sua proverbial sagacidade, estreir neste dominio com pequena & estile e citico e historico e onde a argucia do a vogado se alia ao esmero do dizer do caprichoso belletrista, relevando assim ainda mais os attractivos dum assumpto já em si assaz emocionante.

Para mim, pessoalmente, além das qualidades apontadas, *A Evolução de S. Pedro de Macis* tem o merito especial de ser uma bella e justa homenagem á memoria dum amigo desventurado.

Conheci de perto ao infeliz supplicado na Imbribeira, fui seu companheiro na revolta de 19 e 20 de Janeiro de 1892 na fortaleza Santa Cruz, e tive sobejas occasiões para assentar opinião sobre o valor da sua individualidade.

Ainda conservo delle viva recordação: baixo, franzino, moreno, rosto quasi imberbe marcado de cicatrizes de varicella, olhos pequenos, muito negros e brilhantes em que se espelhava a energia indomita de sua alma. Extremamente asseado affectava o uniforme de brim preto, banda vermelha á cinta, as quatro fitas da mesma cor exageradamente distendidas sobre a manza esquerda da blusa, a barretina com apurmada sobre a cabeça estreita e quasi desnuda de cabello aparado muito rente; tal era, quando com elle travou relações em fins de 1891, o 2º sargento do 1º batalhão de Engenharia, por este motivo alenhadado de *Engenheiro*.

Muito activo, bem fallante, sagaz e intelligentissimo apesar duma cultura bastante rudimentar animado das mais altas aspirações, o seu supremo desejo era então matricular-se na Escola Militar, onde de certo o aguardava brilhante carreira si a criminea ambição de politicos sem escrúpulos e não tivesse impellido á lestrair a aventura da qual milagrosamente escapou com vida.

A historia daquella revolta singular e extraordinaria ainda não foi escripta, nem é a piz o lugar proprio para esboçá-la sequer, mas, aproveito-me do ensejo atim de mais uma vez salientar que os responsáveis pelas consequências da lugubre tragédia não foram alguns rapazes entusiastas e inexperientes, que affrontaram a morte no intuito nobilissimo de ajudar a libertar a patria do ugo dum supposto tyranno e usurpador —aos que os incitaram á trestorada empreza, com promessas e lisonjas, cabe a inteira culpa do desastre, sobre estes sim, deve ter caido o sangue das victimas obstructas imoladas á sua desmarcada cubica, não a o dos que succumbiram bravamente no furor da peleja — e foram dezenas — porém, e ainda mais, o dos miseros prisioneiros perfidamente fuzilados pelas costas na esplanada da fortaleza quando occupados na «tachina» e dos supremos desgraçados mortos, ás portas das masmorras, a milhares de chibas-

tadas, num supplicio chinês que a requintada crueldade dos algozes prolongava por muitos dias, assassinaes hediondos aos quaes um medico tão estúpido quanto sevil emprestava a sua ignobil cumplicidade fornecendo complacente mentirosos attestados de obito!

Mas, voltemos esta pagina sombria dos nossos annaes republicanos.

Ferido traizceiramente no periodo final da luta, em que revelou qualidades raras de coragem e de energia, Silvino jazeu por longos mezes em doloroso tratamento no Hospital da Ilha das Cobras, e depois de restabelecido, me consta ter occupado emprego subalterno no *Diario Official*.

Tempos mais tarde, rebentando a revolta de Setembro, o seu nome começou a ser novamente pronunciado como o dum dos mais audazes combatentes contra as forças do Marechal Floriano, lhe sendo attribuida, entre outras façanhas, a destruição do holophote da Gloria.

Por motivos que certo ficarão para sempre ignorados, no paroxysmo da insurreição elle veio a Pernambuco onde encontrou a morte; presumo que o seu desembarque na terra natal foi inteiramente fortuito e que não o trouxeram aqui quaesquer planos conspiratorios.

Nesta occasião estive por um triz a encontrar-me com elle: coincidio a sua chegada a esta cidade no *Wordsworth* com a minha partida para os Estados-Unidos, no mesmo vapor, em 13 de Janeiro de 1894.

Dias depois me informaram á bordo que um official revoltoso, vindo do Rio de Janeiro, saltara no Recife disfarçado em remador dum bote; ignoravam o seu nome, mas, dos signaes fornecidos — baixo, magro, rosto picado de bexigas, uma grande cicatriz na face e recente ferimento numa das pernas — inferi logo não poder ser outro senão Silvino de Macedo, e externei os meus receios quanto á sua vida.

Estes foram em breve confirmados.

Ao recebermos o pratico em Sandy Hook, proximo a New-Jersey, precipitou-se á lôrdo um exame de *reporters* avidos de noticias sobre os successos do Brasil e principalmente sobre os antecedentes dum official insurrecto fuzilado em Pernambuco: fora Silvino; disse-lhes quanto sabia a respeito e no outro dia o *Herald*, o *World*, o *Sun*, todos os grandes diarios de New-York, offereceram aos seus leitores phantasticas narrativas, em artigos de duas e tres columnas, sobre as peripetias da revolta e a execucao do seu emissario, da qual, aliás, todos ignoravamos as minudencias.

Mas, o que não são capazes de inventar jornalistas *yankees* afim de produzir sensação?

Das circumstancias da prisão, interrogatorio e assassinato do meu infeliz camarada, creio que o Dr. FEUERER deu exacta e veridica descripção; pelo menos as poucas contestações que lhe oppuzeram até hoje vizaram apenas pontos secundarios, como são tambem de importancia secundaria as rectificações que me permitto apresentar-lhe com a referencia á parte inicial da sua excellente e curiosa monographia.

A fortaleza de Santa Cruz era guarnecida pelo *1º batalhão de artilharia de posição* e não pelo *1º regimento* que então tinha parada no Rio Grande do Sul, si não me engano em S. Gabriel ou Alegrete.

O Autor foi igualmente mal informado quanto ao modo porque Silvino foi ferido.

O chefe da revolta desejava, na manhã do 20 de Janeiro de 1892, a pequena escada de pedra que da praça d'armas dá acesso à bateria *1 de Abril*, quando foi attirado, na taes espreita, por um tiro de mosquetão deslochado por um anspicillo embasado e no calcanhar da 2ª bateria, a bala partio-lhe a maxilla e offendeu profundamente os órgãos vocaes, pelo que o ferido, nos interrogatorios a que foi logo depois submettido, dava as respostas por escripto, numa lenza.

E' certo que o capitão Innocencio Puzos, o officio mais odiado da guarnição da fortaleza e cuja vida a custo pouparamos a vingança feroz dos presos revoltosos, arrogou-se mais tarde a triste gloria daquelle tiro covarde, mas, ainda são assaz numerosos os sobreviventes á tragedia de Santa Cruz que podem attestar a verdade do que acabo de narrar.

Estes insignificantes senões, porém, de fôrma alguma podem deslustrar o conjunto artistico e veridico do bello trabalho consagrado pelo nosso novel chronista á memoria duma victima desventurada dos odios partidarios, e o lisongeiro acolhimento que tem tido a sua interessante monographia deve incital-o a novos emprehendimentos.

Sim ! E de esperar, após tão promettedora estrêa, o illustre juriscônsulto não illuda a expectativa dos que aguardam da sua penina outras produções congeneres de maior vulto.

Porque não abalar-se á elaboração duma *Historia Criminol de Pernambuco*, a exemplo do que, em menor escala, fez para o Ceará o desembargador Paulino Nogueira ?

A empreza é tentadora e ao Dr. FERREIR sobejam predicaos para commettel-a com certeza de exito completo,

Porque não tental-a ?

10 — **F. A. Pereira da Costa.** — A VERDADEIRA NATURALIDADE DE D. ANTONIO FELIPE CAMARÃO. (Século XVII). Estudo historico. — Recife, *Empreza do Jornal do Recife*, 1904. in-4, 41 pp.

Eis mais uma importante monographia sobre a tão debatida questão da naturalidade do famoso guerreiro indigena, cujo berço tem sido portiadamente disputado por Pernambuco, a Parahyba, o Rio Grande do Norte e o Ceará.

Sou daquelles que pensam não ser a mais estreita amizade incompativel com possiveis divergencias de opinião, nem infensa ao direito de expressal-as com sinceridade.

A profunda e verdadeira estima que, ha longos annos, consagro a PEREIRA DA COSTA, a grande admiração que rendo aos seus inestimaveis talentos de historiador não me inhibiriam pois, de apreciar com imparcialidade o seu novo trabalho, e o conhecimento da pureza adamantina do seu caracter me auctorisava a fazel-o sem receio de me-lindral-o, se porventura discordasse do seu modo de pensar.

Alegra-me, por isso, sobremaneira, poder affirmar ter elle dado finalmente solução completa e definitiva a um problema que, mau grado a sua importancia secundaria, ha quasi meio seculo tem sido discutido sem resultado pelos melhores sabedores da nossa historia.

Urge acrescentar que ainda em nenhum dos seus ensaios anteriores revelou com igual brilhantismo a sua vasta sciencia historica, o seu raro talento de argumentator subtil, a sua pericia no desenvolvimento duma these, e o instinto genial que o faz descobrir em paginas, já demoradamente soletradas por dezenas de precursores, desconhecidos testemunhos de maximo valor.

No presente estudo viza e conseguiu demonstrar duas proposições: ter sido pernambucano o heroe petyguar da guerra hollandeza e que se não deve identifiçal-o com o seu homonymo, já conhecido dos portuguezes em 1598.

Em prova da ultima asserção invoca o depoimento valiosissimo dum contemporaneo, e tão valioso que deveria ter sobre elle alicerçado todo o edificio da sua argumentação; não no fez, porem, e reservou-o para golpe de misericordia.

A defeza da opinião abraçada assim o exigia, talvez.

Observarei, portanto, na analyse o mesmo plano da exposição.

Deixando para o final o testemunho de Simão de Vasconcellos, o Autor adduz muitas provas para estabelecer a impossibilidade de serem confundidos num mesmo individuo o *m rubicaba* da aldeia de Ygapó, e o bravo vencedor de Artischorsky; dentre ellas a que mais impressiona se estriba na falta de idade e consequente incapacidade physica em que deveriam encontrar ajuizo para tomar parte activa na campanha da restauração pernambucana.

Faz honra a PEREIRA DA COSTA a argucia e habilidade com que aproveitou e desenvolveu este, na apparencia, formidavel argumento.

Admittindo que Antonio Camarão, já em 1598 chefe duma aldeia importante, tivesse então seus trinta annos, ao fallecer em 1648 seria octagenario e portanto inapto para arrojadas emprezas marciaes.

Mas, que nem sempre idade tão avançada implica declinio de vitalidade, nos mostra a historia com dezenas de exemplos de guerreiros macrobios, dentre os quaes apenas citarei alguns dos mais typicos:

Carbajal, o sanguinario lugar-tenente de Gonzalo Pizarro, tinha *oitenta e quatro* annos quando, prisioneiro na debandada de Xaquixaguana, foi decapitado, apos muitos mezes consumidos, pelos invios alcantás do Perú, em facanhas e correrias tão assombrosas, que ainda hoje a sua memoria perdura na tradição popular sob a alcunha sinistra de *El demonio de los Andes*; aos *noventa e dois* annos Jugurtha, rei da Numidia, pelejava um dia inteiro montado num cavallo em pello; alcançára a mesma idade o celebre chronista e um dos chefes princi-

paes da sexta cruzada, o Conde de Joinville, ao acompanhar Luiz X á conquista de Navarra, era tambem da igual ancienia o general hespanhol Mendo gon, ao annillar com a presteza das suas mandras, nas charnoeas alagadas da Frisia, os movimentos taticos do grande Mauricio de Nassau, furioso com a demora dos companheiros no assalto aos muros de Constantinopla, em 1204, o Doge de Veneza, Enrico Dandolo, atira-se, completamente armado, da proa da sua galera ás agnas do Bosphoro e guia os cruzados á victoria: contava então *noventa e tres annos*, e na lembrança de todos nos estão vivas as palavras do heroico fronteiro de Beja convidando os amigos a festejarem o seu natalicio com uma algara em terra de mouros. « *Faz hoje noventa e cinco annos que recebi o baptismo.* »

E todos elles, como o *Lidador*, tinham « *vestido armas* » desde a adolescencia! E a longevidade entre os nesses indigenas era proverbial.

Estas objecções, porem, tem de ruir por terra em face do trecho seguinte da *Chronica da Companhia de Jesus* (Livro II § 2), trecho ate hoje ignorado por quantos se tem empenhado no debate e agora muito bem utilizado por PEREIRA DA COSTA.

Enumerando os chefes indigenas convertidos á fé christã, escreveu ali o Padre Simão de Vasconcellos « Da mesma maneira dos Potigoures, um ANTIPO POTIGOAGU, Guirâopuna, Arârûna, Cerobabê, Meiraguacú, Ibatata, Abaiquija, todos famoses, e principaes dos grandes povos dos quaes se affirmam, punha em campo cada qual delles de vinte a trinta mil arcos; que foram grande presidio nosso na Capitania de Itamaracá, Parahyba e Rio Grande. Não fallo aqui do outro POTIGOAGU, maior que todos estes, assombro que foi do Hollandezes em nesses tempos, nas guerras do Brasil, porque para suas façanhas um tomo inteiro era pouco volume. »

Eis ahi um testemunho explicito de escriptor contemporaneo assegurando a dualidade do velho Antonio Camarão e de D. Antonio Felippe Camarão, ambos designados pelo mesmo tupi de Potigouacú (*Camarão Grande*); embora isolado, o depoimento do padre Vasconcellos é muito fidedigno, pois conta em seu apelo com muitas provas circumstanciaes allegadas pelo nosso benemerito confrade o casamento de D. Antonio Felippe com D. Clara, o facto de haver deixado um filho ainda menor em 1661, e a passagem do *Castrado Luciano* alludindo a ter fallecido em idade não avançada, apesar da forma ambigua, no genero de antithese, porque se expressou o guindado chronista

O seu conjunto impõe a convicção inabalavel de ser impossivel identificar o antigo chefe que seguindo, em 1614, na jornada do Maranhão, se deixou ficar no Ceará prostrado pelas fadigas da marcha com o infatigavel lidador, que ainda em 1648, na primeira batalha dos Guararapes, se distinguio por fozes de incomparavel bravura.

PEREIRA DA COSTA deixou assim plena e cabalmente demonstrada a sua segunda proposição, e firmou de vez mais um facto interessante dos patrios annaes.

Com relação á primeira foi igualmente feliz.

Ainda no animo dos mais fervorosos partidarios da opinião adversa deve causar funda impressão o numero e o quilate das razões a que appello para victoriosamente justificar o conceito de haver sido pernambucano D. Antonio Philippe Camarão, isto é, ter nascido dentro dos limites do actual Estado, porquanto mui diversos eram os da primitiva capitania.

Não tenho espaço para analysar aqui, um a um, os elementos da sua dialectica, nem salientar detidamente o valor de cada uma das suas arguições, uma e outras, alias, sufficientemente conhecidas das suas antecedentes publicações sobre o assumpto, as impugnações que até agora pareciam poder invalidal-as já não subsistem mais á vista da evidente dualidade dos personagens inquestionavelmente fixada pelo testemunho de Simão de Vasconcellos.

Em resumo acredito sem reservas ter havido, figurando nos nossos fastos coloniaes em epochas successivas e proximas, dois chefes potiguares do nome de Antonio Camarão: um, o mais antigo, era certamente filho das margens do Potengi, outro, o mais moderno, o paladino da campanha da restauração, nasceu em terras pernambucanas.

Felicitto a PEREIRA DA COSTA pelos louros, que acaba de conquistar estabelecendo definitivamente a verdade destes factos.

- 11 **Drs. M. Otto e R. O. Neumann.** — *VORLAEUFERER BERICHT UEBER DIE REISE NACH BRASILIEN ZUM STUDIUM DES GELBFIEBERS VOM 10 FEBRUAR BIS 4 JULI 1904.* — *Hamburg, Luetcke & Wulff, 1904, in-fol., 27 pp.*

A redobrada importancia que ultimamente adquiriram as investigações sobre a febre amarella, devido á nova theoria do seu contagio e da sua propagação pelos mosquitos, determinou a vinda a nosso paiz de varias commissões de especialistas estrangeiros, afim de estudar a entidade morbida no foco.

A mais recente, enviada pela directoria do *Hospital de Maritimos e Instituto para Moléstias Navaes e Tropicacs*, de Hamburgo, era composta dos Drs. M. OTTO e R. O. NEUMANN que acabam de publicar, num *Relatorio Preliminar* os resultados das suas pesquisas e observações de viagem.

Sendo a aquellos de interesse mais directamente clinico e destinados aos profissionais, resumirei aqui apenas os ultimos, que o publico em geral tem proveito em conhecer.

Vejamos logo o que os dois medicos allemães escreveram sobre a capital do nosso Estado.

«Após dez dias de navegação, a partir de Lisboa pisamos pela primeira vez os do brasileiro em Pernambuco. Durante o dia e meio que ali permanecemos, mere da gentileza, do Sr. Constantino Barza, digno consul da Austria-Hungria, tivemos occasião de visitar o

Hospital dos Lazares, situado fóra da cidade. Este estabelecimento confiado á administração do Sr. Burlamaqui, abriga presentemente cerca de 80 enfermos de todos os graus, signal evidente do quanto se acha espalhada neste paiz esta entre nós tão rara moléstia. São *Irmãs de Caridade* as enfermeiras. Os doentes estão installados promiscuamente em vastos salões e, se bem que para sempre excluídos do mundo exterior, são tratados da maneira a mais humana possível. Não existiam casos de febre amarella, de que nestes ultimos tempos só consta ter havido ali manifestações sporádicas. O flagello dos mosquitos nada percebemos ao anouteceer, quer em terra quer sobre o vapor fundado no porto interno, não obstante o intenso calor rebrante nas circumstancias favoráveis á multiplicação dos mosquitos. Da cidade recebem a impressão de que, devido ás immundações acumuladas principalmente nos baixos habitados por pretos e a inconveniente construção portugueza das casas, offerece terreno muito propício ao desenvolvimento de epidemias e de facto consta ser a peste um hospede frequente em Pernambuco fazendo annunciar a sua aproximação por precedente mortandade de ratos.

« As primeiras horas do dia seguinte foram consagradas á visita de Olinda, cujas igrejas e conventos arruinados testemunham da opulencia de um passado bem remoto, os lugares onde entrona-se celebrava a missa estão hoje inteiramente invadidos pela luxuriante vegetação dos tropicos. »

Proseguindo na viagem e aportando ao Rio de Janeiro, seu ponto do destino, notaram que ali:

« Ao recém-chegado surprehende logo, em contraste com as grandes cidades europeas, a estreiteza das ruas centrais ainda assim percorridas por linhas de bonds. As casas são ali de varios pavimentos occupados o terreo com lojas e servindo os superiores de habitações, enquanto que nos arredores os edificios são mais baixos e em geral, como na Inglaterra habitados por uma só familia. Merece especial attenção a extraordinaria profundidade das casas no centro da cidade o que reduz a um minimo a sua aeração, já muito estorvada pela estreiteza das ruas.

« Que semelhantes construções offerecem bons esconderijos a toda a casta de sevandijas, como mosquitos e ratos é fóra de duvida, bem como que a sua limpeza e desinfectão radical apresenta as maiores difficuldades.

« As ruas em geral calçadas, são, porem, em alguns pontos muito poeirentas, em cuns que pela tarde serão varridas sem precia antisepção. Com poucas excepções a população, que apresenta todas as cambiantes da cor da pelle, tratando do branco puro ao preto escurto mostra grande cuidado no asseio individual. »

Os Autores tinham estas observações extensivas ás outras cidades brasileiras que visitaram, distinguindo apenas São Paulo, pelas vantagens proporcionadas por typos architectonicos mais modernos e apropriados ás condições climatericas.

Excellentemente acolhidos pelas autoridades sanitarias da capital da Republica, os Drs. OTTO e NEUMANN installaram o seu laboratorio bacteriologico numa dependencia do Hospital de S. Sebastião,

onde, por espaço de quatro mezes, se dedicaram ao estudo da febre amarella, conquanto, por falta de casos (apenas 24 durante aquelle prazo), a oportunidade não lhes fosse das mais favoraveis.

No que diz respeito a organização do serviço de hygiene do Rio de Janeiro os dois medicos allemães são prodigos dos mais rasgados elogios: referindo-se ao respectivo director, o illustre Dr. Oswaldo Cruz, escreveram:

« Logo da primeira vez em que com elle tratamos adquirimos a convicção de estarmos diante de um homem de real illustração scientifica, dotado de senso pratico e talento de organização, qualidades difficilissimas de encontrar irmanadas e entretanto indispensaveis naquello cargo para a solução dos problemas hygienicos complicados por tantas e tantas difficuldades, em um paiz em que a comprehensão da utilidade dos melhoramentos sanitarios ainda nao penetrou em todas as camadas da população. »

Admittindo sem reservas a theoria que considera os mosquitos os unicos transmissores da febre amarella, applaudem fervorosamente as medidas prophylaticas empregadas com tão bom exito em Havana e no Rio de Janeiro e consistentes na campanha ininterrupta contra aquelles insectos, a destruição dos seus focos de germinação e rigorosas e frequentes desinfecções domiciliarias.

Quanto á variola se declaram francamente partidarios da vaccinação obrigatoria, lamentando que na propria Alemanha ainda existam adversarios de tão salutar providencia.

Depois de uma breve excursão pelo Estado de S. Paulo, os Drs. OTTO NEUMANN regressaram a Hamburgo, por Santos levando do Brasil bem lisongeira impressão.

Vieram imbuídos de certos preconceitos sobre o nosso estado cultural ainda vigentes em algumas partes da Europa e se retiraram maravillados deste « bello, hospitaleiro e adiantado paiz ».

Felizmente já vão longe os dias em que Seidler, Expilly, Biard, Mariconi e outros detractores systematicos faziam, com os seus escriptos despeitosos e odientos, opinião contra a nossa patria.

12 — **John C. Branner.** — THE STONE REEFS OF BRAZIL, THEIR GEOLOGICAL AND GEOGRAPHICAL RELATIONS, WITH A CHAPTER ON THE CORAL REEFS. — *Cambridge, Mass., 1904*, in-8° gr., 285 pp., 104 grvs, 99 ests.

O estudo da geologia do Brasil nestes ultimos quarenta annos tem sido, quasi exclusivamente, obra de tres scientistas norte-americanos: HART, o saudoso companheiro de AGASSIZ, inaugurou a nova era de investigações systematicas, brillantemente continuadas pelos seus dois amigos e discipulos DERRY e BRANNER: o primeiro mais especialmente com relação a S. Paulo e os Estados limitrophes, o segundo quanto a região norte-oriental

Com excepção talvez apenas de alguns trabalhos de Louis LOMBARD, infelizmente hoje afastado do nosso convívio, não o que modernamente possuímos de conhecimentos sobre a geologia e a geographia physica do Pernambuco e devido ás pesquisas do então Vice-Presidente da Universidade de Stanford, ali estive, accessíveis a todos e permitindo aquilatar da importancia dos seus trabalhos, as elegantes traducções que des principaes tem entre nós dado á publicidade o meu illustre amigo e confrade Dr. João Baptista RIBEIRA COSTA.

O Professor JOHN C. BRANNER veio pela primeira vez ao Brasil já em 1875, como ajudante de HARPER e aqui permaneceu por alguns annos na qualidade de membro da *Imperial Commission Geologica*; teve então ensejo de visitar e percorrer demoradamente o nosso Estado, colhendo os materiaes e as observações para muitas das suas monographias posteriores. Extincto aquelle utilissimo empachadimento, regressou á patria, onde, em breve os seus serviços foram aproveitados pelo Estado de Arkansas, na direcção do respectivo levantamento geologico, até que passou a assumir a cathedra de mestre no magnifico e futuroso instituto de ensino superior com que a piedade paternal do millionaire Stanford dotou a California.

Proseguindo sempre nos seus estudos brasileiros, em meados de 1899, voltou ao nosso paiz, no desigmo de rectificar e completar os seus conhecimentos especiaes por meio de novas explorações.

Os seus brilhantes e preciosos resultados já foram consignados em varios artigos de menor vulto e principalmente na memoria sobre *A geologia da Costa do Brasil* em sua quasi totalidade por mim traduzida para o portuguez e publicada nas Revistas dos Institutos Archeologico e Geographico Pernambucano e Historico e Geographico do Rio Grande do Norte.

Mas, a ultima viagem do Professor BRANNER teve um objectivo particular e determinado, qual o exame minucioso do phenomeno geologico mais notavel da costa oriental do continente sul-americano: os **recifes de pedra**.

Este é o assumpto do seu novo trabalho ha pouco primorosamente editado pelo *Museu de Zoologia Comparada* da Universidade de Harvard.

Seria estulta pretensão querer cifrar no archibo dum simples *sample-card* o conteúdo de obra tão notavel e vultuosa, alias, na sua traducção para o portuguez já trabalha o Dr. J. B. RIBEIRA COSTA.

Por isso farei aqui sómente ligeiro epitome das principaes conclusões que encerra.

Nas costas de muitas regiões tropicaes são frequentes os recifes de coral, os de pedra, porém, se acham quasi que circumscriptos ao norte do Brasil, pelo menos quanto ao numero e ás dimensões.

E' sabido como se estendem, com grandes e numerosas interrupções, das proximidades do Ceará ao sul da Bahia, numa distancia de dous mil kilometros, acompanhando a linha da praia e resguardando aqui e ali, como verdadeiros diques naturaes, muitos portos e enseadas que sem a sua presença não existiriam.

Sobretudo em face do littoral pernambucano se apresentam a miúdo, existem em Goyanna, no Rio Doce, no Recife, na Piedade, em Venda Grande, em Gamba no sul do Cabo de Santo Agostinho, no Porto de Gallinhas, em Cachimba, em Sorinhãem, em Santo Aleixo e em Rio Formoso.

Considerados quanto á sua fôrma e estrutura são em geral, mas não sempre, rectos; as camadas que os constituem pendem para o lado do mar no angulo ordinario das praias arenosas; a espessura da rocha massiva não excede de tres a quatro metros; os materiais subjacentes são areias, conchas e argillas, sem sequencia regular. O processo de formação, o caracter e a estrutura destes recifes mostram serem antigas praias endurecidas pela acção do carbonato de cal, emquanto que a sua direitura indica serem formas de uma primitiva linha costeira fixada e tornada permanente por um processo especial de consolidação, cujos factores não foram ainda satisfactoriamente determinados.

Os meios porque se opera a lithificação das areias sob a influencia do carbonato de cal são de varias naturezas, e podem todos ter contribuido mais ou menos para o endurecimento dos recifes brasileiros; umas, não bastam para explicar a sua existencia, principalmente a petrificação das praias por traz dos antigos recifes.

A sua distribuição conduz á inferencia de ser a consolidação directamente relacionada com a densidade d'agua do mar, influindo tambem para isto as condições climatericas e geologicas do continente vizinho, pois, é assaz provavel que as areias não teriam podido ser consolidadas se houvesse chuvas bastante copiosas e continuas para manter sempre desobstruidas as boccas dos rios e puras as suas aguas.

Em uma região de aguaceiros concentrados e de secas prolongadas a foz dos rios fica temporariamente fechada e as aguas se espraíam em lagoas por traz dos bancos de areia, o accumulo de materias organicas nestas represas naturaes augmenta a acidez d'agua doce que, filtrando atravez do dique arenoso, primeiramente dissolve o calcareo e depois deposita-o de novo ao chegar em contacto com a agua do mar muito mais densa.

Por este modo alguns trechos das praias foram endurecidos, emquanto que outros permaneceram inconsistentes.

Acreseo que, segundo todas as probabilidades, é durante a estação seca que a agua do mar attinge o maximo da sua densidade, contribuindo para accelerar a consolidação do decurso do verão.

Rebustece ainda mais esta hypothese o facto de se encontrarem os recifes de pedra junto ás boccas de rios de pequeno volume d'agua, jamais porém, perto, da foz dos de grande caudal, como o São Francisco.

Quanto á idade approximada dos recifes, attentas as suas relações physio e stratigraphicas e os fósseis que encerram, concluiu o Professor BEANNER que a sua formação começou nos primitivos tempos Pliocenos e tem continuado até hoje.

No decorrer da investigação do problema principal, que deixei imperfeitamente indicada, discute o eminente scientista muitas outras

questões de summo interesse para o estudo da geologia e geographia physica do Brasil.

Precedendo o capitulo final, em que o Dr Arthur W Greeley analysa os recifes de coral, traz ainda o livro uma excellente bibliographia annotada, fertil em dados preciosos para o estudioso brasileiro em geral.

Exensado é acrescentar que, como em geral todas as edições norte americanas, esta tambem se distingue pela nitidez do trabalho typographico e pela belleza das numerosas illustrações representando os trechos mais pittorescos e appraziveis do nosso litoral e os seus aspectos mais caracteristicos.

13 — **Dr. Phaelante da Camara.** — MEMORIA HISTORICA DA FACULDADE DO RECIFE. — Anno de 1903. — Recife, *Imprensa Industrial*, 1904, 4º, 129 pp.

Emfim, depois duma longa série de simples relatorios estereis, calcados com pressa e sem gosto sobre os papeis informes e brios na secretaria, vem a Faculdade do Recife de possuir a primeira « memoria historica », não só digna deste nome, pela opulencia dos dados contidos, como exemplar no genero pelo esmero com que foi elaborada.

E o que é mais ainda — aquelles se tornaram doravante impossiveis.

Prestando inestimavel serviço á egregia instituição, onde a sua palavra vibrante e autorisada infunde á nova geração as doutrinas sadias da sciencia nova, o illustre cathedratico do direito criminal acaba de rumar para o seu verdadeiro norte a inle destas monographias, preciosas quando, sem prescindir do necessario alicerce estatistico, trazem o calor palpitante das obras feitas com estudo e amor.

De hoje em diante quem for investido da mesma missão não terá escolha possivel entre o agro dever da imortalidade e o desar do silencio.

Longe de se restringir á relação dos fastos da nossa escola do direito no angusto periodo do anno findo, o Dr. PHAELANTE, com especial acuidade analytica, investiga-lhe o passado inteiro; em breves paginas — breves demais para o leitor captivo dos seus principios — assignala com admiravel relevo descriptivo as phases varias da sua evolução quasi secular.

Tem requintes de archeologo em pesquisar-lhe as origens, zelos de historiador em consubstanciar-lhe os annaes, apuros de psychologo em caracterisar-lhe os necessarios aspectos, e sobretudo carinhos de artista em represental-os todos sob forma genuinamente litteraria.

Acompanhando-o passo a passo nas *Notas Preliminares* assistimos á formação do grosseiro casulo ruical do primitivo Curso Jurilico nos vetustos salões do Mosteiro de S. Bento, em Olinda, observamos a sua lenta transformação em chrysalida no sombrio casarão

do Hospício de onde, já de azas feitas, o moderno espirito academico se veio aninhar «provisoriamente» entre os muros de acapado edificio colonial, que depois das arguciosas polemicas dos discipulos de Santo Ignacio ouviram, na sua impassibilidade saxeia, as parvoices lendarias de ignaros capitães-generaes.

Um phrasedes rapidas e de maravilhosa concisão e pertinencia o Auctor caracteriza cada um destes periodos; rasga-lhes um succinto esboço physionomia propria, exaltando com justiça os meritos comparativos, e apontando com equidade os defeitos peculiares que os diferenciaram.

E assim chega á era gloriosa quando das cathedras começaram a ser espalhadas as sementes fecundas das novas concepções das sciencias juridico-sociaes, cujos fructos sazonados ao influxo da verdade experimental foram derramar pelo Brasil inteiro a luz do direito hodierno a surgir victoriosa do nevoeiro dos conceitos metaphisicos.

Mas, cumpre registrar que se aquelles germens abrolharam em vigorosos rebentos, floresceram com brilho e fructificaram utilmente foi porque cahiram em solo extraordinariamente fertilisado.

Muito, muito antes — enquanto ainda os lentes traçavam e mantinham inexoraveis em torno das cadeiras rigoroso cordão sanitario contra o contagio dos novos principios, entoando numa solidariedade beata de clérigos regulares o canto-chão das doutrinas orthodoxas, grave concerto onde apenas desatinava ás vezes a voz liberal de Aprigio Guimarães — no corpo docente da Faculdade do Recife as opiniões dos grandes remodeladores do direito na Allemanha, na Franca, na Inglaterra e na Italia se infiltravam lentamente; eram frequentes os choques entre as novidades abraçadas pelos discipulos e os dogmas archaicos dos mestres, attritos que collinearam já no escandalo tradicional do concurso de Sylvio Romero.

Os reformadores do ensino na nossa Faculdade não foram thau-maturgos, porque na sociedade como na natureza toda os milagres não são possiveis.

Do antagonismo flagrante entre a avidez do escol dos alumnos por uma orientação juridica assente em bases scientificas e racionais e a obstinação dos professores em se atterrar ao tradicionalismo de desacreditados compendios, nasceu a conjuntura propicia á actividade opportuna e efficiente de Tobias Barretto, José Hygino e João Vieira, coroada de tão brilhante successo.

Instruidos nas lecções dos progonos da ultima grande reforma philosophica e intervindo a proposito, conseguiram, pelo seu esforço talento e illustração, restabelecer o equilibrio, que a progressiva eliminação dos fanaticos do velho credo e a sua substituição pelos adeptos do novo têm cimentado definitivamente.

Aos tres pioneiros a gloria de haver iniciado com vigor e competencia o movimento salutar.

Não comporta o ambito desta noticia me demore por tamanho espaço na apreciação dos demais capitulos em que se divide, sem se fragmentar, a presente «memoria historica», pelo que, a contra-

gesto, destacarei apenas alguns de cuja leitura guardei mais viva impressão.

Entre estes saliento em primeiro lugar aquelle no qual o Dr. PHAELANTE discute o novo plano da creação duma universidade no Brasil.

O assumpto tem, nestes ultimos tempos, merecido o exame e a meditação dos nossos mais abalizados especialistas em materia de instrução superior, e os pareceres e projectos a respeito se multiplicaram; mas, ainda depois de tão debatido o problema, quando parecia não restar mais uma só proposição a elucidar, o Autor logra e descebrir-lhe aspectos, inéditos e o apresentou a discussão collocando sobre premissas inteiramente originaes, de notavel criterio e subordinadas principalmente á feição particular do caracter nacional, sem prejuizo da doutrina, sendo ali vincular os sentimentos do patriota ás convicções do scientista.

Ao se occupar da directoria, enaltecendo os meritos singulares do cidadão cediendo que ora a exerce, tem occasião de fixar em relevo de medallia os bustos de Maciel Monteiro, Lopes Gama, Visconde de Camaragibe e Jero Alfredo, seus dignos antecessores, a mesma facilidade em desenhar fiel e promptamente physionomias mortaes manifesta ainda nas leves e frisantes caracteristicas dos bustos actuaes, superando com felicidade os accidentes possiveis em emprezas semelhantes.

São justas e judiciosas as suas considerações relativas ao auspicioso desenvolvimento da bibliotheca, merec do zelo intelligente dos seus deus ultimos directores — Manoel Cicero e Frada Vasconcelles, empenhados em enriquece-la com as melhores publicações modernas, dar-lhe organização conveniente e transferir-lhe, do « cemiterio de livros » que era dantes, um poderoso elemento cultural.

A vista do que hoje, como nos parece remoto, quasi perdido em brumas medievaeas, aquelle anno de 1859, quando o Imperador D. Pedro II, visitando a, inqueria, num capricho de bibliophilo, qual o livro mais antigo que encerrava o o respectivo director lhe trazia **pressuroso um exemplar da Biblia!**

Na *Conclusão* deixa o Dr. PHAELANTE se expanda novamente o seu patriotismo ardente num hymno triumphal á terra do berço, mostrando como a Faculdade do Recife representa tambem as tradições pernambucanas no que ellas podem ter de mais elevado.

Possuo o Autor um styleto lo possente e de extraordinaria originalidade pittoresca, terso sem pedriscos, e classicas papagaolho de vivacidade e de rhythmo transbordando os techos do logar, he-lhe a ainda as exposições dos assumptos mais arduos, e mais arduas á proposito de anectotes referidas com espirito e graça, em estruturas de imagens escolhidas e empregadas com inimita pericia, esplendendo sobre o fundo colorido da narrativa com o brilho de aureas incrustações.

11 - **Dr. Octavio de Freitas** Os NOSSOS MEDICOS E A NOSSA MEDICINA—*Recife, 1904, 8°, 291 pp.*

A julgar pelo titulo parecerá, talvez, fóra de proposito consignar aqui o apparecimento deste interessante volume.

Mas, não se trata duma obra de sciencia pura e antes duma judiciosa e elegante analyse e discussão, com referencia ao meio pernambucano, dos objectos que lhe servem de epigraphe.

Nas suas paginas ha muita coisa de valia a ser respigada pelo historiadôr que não faz da sua espinhosa missão o commodo officio de collector de ephemerides.

E' que hoje a historia abandonou o seu papel de mestre de cerimonia a proclamar ruidosamente os orgulhosos titulos nobiliarchicos dos soberanos por «gracia divina» e elevou-se á tarefa mais nobre de soberana disciplina social: deixou VOLTAIRE, tecendo grinaldas de rosas ou de goivos em torno das datas dos natalicios dos obitos principescos, para vir, com TAINE, por a luz ás origens dos acontecimentos.

Ao panegyrico dos heróes preferio o cadastro dos factos instructivos; antepoz a verdade á gloria.

Fez-se humana e scientifica.

E, obedecendo ao famoso e cansado preceito de MONTAIGNE - *Je prends mon bien ou je le trouve*—desceu da sua sublimidade rhetorica para pedir o auxilio prestimoso das sciencias irmãs.

E os resultados da nova orientação foram extraordinarios.

Particularisando, basta lembrar o quanto servio a LITRE e a CARANNEL o concurso das sciencias medicas á elucidação formal de obscuros problemas historicos, e a BUCKLE, DRAPPER, TYLER e ao proprio SPENCER para a consolidação das suas theorias sociologicas.

Quem de futuro quizer delinear com verdade a ethnopsychologia pernambucana muito lucrará com a leitura attenta do bello trabalho do Dr. OCTAVIO DE FREITAS.

As condições domiciliarias, os cuidados de limpeza pessoal e domestica, o regimen alimenticio de um povo, são elementos sobremaneira valiosos para a boa comprehensão de sua capacidade physica e cultural.

Sobre estes assumptos o livro do illustrado clinico é deveras instructivo.

E' triste verdade sermos em geral um povo sem hygiene privada, e quando uma epidemia nos assalta é aos poderes publicos a quem lançamos toda a culpa em vociferações clamorosas.

Falta de providencias, desidia, menos-prezo da saúde publica bradam os opposicionistas.

E por pouco chegariam a acoiimar o governo—como os campones russos da Massovia os agentes fiscaes do imposto agrario—da autoria do flagello.

Entretanto, urge confessal-o, são plausíveis todos os motivos as-signalados pelo Dr. OCTAVIO DE FARIAS como produtores do **pessimo estado sanitario da nossa capital.**

Não é preciso ser medico ou hygienista para reconhecê-lo.

Man grado a sua privilegiada situação topographica, banhado por dous rios junto á sua foz, varrido constantemente pelos aliseios, o Recife apresenta assombroso coefficiente de mortalidade.

A que attribui-a ?

Principalmente a falta de conveniente aeração das ruas, á im-prestabilidade de actual systema de esgotos, das águas pluvias e servidas e das materias fecues, e ao pernicioso processo de fazer aterros *com lixo* !

A estas causas de possível abolição, e pela qual muito se empenham as administrações estadual e municipal, se prendem ainda outras de mais difficil extincção, qual a pessima alimentação das nossas classes baixas, assumpto certamente digno de um descrevido es-tudo.

Neste capitulo inicial—*Hygiene e Litteratura*—são tambem discutidas, a proposito da frequencia da varicella entre nós, as vantagens da vaccinação obrigatoria, declarando-se o autor firmemente par-tidario desta grave medida, cuja effectibilidade tão accensas polémicas **tem provocado no seio do parlamento nacional.**

Passando a fazer a historia da hygiene na cidade do Recife, re-sume-a nas tres individualidades dos dres. Joaquim de Aguiar Pin-seca, Pedro de Athayde Lolo Moscoso e Rodolpho Galvão, *directores* em diversas épocas da repartição sanitaria de Pernambuco, as quaes accrescenta ainda o nome venerando do dr. Cesme de Sá Pereira, o **estimado decano actual dos nossos medicos.**

Esboça primeiro, a traços largos, fiéis e vivos, a personalidade de cada um delles, e narra depois, por nítido e inextinguíveis serviços que prestaram em prol do saneamento desta capital: ves-se que não foi ninguém de profissões competentes a indicar as providencias neces-sarias que elle ainda hoje tanto deixa a desejar.

N'a *Evolução da Cirurgia* o Autor tece amplo ensaio de se demorar carinhosamente a desenhar os perfis dos seus eminentes collegas dres. Malaquias Gonçalves e Arnobio Marques, os dous mais reputados «artistas» da medicina externa entre nós: em paginas dum saber genuinamente litterario analisa as circumstancias que retardaram a adopção dos seus progressos em Pernambuco e registra com mereci-dos applausos a benéfica actividade daquelle dous preceitos, salien-tando igualmente as aptidões eminentes dos dres. Sílves Barboza, João Paulo, Vieira da Cunha, Alfredo Costa e João Rangel nos do-mínios especiaes da gynecologia, da obstetricia e da estenoterapia.

Não menos captivante, mesmo para o leigo, é o capitulo final, in-titulado a *O Progresso da Medicina*, onde se nos deparam consi-derações judiciosas sobre a marcha evolutiva da «arte para a sciencia», da therapeutica empirica á pathogenica, e nos seduzem, pelo encanto da sua factura artistica, os retratos tão bem acedados dos nossos clinicos mais notaveis, como os dres. Ermirio Coutinho, Con-stancio Pontual e Carneiro da Cunha, desenhados com tamanho talento

da observação, fidelidade psychologica e esmero de composição que um belletrista exigente não vacillaria em transportar-os, sem retoque, para as paginas duma obra de arte pura.

Estas mesmas qualidades litterarias, que a natureza do assumpto com a sua obrigada terminologia rebarbativa parecia impossibilitar, se nos revelam de modo brillante no estudo sobre os—*Jornalistas melcos e socied dos de medicina*; em parte é um trecho primorosamente elaborado da historia das instituições scientificas em Pernambuco, e em outra constitue precioso subsidio para o futuro annalista da imprensa pernambucana aquilatar de merito e da importancia do contingente com que a classe medica concorreu para o seu incremento, arrojando destacar dentre elle, nestes infames tempos, os talentos de ex-novo stylista e de argumentador habilissimo revelados pelo DR. RAUL AZEDO.

Sem me deter nas seções relativas a *A Campanha do Saluenismo* e a *A Peste Bubonica e a pesquisa da sua causa*, em que se debatem questões de interesse mais exclusivamente profissional, passo a me occupar do ponto final do excellento livro do DR. OCTAVIO DE FREITAS—*As grandes epidemias*

As molestias que maiores devastações tem produzido sob a forma epidemica no Recife, escreve o operoso e erudito clinico, são : a *variola*, o *cholera-morbus* e a *febre amarella*.

A primeira e, no seu autorisado dizer, depois da tuberculose, das molestias zymoticas, a que maior numero de obitos faz no Recife; falleceram-lhe, porém, elementos para fazer a sua historia detalhada antes do seculo passado, o que, aliás, de modo algum prejudica a perspectiva do quadro aterrador que desta medonha enfermidade nos traça.

E' aqui ensejo de lembrar que a denominação de *catapóras*, applicada ás leixas benignas ou discretas, é de procedencia indigena; segundo informa o sabio indianologo BAPTISTA CAETANO, vem do tupi *tata* e *par* (fogo saltar, salta fogo) significando tanto a variola, como a escarlatina, o sarampão e qualquer erupção cutanea.

Quanto á febre amarella o Auctor enumera detalhadamente os seus estragos desde os fins do seculo XVII, quando aqui grassou temerariamente sob o nome de *Malas*, até as suas mais recentes manifestações sporadicas.

Depois da epidemia de 1856, attesta o competente profissional, têm sido tambem raros os casos da peste dos Ganges.

Para terminar direi que o novo livro do DR. OCTAVIO DE FREITAS, escripto no intuito de reivindicar para a classe benemerita, de que singular ornamento, o seu valor effectivo de importantissimo factor de adiantamento, quer de ordem moral e intellectual, quer de ordem material na nossa capital, é inquestionavelmente uma real manifestação de grande cultura intellectual e nobilissimos intuitos altruisticos vazados em moldes de rara perfeição esthetica.

15 — **Netto Campello.** — BARÃO DE LUCENA. Escrevo biographico. — Recife, Imprensa Industrial, 1904-1, 139, VIII pp., 1 retrato.

E' raro acontecer que as biographias de personagens vivos não degenerem em panegyricos.

Não teve arte de se furtar a esta tendencia o dr. NETTO CAMPELLO ao organizar esta sua nova publicação.

Nas poucas paginas originaes — pois o grosso do volume é feito de transcripções — o Autor jamais deixa o officio do apologistas tereroso pelas funções de critico imparcial, o seu *«esboço biographico»* é um preito de amizade e gratidão e nunca um estudo desapassionado e consciencioso da personalidade do sr. Barão de Lucena.

Mal avisado andará quem da sua leitura pretender legir noção exacta e fiel do character do eminente pernambucano.

O retrato ali — tendo faz lembrar estes velhos retabulos byzantinos, onde o artista primitivo buscou supprir a sua ignorancia da vida — perspectiva por meio de um fundo uniforme de ouro vivo.

A cada periodo resalta evidente a preocupação mal distarçada de fazer a apothecose do idolo.

Pesquisando-lhe a genealogia; demorando-se a caracterisar a indole de seus paes e tios; contando minudente todos os factos da primeira parte da sua existencia até que obtida a laurea de licenciado em direito, entrou para a vida publica, enumerando data per data todos os cargos que exerceu — desde o de examinador em um concurso de lingua grega até o de ministro do marechal Deodoro —, salientando as suas qualidades de magistrado probo e energico, de administrador fazendo o honesto e de politico de largas vistas, o Autor não perde ensejo de tecer encomios e de abusar de qualificativos lisongeiros.

Visto atravez do profuso elogio do DR. NETTO CAMPELLO o vulto do sr. Barão de Lucena attinge proporções sobre humanas e irrenes.

Mas, foram baldades os seus prolongados esforços em guindar o seu illustre amigo e protector á galeria augusta dos *«superciliosos»* de CHARLEY e dos *«Übermenschen»* de NIETZCHE: na consciencia nacional elle permanecerá sendo — o que realmente é — um dos nossos *«representative-men»* no sentido de EMERSON.

Sim, porque — mesmo postos á parte os voluntarios exaggeres do DR. NETTO CAMPELLO — seria revoltante injusticia recusar ao sr. Barão de Lucena os merecidos fôres de cidadão prestimoso, os beneficios materiais prestados a terra natal no decurso da sua primeira administração do Pernambuco, ali estão para attestar a impotencia dos seus serviços e do certo sobreviverão nos odios suscitados pelas lamentaveis occurrencias de *«Dezesseis de Maio»*.

Na verdade aquelle periodo da vida publica do nosso digno patriota constitue o seu melhor titulo a benemerencia dos contemporaneos, porquanto da sua passagem na suprema direcção do paiz, junto ao Marechal Deodoro, só resta a memoria da nefasta cum-

plicidade no golpe d'estado de 1 de novembro fonte de todas as calamidades que posteriormente affligiram a Patria.

Padece outrossim o presente panegyrico da ausencia dum requisito visceral; a perfeição da forma.

Falta inteiramente ao Autor o talento da composição: a narrativa — ji em si muito arrastada — é com enfadonha frequencia interrompida por transcripções infundáveis de cartas, trechos de discursos, fragmentos de relatorios e artigos de jornaes, cujo conteúdo poderia ter sido apresentado sob aspecto mais ameno sem prejuizo da indispensavel documentação: o estylo ainda nos momentos de maximo entusiasmo — carece de azas para se elevar um pouco acima da vulgaridade costumeira.

Encerra o tocho um curioso indice alphabetico das materias contidas, que deve ter custado bom trabalho ao Autor, sendo, porém, de muito pouco prestimo para o leitor.

Tivésse o Dr. NETTO CAMPELLO — consoante a indole do seu panegyrico — feito delle uma elegante *plquette*, com o substituto de *Homage of Gratitude*, impressa a cores sobre velino em exemplares numerados e reservados aos amigos e admiradores do sr. Barão de Lucena, e não seria certamente o obscuro rabiscador destas linhas quem fosse perturbal-o na justa expansão dum sentimento louvabilissimo.

Atirando-o, porém, assim desasombradamente á grande publicidade, como «escorço biographico», deu ensejo a que a critica se pronunciasse a respeito com inteira franqueza, como acabo de fazer animado do espirito de completa imparcialidade que o illustrado lente da Faculdade de Direito do Recife ja fez a justiça de reconhecer nestas minhas despretenciosas apreciações.

16 **Alberto Souza.** — MEMORIA HISTORICA SOBRE O «CORREIO PAULISTANOS» — S. Paulo, Resenhain & Meyer 1904, 8., 78 pp, 2 retratos, 1 planta.

Vem proximo o centenario do estabelecimento definitivo da imprensa entre nós e do advento do primeiro jornal brasileiro: portanto, é tempo de ir recolhendo materiaes, reunindo informações e agrupando recursos para sobmnisar condignamente o dia 13 de Maio de 1908.

Neste periodo secular, vizinha do termino, o nosso jornalismo adquiriu tamanho vulto que a simples enumeração das suas especies — excedendo actualmente a quinze mil — já é tarefa superior a um esforço individual.

Quanto mais difficil não será estudar as uma a uma, descrever-lhes os aspectos, definir-lhes os intuitos, narrar-lhes os factos e consignar os entim n'um vasto repertorio analytico, certo a melhor maneira de commemorar o natal da primeira dentre ellas.

Só não em conjuncto monumental abrangendo todas, pelo menos em valiosos trabalhos parciais, e de presumir assim acontecer.

FERREIRA RODRIGUES, no Rio Grande do Sul; LAFAYETTE DE TOLEDO, em S. Paulo; MOREIRA DE AZEVEDO e PIRES DE ALMEIDA no Rio de Janeiro; DIAS CARRAL, em Alagoas; o BARRÃO DE STUART e PERDIGÃO DE OLIVEIRA, no Ceará; e CESAR MARQUES e JOAQUIM SERRA, no Maranhão, já tem dado á luz bons ensaios promissores de melhores succedaneos, além do judicioso resumo com que JOSE VERISSIMO contribuiu para o *Libro do Centenario*.

Forneceem igualmente subsidios estimaveis para a construcção do futuro monumento, aquelles dos nossos velhos jornaes que tem festejado o quinquagenario do seu inicio com a publicação dos seus annaes.

Hontem assim procedia o *Diário do Rio Grande*, com o auxilio de FERREIRA RODRIGUES, hoje é o *Correio Paulistano* que confia missão igual á competencia de ALBERTO SOUZA.

Quando, ha cinco annos, lancei á publicidade o opusculo—*Jornaes Pernambucanos*—especie de bateador d' *A Imprensa Pernambucana*, que só agora entra para o prélo—lamentei não poder elaborar um estudo synthetico, a exemplo dos de PRITZ, HALL e HUNT, por me faltoerem os talentos especulativos do historiadore capaz de abarcar, de comprehender e de apreciar no seu complexo a evolução inteira da imprensa de um paiz; o sobrio scepticismo do politico militante apto a descobrir, sob a mascara dos programmas, os moveis e designios reais dos partidos, e finalmente a experiencia profissional do detalhe a adquirida em prolongado tirocinio jornalistico.

Invejo a ALBERTO SOUZA estas qualidades manifestas com tanto brilho na presente memoria.

Neste seu bello estudo a documentação abundante, a justeza dos conceitos e o esmerado lavor da forma se fundem num todo de harmonia pouco vulgar.

E', a todos os respeitoos, uma homenagem condigna do objecto.

O *Correio Paulistano* é um dos rares jornaes brasileiros que não deve a favores officiaes a sua longevidade relativa, e se isto concorreu para lhe difficultar os primeiros passos, servio evidentemente para dotal-o da indole especial da sua actividade benetica a progressista.

« Nenhum outro organ da nossa imprensa periodica ou diaria, escreve ALBERTO SOUZA, jámais reflectiu tão acentualmente, nem tão energeticamente desposou, as aspirações quaesquer de nossa terra, nas diversas phases de seu desenvolvimento passado. Nenhum outro jornal soffreu, com maior sinceridade nem com mais desapegada solidão, a irresistivel influencia das gerações paulistas, cujos vastos ideaes elle defendeu gallhardamente como um paladino de entr'ouros defendia as tradições de sua té. Elle encarnou conforme as circumstancias das épocas e as exigencias tumultuosas de meio, todos os sentimentos politicos e todos os anheios sociaes. »

Fundado, a 26 de Junho de 1854, por iniciativa de JOAQUIM ROBERTO DE AZEVEDO MARQUES, e redigido nos primordios pelo dr. PEDRO TAQUES DE ALMEIDA ALVIM, inaugurou em S. Paulo a im-

pressa quotidiana, victima de sua orientação discordo com os preconceitos vigentes, um anno e dezesseis dias mais tarde suspendia a sua publicação diaria; a 30 de Julho de 1858, porém, reerguia-se e encetava verdadeira e alegre carreira laboriosa e fecunda que o conduziu ao apogeu actual — escripto pelo escol da mentalidade paulista, impresso com todo o perfeiço dos mais modernos processos, circula em edições de quasi nove mil exemplares!

Como é grato acompanhar, na narrativa elegante e colorida de ALBERTO SOUZA, a evolução triumphal deste ornamento do jornalismo brasileiro!

Ha neste escriptor o myster de historiador da imprensa alternativas so comparaveis ás da melico, que hoje molta cholera vacilla, na urgencia duma necropsia, em mutilar um corpo de divina formosura, e amanhã examina, cheio de nojo, as pestidas dum leproso.

Quanta vez não se nos offerece a justissima applicação a rispida sentença que COMTE, na intransigencia do seu dogmatismo, lavrou contra o jornal!

Ainda ha pouco, quando, no invictissimo em Vienna o *Congresso Internacional da Imprensa*, um alto funcionario austriaco teve a leviandade de incluir em brinde alvitreiro « todos os jornaes do mundo », da parte sudia do periodismo europeu não se demoreu violento protesto contra semelhante generalisação.

« Não clamou indignada, a *Bonner Reichs Presse*, recusamos em nome da honra profissional o elegio colectivo assim expreso, urge fazer distincções; não somos todos iguaes », e, em Paris, o *Gaulois* concordou — « sim, isto de jornaes é como de mulheres: os ha de toda a casta, mas, querer comprehendel-os todos num mesmo louvor é pretender nivelar a mãe a brada, a esposa virtuosa, a filha estremecida a ultima das barregans que merendeja o corpo em infimo prostibulo ».

Certo o melhor seria ignorar a ignobil existencia destes vibrões immanulos que sorpejam verazes na vaza da sociedade; mas, o dever, a prohibido do officio, que fôr em MAXIME DE CAMP a permittir e abrisse o copilula do estado, a gigantesca, que o seu genio de erudito e de artista eleva a capital da França, os vermes intectos da garteria, e de prostração, nos obriga tambem a nos, annalistas da imprensa, a investigar-lhes as cancerosas podridões.

Não a resignação de todos os amigos do progresso cultural o saneamento do jornalismo se apresenta como problema formidando o inadiavel; mas, onde buscar-lhe a solução?

A inefficacia de leis coercitivas tem sido por toda a parte demonstrada, e o desejo de constituir a imprensa em profissão reservada a individuos educados em escolas especiaes, conforme se tenta na Belgica e nos Estados Unidos, é aspiração platonica.

Em quanto perburarem as presentes fatalidades economico-politicas, os pasquins, como os ratoneiros e as meretrizes, serao males insanaveis.

Espereemos vivam em época mais feliz os nossos netos.

17 Dr. Manuel Cicero P. da Silva — *ANNAES DA BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO*.—1902—Vol. XXIV.—*Rio de Janeiro, Officina Typ. da Bibliotheca Nacional, Part. in—4, 391 pps.*

Infelizmente é tão raro entre nós deparar com *the right man in the right place*, que se não deve perder ensejo de por em relevo bem saliente qualquer occasião em que isto acontece.

Para substituir o illustre e venerando Dr. TLEXEIRA DE MELLO, na direcção da mais importante bibliotheca da America do Sul, a escolha do nesso digno e laborioso patrio Dr. MANUEL CICERO foi das mais acertadas.

Espirito methodico, possuidor de vastos conhecimentos especiaes subordinados a um criterio firme e esclarecido, na reorganisação e no desenvolvimento da bibliotheca da nossa Faculdade de Direito e na elaboraço do seu excellente *Catalogo*, já havia demonstrado o superior quilate das suas aptidões singulares para o cargo que ora exerce, e onde dia a dia o seu merito mais se accentua.

Os melhoramentos que a sua actividade intelligente e vontade tençoeira tem conseguido introduzir na occorrença daquelle utilissimo estabelecimento — um dos muitos beneficos devidos ao tão malsinado governo de D. João VI — são numerosos e fecundos, não sendo dos menores a acquisição duma typographia propria, de onde passarão a sair, com a regularidade desejavel, os *Anuvs*, sem duvida, depois da *Revista do Instituto Historico*, a mais consideravel e valiosa publicação brasileira no dominio das sciencias historicas.

O presente volume primeiro que se imprime na nova officina, se não destoa dos anteriores no esmero da execução material, tambem rivalisa com os melhores dentre elles pela importancia do conteúdo.

A parte o circumstanciado relatorio apresentado pelo Dr. MANUEL CICERO, em 1902, encerra os quatro primeiros livros da obra inedita de chronista pertanlente d' PERNAMBUCO no LORRITO CORTIO, intitulada—*Desaggravos do Brazil e Glorias de Pernambuco*.

O Autor nasceu aqui no Recife em principio do Seculo XVIII, e, abraçando a carreira religiosa, tomou o habito de Benedictino, além do nome dos seus progenitores e tudo o que se sabe da sua biographia.

Conforme se deprehe do *Prefacio* ao *Libro* o manuscrito que agora começa a ser impresso é apenas a primeira parte de um trabalho de vastissimas proporções, mas, talvez a unica que realmente foi executada.

« Não compus esta obra com os olhos no lucro, escrevi ali LORRITO CORTIO, nem com a pretensão de dar documentos, nem com a esperanza de applauses, porque o primeiro motivo seria velleza, o segundo orgulho, o terceiro vangloria, tui semente levado da pista maligna de ver o grande desende, que teve Pernambuco em perpetuar as virtudes de seus filhos, que com ellas o illustraram, e que insensivelmente hia o tempo consumindo a noticia de tantos esclarecidos

Heróes, por faltar quem se resolvesse a escrevel-as.» Mais adiante accrescentou :

« Bem quizera fazer em hum só tomo memoria das esclarecidas virtudes dos naturaes de todas as provincias do Brazil, porém he tanto o que se pode dizer de suas heroicas acções, que me não foi possível escrever tudo em hum só volume : e sendo este premissas do meu trabalho, entendi estava obrigado a escrevello em obsequio aos meus patriotas »

Provavelmente além das de Pernambuco outras glorias não celebrou o patriótico escriptor.

Terminada esta parte em 1757, LORETO Couto enviou ou levou para Portugal o manuscrito, no evidente proposito de dal o á estampa, porquanto então a imprensa era das prerogativas ciosamente veladas para metropole á colonia americana. motivos ignorados obstaram realisasse o intento, e o original da chronica foi parar á Bibliotheca Nacional de Lisboa, onde permanece espreitada até que, mercede dos esforços do meu prezado amigo e confrade PIERRE DA COSTA o *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano* d'elle fez extrahir uma copia. Vulgarisou-se dali por diante a existencia do prezado inédito : pouco depois o BARÃO DE SÃO PÁULO, o benemerito historiador cearense, adquiriu outra copia feita sobre a do *Instituto*, e o Dr. TEIXEIRA DE MELLO angariava a que servio para a edição do presente volume dos *Annaes*.

Como em todas as obras similares o merecimento principal da *Desaggravação do Brazil* —reside naquillo que o Autor narra per experiencia propria ou noção directa : por isso os deus primeiros livros não tem quasi valor intrinseco. Memorando ali os costumes dos incolas e os fastos pernambucanos, desde o descobrimento até a restauração do dominio hollandez, resume e traslada apenas o que leu nos percursores portuguezes cujos trabalhos lhe foram accessiveis, quaes : GONDAVO, DUARTE DE ALBUQUERQUE (?) fr. MANUEL CALADO, fr. RAPHAEL DE JESUS, SIMÃO DE VALCONCELLOS BRITO FREIRE, e mesmo RÓCHA PITA, de quem imita os dithyrambos.

Mas, a partir do livro terceiro, exalçando o renascimento da terra natal após tantos lustros de calamitosas tribulações e de vicissitudes dolorosas, a sua chronica adquire um interesse especial.

Passára com a *Guerra dos Mascates* o periodo critico das velleidades de extemporanea independencia, geradas no seio da nobreza, arrogante com os successos da «campanha da liberdade», e alimentadas pela tolerancia pusillanime ou interesseira dos lamentaveis reinados de D. Afonso VI e D. Pedro II. Ao successor deste, o beato e lascivo D. João V, cobrera a tarefa de agumar com rigor as desmarcadas pretensões dos soberbos fidalgos olindenses : pretextára salvaguardar o terceiro estado da ambição dos nobres, mas, na verdade obdesceera ao imperio duma necessidade politica urgentissima.

E no resto do seculo XVIII, ermo de ruidos marciaes, se foi operando surdamente, lentamente, a germinação da futura nacionalidade, num praso de largos annos Pernambuco, e quasi todo o Brasil, tiveram a ventura de ser destes povos folizes que «não têm his-

terias para os que só a estimam quando pontuada de façanhas belicas e ardendo no flagício rubro das lutas homicidas.

Sazonado neste meio calmo trabalhador e sensato, em que os céos longínquos de passadas hercismos influam apenas na manutenção da ingênita bravura individual, o nosso lebeductino teve o critério de se adaptar às exigências da sua época, não desentrou da tranquilidade do presente em favor da miragem evanescente d'outra idade, cujos aspectos já antecessores haviam fixado em inúmeros quadros do vario colorido.

Não tendo novas proezas guerreiras a solemnizar em vozes sollemnado, desdenhando dissertar estenuante sobre o caneco thesauro das antigas, deliberou consignar nas páginas do seu livro as bellas manifestações da actividade pacifica dos seus concidadãos no terreno da religião, das letras e das artes, constituindo assim um repertorio riquissimo de curiosas e interessantes informações. Os elementos para o estudo da evolução litteraria de Pernambuco no periodo colonial estão ali reunidos em preciosa abundancia.

Divergem os competentes quanto aos meritos do estylo do chronicista: o Dr. MANOEL CICERO diz que escrevia «sem pretenção ao apuro da forma», ARTHUR ORLANDO é de contrario parecer e acha que offerece «uma admiravel correção de forma, um estylo primoroso e encantador»: apesar de evidente exaggero, prefiro a ultima opinião porque afinal LORITO CORTO teve o estylo do seu tempo, grande redundante e pomposo, recheiado de metaphoras, antitheses e flourishes rhetoricos, mas, ainda assim captivante graças ao saínete artisticista, a sua linguagem, se não possue brilhante atavio chromatico, vibra clangorosa na opulencia da orchestração syllabar.

ALFREDO DE CARVALHO.





ACTAS DAS SESSÕES



Sessão ordinaria de 10 de Janeiro de 1901

PRESIDENCIA DO DEZEMBARGADOR LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Regueira Costa, 1.º Secretario, João Coimbra, Luiz José da Silva, Alfredo de Carvalho, Afonso de Albuquerque, Barão de Nazareth, Dr. Julio Pires, Augusto Cezar, servindo de 2.º secretario e Manoel Arão, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Sr. Dr. 1.º Secretario mencionou as seguintes

OFFERTAS

Pelo ministerio da Marinha e Ultramar a Estadistica Graphica dos caminhos de ferro portuguezes das provincias ultramarinas 1898.

Pela redacção o n. 8 da Revista Militar.

Pelo Barão de Studart um folheto — Apontamentos Bio-bibliographicos.

Pelo Club Central de Triunpho um exemplar de seus Estatutos.

Pelo Sr. Jorge Rapilly um catalogo de livros.

Pelas respectivas Redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foram remettidas á commissão de admissão de socios para dar parecer duas propostas para socios effectivos e tres para correspondentes.

O Sr. Dr. João Coimbra apresentou e foi lido um officio do Sr. Major Jose Domingues Codeceira datado de 2 do corrente, pedindo sua eliminação do lugar de socio do Instituto.

Posto em discussão fallou a respeito o mesmo Sr. Dr. João Coimbra, e propoz que não fosse accedido ao pedido de eliminação, tendo esse em attenção os valiosos serviços prestados ao Instituto pelo Sr. Major Codeceira, sendo a proposta approvada.

O Sr. Presidente communicou que o ex-thezourario se comprometteria a trazer hoje um documento em que se responsabilisa pela quantia existente em seu poder, pertencente ao Instituto, a qual se obriga a entregar ao thezourario que for eleito na proxima eleição da mesa.

Pelo Sr. Dr. Affonso de Albuquerque foi apresentada uma proposta sobre a estatua do Conde da Boa Vista, cuja proposta foi rejeitada em razão dos termos inconvenientes em que se achava concebida.

O Sr. Presidente nomeou para comporem interinamente a commissão de admissão de socios aos Srs Drs. João Coimbra, Julio Pires e o Sr. Manoel Arão, e para a do festejos, no dia 27 do corrente, os Srs Drs. Regueira Costa, Luiz José da Silva, Pereira da Costa e Manoel Arão.

Communica ainda ao Instituto o mesmo Sr. Presidente, o fallecimento dos consocios Major Alexandre Alberto da Rocha Serpa Pinto e Castino Alberto de Castro Nascimento, resolvendo que fosse lançado na acta um voto de pesar por tão intausto acontecimento.

Finalmente o Sr. Dr. Regueira Costa pediu e o Instituto approvou, que se concedesse o salão de honra para nelle ser installada solemnemente, no dia 26 do corrente a Academia Pernambucana de Lettras, a qual, conforme resolução do mesmo Instituto, continuara a funcionar na séde de suas ses-ões.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão. — *Adolpho A. de Lima Figueira*, Presidente. — *J. B. Regueira Costa*, 1º Secretario. — *F. A. Pereira da Costa*, 2º Secretario.



Sessão de 24 do Janeiro de 1901

PRESIDENCIA DO DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Regueira Costa, 1.º Secretario, Affonso de Albuquerque, João Coimbra, Aprigio Garcia Luiz José da Silva, Pereira da Costa, 2.º Secretario, e Manoel Arão, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada, com uma emenda do Sr. Dr. Affonso de Albuquerque.

O Sr. Dr. 1.º Secretario mencionou o seguinte

EXPEDIENTE

Um officio do Sr. Julio da Silveira Lobo, accusando a recepção e agradecendo o seu diploma de socio correspondente. - - Inteirado.

Um dito do Centro Litterario Recreativo Nazareno, convidando o Instituto a se fazer representar na sua festa anniversaria, a 27 do corrente.

O Sr. Presidente declara que para corresponder ao convite designara o consocio Dr. Ribeiro da Silva.

OFFERTAS

Pelo consocio Dr. Manoel Cicero as seguintes obras :

Diccionario da lingua bunda ou angolense, por Frei Fernando Maria de Canecattim, 1 vol.

Encyclopedie Moderne, 78 vols.

Dictionnaire abrégé des Sciences, des Lettres, des Arts, de l'Industrie, de l'Agriculture et du Commerce, 27 vols.

Revue de Linguistique e de Philologie, comparée. Recueil trimestriel, par Girard de Rialle, 7 vols.

Revue Critique de la Legislation, 1 vol.

Revue Critique de la Jurisprudence en matière civile, 1 vol.

Abregé de Geographie, por Adrien Balbi, 1 vol.

Les Sciences Orientales en Asie, la magie chez les chaldeens et ses origines, par François Lenormand, 1 vol.

Der Einheitliche Ursprung der Sprachen der Alten Welt von Leo Bewisch, 1 vol.

Quatre lettres sur le Mexique, par Brasseur de Bourbourg, 1 vol.

Relation des choses de Yucatan de Diego de Sanda, par Brasseur de Bourbourg, 1 vol.

De l'antropophagie et la Ethnologie, 1 vol.

Estados sur les origines Boudhiques de la civilisation americaine por G. de Eichthal, 1.ª parte, 1 vol.

Lettre a M. Leon de Rosny, por Brasseur de Bourbourg, 1 vol.

Le Mythe de Imos. Traditions des peuples mexicains. 1 vol.

Le Mythe de Votan, par Chareticey. 1 vol.

S'il existe de Sources de l'histoire primitive du Mexique dans les monuments. Égyptiens, par Brasseur de Brachbourg. 1 vol.

Memoires de l'Academie Imperiale des Sciences de S. Petersbourg, VII serie, 1 vol.

Der Spracho der Shapaskicha dargestellt, von Baschmann. 1 vol.

Stiellers Hand Atlas 83 Karten, 1 vol.

Lettres Assyriologiques. Etudes Academiques, par François Lenormant. 1 vol. e outras obras em brochuras.

Pelo Instituto Historico de S. Paulo, 1 vol. — Hans. Staden, suas viagens e captiveiro entre os selvagens do Brasil.

Pelas respectivas Redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Maudon-se archivar e agradecer as offertas.

Foram approvados por escrutinio secreto, depois de lido e parecer da commissão de admissoão, os seguintes socios effectivos: o Dr. José Carlos da Costa Ribeiro e José Maria da Rocha Carvalho e correspondente o Sr. Francisco Joaquim Bittencourt da Silva, e remettida a mesma commissão outra proposta para socio correspondente.

Depois do expediente o Sr. Dr. Luiz José da Silva, p. 12 e o Instituto approvou que a Mesa se dirigisse, por officio, ao Sr. Frederico Howard, consul da Inglaterra em Pernambuco, manifestando o pesar de que se achia possuida esta ass. ciação pelo talheamento da virtuosa rainha S. M. Victoria I. que durante 63 annos reinou, revelando profunda sabedoria.

O Sr. Presidente nomeou para representar o Instituto na festa de installação da Academia Pernambucana de Lettras, no dia 2º do corrente, uma commissão composta dos Drs. João Coimbra, Apuricio Garcia e do Sr. Manoel Araújo, além de corresponder o Instituto o convite que recebem da mesma Academia.

Finalmente o Sr. Dr. Affonso de Albuquerque apresentou uma proposta sobre o projecto de erecção de uma estatua ao Conde da Boa Vista, sendo a proposta unanimemente regeitada.

Nada mais houve para tractarse na revantadica sessão — *Acta* — *A. de Louca Freire*, Presidente — *J. B. P. da Costa*, 1.º Secretario. — *E. A. Pereira da Costa*, 2.º Secretario.



Sessão solenne em Assemblêa Geral do 27 de Janeiro de 1901

PRESIDENCIA DO EXM SR DESEMBARGADOR ADELINO ANTONIO DE LUNA FREIRE

A uma hora da tarde presentes os Exms. Srs. Conselheiro Dr. Governador do Estado e seu ajudante de ordens, Dr. Chefe de Polícia, Coronel Comandante da brigada policial e seu estado maior, officios da Guarda Nacional e de Polícia, senadores e deputados estaduais, Commissões do Conselho Municipal de Recife, da Santa Casa da Misericórdia, da Academia Pernambucana de Letras, da Sociedade dos Artistas Mechanicos e Liberaes e do Club Central Beneficente da Guarda Nacional, diversas senhoras, musicistas, jornalistas, acadêmicos de direito e de engenharia, e officiaes de todas as classes, verificou-se igualmente a presença dos seguintes socios do Instituto Desembargadores Adelino Antonio de Luna Freire e Francisco Luiz Correia de Andrade, presidente e 3º vice-presidente, Drs. João Baptista Regueira Costa e Francisco Augusto Pereira da Costa, 1º e 2º Secretarios, Pedro Celso Uchoa Cavalcante, orador, Sebastião de Vasconcellos Galvão, João Coimbra, Manoel Arthur Muniz, Luiz José da Silva, José Miranda Curio, Gueles Alcoforado, Carlos Porto Carneiro e os Srs. Barão de Nazareth, Augusto Cesar da Cunha, Rodolpho Lima, Manoel Arão e Manoel Carvalho Soares Brandão.

O Sr. Presidente proferio uma allocação analoga ao assumpto e declarou aberta a sessão.

Em seguida dando a palavra ao Dr. 1º Secretario este procedeu a leitura do seu relatório sobre o movimento litterario, administrativo e economico do Instituto durante o anno social findo.

Occupou depois a tribuna o orador official Dr. Pedro Celso, o qual proferiu um discurso em que commemorou as datas sobre as quaes a sessão magna se fez o elogio dos socios fallecidos durante aquelle periodo.

Fallaram ainda saulando o Instituto o Dr. Carlos Porto Carneiro, em nome da Academia Pernambucana de Letras, o cidadão Antonio Jacintho de Barros Correia por parte da Sociedade dos Artistas Mechanicos e Liberaes e por ultimo o Dr. João Coimbra que occupou por largo tempo a attenção do auditorio.

Fez as honras da festa uma guarda do 1º Corpo de Polícia commandada por um capitão torcendo nos latrocyllas duas lanternas de musca, sendo uma do 1º batallião de infantaria e outra do de polícia.

Antes de levantar-se a sessão foi apresentada ao Instituto a seguinte telegramma da Sociedade «Sede de Fevereiro», que tem sua sede na cidade do Rio Formoso:

«Sociedade Sede de Fevereiro saudavos gloriosissima data anniversaria» — *Manoel Xavier.*

Adelino A. de Luna Freire, presidente. — João B. Regueira Costa, 1º Secretario. — F. R. Pereira da Costa, 2º Secretario

Sessão especial de assembléa geral para eleição da meza administrativa e comissões do anno social de 1901—1902, em 7 de Fevereiro de 1901.

PRESIDENCIA DO EXM. DEZEMBARGADOR LUNA FREIRE

A uma hora da tarde presente os Srs. Drs. Conselheiro Pinto Junior, Democrito Cavalcante, Regueira Costa, 1.º Secretario, Affonso de Albuquerque, Aprigio Garcia, Pereira da Costa, 2.º Secretario, João Vicente, Jose Carlos, Pedro Celso, Arthur Muniz, Fernando Barroza, João Coimbra, Guedes Alcoforado, Julio Pires, Coelho Leite, Vitalino Cordeiro, Alfredo de Carvalho, Celso da Souza, Sebastião Galvão, Martins de Barros e Luiz Silva, e os Srs. Barão de Nazareth, Senhores Brandão, Cereci, Coelho Cintra, Augusto Cezar e Manoel Arão, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada uma emenda do Sr. Dr. Affonso de Albuquerque, no sentido de consignar-se na acta desta sessão que votara contra a proposta do Dr. Silva, na sessão passada, para dar-se pezames ao Sr. Consul da Inglaterra pelo fallecimento de S. M. a rainha Victoria.

O Sr. Dr. 1.º Secretario mencionou o seguinte

EXPEDIENTE

Um officio do consocio Dr. Ribeiro da Silva communicando ter se desempenhado da commissão de representar o Instituto na festa anniversaria do «Centro Litterario e Recreativo Nazareno. — Inteiralo

OFFERTAS

Pelo Instituto do Ceará o tomo XIV da sua Revista Trimensal Pelas respectivas Redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Em seguida passando-se a proceder a eleição da meza administrativa do Instituto para o anno social de 1901—1902, correu o escrutinio secreto e deu o seguinte resultado :

Presidente, Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire

1.º Vice-Presidente, Conselheiro Dr. João Jose Pinto Junior.

2.º Dito, Desembargador Francisco Luiz Correia de Andrade.

3.º Dito, Dr. João Baptista Regueira Costa.

1.º Secretario, Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

2.º Dito, Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão.

Supplentes do 2.º Secretario, Dr. Aprigio Carlos de Amorim Garcia e Augusto Cezar da Cunha.

Oradores—Drs. Pedro Celso U. Cavalcante e João Coimbra.

Thesoureiro—Dr. Miguel Joaquim de Almeida Castro.

Commissão de redacção—Drs. Alfredo de Carvalho, João Baptista Regueira Costa e Francisco A. Pereira da Costa.

Commissão de contas—Dr. Vitalino Cordeiro Lins, Barão de Nazareth e Coronel Coelho Cintra.

De conformidade com a disposições dos Estatutos o Sr. Presidente nomeou as seguintes comissões:

De Revisão de manuscritos e pesquisas de documentos—Drs. Alfredo de Carvalho, F. A. Pereira da Costa e Coronel Luiz A. Coelho Cintra.

De trabalhos de Historia, Geographia e Chorographia do Brazil—Drs. Julio Pires, Sebastião Galvão e Augusto Coelho Leite.

De admissão de socios—Manoel Arão, Dr. Luiz José da Silva e Augusto Cesar da Cunha.

Finda a eleição o Sr. Presidente declarou empossados os socios eleitos e levantou a sessão por nada mais haver a tratar-se.

Adelino A. de Luna Freire, Presidente.—Sebastião de V. Galvão, substituindo o 1.º Secretar o. —Aprigio Garcia, substituindo o 2.º.



Sessão ordinaria de 23 de Fevereiro de 1901

PRESIDENCIA DO EXM. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A uma hora da tarde, presentes os Srs. Drs. Desembargador Francisco Luiz, Regueira Costa, Arthur Orlando, Rodolpho Galvão, Fernando Barroca, João Coimbra, Alfonso de Albuquerque, Sebastião Galvão, substituindo o 1.º Secretario, que não compareceu e Aprigio Garcia, occupando a cadeira do 2.º, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Sr. 1.º Secretario mencionou o seguinte

EXPEDIENTE

Um officio do Dr. Director da Escola de Engenharia do Estado, de 22 do corrente, remettendo o 7.º volume da obra do Museu «Archivo Nacional» pertencente ao Instituto e que ali fôra deixado por um socio.

OFFERTAS

Pela respectiva redacção o n. 1 da Revista Mercantil e Industrial.

Pelo Sr. Fernando Barroca o n. 1 do «Jornal do Commercio» publicado no dia 1 de Outubro de 1827, em fac-simile.

Pelas respectivas redacções diversos jornaes destes e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foram apresentadas pela mesa administrativa e approvadas pelo Instituto as contas da receita e despeza, desde a exoneração do thesoureiro até a presente data.

O Sr. Presidente participou ao Instituto já se achar nesta cidade o Exm. Sr. Dr. Miguel Joaquim de Almeida Castro, ultimamente eleito thesoureiro, o qual ainda não declarou se aceita ou não o mesmo cargo.

* Em seguida consultou-se em vista da deficiencia de recursos em que está o Instituto, deve realizar a sessão solenne do 6 de Março, recommendada pelos Estatutos.

Resolveu-se por unanimidade que não se realisasse.

O Sr. Dr. Affonso de Albuquerque mandou á mesa e foi lida uma proposta referente á estatua do Conde da Boa-Vista sendo a proposta remettida a uma commissão para dar parecer.

O consocio Dr. Sebastião Galvão propoz e o Instituto approvou que se comprasse a Historia do Brazil, escripta pelo professor João Ribeiro, onde vem a parte referente á guerra dos Mascates, aqui realçada em 1710 adulterada com relação á verdade historica e que o assumpto fosse submettido a apreciação de uma commissão especial do Instituto.

O Sr. Presidente nomeou os seguintes socios para comporem a pedida commissão: Drs. Regueira Costa, Sebastião Galvão e Francisco da Costa, designando o 2º para relator.

Nada mais havendo a tratar se foi levantada a sessão. *Attestado A. de Luna Freire, Presidente. Sebastião de J. Galvão, 1º Secretario interino.—Apragão C. de A. Garcia, Servindo de 2º secretario.*



Sessão ordinaria de 14 de Março de 1901

PRESIDENCIA DO EXM. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Desembargador Francisco Luiz, Regueira Costa, Eudoxio de Brito, João Coimbra, Affonso de Albuquerque, Sebastião Galvão, substituindo o 1º Secretario, que não compareceu e Fernando Barroca occupando a cadeira do 2º abrin-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada com a seguinte emenda, apresentada pelo Sr. Presidente. Que as contas da receita e despeza do Instituto, desde a exoneração do Sr. Thesoureiro, até a sessão passada, tinham sido apenas apresentadas para serem examinadas pelos Srs. Socios que o quizessem, mas não approvadas, o que se se

fará depois de terminado o corrente trimestre de janeiro a março e de
dado o parecer da comissão respectiva.

O Sr. Dr. 1.º Secretario mencionou o seguinte

EXPEDIENTE

Um offeio do Exm. Sr. Dr. Manoel Antonio Duarte de Azevedo, presidente do Instituto Historico e Geographico de São Paulo, de 21 Fevereiro, pedindo em este pa a mandar extrahir para aquelle Instituto copia de document's existentes em sua bibliotheca e que interessam á historia de São Paulo e que se lhe remetta a conta da despeza a fazer-se afim de ser paga.

Resolveu o Instituto attender ao pedido e determinou que nesse sentido se officiasse ao Exm. Dr. Duarte de Azevedo.

Um dito do Exm. Sr. Presidente do Senado, de 5 do corrente, emilhando o Instituto para assistir a solemne installação do Congresso do Estado no dia 6.

O Sr. Presidente declarou que por ter chegado tarde o convite não ponde ser correspondido.

Um dito do grêmio «Thomaz Ribeiro» convidando o Instituto, a se fazer representar na sessão fúnebre que ia realisar no dia 10 do corrente em memoria do grande poeta e diplomata Thomaz Ribeiro.

O Sr. Presidente communicou que para corresponder ao convite nomeava uma commissão composta dos Drs. João Coimbra Arthur Muniz e Commendador Barbosa Vianna.

Um dito do consocio Dr. Miguel Joaquim de Almeida Castro, de 6 do corrente agradecendo a sua eleição para o cargo de thesoureiro do Instituto e declarando não poder, por motivo justo aceitar o mesmo cargo.—Inteirado.

OFFERTAS

Pela redacção um exemplar da Revista Litteraria e scientifica. —Azul e Ouro.

Pelo autor o Dr. Augusto Coelho Leite um folheto.—Hygiene Publica. O Saturnismo na cidade do Recife em 1900.

Pelo Instituto Historico G. e Ethnographico do Pará um numero de sua Revista.

Pelo consocio Dr. Ceciliano Mamede um folheto—Os encanamentos de chumbo no abastecimento d'agua á cidade do Recife. Analyses Officiaes.

Pelo consocio padre Raphael Galanti, por intermedio do consocio Dr. Ceciliano Mamede, um manuscripto sob o titulo —Documento muito antigo e interessante, escripto em latim.—Mandou-se remetter á commissão de pesquisas de manuscriptos e de documentos para dar parecer.

Pelas respectivas relações diversos jornaes deste e de outros Estados.—Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

O Sr. Dr. João Coimbra, pedindo a palavra, communica que a commissão de que fez parte, incumbida de representar o Instituto

na sessão funebre do gremio «Themaz Ribeiro», desempenhou-se de sua incumbencia.

Foram remettidas a commissão de admissão de socios, para dar parecer, uma proposta para socio effectivo e duas para correspondentes.

O Sr. Dr. Eudoxio de Britto que estando findo o prazo que lhe fora concedido para prestar definitivamente suas contas e não podendo ainda entrar com a importancia do desfalque havido, pelo **prorogação do prazo**.

O Sr. Presidente determinou que a respeito fosse ouvida a mesma commissão encarregada de tomar as contas, afim de ser decido **pelo Instituto na proxima sessão**.

O Dr. Sebastião Galvão propoz e o Instituto approvou unanimemente que ficassem dispensados do pagamento da joia respectiva todos os socios correspondentes propostos e approvados ate a presente data, inclusive os dois propostos hoje, caso sejam approvados.

O mesmo Dr. Sebastião Galvão continuando com a palavra, diz que em desempenho da commissão de que faz parte, nomeada na sessão passada, comprou a Historia do Brazil do professor João Ribeiro, conforme lhe fôra determinado, e passou ao Dr. Pereira da Costa, outro membro da commissão, que a está examinando afim de ser **opportunamente apresentado o parecer**.

A commissão encarregada de dar parecer a respeito da proposta do Dr. Affonso de Albuquerque, referente a erecção da estatua do Conde da Boa-Vista, apresentou o mesmo parecer ao sentido de ser regeitada aquella proposta, o qual foi approvado, sendo então negado o adilitamento pedido pelo referido Dr. Affonso de Albuquerque.

O Sr. Presidente declara que em vista do pedido da dispensa apresentado pelo Sr. Dr. Miguel Joaquim de Almeida Castro, opportunamente será convocada uma sessão de assemblea geral afim de **eleger-se um outro thesoureiro**.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

Albino Antonio de Luna Freire, Presidente. *Augusto Cesar da Cunha*, substituindo o 1.º Secretario. *Apriqio Garcia*, substituindo o 2.º

Sessão ordinaria de 11 de Abril de 1901

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Desembargador Francisco Luiz, Regueira Costa, João Coimbra, Affonso de Albuquerque, Luiz José da Silva, Apriqio Garcia, substituindo o 2.º Se-

cretario que não compareceu e Augusto Cezar occupando a cadeira do 1.^o abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Sr. 1.^o Secretario mencionou o seguinte expediente:

Um officio do Sr. Consul da Inglaterra, de 14 do corrente, ag. a decendo em nome do seu governo as manifestações de pesar do Instituto pelo infausto passamento de S. M. a Rainha Victoria I.—Inteirado.

Um dito do Sr. Walfrido O. Arantes, de 20 do corrente, offer-tando ao Instituto, em cumprimento de uma das ultimas ventades de seu tinado pai, o capitão Antonio José Leopoldo Arantes, uma secre-taria que pertenceu ao denodado patriota Frei Joaquim do Amor Divino Caneca.

Um dito dos bacharelandes em Sciencias Physicas e Mathemati-cas da turma do anno de 1900, de 26 de Março, convidando o Instituto a se fazer representar na collação dos respectivos graus, á 1 hora da tarde do referido dia 26. Tiveram conhecimento do convite todos os senhores socios que compareceram na sede do Instituto.

Um dito da Sociedade Monte Pio dos Operarios da Estrada de Ferro Sul de Pernambuco, pedindo para a sua bibliotheca as publi-cações do Instituto.—Mandou-se satisfazer.

Um dito do Dr. Director da Secretaria do Senado do Estado, de 29 de Março, offer-tando dous exemplares dos trabalhos do mesmo Senado, referentes ao anno de 1900.

Um dito do Dr. 1.^o Secretario dos Srs. Deputados do Estado de 29 de Março, offer-tando dous exemplares dos Annaes da Assembléa relativos á sessão do anno proximo passado e dous da Synopse dos Trabalhos da Camara, referentes ao mesmo periodo.

OFFERTAS

Pela Sociedade de Geographia de Lisboa, 2 numeros do seu Bo-letim.

Pelo Archivo Publico Mineiro um volume de sua Revista.

Pela livraria Chambrier, de Paris, dous catalogos de livros.

Pelo autor o Dr. Arthur Vianna um vol. da obra Estudos sobre o Pará Limites do Estado.

Pelo autor Monseñhor Raymundo Ulysses Pennafort, um volu-me da obra—Brazil Prehistorico.

Pelo consocio Dr. José Carlos da Costa Ribeiro um vol. encad. da obra A Marinha de Ouçiera, pelo V. de Ouro Preto e uma revista americana.

Pelas respectivas Redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.—Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Tendo o Sr. General Coelho Cintra mandado communicar que por motivo justo, não podia aceitar o cargo de membro da commissão de finanças e organimentos para a qual fora eleito, o Sr. Presidente nomeou para substituir o interinamente ao Dr. Apriçio Garcia.

Em seguida e depois de lidos os pareceres da commissão respectiva correu o escripto secreto e foram eleitos socios effectivos do Instituto

os Srs. João Walfredo de Melloiros, negociante estabelecido nesta cidade e professor Joaquim Pedro da Rocha Pereira, autor de varios escriptos esparsos e muito delizado as letras patrias, e socios correspondentes o Dr. Antonio Xavier de Souza Cordeiro e Monsenhor Raymundo Ulysses Penafort.

O Sr. Presidente declarou que a presente sessão fora convocada com o caracter de assembléa geral, mas que em vista de não ter comparecido o numero de socios exigido pelo Estatutos, resolvia convocar uma sessão extraordinária para quinta feira 18 do corrente para o fim á que a presente se destinara.

O Sr. Dr. Affonso de Albuquerque obtendo a palavra, coube á mesa uma proposta referente ao Conde da Boa Vista, cuja discussão ficou encerrada depois de sobre ella ter usado da palavra o Sr. Dr. João Coimbra, adiando-se a respectiva votação.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

Adelino A. de Luna Freire, Presidente, *Augusto Cesar da Cunha*, substituindo o 1º secretario, *Sebastião Galvão*, substituindo o 2º.



Sessão de Assembléa Geral aos 16 de Maio de 1901

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DR. PINTO JUNIOR

A uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. João Coimbra, Domercito Cavalcanti, Pedro Celso, Affonso Albuquerque, Alfredo de Carvalho, Sebastião Galvão, substituindo o 1º secretario que não compareceu, Augusto Bessar, occupando a cadeira de 2º e Coronel Soares Brandão abriu a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada, com uma emenda apresentada pelo Dr. Affonso de Albuquerque acerca de não ter a acta encerrada a discussão da proposta que apresentou na sessão passada referente á estatua do Conde da Boa-Vista.

O Sr. 1º Secretario mencionou o seguinte

EXPEDIENTE

Um convite da Sociedade Logiço de Soccorros Mutuos dos Officiaes da Guarda Nacional, convidando o Instituto a se fazer representar em sua sessão magna a realizar-se em 1º do corrente.

Deu-se conhecimento do convite a todos os seus socios presentes.

Um officio do consocio Commendador Celestino de Menezes, de 17 de Abril, offerecendo os numeros de 1 a 24 da Revista "Portugal em Africa", que se publica em Lisboa, prometendo complementa-la brevemente com os numeros 1 a 3, que faltaram e polindo a per-

muta de algumas obras por outras que o Instituto possua em duplicata, permuta já autorizada em uma das sessões anteriores.

Dei-lhe-se que se consultasse ao mesmo consocio quaes as obras que pretende offerecer e quaes as que deseja em troca.

Uma carta do Sr. Ferreira da Rosa, da G. do corrente, offertando um almanak historico do Rio de Janeiro do anno de 1901 e um volume de sua obra intitulada —(O Rio de Janeiro no anno de 1901—, pedindo uma colleccão da Revista do Instituto e offerecendo os seus serviços.—Mandou-se agradecer e attender ao pedido.

OFFERTAS

Pela redacção dous numeros Revista Industrial e Mercantil, que se publica nesta Capital.

Pelo Revdm. Vigario Francisco Raymundo da C. Pedrosa um folheto—Notas de Viagem.

Pelo Sr. Coronel Joaquim Silverio de Azevedo Pimentel o n. 11 da Revista Maritima Brasileira, o *fac-simile* do n. 1 do Jornal do Commercio e diversos outros jornaes referentes as festas do 4.º centenario do descobrimento do Brazil.

Pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro um volume de seus Annaes.

Pela Academia Pernambucana de Lettras o n. 1 de sua Revista.

Pelas respectivas Redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foi lido e approvedo o parecer da commissão de fundes e organiment's sobre o balancete e contas da receita e despeza do Instituto no trimestre de janeiro e março do corrente anno, apresentados pela meza administrativa.

Foi presente á sessão um officio do Dr. Luiz José da Silva declarando-se exonerado da socio effectivo do Instituto e de membro da commissão de admissão de socios.

O Instituto deu-se por inteirado e mandou archivar o officio.

Em seguida fallou sobre o assumpto o Dr. Democrito Cavalcante, pedindo que o Instituto fizesse quanto possivel a volta do major José Domingos Codeceira que era incontestavelmente uma tradição social, tendo sido elle sempre para esta associação, um exemplo da mais sincera dedicação.

Depois disso solicitou informações sobre o estado actual do projectada da estatua do Conde da Boa-Vista, porqua estando a seguir brevemente para a Capital Federal, como membro que era de uma commissão do Instituto nesse sentido precisava partir d'aquí orientado do modo porque bem deveria cumprir o seu dever.

O Dr. João Coimbra, pedindo a palavra, extensamente fallou acerca de quanto desejava o Dr. Democrito ter explicações.

Interrado o Dr. Democrito apresentou a seguinte proposta :

«Attendendo ás ponderações judiciosas apresentadas pelo illustre consocio Dr. João Coimbra, quanto a falta de recursos nesta occasião para o Instituto custear as despezas com a estatua projectada ao conde

da Boa Vista, proponho que seja adiada a realisação para melhor oportunidade applicando-se as quantias já recebidas para aquelle fim na confecção de um retrato a óleo condigno ao merecimento do eminente pernambucano, para ser collocado no salão de honra.

Sala das Sessões do Instituto, 16 de Maio de 1901.—*Demócrito Cavalcanti*.

Posta em discussão a proposta o Dr. João Coimbra, oppoz-se dando como razão parecer-lhe que o Instituto tendo pedido donativos para a erecção de uma estatua ao notavel pernambuco Conde da Boa Vista, não podia mudar a applicação de semelhantes donativos deliberando por si só empregar os em um retrato, sem consultar a aquelles que acudiram ao appello feito: pelo que apresentava a seguinte emenda á proposta:

« Que o Instituto se dirija á todos os cidadãos que contribuíram com seus donativos para a referida obra afim de que elles deliberem se concordam com a nova applicação do dinheiro recebido—*João Coimbra*.

Postas em discussão a proposta e a emenda foram ambas approvadas.

ORDEM DO DIA

Eleição do thezoureiro e de um membro da commissão de Fundos e Orçamentos.

Obtendo a palavra o Dr. João Coimbra propoz, visto que o Instituto na occasião funciouvava em sessão de assembléa geral, que era opportuna a supressão do cargo de thezoureiro, passando as attribuições deste a serem exercidas, pela mesa administrativa, isto é, pelo presidente e os dous secretarios.

Justificou ainda que um cargo da importancia daquelle em que o funcionario se tornava guarda de dinheiro e preciosidades inestimaveis, sendo exercido gratuitamente por um socio, tambem não era admissivel a exigencia de garantias prestadas por parte de quem o accettesse.

Acrescentou que o cargo era suprimivel nas condições que propunha, comprando-se um cofre de ferro onde fossem guardados todos os valores e importancia em poder da Associação.

Apoiando a lembrança da proposta, o Dr. Demócrito Cavalcante apresenta a emenda de que o cofre seja para tres clavicularios — o Presidente e cada um dos secretarios.

A solução da proposta e da emenda foi adiada para a seguinte sessão de assembléa geral.

Precedeu-se a eleição para o lugar vago de um dos membros da commissão de Fundos e Orçamentos sendo eleito o Dr. Aprigio Garcia.

Foram apresentadas duas propostas para socios effectivos.

A commissão de admissão de socios apresentou parecer favoravel á admissão dos propostos Drs. Gervasio Fioravante Pires Ferreira e Manoel Francisco de Barros Rego, que approvados foram ambos proclamados socios.

O Dr. Alfredo de Carvalho propoz que, de accordo com o art. 8.º dos Estatutos, se nomeasse uma commissão para verificar, quaes os

socios effectivos que sem causa participada ha mais de um anno não comparecem ás sessões do Instituto. O Sr. Dr. Celso pediu o adiamento da proposta até completar-se um anno da publicação da reforma dos Estatutos.

O Dr. Democrito Cavalcante propoz a publicação pela imprensa do alludido art. 8 para sciencia de todos os socios.

O Dr. Sebastião Galvão propoz que o Instituto considerasse como não pertencendo ao seu quadro os diversos socios correspondentes e honorarios, que se lhes tendo expedido officio de comunicação e diploma até agora não responderam.

O Sr. Presidente deu ao Instituto a triste noticia da lastimavel perda dos dous prestimosos socios o dr. Miguel Joaquim d'Almeida Castro, fallecido nesta cidade e do Sr. José Arthur Montenegro, fallecido no Rio Grande do Sul, e resolveu-se que fosse consignado na acta um voto de pezar por esse doloroso acontecimento.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão.

Adelino A. de Luna Freire, Presidente, *Augusto Cezar da Cunha*, substituindo o 1º secretario.—*Sebastião Galvão*, substituindo o 2º.



O INSTITUTO ARCHEOLOGICO

DE

Pernambuco (*)



As associações de ordem intellectual não dispõem, infelizmente, no Brazil, como lhes succede nos Estados Unidos, de uma sympathia extensa, posto que possam alguma dellas ter alcançado grande prestigio numa roda restricta, entre a qual se comprehendem e prezam as cousas espirituaes. Tudo quanto se relaciona com a historia patria desperta entre a União Americana a mais viva curiosidade e o mais entranhado interesse, e essa curiosidade e este interesse são, pelo contrario, geraes, communs á gente verdadeiramente culta como á rudimentarmente educada.

Entre nós não se pôde dizer que os assumptos historicos não provoquem vibração, e para prova-la ali estão os numerosos Institutos, á razão quasi de um por Estado, que colligem com mais ou menos ardor e mais ou menos competencia tudo quanto diz respeito ao passado local e particular, gyrando todos em torno do Instituto Historico do Rio, ao qual cabe a função essencial de centralisar e amalgamar num

(*) Transcripto d'*O Estado de São Paulo*, de 20 de Novembro de 1904, por proposta do Dr Arthur Muniz, approvada em sessão de 15 de Dezembro.

todo nacional, elementos que, de outro modo, ficariam dispersos e não passariam de insignificantes.

Para vingarem, carecem, contudo, invariavelmente semelhantes sociedades de um homem ou de um grupo, sempre limitadíssimo pelas condições do meio, de homens devotados aos assumptos da intelligencia e especialmente aos da tradição sem cujo concurso não logriam subsistir nem muito menos produzir.

Não lhes seria dado, como á Associação Historica de Massachusetts ou á enorme sociedade dos Filhos da Revolução Americana, viverem independentes daquellas cooperações conhecidas e circumscriptas, descansando sua prosperidade sobre a boa vontade, o estímulo e o entusiasmo de uma legião, assentando seu destino no respeito e correspondencia da collectividade.

Acudiram-me estas reflexões ao vir encontrar o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano numa nova e feliz phase de actividade: dir-se-ia que, na geral decadencia ambiente, o passado exerce maior seducção, faz appello a um maior carinho.

O Instituto tem passado por fortunas varias, atravessado crises, abrangido periodos de effervescencia e de estagnação. Um momento, os estudos holandezes do inolvidavel Dr. José Hygino, as suas directas e proveitosas pesquisas nos archivos de Haya, chamaram sobre a associação recifense a attenção de todo o paiz. Foi o seu tempo aureo, aureo da gloria, porque do dinheiro nunca lhe chegou, contando hoje para viver exclusivamente com uma subvenção do governo federal, magra e todavia generosa, pois que o Congresso do Estado, achando mais interessante a politica do que a historia e dando mais valor ao presente do que ao passado, resolveu, na sua soberania, abolir o subsidio estabelecido por legisladores menos escrupulosos na distribuição da receita publica.

Depois da federação, quando se proclamou, em guisa de panacea infallivel, que tudo ficaria autonomo, tambem a ignorancia se tornou autonoma e como tal refractaria a correções. O resultado foi que o pobre Instituto teria muito provavelmente morrido dessa fatal emancipação anti-intellectual, se lhe não acudisse, em boa hora, a dedicacção de alguns de seus

velhos membros, que, com desvelo, o cuidaram. Tal dedicação salvou o agonisante, e robusteceu-o a introdução de algum sangue novo, rubro e quente, o qual tonificou o organismo combatido e activou-lhe a circulação vital, tanto mais promptamente quanto delle se não esvaira por completo a velha e bôa sciça.

O Instituto ostentava ainda, entre outros, um Pereira da Costa, es udiioso notavel da historia pernambucana, da expansão dos povoadores de Iguarassú e Olinda para o norte e para o sul do paiz; autoridade quasi indiscutivel em nossas questoes biographicas, ch orographicas, topographicas, tão competente para mencionar o anno da fundação de uma qualquer povoação sertaneja, como para descrever o programma de estudos de um collegio jesuita ou traçar a linha de peregrinação de uma tribu selvagem daquella regiao, em sua retirada deante do invasor e bandeirante europeu. Juntou-se-lhe por felicidade um Alfredo de Carvalho, com o seu conhecimento intimo de linguas estrangeiras, inclusive o hollandez, indispensavel para um estudo completo da historia do littoral e interior brasileiros no seculo XVII, o seu espirito aberto pelas viagens e residência nos centros de maior cultura; o seu enthusiasmo juvenil por tudo quanto se prende á historia brasileira, não só pernambucana, pois que nelle a descentralisação produziu effeito contrario ao experimentado pelo Congresso estadual, levantando-lhe a intelligencia ao mesmo tempo que lhe alargando o sentimento.

É actual presidente do Instituto outro devotado cultor das letras patrias, que á regeneração daquella sociedade empenhou o seu zelo fervoroso, e cuja actividade intellectual não deve apparecer menos sympathica ao geral da mentalidade brasileira por não haver ultrapassado na sua applicação os limites provinciaes. Refiro-me ao Sr. Regueira Costa, traductor de muitos trabalhos de Branner e de alguns de Hartt sobre geologia e archeologia pre-historica da região pernambucana, admirador apaixonado do nosso lyrismo e funcionario que conta serviços relevantes á causa da educação publica no Estado, ultimamente tão descuidada que se supprimiram, a título de economia, uma porção de escolas primarias, a Escola de Engenharia atiladamente creada pelo governador

esclarecido que foi o Sr. Barbosa Lima e, facto bem singular !, a propria directoria da instrucção publica.

E' bom que nos outros Estados do Brasil, mais afortunados, mais prosperos, mais cultos, onde tudo se torna facil, graças á abundancia e ao progresso, se tenha conhecimento do quanto são capazes semelhantes dedicações espirituaes, isoladas, desajudadas pelo meio e não obstante sempre pertinazes. Para se avaliar do exito da combinaçao dessas energias em acção e aquilatar o successo da tentativa de restauração da empresa litteraria que é o Instituto, basta lançar mão da sua *Revista*, por alguns annos suspensa e por muitos abarrotada de discursos indigestos e de irritantes, á força de insipidas, reivindicacões pseudo-democraticas. Esta publicação tornou-se felizmente agora o que devia essencialmente ser: um organ transmissor de documentos ineditos, fixador de contribuições historicas esparsas, colleccionador de estudos originaes, condensador de dados de difficil alcance, já pela raridade das edições, já pela diversidade das linguas.

Attente-se no summario do n. 59, o ultimo sahido á luz.

Compreheende a transcripção, de uma folla paulista, de uma narrativa da evasão de Pedro Ivo, o heróe lendario da revolução pernambucana de 1848 devida, segundo toda a probabilidade, a um dos actores do feito; a traducção pelo Sr. Alfredo de Carvalho de um estudo do americano John Branner sobre geologia do Estado; o historico, pelo Sr. Pereira da Costa, de duas instituições inglezas de Pernambuco, o cemiterio britannico e o templo protestante autorizados pelo tratado de 1810, celebrado com a Inglaterra pelo ministro Linhares no reinado americano de D. João VI; alguns capitulos mais da Nobiliarchia pernambucana de Borges da Fonseca, que é a historia biographica e anecdotica da terra nas pessoas dos seus povoadores e illustradores; o seguimento da traducção das viagens de Koster, intelligente commerciante inglez que viveu em Pernambuco no segundo decennio do seculo XIX e percorreu as capitánias do Norte; finalmente, a continuação da descripção, tambem pelo Sr. Pereira da Costa, da actividade administrativa dos governadores e capitães generaes de Pernambuco, de 1654, que foi o anno do restabelecimento

do domínio portuguez, a 1821, que foi o anno do regresso de D. João VI para Portugal e preliminar da Independencia.

O numero 60, presentemente no prelo, é sem comparação ainda mais variado e interessante, e experimento verdadeiro prazer em divulgar-lhe o conteúdo, de dois terços do volume, que me foi gentilmente communicado em provas. Abre com a reprodução de um estudo de Franklin Távora, na segunda *Revista Brasileira*, sobre os patriotas de 1817, em que o erudito chronista e pittoresco romancista pernambucano, na sua castiga linguagem, defende os membros do governo provisório da mallograda republica das injustas incripções e cortezias de Varnhagen e Pereira da Silva, e bosqueja o conflicto logo occorrido entre a moderação politica e o liberalismo doutrinario de José Luiz de Mendonça, cujo espirito de jurisconsulto enxergava claramente os perigos de uma separação democratica ainda prematura pela falta de uma consciencia nacional e pela escassez de recursos militares, e o liberalismo exaltado e espirito de rebeldia de Domingos Martins, Pedroso e Domingos Theotonio, seduzidos pelas theorias revolucionarias e arrastados pelo exemplo da desaggregação americana. E' de notar que a historia dessa revolução, instructiva pelas correntes de opinião que dentro della se desenharam, attrahente pelas peripécias, sympathica pelos caracteres e tocante pelo desenlace, está ainda por fazer, resentindo-se o que existe, com o grande parte da nossa historia, mesmo da colonial, de falta de isenção, ausencia de critica, abundancia de preconceitos e ascendencia de paixões.

Tendo a *Revista* adoptado o systema convenientissimo das estampas, destinadas a divulgar personagens, edificios, scenas de rua e episodios historicos, acompanharam o referido estudo nitidas reproduções de dois retratos, de Martins e de Mendonça os coriphceus das duas tendencias oppostas, existentes na galeria do Instituto e que alli permaneciam quasi ignorados.

A segunda contribuição para o numero em questao é do distinctissimo Sr. Theodoro Sampaio, sob a forma de um artigo-carta em que analysa, com sua clareza e capacidade habituaes, as etymologias indigenas de Elias Hereknran, contidas na descripção geral da capitania da Parahyba, escripta em

1639 pelo citado viajante hollandez e ha pouco tempo inserta na *Revista*.

Segue-se a traducção, pelo Sr. Alfredo de Carvalho, de uma memoria publicada em 1881 numa revista de Amsterdam, e da Sociedade Geographica, sobre o porto de Pernambuco e a cidade do Recife no seculo XVII, na qual foram aproveitados os mais valiosos mappas, gravados e ineditos, deixado pelos methodicos e laboriosos engenheiros hollaudezes.

O assumpto, parecendo antiquado, é da maxima actualidade, visto que o melhoramento do porto de Pernambuco continúa a ser uma necessidade inadiavel do Estado, a obra que mais poderá contribuir para o seu renascimento mercantil e salvação economica.

Depois da continuação da Nobiliarchia, vem um esboço bibliographico do Sr. Alfredo de Carvalho sobre a imprensa em Olinda; a traducção pelo mesmo da obra muito pessoal de Mrs. Graham, um diário de viagem dos mais abundantes em informações, na parte relative ao assedio do Recife em 1821; a traducção, tambem pelo Sr. Alfredo de Carvalho, de uma monographia de E. Williamson sobre a geologia das regiões auríferas de Pernambuco e da Parahyba, lida pelo autor perante a Sociedade Geologica de Manchester; um estudo definitivo do Sr. Pereira da Costa sobre a verdadeira naturalidade de D. Antonio Felippe Camarão, estabelecendo uma documentada e rigorosa discriminação entre este popular heroe pernambucano da guerra da restauração contra os hollaudezes e o seu homonymo Antonio Camarão, chefe indiano do Rio Grande do Norte, com quem o confundiram historiadores antigos e modernos como o Padre José de Moraes, Varnhagen e Candido Mendes; uma curiosa noticia pelo Sr. Alfredo de Carvalho da estada, de 1816 a 1818, do naturalista William Swainson em Pernambuco, Bahia e Rio, donde carregou para Inglaterra importantissima collecção zoologica e botanica que lhe servio de base para trabalhos, dos quaes é o mais particular e interessante uma iconographia intitulada *Birds of Brasil*; uma descripção de Pernambuco em 1746 extrahida de um precioso codice existente no Torre do Tombo em Lisboa; a traducção pelo Sr. Alfredo de Carvalho duma vella contribuição de Darwin para uma revista ingleza sobre o

recife de grés do porto de Pernambuco; a redigão de um folheto raro, acompanhado de uma estampa inédita, acerca dos sebastinistas pernambucanos da Pedra Bonita, cujos ritos crueis se exerceram na primeira metade do século XIX; um merecedor estudo pelo Sr. Alfredo de Carvalho sobre o Zooliblion de Zacharias Wagner, que conta como um dos mais valiosos legados da intelligente administração do Conde Maurício de Nassau no Recife e existe agora no Real Gabinete de Estampas de Dresde.

Zacharias Wagner, saxonio de nascimento, habitou por alguns annos no Brasil com um cargo na côrte do príncipe hollandez, a quem acompanhou em varias expedições e viagens, mudando depois para o Oriente — China, Japão e Java — a sua residencia e ali passando a exercer sua variada actividade. O mencionado album artistico por elle composto, ainda inédito e até ha pouco esquecido, abrange plantas, animaes e indigenas, reproduzidos, ao que se diz, com tanta arte quanto consciencia e emoldurados em descripções feitas ao vivo, repletas de pormenores aproveitaveis.

Cabe de justiça ao Sr. Alfredo de Carvalho o merito principal de toda esta criteriosa selecção de trabalhos concernentes a Pernambuco e não pára ali o seu esforço benemerito. Não lhe chega noticia de quadro de assumpto regional, retrato de personagem da historia local, manuscrito que por qualquer fôrma interesse ao Estado, de que elle nao pretenda logo obter a reproducção.

E' assim que o Instituto vai possuir cópia da tcla existente em Madrid, representando a peleja naval entre Oquendo e Pater; está para receber a transcripção de todos os documentos existentes no Depozitum do Estado de Washington relativos á revolução pernambucana de 1817, tentativa de reconhecimento da república e papel do consul americano no Recife; e espera a cada momento a cópia integral das notas dominicanas de Tollenare, francez domiciliado em Pernambuco ao tempo da revolução de 1817 e que deixou sobre o estado da capitania e successos occorridos, apontamentos preciosos, de que se aproveitou em parte Ferdinand Denis, conservador da Bibliotheca de Santa Genoveva, onde se encontra arquivado o referido manuscrito, até agora inédito.

Seria demasiado extenso enumerar tudo quanto o Sr. Alfredo de Carvalho tem conseguido ou está em via de colligir, de valor para o estudo do passado pernambucano, posto pratique uma escolha severa, sem preoccupações muito embora de preferencias pelo elemento hollandez ou pelo factor lusitano, as quaes têm alternadamente prevalecido no seio do Instituto. Ninguem tem feito mais nem melhor nesta categoria de trabalho nos ultimos tempos.

O seu bello exemplo é digno de ser conhecido e digno de ser imitado, por todos aquelles em quem palpita o amor da historia, alicerce do sentimento patriotico e condição do espirito de nacionalidade.

Pernambuco, Novembro de 1904.

OLIVEIRA LIMA.





MESA ADMINISTRATIVA DO INSTITUTO

Anno social de 1904 a 1905

PRESIDENTE HONORARIO

Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire.

PRESIDENTE

Dr. João Baptista Regueira Costa.

1º VICE-PRESIDENTE

Desembargador Antonio Pedro da Silva Marques.

2º VICE-PRESIDENTE

Desembargador Francisco Luiz Correia de Andrade.

3º VICE-PRESIDENTE

Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

1º SECRETARIO

Dr. Alfredo Ferreira de Carvalho.

2º SECRETARIO

Dr. Aprigio Carlos de Amorim Garcia.

SUPPLENTES DO 2º SECRETARIO

Major Augusto Cesar da Cunha.

Dr. Victalino Cordeiro Lins.

ORADORES

Dr. Carlos Ferreira Porto Carreiro.

Dr. Manoel Arthur Muniz.

THESOUREIRO

João Walfredo de Medeiros.

COMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Dr. Bianor de Medeiros.

Fernando Barroca.

J. P. da Rocha Pereira.

COMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA REVISTA

Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

Dr. Alfredo Ferreira de Carvalho.

Dr. Manoel Arthur Muniz.

1376/4129 fls

EXPEDIENTE

MS. 111

Attendendo que, apesar do numero avultado de exemplares de cada edição desta *Revista* destinados á distribuição, os pedidos extraordinarios se avolumam habitualmente ao ponto de, para satisfazê-los, ser mistér desfalcár as collecções de reserva, o Instituto tem deliberado que, a partir do presente numero, a *Revista* só continuará a ser enviada ás instituições e pessoas que, accusando o seu recebimento, solicitarem a continuação da remessa por meio do cartão-postal que a esta acompanha, vindo devidamente franqueado..

As que o não fizerem serão riscadas da lista dos destinatarios.

ASSIGNATURAS

Anno.....	10\$000
Numero avulso.....	3\$000

Toda a correspondencia relativa á *Revista* bem como os pedidos de collecções devem ser dirigidos para a sede do — Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano — Recife — Pernambuco — Brasil — com endereço ao 1º Secretario — Dr. Alfredo de Carvalho.

O Instituto não dispõe mais de collecções completas da *Revista*, achando-se esgotados os ns. 10—31; existem ainda, em 1ª edição, os ns. 1—3 e 32—60, e em 2ª edição, os ns. 4—9.